

EUSTÁQUIA SALVADORA DE SOUSA

**MENINOS, À MARCHA!
MENINAS, À SOMBRA!**

**A HISTÓRIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
EM BELO HORIZONTE (1897-1994)**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1994

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

0125210

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Eustáquia Salvadora de Sousa e aprovada pela Comissão Julgadora em 20 de dezembro de 1994.

Data:

20/12/94

Assinatura:

Priscila Avelar

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação - na Área de Concentração: Filosofia e História da Educação - à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Dra. Lúcia Mercês de Avelar.

COMISSÃO JULGADORA



H. Camião

Presidente

Clara Maria Ferreira Lopes

W. Paulo

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão às professoras e aos professores que colaboraram neste estudo:

Lúcia Mercês de Avelar, pela orientação segura, pelo estímulo e pela confiança.

Eliane Marta Santos Teixeira Lopes, pela possibilidade de acesso aos conhecimentos sobre gênero, pela orientação e pela disponibilidade e apoio, fontes de permanente encorajamento.

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto, cujas observações ao longo da pesquisa e da redação desta tese, foram de enorme importância.

Letícia Bicalho Canêdo, Olinda Maria Noronha, Joaquim Brasil Fontes Júnior e Nelson Carvalho Marcellino que, no Exame de Qualificação, propuseram-me questões que muito enriqueceram este estudo.

Maria Therezinha Saad Bedran, que, com carinho e esmero, fez a revisão de meu texto e deu mais beleza e expressão às minhas palavras.

Wemerson de Amorim, que, sobrecarregando-se de atividades, assumiu meus encargos docentes, durante quatro anos.

Agradeço também:

À bibliotecária Terezinha Maria de Sousa Caldeira que, com dedicação e persistência, registrou todos os detalhes da bibliografia e das fontes documentais utilizadas.

À Natalina Maria da Silva que colaborou na digitação dessa tese e introduziu-me no mundo da informática.

À Ana Elizabeth Porto da Rocha pela formatação e impressão do texto.

À Heloisa de Vasconcellos que, com presteza e paciência, recuperou dados relativos à legislação.

Aos homens e mulheres, que me receberam, com carinho, em suas casas e cujos depoimentos valiosos fundamentaram a construção desta história.

Ao professor Mário Cantarino Ribeiro Filho que, gentilmente, permitiu-me o uso de sua biblioteca.

À família da professora Nella Testa Taranto, pelo empréstimo de documentos produzidos e utilizados por essa grande educadora, ao longo de sua vida.

Ao professor Linconh Raso, pela doação de documentos que muito enriqueceram esta pesquisa.

Ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação e à UFMG, pela possibilidade de cursar o Doutorado.

À Faculdade de Educação da UNICAMP pelos conhecimentos adquiridos.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Finalmente, agradeço à minha família e aos meus muitos amigos e amigas que me acompanharam e incentivaram em mais essa caminhada.

*Para as mulheres e os homens que vêm construindo,
no Brasil, a história da Educação Física.*

RESUMO

A história do ensino da Educação Física, em Belo Horizonte - de 1897 a 1994 - considerou os contextos mineiro e brasileiro e teve como categoria central de análise as relações de gênero. A compreensão do gênero implicou a inter-relação de símbolos culturais, conceitos normativos, instituições e organizações sociais e da identidade subjetiva dos sujeitos masculinos e femininos. Tendo os credos e as classes sociais como fatores que interferem nas relações de gênero, o estudo contemplou quatro escolas públicas de 1º e 2º Graus e três particulares, sendo duas católicas e uma metodista. Contemplou, ainda, uma escola de Educação Física, buscando compreender as relações de gênero no ensino para o ensino da Educação Física. Os documentos escritos, orais e iconográficos revelaram que a escola vem mantendo a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, através de diferentes mecanismos. E a Educação Física - ao determinar turmas separadas por sexo, conteúdos diferenciados para homens e mulheres, professor para alunos e professora para alunas e ao caracterizar sexualmente os gestos, entre outras normas - explicita valores sacralizados pelo patrimônio cultural da nossa sociedade. Tais valores são articulados e orientados por um sistema de instituições e organizações que inclui, especialmente, o Estado, a Medicina, o Exército, a Igreja Católica, a Família e a Indústria cultural. A ação pedagógica da Educação Física, contribuindo para a coisificação do corpo, participa da construção social dos sujeitos masculinos e femininos e da castração do sentido de totalidade corpo dos sujeitos - homens e mulheres. A história construída, ao mesmo tempo que mostra sinais de perpetuação das relações de gênero hierarquizadas, com dominação masculina, revela, também, lentas mudanças, nessas mesmas relações, e, ainda, as resistências por elas geradas.

SUMÁRIO

O PONTO DE PARTIDA.....	1
O problema.....	1
Caminhos percorridos	6
Gênero: uma categoria relacional e histórica.....	12
PARTE I	
O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	19
CAPÍTULO 1	
E A HISTÓRIA SE INICIA COM A PASSAGEM DO SÉCULO:	
os primeiros 30 anos	20
1.1. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! - Os Exercícios Físicos no ensino Primário	24
1.2. Moças em suaves movimentos! A Ginástica no ensino Normal	39
1.3. Rapazes, sentido! a Ginástica, os Exercícios Militares e a Esgrima no ensino Secundário.....	52
CAPÍTULO 2	
RAÇA FORTE, BELA E DISCIPLINADA: UM IDEAL DOS	
ANOS 30 E 40.....	63
2.1 Os Exercícios Físicos na escola Primária mista: o destaque às diferenças	72
2.2 Homem forte e resoluto, mulher saudável e bela: a Educação Física no ensino Secundário e no Normal	84
PARTE II	
O ENSINO PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA .	102
CAPÍTULO 3	
FORMANDO O CORPO DOCENTE DA EDUCAÇÃO FÍSICA:	
PROFESSOR E PROFESSORA	103
3.1 De normalista à professora de Educação Física.....	103
3.2 De instrutor militar a professor de Educação Física.....	109
3.3 O curso superior de Educação Física: de homens e mulheres	115

3.3.1	As primeiras décadas do curso: do Estado e da Igreja	117
3.3.2	Do Estado e da Igreja à Federação	130
CAPÍTULO 4		
HOMENS DE UM LADO! MULHERES DE OUTRO!		137
4.1	Dois cursos, duas turmas: a separação dos sexos	137
4.2	A Educação Física na escola: "Masculina e Feminina"	150
4.3	Para além da escola: os esportes de cada sexo	160
CAPÍTULO 5		
MUDAM-SE O ESPAÇO E O TEMPO, FICAM OS VALORES.....		176
5.1	Cinqüenta vagas para o masculino, cinqüenta para o feminino: a disputa entre os sexos.....	177
5.2	Cinqüenta alunos do mesmo sexo: do ideal da lei ao cotidiano da escola.....	186
5.3	Mulheres e esporte: mudanças e permanências	195
PARTE III		
RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA PRESENTE DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELO HORIZONTE.....		207
CAPÍTULO 6		
NOVA PASSAGEM DO SÉCULO: permanências e mudanças nas relações de gênero na Educação Física escolar		209
7 BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS.....		231
7.1	Livros, Teses e Dissertações.....	231
7.2	Legislação e Pareceres.....	241
7.3	Depoimentos	251
7.4	Artigos de periódicos	255
7.5	Ofícios, Atas, Livros de Registros e outros	261
7.6	Trabalhos publicados em eventos	264

O PONTO DE PARTIDA

O problema

O interesse pelo estudo da construção social do masculino e do feminino na Educação Física tem, como ponto de partida, minhas experiências pessoais como mulher e professora de Educação Física.

Apesar de, em Belo Horizonte, homens e mulheres, há algumas décadas, estudarem nas mesmas escolas, de maneira geral, são separados nas aulas de Educação Física. Tal separação é apontada pela legislação federal em vigor - promulgada em 1971 - como necessária ao alcance dos objetivos dessa disciplina em todas as escolas, de todos os graus de ensino do País. Essa legislação dispensa um tratamento diferenciado à mulher que é mãe, aos homens e mulheres trabalhadores e/ou maiores de trinta anos, facultando-lhes a participação nas aulas de Educação Física¹.

Entretanto, desde o final dos anos 80, vem se intensificando, em algumas regiões brasileiras, o debate em torno da organização de turmas mistas para as aulas de Educação Física. No caso específico de Minas Gerais, a Secretaria de Estado da Educação e a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, desconsiderando os "padrões de referências" da legislação federal, estabeleceram normas que impediram a organização de turmas por sexo. Tais normas, além de gerarem protestos dos profissionais da área, não foram acatadas em inúmeras escolas².

Mas por que a Educação Física é a única disciplina do currículo escolar que é ensinada a homens e a mulheres, separadamente? Quais são as intenções e fatores que sugeriram, tanto essa separação dos alunos e alunas, como a

¹ - BRASIL. Decreto n.69.450, 1 nov. 1971. BRASIL. Lei n.7.692, 1988.

² - BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria n.002, 1991. ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE BELO HORIZONTE, 1991.

organização de turmas mistas para as aulas de Educação Física, em escolas de Belo Horizonte? Por que a organização de turmas mistas está provocando tanta polêmica no meio educacional?

A reflexão sobre essas perguntas remeteu-me ao passado e possibilitou-me encontrar, na minha história de vida, outras questões que, somadas, instigaram-me à busca de da compreensão dessa problemática.

A fazenda onde nasci e passei a infância era o local propício às mais diversas experiências lúdicas das doze crianças e adolescentes - sete mulheres e cinco homens - que compunham a família. No entanto, as brincadeiras eram específicas de cada sexo. Os meninos brincavam de pegador, de carrinho de boi, pulavam vara, cavalgavam, nadavam no rio, além de jogarem bola. Para nós, meninas, restavam os brinquedos de boneca de sabugo de milho, de "cozinhadinho" e de pular corda. Os meninos não participavam dos nossos brinquedos. Todavia, sob pena de sermos castigadas ou tornarmo-nos "moças regateiras", brincávamos de pegador, jogávamos bola e até tomávamos banho no rio³.

Na escola pública onde cursei o Primário, as turmas de Educação Física eram mistas e todos nós executávamos os mesmos exercícios ginásticos em um só ritmo, marcado pela professora. Era, então, uma só Educação Física. Mas, ao longo do tempo, apesar de essa prática permanecer nas escolas públicas de Belo Horizonte, nas religiosas - que se tornaram mistas - foram constituídas uma Educação Física "masculina" e uma "feminina", separando, portanto, os homens das mulheres.

Na escola feminina religiosa onde, na década de 60, cursei o Ginásial e me tornei normalista, permitia-se jogar bola apenas nas competições de queimada e de voleibol. Em contrapartida, no colégio masculino, vizinho ao nosso, os rapazes quase não jogavam voleibol, mas futebol.

³ - Regateira é simônimo de assanhada, tagarela, diz o Novo dicionário da Língua Portuguesa. (FERREIRA, 1975: 1.217) .

A adjetivação do esporte como masculino ou feminino justificava-se por argumentos biológicos e sexuais. O voleibol, "esporte de gestos delicados", destinava-se à mulher, por ser ela um ser frágil. O homem que praticasse esse esporte correria, talvez, o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte "violento e de movimentos bruscos", virilizaria o homem e, se fosse praticado pela mulher, poderia, certamente, masculinizá-la e provocar-lhe lesões, especialmente nos seios e no útero.

Na medida em que os anos transcorriam, as perspectivas sob as quais se adjetivava o esporte foram se alterando e os anos 80/90 presenciaram algumas mudanças na sociedade brasileira: o futebol passou a ser cultivado também por mulheres, tanto em clubes quanto em escolas. O voleibol é praticado por ambos os sexos. No início dos anos 80, a equipe masculina do Brasil foi vice-campeã olímpica dessa modalidade esportiva e, em 1992, nas Olimpíadas de Barcelona, conquistou a medalha de ouro.

Na década de 70, intensificou-se a prática do basquetebol pelas mulheres, tanto em clubes quanto em escolas. A partir do final dos anos 80, a seleção brasileira feminina do referido esporte vem se destacando em competições internacionais e, nesse ano de 1994, conquistou o primeiro lugar no campeonato mundial, na Austrália.

Tudo isso levou-me a questionar: que condicionamentos históricos vêm alterando essa adjetivação do esporte em masculino e feminino? Tais alterações vêm influenciando o ensino da Educação Física na escola?

Em 1991, o Curso de Licenciatura em Educação Física - do qual sou professora - passou a adotar um só currículo para a formação do professor e da professora⁴.

⁴ - UFMG. Escola de Educação Física. *Currículo do curso de licenciatura 1991*.

No entanto, em 1968, quando ingressei nesse Curso como aluna, a diferenciação por sexo se fazia marcante desde o vestibular, no qual se exigiam, dos homens e das mulheres, qualidades físicas diferentes. A existência do Currículo Masculino e do Currículo Feminino constituía o marco estrutural de separação dos sexos. Mas, esses currículos continham semelhanças, não só no conjunto de conhecimentos ministrado a ambos os sexos, mas também no que se relacionava ao corpo docente, uma vez que eram, quase sempre os mesmos, os professores ou professoras que ministravam os dois cursos. As diferenças tornavam-se, porém, explícitas no nível de habilidades e qualidades físicas exigidas de cada sexo nas aulas práticas⁵, o que suscitou outros questionamentos:

Como os condicionamentos históricos atuam nas mudanças e/ou nas permanências de tais currículos de formação do professor e da professora de Educação Física e como isso interfere nas suas ações docentes?

Pela Constituição Brasileira de 1988, o número de vagas e os conteúdos dos concursos de seleção de profissionais para os sistemas públicos de ensino tornaram-se os mesmos para ambos os sexos. Entretanto, isso não aconteceu numa escola pública, sediada em Belo Horizonte, cuja única vaga do concurso destinava-se somente ao sexo masculino⁶.

Além disso, as escolas públicas e particulares - laicas, católicas e protestantes - continuavam contratando professoras para as turmas femininas e professores, para as masculinas.

Por que a Educação Física, nos dias atuais, insiste em selecionar o docente de acordo com o sexo do aluno?

Até o final da década de 70, inúmeros estudos sugeriam, não só a separação dos sexos na Educação Física, mas também a distribuição dos esporte

5 - UFMG. Escola de Educação Física. Currículo e programas..., 1977.

6 - CEFET, 1991.

entre os mesmos⁷. Entretanto, o fim dos anos 80 e o início dos anos 90 foram marcados pelo aparecimento de estudos relacionados, principalmente, à Fisiologia do Exercício, os quais estabeleceram novas diferenças e semelhanças entre as capacidades físicas e de movimento do homem e da mulher⁸.

Essa mesma época é marcada pelo início de pesquisas que têm como objetos de estudo, a mulher e a atividade física em seus aspectos históricos, psicológicos, políticos e sociais que, em sua maioria, denunciavam a inferioridade da mulher em relação ao homem e os estereótipos sexuais estabelecidos pela Educação Física na escola e pelos esportes praticados fora dela⁹.

Por que, a partir dessa época, intensificaram-se as pesquisas sobre as atividades físicas das mulheres? Que resultados esses estudos obtiveram e que significados têm para a Educação Física escolar?

As questões, aqui apresentadas, extraídas de minhas vivências e das observações do que me circunda, da legislação específica e da História da Educação Física no Brasil, despertaram o meu interesse por este estudo que tem por objeto as relações de gênero, historicamente concretizadas no ensino da Educação Física. Tal estudo tem como objetivo central construir a história do ensino dessa disciplina em Belo Horizonte - aí compreendidas questões políticas e socioculturais - buscando entender a distinção entre as qualidades atribuídas à representação masculina e feminina.

Pretendo entender o presente.

"Um presente que, por fazer parte de uma história, poderia ter sido outro. Poderá ser outro, dependendo de quem faz a história. Para que essa história possa ser diferente é que olhamos para a história que já foi"¹⁰.

7 - Dentre esses estudos podem ser citados os de MIRANDA (1991) e CALLEJA (1970).

8 - AZEVEDO, 1988. JENSEN, 1979. SHAVER, 1981.

9 - CASTELLANI FILHO, 1988. SOARES, 1990. ROMERO, 1990. AZEVEDO, 1988. KUNZ, 1993.

10 - ARROYO, 1985. p 17-18.

Espero que este estudo possa contribuir para a conservação da memória da Educação em Belo Horizonte e para a reflexão sobre o ensino da Educação Física na escola.

Caminhos percorridos

A partir dessas perguntas e intenções, iniciei o estudo pela coleta e organização cronológica dos dados, para daí, articulá-los a teorias, com base no pressuposto de que

"no plano histórico-social, a teoria depende da empiria, na medida em que esta é seu fundamento e define o horizonte de desenvolvimento e avanço do conhecimento"¹¹.

A necessária organização cronológica dos dados permitia-me melhor visão daquilo que mudou e daquilo que, mesmo com algumas alterações, permanecia.

Além do mais, busquei contemplar o universo do estudo numa postura plural, indicada pela História Nova e assim elucidada por Jacques Le Goff um de seus estudiosos:

"Embora postule a necessidade de uma reflexão teórica, a história nova não depende de nenhuma ortodoxia ideológica. Ao contrário, ela afirma a fecundidade das múltiplas contribuições, a pluralidade dos sistemas de explicação, para além da unidade da problemática"¹².

Também Clarice Nunes lembra que, na pesquisa histórica, o uso exclusivista de qualquer matriz teórica torna-se um discurso que silencia os outros, e não se autodenuncia, ou seja, não estabelece suas próprias limitações. Além disso,

11 - NUNES, 1994. p.2.

12 - LE GOFF, 1990. p.21.

qualquer centralização teórica apresenta, como inconveniente, o preconceito que leva o historiador a "rotular, a estigmatizar e a descartar o novo"¹³.

"A constituição do gênero se faz, é claro, num contexto social determinado no tempo e no espaço"¹⁴, por isso decidi-me, desde o início, a centralizar as observações em torno de um ponto específico no Brasil - a cidade de Belo Horizonte - sem, contudo, ignorar os contextos mineiro e brasileiro.

A história regional, tal como aqui utilizada, é uma questão de método, isto é,

"enquanto construção do objeto de conhecimento, enquanto objeto empírico problematizado a partir das relações sociais"¹⁵.

Ao selecionar este espaço geográfico, considerei cinco aspectos: primeiramente, a inexistência de qualquer estudo sobre a história da Educação Física, em Belo Horizonte. Em segundo lugar, a capital mineira é uma cidade que tem menos de um século de existência, o que facilita a sua construção histórica. Em terceiro lugar, é a cidade onde me licenciiei em Educação Física e onde, há mais de vinte anos, exerço atividades docentes, o que me permite conhecer muito da realidade escolar. Em quarto lugar, há escolas vinculadas aos diferentes sistemas de ensino e credos religiosos, o que possibilita uma ampla análise da questão a ser estudada. E, finalmente, Belo Horizonte conta com apenas um curso de Licenciatura em Educação Física, o que centraliza a formação dos docentes das escolas de 1º e 2º graus, e permite aprofundar a análise entre a formação do(a) professor(a) e suas ações docentes, no que se refere à construção do masculino e do feminino.

A seleção da amostragem desse estudo contemplou a Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, buscando garantir informações sobre as qualidades atribuídas ao professor e à professora em seus

¹³ - NUNES, 1994. p.6.

¹⁴ - MACHADO, 1992. p.32.

¹⁵ - FRANCO, 1994. p.18.

processos de formação. Além disso, incluiu quatro escolas públicas de 1º e 2º graus - uma federal, duas estaduais e uma municipal - e três escolas particulares, sendo duas católicas e uma metodista. Dessas sete escolas, três destinavam-se, inicialmente, à educação de homens, três, a de mulheres e uma, a de ambos os sexos. Nos dias atuais, são todas mistas.

Os critérios de escolha dessa amostra consideraram as diferenças de credos, de estruturas administrativas, de classes sociais e de raças, como fatores que poderiam interferir nas relações de gênero aqui estudadas.

Assim, foram selecionadas as seguintes instituições públicas: A Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, fundada em 1952. O Instituto de Educação de Minas Gerais, originário da Escola Normal da Capital, criada em 1906, para a educação de mulheres, sendo, durante décadas, modelo de ensino para todo o Estado. A Escola Estadual Governador Milton Campos, ex-Ginásio Mineiro, fundado em 1890 - destinado, inicialmente, à educação dos jovens da elite mineira - tornou-se misto no final dos anos 20. O Colégio Municipal São Cristóvão, primeiro curso ginásial gratuito da cidade, fundado em 1948, para atender a ambos os sexos. O Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, criado na década de 40, para a educação dos jovens das classes menos favorecidas. Nos dias atuais, essas instituições atendem a alunos e alunas das classes média e de baixo poder aquisitivo.

Completaram a amostra o Colégio Arnaldo, primeiro educandário católico masculino da capital mineira, fundado em 1912 e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, católico, feminino, criado em 1911, ambos pertencentes a congregações religiosas de origem alemã. E, ainda, o Colégio Isabela Hendrix - de orientação metodista - que iniciou suas atividades em 1904, atendendo a crianças de ambos os sexos e a jovens do sexo feminino.

Quanto à delimitação cronológica do estudo, optei pelo período 1897 - 1994, ou seja, do ano de fundação de Belo Horizonte até os dias atuais. Apesar de ciente de que a extensão do período poderia inviabilizar o aprofundamento de todas as questões suscitadas, tal decisão justificou-se, por entender que as relações de gênero, hoje estabelecidas na Educação Física, poderiam ser melhor compreendidas num estudo histórico de possível longa duração, uma vez que as mudanças de mentalidades não se processam em curto espaço de tempo, e também, pela proposta de desenvolver um estudo que, pelo seu pioneirismo, abrisse caminhos a novas pesquisas, contribuindo para a compreensão dos problemas educacionais¹⁶.

A história das mentalidades percorre fronteiras entre a natureza e a cultura, problematizando-lhes contornos.

"Nesse processo, a longa duração assume enorme importância, por evidenciar a historicidade de práticas e atitudes, antes como que 'naturalizadas' na sua permanência inalterada através dos séculos¹⁷.

Assim sendo, as mentalidades são aquilo que mais lentamente muda em qualquer sociedade; e trabalhar nessa perspectiva é trabalhar na longa duração¹⁸.

Sem desconhecer que qualquer corte temporal deve considerar que as forças que movem a sociedade se alteram de modo lento e numa faixa de tempo que, certamente, extrapola os limites impostos, o processo de periodização deste estudo partiu da organização cronológica dos acontecimentos para a seleção dos fatos históricos que pudessem dividir a história em termos do objeto estudado. Fatos históricos esses, entendidos por Adam Schaff, como acontecimentos que marcaram, registraram uma época, acontecimentos que geraram e antecederam outros acontecimentos significantes¹⁹.

¹⁶ - VOVELLE, 1993.

¹⁷ - NUNES, CARVALHO, 1993. p. 43.

¹⁸ - LOPES, 1992.

¹⁹ - SCHAFF, 1991..

A seleção dos fatos históricos considerou as relações de gênero estabelecidas pelo ensino da Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus e nos cursos de formação de professores e professoras dessa disciplina.

Nesse estudo, as fontes documentais são tomadas numa visão ampla, que não se limita à idéia de que só o escrito é a prova de uma época, de um fato, ou seja, a prova da "verdadeira" história²⁰. Assim, exigiu a busca, a seleção e a análise de fontes escritas, orais e iconográficas - fotografias²¹.

Como fontes escritas - impressas e manuscritas - foram utilizados: documentos oficiais sobre Educação e Educação Física; regulamentos escolares, livros, jornais, revistas, discursos, atas de reuniões, relatórios, livros de assinatura de presença de professores, de registro de pagamentos e de diplomas, cadernos de recordação das alunas, convites de formatura, planos de aula, programas de ensino e fichas de alunos(as). Tais documentos registravam, de alguma maneira, as relações de gênero presentes na Educação Física, na escola, ou na sociedade belo-horizontina, em seus diversos momentos históricos.

Como fontes orais, adotei *histórias de vida e depoimentos*. As histórias de vida de seis docentes - três de cada sexo que, por mais de cinquenta anos, participaram da construção da História da Educação Física, em Belo Horizonte - forneceram valiosos subsídios para a busca dos outros documentos utilizados nesse estudo, bem como para a seleção dos depoentes. Os depoimentos de quinze homens e quinze mulheres: professores e professoras de Educação Física, ex-alunos e alunas de diversos níveis de ensino, coordenadores e inspetores de Educação Física e Técnicos administrativos, que exerceram funções na área, possibilitaram-me acumular dados sobre a formação dos docentes e sobre o ensino da Educação Física,

²⁰ - Na concepção positivista, o documento é concebido como sinônimo de texto escrito, com a conotação de prova hegemônica dos fatos e neutralidade do pesquisador. (LE GOFF, 1992).

²¹ - Sobre fontes documentais, ver LOPES (1992).

em seus diversos aspectos e variados momentos históricos²². O tamanho da amostragem e a abrangência dos dados, permitiram-me estabelecer o confronto das informações e das diferentes visões sobre os mesmos fatos.

As fontes orais propiciaram uma maior compreensão da Educação Física no interior das escolas, resgatando o não anotado, servindo para captar o não explícito nos registros oficiais, apontando, entre outros, as formas de resistência, os efeitos das normas e dos currículos. A história oral foi adotada também, porque é, como diz Paul Thompson, uma história que

"lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato - e, pois, a compreensão - entre as classes sociais e entre as gerações. Em suma, contribui para formar seres mais completos²³.

Na seleção dos depoentes, considere, como sugere Paul Thompson, além do sexo, a potencialidade de contribuição para os propósitos da pesquisa, a vivência do processo em diferentes períodos históricos e o exercício de atividades em instituições que compunham a amostragem do estudos²⁴.

²² - A *história de vida* refere-se ao relato do narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Através dessa narrativa, delineiam as relações com os membros do grupo, de sua profissão, de sua camada social, que cabe ao pesquisador desvendar. O *depoimento*, por sua vez, implica o relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, viveu, ou de alguma forma conheceu, podendo assim, certificar. "A diferença entre *história de vida* e *depoimento* está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma dessas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador [...] da vida de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho. Conhecendo o problema, busca obter do narrador o essencial..." Na *história de vida*, embora o pesquisador dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível, em silêncio. (NADAI, 1994: 16). Nesse estudo, os depoimentos centraram-se em dois eixos principais: as experiências vividas na Educação Física enquanto aluno e enquanto profissional. As histórias de vida e os depoimentos, foram gravados - com autorização prévia dos sujeitos - e transcritas pela pesquisadora.

²³ - THOMPSON, 1992. p. 44.

²⁴ - THOMPSON, 1992.

O fato de a quase totalidade dos depoentes - professores e professoras - ter ensinado Educação Física em várias escolas, muitas das quais não selecionadas na amostragem inicial, possibilitou-me a ampliação e o cruzamento de informações que enriqueceram a pesquisa.

A fotografia constituiu a outra fonte documental usada nesse estudo, porque ela registra relações entre os indivíduos, em um dado contexto histórico, possibilitando ao pesquisador desvendar, através de uma imagem aparentemente neutra, particularidades e nuances que remetem a questões mais complexas do universo simbólico, cultural e ideológico dos grupos sociais²⁵.

O processo de resgate dos documentos escritos e das fotografias me exigiu uma incessante e paciente busca nos arquivos - quase sempre, ainda a serem organizados - das escolas selecionadas. Também no Arquivo Público Mineiro e na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais foi possível encontrar documentos fundamentais para este estudo. Além disso, muitas informações foram adquiridas em documentos cedidos pelos depoentes que vasculharam seus guardados e, até mesmo, pequenos recortes de papel encontrados tornaram-se fontes valiosas de pesquisa.

Essa diversidade de fontes permitiu-me a seleção de informações cujo cruzamento e análise constituíram o tecido da história da Educação Física em Belo Horizonte, sob a perspectiva de gênero.

GÊNERO: uma categoria relacional e histórica

A palavra gênero, presente em algumas línguas indo-européias, é utilizada para designar indivíduos de sexos diferentes, ou ainda, coisas sexuadas²⁶.

²⁵ - Sobre fotografia como documento histórico ver CAMPOS (1992) e KOSSOY (1989).

²⁶ - FERREIRA, 1975. p.686. HEILBORN, 1992.

O termo gênero, entretanto, tomou outros foros, e enquanto categoria analítica da história, tem o sexo como tema, e analisa a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres²⁷.

Segundo Joan Scott, o cerne central da definição de gênero

"repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder"²⁸.

No entender de Joan Scott, a compreensão mais profunda do gênero implica a inter-relação de quatro elementos. O primeiro refere-se aos **símbolos culturais** disponíveis, símbolos esses que, freqüentemente, evocam múltiplas representações, até mesmo, contraditórias²⁹. O segundo refere-se aos **conceitos normativos** que interpretam esses símbolos - usualmente expressos na doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas e jurídicas - que se apresentam em oposições dualistas, categorizando o masculino e o feminino. O terceiro elemento das relações de gênero é constituído pelas **organizações e instituições sociais**, não se podendo restringir o uso do gênero ao sistema de parentesco, pois ele é também construído na economia e na organização política. E, finalmente, como quarto elemento, Joan Scott aponta a **identidade subjetiva**, cuja análise não pode se limitar às teorias psicanalíticas, sob pena de se negar a historicidade do gênero. Além disso, essa autora recomenda aos historiadores examinarem, antes de tudo,

²⁷ - LOPES, 1992. Apesar de se tratar de um tema polêmico, no Brasil, partir do final dos anos 80, tem-se postulado a primazia dos estudos de gênero sobre os estudos da mulher e a substituição dos estudos dos papéis sexuais pelos de gênero. Alguns afirmam que o estudo de gênero, por ser relacional, superaria a idéia de esferas separadas para um e outro sexo postas no estudo da mulher; e superaria os de papel sexual por sua demarcação mais frontal contra o determinismo biológico, MACHADO (1992). E outros preferem a denominação "estudos da mulher", por entenderem que deixa explícito de quem se quer tratar e chama a atenção para o sujeito/objeto de estudos, tradicionalmente escondido ou negado numa ciência androcêntrica, LOURO (1992).

²⁸ - SCOTT, 1990. p. 14.

²⁹ - No que se refere à mulher, SAFFIOTI (1992) lembra que as imagens de "santa" e "puta" são contraditórias, mas não mutuamente excludentes. Ou seja, as duas representações podem servir para uma mesma mulher, mas isso é raramente percebido, porque as representações se apresentam sob a forma de dicotomias.

"as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas"³⁰.

Quanto às relações de poder, o gênero é um primeiro campo no seio do qual elas são articuladas.

"O gênero não é o único campo, mas ele parece ter contituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas"³¹.

A relação de poder, de hierarquia de gêneros, fundamenta-se na diferença entre o masculino e o feminino construídos historicamente. Como a idéia de gênero está fundada nas diferenças entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Gênero é uma categoria relacional,

"porque leva em conta o outro sexo. Quero dizer, um gênero se constitui culturalmente na sua relação com o outro, em presença ou ausência"³².

Além disso, gênero é uma categorial relacional porque se relaciona com

"outras categorias e exige a relação entre outras categorias e conseqüentemente dimensões do real. Real, aliás, que é relacionado, pois, de saída, não somos vistas ou vistos de acordo apenas com o nosso sexo ou o que a cultura fez dele, mas, de uma maneira muito mais ampla, somos sempre 'classificados' de acordo com a nossa idade, classe social e raça"³³.

Nesse mesmo sentido, Guacira Lopes Louro lembra que, como o gênero refere-se a uma construção social e histórica de sujeitos masculinos e femininos, é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade, dependendo dos diferentes modelos, idéias e imagens de homem e

30 - SCOTT, 1990. p.15.

31 - SCOTT, 1990. p.16.

32 - LOPES, 1994. p. 23.

33 - LOPES, 1994. p. 23.

de mulher as quais as diferentes classes, religiões, raças e idades cultuam. Além disso, há diferentes construções de gênero numa dada sociedade em diferentes contextos históricos, o que supõe dizer que o gênero tem história e que o feminino e o masculino se transformam social e historicamente³⁴.

Como o gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama das relações sociais na qual as relações de gênero têm lugar, bem como as transformações sofridas por ela através de distintos processos sociais³⁵.

"A construção do gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. Também as classes sociais se formam na e através das relações sociais. Pensar estes agrupamentos humanos como estruturalmente dados, quando a estrutura consiste apenas numa possibilidade, significa congelá-los, retirando da cena o personagem central da história, ou seja, as relações sociais"³⁶.

Ao mesmo tempo que gênero é uma categoria social e histórica, existe nela um componente biológico³⁷. Apesar de a categoria gênero ter sido, inicialmente, utilizada com a preocupação em ressaltar o caráter social em contraponto aos que viam, apenas nos fatores biológicos, as causas da hierarquia social entre homens e mulheres, nessa categoria existe um componente biológico.

Ao nascerem, os sujeitos já trazem determinadas características biofisiológicas que os predispõem a viverem como homens e mulheres, mas todo um conjunto de outros determinantes - sociais, psicológicos, culturais - pode conduzi-los a construírem-se em oposição ou consonância com as características biológicas. Existe assim, uma imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino

34 - LOURO, 1992. Essa historiadora lembra que, embora inúmeras estudiosas afirmem a necessidade de articulação entre as categoria gênero, raça e classe social e já existirem ensaios de aproximações teóricas que as levem em consideração, este é ainda um terreno em que pesquisadoras se movimentam com bastantes cautelas e tropeços.

35 - SAFFIOTI, 1992. p. 187.

36 - SAFFIOTI, 1992. p. 211.

37 - CONNELL, 1990.

e um feminino, com atitudes e movimentos corporais próprios, socialmente entendidos como naturais de cada sexo. E, praticamente,

"todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto que dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto - todas expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos acompanhando a fala, [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim muitas posturas e movimentos são marcados (programados) para um e para outro de modo diferente³⁸.

Assim, incorpora-se uma série de elementos sexualmente diferenciados, aparentemente naturais para cada um dos sexos.

Também Pierre Bourdieu, ao analisar a dominação masculina como forma de violência simbólica, considerou que é no processo de socialização/educação que se inculca o "*habitus* sexuado e sexuante"³⁹, ou seja, que se constroem os sujeitos masculinos e femininos. Tal construção não se limita ao social, mas é também corporal, pois cada sexo aprende movimentos, gestos e falas a ele determinados pela sociedade, imprimindo em seu corpo um verdadeiro "programa de percepção".

"A diferença biológica entre os corpos masculino e feminino e, muito particularmente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais que, como tudo no mundo, está disponível (dentro de certos limites) para várias espécies de construção, como justificação indiscutível da diferença socialmente constituída entre os sexos"⁴⁰.

Assim, como lembra Robert Connell, o biológico também se transforma⁴¹. Existe, portanto, uma íntima articulação entre história e biologia e

38 - LOURO, 1992. p.58-59.

39 - *Habitus* para BOURDIEU, PASSERON (1992) é a formação durável, produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural, capaz de perpetuar-se após cessar a ação pedagógica e, portanto, capaz de se perpetuar nas práticas sociais.

40 - BOURDIEU, 1990. p. 12.

41 - CONNELL, 1990.

"no gênero temos integrado de modo indissolúvel estas duas dimensões. [Não se pode distinguir] o que é físico e o que é social nos sujeitos masculinos e femininos. Se os corpos assumem a organização social, a política, as normas religiosas e culturais, também é através de manifestações corporais que se expressam as estruturas sociais. O processo de educação de homens e mulheres supõe portanto uma construção social - e corporal - dos sujeitos"⁴²,

o que implica, no ensino/aprendizagem de valores, conhecimentos, posturas e movimentos corporais, "apropriados" a cada sexo.

Este estudo teve as relações de gênero como categoria central de análise, pois o conceito de gênero, ao permitir a análise das diferenças, possibilita apreender o discurso sobre o masculino e o feminino. Além disso, a categoria gênero permite

"analisar as diferenças e as igualdades sob o ponto de vista do sujeito individual como também do sujeito coletivo, das práticas coletivas"⁴³.

Ao selecionar essa categoria como norteadora desse estudo, não ignorei que as relações de gênero, classe social e raça se relacionam entre si, que

"Elas se cruzam, se misturam e se complicam. Em determinadas situações podemos notar que cada uma delas pode aparecer com maior ou menor intensidade, o que nos prova que, apesar de interligadas, [...] são distintas"⁴⁴.

A Educação Física, nesse estudo, é entendida como um componente curricular do processo de educação formal que tem como objeto de estudo o gesto humano - processo e produto das ações, suas intencionalidades, referências e identidade, segundo a construção sociocultural histórica que se dá. Por esse motivo, procurei considerar a realidade circundante nos seus aspectos educacionais, políticos,

42 - LOURO, 1992. p.61-62.

43 - NEVES, 1990. p.16.

44 - Com base nos dados e análises sobre a construção da identidade social da professoras negras, Nilma Lino GOMES (1994: 13) parte da premissa de que as relações de classe não são as mais relevantes para se pensar a escola brasileira. Por isso, há que se observar outras categorias e compreender que professor(a) e aluno(a) não se caracterizam simplesmente pelo fato de pertencerem a determinada classe social. Eles são sujeitos dentro de um processo histórico-social, fazem parte de diferentes grupos sociais, possuem pertinências raciais diferenciadas e são sexuados. Nesse sentido, a grande ênfase que se dá na discussão da classe social, enquanto uma causa única para os problemas da escola, afirma cada vez mais o quanto esta é desatenta para a diversidade cultural daqueles que a freqüentam, reproduzindo valores racistas e sexistas.

econômicos e culturais, que, de alguma forma, influenciam no cotidiano da escola e, conseqüentemente, no ensino da Educação Física e nas relações de gênero nele estabelecidas.

Procurei fazer uma leitura não apenas do que foi dito, mas também do silenciado, do negado, do omitido - formas de manifestação das relações de gênero⁴⁵. Para isso, busquei seguir as recomendações de Jacques Le Goff de que é preciso fazer o inventário dos arquivos do silêncio, interrogar-se sobre os esquecimentos e sobre os espaços brancos da história⁴⁶.

⁴⁵ - LOURO, 1990.

⁴⁶ - LE GOFF, 1992.

PARTE I

O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Constrói a história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte nos cursos Primário, Secundário e Normal, tendo por referência as relações de gênero neles estabelecidas, no período de 1897 a 1952.

CAPÍTULO 1

E A HISTÓRIA SE INICIA NA PASSAGEM DO SÉCULO

Ao final do Século XIX, fundava-se a cidade de Belo Horizonte, a nova capital mineira, criada à luz dos ideais da recém-proclamada República. Minas Gerais já se mostrava uma das unidades federativas de maior prestígio da Nação. Sua sede administrativa não poderia, entretanto, "continuar enclausurada entre as rochas do Itacolomi, somente por amor à tradição da velha Ouro Preto"¹.

Todavia, quando se mudou a capital, não foi para esquecer Ouro Preto, mas para transformá-la em santuário, símbolo do passado colonial que só o regime podia fazer reviver, dada a correlação entre republicanismo e inconfidência. Assim,

"a construção da nova capital não significou, uma ruptura novo/velho, moderno/antigo, República/Império, mas uma recomposição do tempo histórico, da legitimidade da composição tradição/futuro"

como lembra **Ciro Flávio Bandeira de Melo**, em suas análises sobre a educação e política em Minas Gerais, no final do século passado e início do atual².

A nova capital estaria, segundo seus idealizadores, dotada dos recursos higiênicos e de área adequada à expansão do progresso, aspiração das elites políticas e sociais que, com o advento da República, passaram a buscar a construção de um País moderno nos campos da economia, política e cultura³. Belo Horizonte, por

¹ - REVISTA SOCIAL TRABALHISTA, 1947. p.7. A nova capital mineira foi instalada em 12 de dezembro de 1897, com a denominação de Minas, passando em 1901 a chamar-se Belo Horizonte. MINAS GERAIS. Decreto n. 1.085 - 12 dez. 1897; ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros, 1958.

² - MELO, 1990.

³ - CARVALHO, 1987.

suas características, possibilitaria transformar a população ignorante, irracional, de práticas sociais arcaicas em uma população racional e civilizada⁴.

Essa cidade viveu seus primeiros anos em meio a uma crise financeira que atingia o País, e tornou-se o motivo de maior empobrecimento do Estado de Minas Gerais, o que levou o governo a conter os gastos em diversos setores, entre os quais, o educacional. Com isso, reduziram-se os currículos dos ensinos Primário e Normal, excluindo matérias relacionadas às ciências humanas, artes, os **Exercícios Ginásticos**, ministrados nas escolas primárias urbanas masculinas e a **Ginástica e Evoluções Militares**, que compunham o currículo do ensino Normal - apenas para os homens, conforme determinado na reforma educacional efetuada por Affonso Augusto Moreira Penna e implantada em 1892⁵.

Apesar de a Constituição Mineira de 1891 - rompendo com os padrões liberais clássicos - ter instituído um ensino elementar obrigatório, gratuito e laico nas escolas públicas⁶, no início do século, Belo Horizonte contava com apenas quatro escolas públicas primárias masculinas, quatro femininas - transferidas de Ouro Preto e instaladas em prédios específicos para cada sexo - e uma mista, já existente na capital⁷. O Ginásio Mineiro, também oriundo da antiga capital, freqüentado pelas

4 - A aproximação entre as ciências e a cidade, o urbano e a ordem e progresso e as linhas retas, expressa no pensamento positivista de Aarão Reis - idealizador de Belo Horizonte - encontrava-se inserida num contexto ocidental, que buscava tornar a cidade palco de práticas diferenciadas - o liberalismo e o positivismo - revelados no conteúdo conservador e racionalista de seus projetos. VEIGA, 1994.

5 - MINAS GERAIS. Lei n.41 - 3 ago. 1892. A Reforma Affonso Penna, primeira do período republicano, determinava a manutenção de escolas destinadas a cada sexo, permitindo escolas mistas nas localidades onde não houvesse número suficiente de crianças para compor uma turma. E, nesse caso, deveriam estar a cargo de uma professora, nelas não sendo permitida a freqüência de alunos maiores de dez anos, o que mostrava a preocupação das autoridades pelo controle da sexualidade nas escolas. Apesar de o ensino primário ter se tornado obrigatório para as crianças de ambos os sexos, com idade entre 10 e 13 anos, o perímetro escolar se diferenciava de acordo com o sexo, pois, enquanto o feminino limitava-se a um raio de meio quilômetro, o masculino se estendia a um quilômetro e meio. Assim, por trás da fragilidade biológica da mulher - conforme concepção da época - ocultava-se a ideologia da interdição aos bens culturais ao sexo feminino, especialmente à alfabetização (FREIRE, 1989).

6 - CURY, 1991.

7 - Em 1900, existiam, em todo o Estado 610 escolas masculinas - 594 femininas e 206 mistas - sendo todas as existentes na Capital regidas por professoras. MINAS GERAIS. Decreto n. 1.353 -17 jan. 1900. BARRETO (1947) fornece informações sobre as escolas existentes em Belo Horizonte, no início do século.

classes de maior poder aquisitivo, destinava-se aos rapazes. As moças, em número reduzido, estudavam em escolas normais particulares⁸.

Essa divisão por sexos não se constituía em uma inovação da capital mineira, mas fazia parte da cultura educacional brasileira, como bem mostrou Ruy Barbosa, em 1882, ao propor a educação conjunta de ambos os sexos às escolas elementares - crianças até dez anos de idade - e ao ensino Superior. E justificava-se, afirmando que, por mais deslumbrante que fosse a co-educação dos sexos adotada nos Estados Unidos e em países europeus, esse não era um sistema que se deveria utilizar em todas as nacionalidades, porque não se tratava de uma questão pedagógica, mas de um dos aspectos sociais de relações entre os dois sexos numa determinada sociedade.

"E, sob a nossa atmosfera social, a co-educação, ampliada a todas as idades, tem inconvenientes morais perfeitamente manifestos. Colocar frente a frente os dois [sexos], em todas as idades, é abrir entre eles a rivalidade no seio da educação escolar, submetendo à prova desse violento estimulante o amor-próprio, o brio, a sensibilidade, tão melindrosos na moça, é imprudência e artifício. [...] É o mesmo que tentardes adestrar para se medirem na carreira o elefante e a gazela"⁹

Ruy Barbosa acreditava que a mulher era possuidora das mesmas habilidades intelectuais que o homem, e, assim sendo, merecia uma educação similar à dele. No entanto afirmava que

"desde o início da adolescência até a completa constituição sexual da mulher, dos doze aos dezoito ou vinte anos, é fisiologicamente um mal de incalculável alcance e irremediáveis resultados educá-la nos mesmos bancos, sob a mesma organização pedagógica, debaixo do mesmo regime disciplinar que o homem"¹⁰.

Além de separar as crianças, a legislação tratava professores e professoras de forma diferenciada. Assim, apesar de o concurso para as "cadeiras primá-

⁸ - MOURÃO, 1962. MINAS GERAIS. Lei n. 281 - 16 set. 1890.

⁹ - BARBOSA, 1947, P. 28-29.

¹⁰ - BARBOSA, 1947. p. 30. Sobre essas idéias, FREIRE (1989) comenta que, apesar de Rui Barbosa não mencionar que perigos e danos seriam esses, na sua argumentação defendeu uma severa moral, perpetuando as interdições do corpo a serviço dos interesses liberais.

rias" exigir, de ambos os sexos, atestado de isenção de crimes e moralidade e de dispensar as mulheres da apresentação de folha corrida

"...às casadas, separadas judicialmente de seus maridos [cumpria] provar que lhes não [era] deshonroso o motivo da separação"¹¹.

Havia, também, diferença entre os conhecimentos exigidos de professores e professoras, pois a prova prática de Exercícios de Ginástica e Evoluções Militares era efetuada somente pelos homens e as de "prendas, trabalhos de agulha e córte", apenas pelas mulheres, deixando evidente que os Exercícios Ginásticos não faziam parte da educação da mulher e que esse tipo de trabalho manual não compunha o currículo ensinado aos homens. Além disso, determinava-se que, ao professor e à professora, cabia ensinar apenas a alunos de seu sexo¹².

Na passagem do século, o governo mineiro assumiu a educação com um caráter decorativo e supérfluo¹³. Essa educação, por estar voltada para a elite de tradição cristã, por não ter como propósito a preparação para o trabalho e por estar centrada numa cultura erudita, certamente, não necessitava de Exercícios Ginásticos. E, por isso mesmo, essa matéria pôde ser suprimida dos currículos dos diversos graus de ensino.

Contudo, em 1906, João Pinheiro da Silva, um republicano positivista, representante da elite mineira, deu novos rumos ao ensino em Minas Gerais e reintroduziu Exercícios Físicos no currículo do ensino Primário, disciplina que, no final dos anos 20, passou a denominar-se Educação Física¹⁴.

11 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.400 - 6 ago. 1900. p. 382.

12 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1400 - 6 ago. 1900. p.383.

13 - MINAS GERAIS. Lei n.221 - 14 set. 1897. Naquela virada do século, a economia do Estado, baseada no setor primário, voltava-se para a atividade agropastoril, e com isso, a população não dependia da escola para sobreviver como trabalhador, sendo essa buscada apenas pela elite que procurava status cultural. (PRATES, 1989).

14 - MINAS GERAIS. Lei n.439 - 28 set. 1906.

1.1 - MENINOS, À MARCHA! MENINAS, À SOMBRA! - os Exercícios Físicos no ensino Primário

Nos primeiros anos desse século, à luz do acontecido nos Estados Unidos da América e na Argentina, iniciou-se, no Brasil, a defesa da educação primária como necessária à formação de trabalhador de melhor rendimento produtivo. A educação da prole deveria, porém, ser empreendida com vistas à manutenção e à garantia de sua posição de trabalhador primário, controlado por uma legislação coercitiva. Além disso, fazia-se necessário coibir a vadiagem, para que se pudesse salvar a nação da decadência moral e social promovida pelo proletariado. Assim, a educação primária não iria além de inculcar, ao lado do ensino das primeiras letras, os conceitos de trabalho e de família e os valores de ordem, de progresso, de nação e de religião, entre outros¹⁵.

Tendo "o amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim", valores do positivismo de Auguste Comte¹⁶, buscava-se a formação da ordem social com base na família e na pátria, nucleadas, respectivamente, na mulher, e no patriarcado.

E como afirmava Antônio Carlos Bergo,

"De mãos dadas o afeto familiar, o sentimento cívico e a fé positiva conduzem naturalmente e voluntariamente a fins sociais almejados [pelo positivismo de Comte] na solidariedade e continuidade do sistema"¹⁷.

Foi inspirado nessas idéias que o presidente do Estado de Minas Gerais, João Pinheiro da Silva - 1906/1908 - alterou a estrutura e a organização da

¹⁵ - MELO, 1990.

¹⁶ - COMTE, 1973. P.130.

¹⁷ - BERGO, 1979. p.46. Margareth RAGO (1985) mostra que, nas décadas iniciais desse século implantou-se no País um projeto de domesticação da classe operária, através de múltiplos campos do social, mas fundamentalmente, no da fábrica e da habitação. A redefinição dos papéis familiares - atribuídos, principalmente, à mulher e à criança - completou a cruzada moral lançada sobre a classe trabalhadora, que, na representação dos dominantes, apareceu associada à imundície, à doença, à degeneração moral e ao enfraquecimento da raça. À mulher foi designado o papel de "vigilante" da família.

escola primária mineira então existente - onde um professor ensinava a alunos de diversos graus de escolaridade - ao criar os grupos escolares, estrutura de ensino básica vigente até os dias atuais na rede estadual¹⁸.

Essa educação, que buscava preparar para o trabalho, higienizar e moralizar a sociedade, exigia, entre outros, o aprendizado da Leitura, da Escrita, da Língua Pátria, da História do Brasil, de Trabalhos Manuais e de Instrução Moral e Cívica. Não poderia, também, prescindir dos Exercícios Físicos, como bem lembrou o programa do ensino primário obrigatório em todo o Estado:

"não se descuide desta parte da educação das creanças na escola, porque della depende o desenvolvimento physico dos futuros cidadãos, muitos dos quaes não terão em suas casas os meios e occasião dos exercicios que a escola lhes póde proporcionar"¹⁹.

Além disso, é bom lembrar que

"A escola de philosophia positiva não póde esquecer, no seu programma, a gymnastica. Mais criminosa seria do que outra qualquer doutrina, se desleixasse o desenvolvimento corporeo",

como alertava Ruy Barbosa, em 1882, no Parecer sobre a reforma do ensino Primário²⁰.

A inclusão da Ginástica no currículo escolar - já adotada nos países mais avançados - justificava-se por ser considerada um agente eficaz na prevenção e cura "dos padecimentos nervosos e dos hábitos perigosos da infância". Além disso, poderia compensar as posições viciosas advindas do

"trabalho do menino na escola, [...] o exercício demasiadamente exclusivo da mão e do braço direito, o labor da agulha nas meninas..."²¹.

18 - PRATES, 1992.

19 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.947 - 30 set. 1906. p. 111. A pesquisadora optou pela transcrição ortográfica da época.

20 - BRASIL. Câmara dos Deputados, 1883. p.125. (Grifos meus).

21 - BRASIL. Câmara dos Deputados, 1883. p.127. (Grifos meus).

Como lembrou Carmem Lúcia Soares, essa concepção de ginástica, oriunda de países europeus, apresentava-se como capaz de, não apenas corrigir os vícios oriundos do trabalho, mas de disciplinar, regenerar a raça, promover a saúde a vontade e a força, necessárias à Pátria e á indústria. Além disso, a ginástica era considerada como forma privilegiada de se desenvolver a moral burguesa "que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos"²².

Pode-se deduzir que esses propósitos se assemelhavam aos dos Exercícios Físicos, idealizados pela reforma do ensino Primário, determinada pelo governo mineiro em 1906 - apesar das diferenças que caracterizavam a sociedade européia do início dos anos oitocentos e a de Minas Gerais, cem anos depois - porque eram recomendados como meio de adquirir saúde, fortalecer a vontade, de dominar o corpo e de auxiliar na manutenção da disciplina.

A ênfase nos Exercícios Físicos recaía sobre a saúde, que não era apenas individual, mas protagonista de um projeto de "aspepsia social". Com tal propósito, eles deveriam disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de se afastarem das ações que provocassem a "deteriorização da saúde e da moral", ameaçadora da vida coletiva. Tratava-se, assim, de mais um produto do pensamento liberal que depositava, na educação e na escola, as esperanças das elites intelectuais de se construir uma sociedade livre dos problemas sociais²³.

Além disso, acreditava-se ser por meio dos Exercícios Físicos que

"um indivíduo de qualquer sexo se [preparava] para cumprir seus deveres com mais perseverança, mais energia, mais actividade e destreza, tornando-se, assim, apto para desempenhal-os com vantagem"²⁴.

²² - SOARES, 1994. p.65. Também NOGUEIRA (1990), mostra que na escola européia do Século XIX, início do acesso das crianças do povo ao ensino elementar público, a ginástica era vista como um meio útil para se chegar à padronização de movimentos e para compensar os danos causados à saúde das crianças operárias pelo trabalho precoce.

²³ - GHIRALDELLI JÚNIOR, 1988.

²⁴ - BORGES, 1886. p. 7.

Eram esses os requisitos essenciais para um futuro trabalhador e cidadão da sociedade higienizada e moralizada que se imaginava poder construir.

No caso específico das mulheres, a Ginástica escolar tornava-se essencial para garantir "a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura"²⁵, ou poderia, talvez, ajudá-las nos seus papéis maiores, segundo Jean Jacques Rousseau: o de encantar o homem e o de gerar um forte²⁶. Ou, ainda, como dizia o positivista Teixeira Mendes,

"aperfeiçoar a própria natureza humana e, com sua graça de mulher [motivar o homem a] fundir os canhões, para transformá-los em aparelhos industriais"²⁷.

Pela primeira vez, os Exercícios Físicos passavam a fazer parte da educação das meninas mineiras, porque, na escola primária pública, dos últimos anos do Século XIX, compunham apenas os currículos das escolas masculinas, não só em Minas, mas também no Município da Corte, visto que a reforma educacional efetuada por Benjamim Constant - 1890 - determinou que, apenas no ensino primário destinado ao sexo masculino, se ensinasse Ginástica e Exercícios Militares²⁸.

Assim, diariamente - de segunda a sábado - às onze horas e cinquenta minutos, as crianças de todos os grupos escolares do Estado deveriam, sob orientação das regentes de classe, exercitar-se fisicamente, durante quinze minutos.

No entanto, fazia-se necessário distinguir os movimentos executados por homens e mulheres. Os alunos, após brincarem "em liberdade no pateo, com assistência e intervenção do instrutor", observando - se, "strictamente, as regras militares", faziam evoluções compostas por exercícios de

25 - BRASIL. Câmara dos Deputados, 1883. p.132.

26 - ROUSSEAU, 1973.

27 - TEIXEIRA MENDES, 1920. p.94.

28 - A descentralização política e administrativa advinda da República permitiu que a escola Primária fosse regida por normas definidas pelos Estados. (CALLEJA, 1994). O programa de ensino proposto pelo governo João Pinheiro contemplava as mesmas atividades propostas para as escolas primárias masculinas do Município da corte em 1890.

"marchas militares - Posições e passos diversos.- Movimentos militares. Formar em linha.- Variações de marcha, à direita, à esquerda, em frente.- Variação da direção por fileiras"²⁹.

Enquanto isso,

"As alumnas brincarão em **liberdade**, no pateo, alternando esse exercício com o de **extensão e flexão** dos músculos, que serão **executados methodicamente**, no salão ou no pateo, **à sombra**"³⁰.

Inspirando-se em pensamentos oriundos da Europa e dos Estados Unidos, ensinava-se aos homens a Ginástica e os Exercícios Militares porque:

"a **precisão, a decisão e a energia** dos movimentos militares constituem, a par de um excellent meio de cultivo das **forças corporeas**, um dos mais **efficazes factores na educação do caracter viril**"³¹.

Já as mulheres, deveriam executar exercícios calistênicos por possibilitarem um desenvolvimento muscular simétrico, "sem prejuízo da **doçura** das maneiras, da **graça e elegancia** do talhe, da **bella harmonia das fórmãs femininas**"³².

Estava, pois, explícito que se imaginava que os Exercícios Físicos fossem capazes de higienizar a sociedade, formando homens de corpo e caráter fortes, para que se tornassem capazes de servirem à Pátria e à família, dentro da ordem estabelecida. Por isso, impunha-se, ao sexo masculino, padrões de comportamentos estereotipados, próprios da conduta disciplinar exigida nos quartéis.

Além disso, os Exercícios Físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir a "missão" da maternidade e gracio-

29 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.947 - 30 set. 1906. p.119. (Grifos meus). Os princípios legais da Reforma João Pinheiro foram detalhados na especificação dos horários por série e dias da semana, nas normas metodológicas e nos conteúdos das diversas disciplinas. No entender de Paulo Krüger Corrêa MOURÃO (1962), tal detalhamento, ainda não registrado anteriormente, revelava a intenção de controle do trabalho pedagógico pelo Estado, através da fiscalização.

30 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.947 - 30 set. 1906. p.119. (Grifos meus).

31 - BRASIL. Câmara dos Deputados, 1883. p.130. (Grifos meus).

32 - BRASIL. Câmara dos Deputados, 1883. p.130.

cidade e beleza para exercerem, a contento, seus papéis de esposa, funções exercidas à "sombra" do lar e dos homens.

Os Exercícios Físicos educariam os gestos e o currículo das escolas femininas, como um todo, e formariam as mulheres para esses papéis sociais. Foi essa a justificava de se criar - em 1906 - o Jardim de Infância Bueno Brandão para ensinar apenas às meninas, maiores de quatro anos.

"No Jardim da infância encontram as meninas os meios de se prepararem antecipadamente para a função educadora a que serão depois chamadas ao lar, como esposas e mães³³.

Nas escolas destinadas a um só sexo, as diferenças entre as atividades ginásticas de meninos e meninas eram, marcadamente, diferenciadas. Entretanto, em instituições mistas - ainda em número reduzido - ensinava-se as mesmas atividades a ambos os sexos. Fotografias revelam homens e mulheres executando exercícios calistênicos, em conjunto e no ritmo marcado pela professora.

A reforma do ensino Primário implantada por João Pinheiro da Silva tinha em vista promover a educação "intellectual, moral e physica", sendo essa última realizada não só através da ginástica e dos exercícios livres, mas "principalmente por meio dos trabalhos manuaes", evidenciando o caráter utilitarista e não lúdico das atividades físicas³⁴.

Educar o físico significava, portanto, preparar para o trabalho: trabalho esse que a sociedade em geral e a escola em particular, utilizando-se de argumentos biológicos, distribuía entre os sexos. Assim, na aprendizagem dos trabalhos manuais, cabe às meninas a familiarização,

³³ - DAMASCENO, 1994. p. 28.

³⁴ - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.960 - 16 dez. 1906. Art. 4º. A utilização rigorosa do método intuitivo e prático, estabelecido pela Reforma João Pinheiro da Siva, acentuava o valor utilitário da educação, numa perspectiva positivista de buscar a divulgação de conhecimentos úteis à conservação e melhoria do indivíduo; da família, do estado e da sociedade em geral. (MINAS GERAIS. SEE. Instituto de Educação, 1991).

"desde o primeiro dia, com os utensílios do trabalho doméstico, ensinando-lhes sómente o que for útil e prático. Os trabalhos de phantasia devem ser banidos, ficando esses aos cuidados da família"³⁵.

Enquanto isso, os trabalhos manuais ensinados aos meninos, tinham por objetivo

"habitual-os ao exercício do trabalho methodico, familiarizando-os com peças e instrumentos de que tenham de fazer uso, no curso de Ensino Technico Primário"³⁶.

Mas essa proposta de educação do físico não nascia do pensamento dos políticos mineiros. Suas raízes, como registrou Mário Alighiero Manacorda, originaram-se do pensamento iluminista, responsável pelo renascimento da Educação Física que se concretizou na Europa dos anos oitocentos, entendida como parte essencial da formação do homem e desenvolvida, em sua forma original, na Grécia antiga. Lembrou esse autor que

"Não há mais realidade ou utopia pedagógica, de Pestalozzi a Owen, em que, ao lado do tema do trabalho físico, não esteja também o tema dos cuidados físicos com o corpo"³⁷.

Os programas de ensino mostravam que os Exercícios Físicos ensinados aos meninos nas escolas primárias de Belo Horizonte fundamentavam-se nos princípios do Método Ginástico Alemão, criado no Século XVIII pelo conhecido pedagogo iluminista - Johann Bernhard Basedow (1723-1790) - que, sob a influência da pedagogia de Jean-Jacques Rousseau, associou a educação física à intelectual e à moral, recomendando que não se negligenciasse nenhum dos exercícios que pudessem fortalecer, desenvolver a saúde, a confiança em si mesma e a coragem da criança³⁸.

35 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.947 - 30 set. 1906. p. 111.

36 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.947 - 30 set. 1906. p. 111. As diferenças entre a disciplina Trabalhos Manuais - ministrada a cada sexo - mostravam a persistência de um "discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis", como disse Michelle PERROT (1988: 178), referindo-se à sociedade francesa: "Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos".

37 - MANACORDA, 1989. p.289.

38 - GRIFFI, 1989.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o inspirador do renascimento da Educação Física na Europa dos anos oitocentos, em sua principal obra, *Emílio ou da educação*, sustenta um ideal de educação natural, na qual o exercício do corpo e do espírito se ajudam mutuamente e o movimento desenvolve a inteligência, destacando, assim, a necessidade da Educação Física das crianças³⁹.

Esse educador aconselhava, para a educação de Emílio, exercícios como a esgrima, a natação, a corrida e, até mesmo, os jogos coletivos, por ele considerados importantes para a criança se habituar às regras, à fraternidade e à emulação.

Além disso, os Exercícios Físicos poderiam ajudar a fazer de Emílio um homem forte e ativo, enquanto *Sofia ou a mulher* deveria ser fraca e passiva, porque

"Uma mulher perfeita e um homem perfeito não devem assemelhar-se nem de espírito nem de fisionomia [...]. Na união dos sexos cada qual concorre igualmente para o objetivo, mas não da mesma maneira. Dessa diversidade nasce a primeira diferença assimilável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco: é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista pouco. Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradar o homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta: seu mérito está na sua força; agrada, já, pela simples razão de ser forte. Não se trata da lei do amor, concordo; mas é a da natureza, anterior ao próprio amor. Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos encantos, é por eles que ela deve constrangê-lo a encontrar sua força e empregá-la. A arte mais segura de animar essa força consiste em fazê-la necessária pela resistência. [...] Daí nascem o ataque e a defesa, a ousadia de um sexo e a timidez de outro, finalmente a modéstia e o pudor com que a natureza armou o fraco para escravizar o forte⁴⁰.

³⁹ - ROUSSEAU, 1973. O educador que concretizou a doutrina de Jean-Jacques Rousseau, no que se refere à atividade física, foi Jean-Henri Pestalozzi (1746-1827). É considerado o autor do primeiro método de Educação Física, que era composto de atividade articulares e tinha como funções uma aplicação imediata na vida cotidiana e no trabalho. Ao longo dos tempos, influenciou várias escolas de numerosos países. FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASIQUE, 1981.

⁴⁰ - ROUSSEAU, 1973. p.415. (Grifos meus).

Embora esteja evidente que a Educação Física implantada no ensino Primário mineiro, no início do atual século, fundamentava-se nessa concepção de homem e mulher, ela trazia marcas da trajetória histórica da ginástica Alemã que, por questões políticas, tornou-se, nos anos oitocentos, um meio de adestramento físico e moral da juventude, preparando-a para defender a pátria⁴¹. Esse método foi introduzido no ensino militar brasileiro, e dele, passou para as escolas civis masculinas⁴². E chegou a Belo Horizonte, através de egressos do meio militar - em especial do Colégio Militar de Barbacena - e da imigração alemã, instalada em Minas Gerais, especialmente em Juiz de Fora.

Os Exercícios Físicos ensinados às meninas apresentavam características da Calistenia

"porque, **excluindo os exercícios violentos** e os esforços mais adequados aos rapazes, tem por fito alcançar-lhes a **força sem tirar a graça**, por meio dos exercícios respiratórios, e sobre o mesmo terreno, danças e desfilamentos em cadência, em que se exige precisão quasi militar, quando em conjuncto os executam"⁴³.

As instruções contidas nas reformas do ensino Primário mineiro, promovidas no início da segunda década do Século XX, não divergiam, na sua maior parte, do disposto em 1906, sendo suas orientações cópias fiéis do que determinava o governo no referido ano⁴⁴.

No entanto, na reforma efetuada por Júlio Bueno Brandão - 1912 - as instruções para a disciplina Exercícios Físicos a ser ministrada nos grupos escolares

41 - GRIFFI, 1989; BETTI, 1991 e GOELLNER, 1992 analisam as diversas influências sofridas pela ginástica alemã em especial no meio militar.

42 - De acordo com MARINHO [s.d], a ginástica alemã foi introduzida no Brasil através dos imigrantes alemães e dos soldados prussianos que integravam a guarda imperial, tendo perdido o seu caráter oficial, após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Originariamente, o método compunha-se de corridas, saltos, arremessos, lutas, jogos e excursões. Posteriormente, Cristoph Friedrich Guts Muths incluiu três classes de atividades: exercícios ginásticos, trabalhos manuais e jogos. (BETTI, 1991).

43 - AZEVEDO, 1915. p.39.

44 - MINAS GERAIS. Decreto n. 2.836 - 31 mai. 1910; MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 - 15 jan. 1912.

se mostraram originais, porque traziam, detalhadamente, toda a orientação metodológica e organizacional, bem como todas as atividades que deveriam compor as aulas, e além disso, não determinavam a separação dos sexos.

Estava escrito que, diariamente, durante os quinze primeiros minutos do recreio

"Os alunos de ambos os sexos, dos quatro anos do curso, irão se exercitando progressivamente nos movimentos compreendidos em cada série [de exercícios determinados pelo programa] e recapitularão sempre os das anteriores, até que, no quarto ano, os tenham executado todos. As recapitulações poderão ser feitas por mais de uma classe reunidas, sob o commando do director ou de uma das professoras. Os movimentos serão commandados por contagem um! dois! tres! etc"⁴⁵.

Cada uma das cinco séries de exercícios era composta de movimentos analíticos - denominados de forma, de tronco, de respiração e de músculos - que deveriam ser executados a um só ritmo e em número igual de repetições, por todos os alunos e alunas, postados em "attitude militar correcta"⁴⁶. Nos dez minutos finais da aula, as crianças estavam autorizadas a brincar "em liberdade"⁴⁷.

Observa-se que, pela primeira vez, obrigou-se as meninas a executarem as mesmas atividades e posturas militares às quais os meninos já, há algum tempo, submetiam-se.

Por que, naquele momento, a lei passou a determinar que, na escola pública, as meninas fossem retiradas da sombra e passassem a executar as atividades físicas, até então, dos meninos?

Talvez, o fato de ter-se ampliado, na capital mineira, o número de escolas primárias mistas regidas apenas por uma professora tenha inviabilizado a

⁴⁵ - MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 - 15 jan. 1912. p.111-112.

⁴⁶ - MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 - 15 jan. 1912. p. 112.

⁴⁷ - MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 - 15 jan. 1912. p.29. Esse mesmo decreto criou a Escola Infantil, destinada às crianças menores de seis anos de idade, e estabeleceu para elas um minucioso programa de Ginástica, composto de exercícios semelhantes aos ensinados no curso Primário. Além disso, o currículo previa o ensino de Canto, danças e jogos.

separação dos meninos e meninas para a execução dos Exercícios Físicos comandados, que compunham a primeira parte das aulas. Uma outra possibilidade é a da interferência das condições materiais e de estrutura das escolas, pois naquela época - como ainda hoje, em muitos educandários - o espaço destinado às atividades físicas limitava-se a pequenos pátios localizados no interior da escola, cercados pelas salas de aula. Essa arquitetura, certamente, buscava restringir os movimentos das crianças e controlar suas emoções, uma vez que qualquer tipo de ruído interferiria nas aprendizagens "intelectuais". Fundamentada em Michel Foucault, eu diria que nesse espaço, pretendia-se disciplinar os corpos já que,

"a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. [...] A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local [...] fechado em si mesmo"⁴⁸.

E, nesse caso, o espaço destinado às atividades físicas era fechado, dentro de outro espaço fechado - a escola.

A separação dos sexos não acontecia nas aulas de Exercícios Físicos; entretanto, ela se fazia presente no ensino de Trabalhos Manuais: para as meninas, corte e costura de peças do vestuário e trabalhos domésticos; para os meninos, modelagens de cerâmica ou massa e confecção de pacotes, apesar de

"o trabalho manual para ambos os sexos [ser] destinado a exercitar a observação, habituar as crianças na perseverança do trabalho paciente, educando as mãos, os olhos e o cérebro no esforço conjuncto de crear, imitar e executar qualquer obra..."⁴⁹.

A disciplina imposta pelo trabalho manual, assim como pelos Exercícios físicos, como concebida por Michel Foucault, busca promover a "decodificação instrumental do corpo", ou seja, a decomposição do gesto global em duas séries paralelas: a dos elementos do corpo postos em jogo e as dos elementos do objeto

⁴⁸ - FOUCAULT, 1987. p.130.

⁴⁹ - MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 - 15 jan. 1912. p.111. NADAI (1991) lembra de que, nas escolas brasileiras da Primeira República, as artes da costura eram direcionadas às meninas pobres, enquanto as de elite aprendiam bordados, pintura e escultura, entre outras habilidades.

manipulado. A seguir, coloca-os em correlação uns com os outros através de gestos simples e, finalmente, "fixa a ordem canônica em que cada uma dessas correlações ocupa um lugar determinado"⁵⁰.

No caso da escola Primária mineira, a disciplina do gesto de homens e mulheres vinha marcada por relações de poder ocultas, até mesmo, no tipo de objeto manipulado.

Até a metade dos anos 20, a disciplina Exercícios Físicos, por determinação legal, continuava presente nos currículos das escolas primárias públicas de Belo Horizonte, e tinha por objetivos o desenvolvimento físico, social e moral e os hábitos higiênicos⁵¹.

A Revista do Ensino, criada em 1925, para divulgar a política educacional mineira, inspirada na pedagogia escolanovista, registrou tentativas de se incluírem inovações nos Exercícios Físicos, quanto aos seus objetivos e métodos⁵².

Denunciava-se a falta de interesse das crianças pelos exercícios repetitivos, e recomendava-se sua substituição pelos jogos, considerados a forma natural de se executar atividades físicas e de importância fundamental na escola, porque

"As crianças que se dedicarem aos jogos, terão superioridade, quer physica, que moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina".

Tal recomendação se inspirava na "superioridade aristocrática do tipo inglês", obtida através dos jogos escolares⁵³. Os exercícios físicos seriam um meio

⁵⁰ - FOUCAULT, 1987. p.139.

⁵¹ - MINAS GERAIS. Decreto n. 6.758 - 1 jan. 1925. No ano de 1918, alastrando-se pelo País a epidemia da gripe espanhola, o governo mineiro, após fechar, temporariamente, os estabelecimentos de ensino, tomou medidas referentes à situação sanitária, sendo uma delas, a inclusão do ensino de noções de higiene nas aulas de Exercícios Físicos. Desde então, a Educação Física incorporou, explicitamente, objetivos higiênicos, no sentido de asseio corporal e ambiental.

⁵² - BORGES (1993) faz uma criteriosa análise do papel da Revista do Ensino na divulgação do ideologia do caráter nacional da educação em Minas, no período 1925 - 1929.

⁵³ - OS JOGOS nas escolas..., 1926. p.94.

de tornar "a raça forte, enérgica e bela"⁵⁴, além de favorecer a força de vontade, a coragem, a alegria, a cordialidade e, acima de tudo, a moral⁵⁵.

Para isso, nas aulas dever-se-iam incluir os sete exercícios denominados naturais que visavam, não somente ao desenvolvimento corporal, mas à coragem, à força, à agilidade e à capacidade de decisão⁵⁶.

Neles, as meninas estavam dispensadas de saltar e de subir, certamente, com base na idéia de que os saltos poderiam causar malefícios aos órgãos reprodutores e que o subir torná-las-ia musculosas e pouco femininas. Estava, então, evidente que, apesar de as turmas serem mistas, havia diferenças entre as atividades dos meninos e das meninas.

Dever-se-ia ensinar, ainda,

"exercícios de ordem e disciplina, respiratórios, jogos e, algumas vezes, exercícios de gymnastica sueca [exigindo-se] uma disciplina perfeita. {Desprezando, no entanto,} o velho habito de obrigar os alumnos á posição forçada de braços cruzados"⁵⁷.

Apesar de a menina ser dispensada de saltar, de subir e de lutar, o Regulamento do Ensino Primário mantinha, nas escolas públicas, turmas mistas para as aulas de Exercícios Físicos e separava os sexos nas aulas de Trabalhos Manuais.

É importante assinalar que a escola Primária, desde 1920, por força de lei, dever-se-ia tornar mista, excetuando-se as noturnas e as regidas por professores. Isso equivale dizer que à professora permitia-se lecionar para crianças de ambos os sexos, desde que os homens tivessem pouca idade, permissão essa que não se

54 - EDUCAÇÃO physica; a gymnastica..., 1926. p.387.

55 - EDUCAÇÃO physica; ao lado..., 1926.

56 - TECHNICA sobre..., 1925.

57 - TECHNICA sobre..., 1925. p.186. O método sueco de ginástica foi idealizada por Per Henrik Ling (1776-1839), influenciado pelas idéias de Rousseau e dos filantropos. Idealizou uma ginástica que fosse acessível a todos - de ambos os sexos - e que pudesse desenvolver a saúde, a força, a beleza e o equilíbrio moral. Além disso, visava à estética o que aproximava o seu pensamento das concepções platônicas de união do corpo e da alma. (GRIFFI, 1989). Era concebido como necessário à formação de bons operários para o processo de industrialização que se iniciava na Suécia e para a formação de bons soldados, uma vez que a ameaça de guerras se fazia sempre presente. (SOARES, 1994).

estendia ao professor⁵⁸. Além do mais, não convinha às crianças mais velhas terem colegas do sexo oposto, o que certamente implicaria problemas de ordem moral, ferindo os preceitos da época.

A comparação dessas normas com as estipuladas pela primeira lei que tratou da Educação em Minas Gerais mostra uma inversão de critérios na distribuição dos docentes. Enquanto, em 1835, as mulheres estavam proibidas de ensinar às crianças do sexo masculino, em 1920, foi a vez de os professores estarem impedidos de ensinar às meninas. Nesse período de tempo, passou-se - com aval de positivistas e católicos - do homem para a mulher, o papel de educar crianças na escola⁵⁹.

As escolas primárias particulares de Belo Horizonte - em sua maioria - destinavam-se a alunos de um só sexo, sendo uma das exceções o Colégio Isabela Hendrix, de orientação metodista, que atendia a homens e mulheres. Essa inovação, oriunda da pedagogia norte-americana, constituiu-se um dos fermentos de renovação cultural num meio em que as concepções católicas dominavam, não apenas as escolas religiosas, como também as públicas⁶⁰.

Entre os colégios de orientação católica, o Sagrado Coração de Jesus, desde a sua fundação, em 1911, manteve o ensino primário misto, apesar de ser demandado por um reduzido número de alunos. Também, o Colégio Santa Maria, em 1909, por questões financeiras, permitiu o ingresso de meninos no curso Primário. "Quem sabe se, com as Irmãs, nossos garotos também tomarão jeito", conclamava a imprensa. Mas, assim que as dívidas da instituição foram pagas, voltou a atender apenas ao sexo feminino⁶¹.

⁵⁸ - MINAS GERAIS. Lei n. 800 - 27 set. 1920.

⁵⁹ - MINAS GERAIS. Regulamento n. 13 - 28 mar. 1835.

⁶⁰ - SAFFIOTI (1976) discute as inovações culturais introduzidas no Brasil pelas escolas protestantes, inicialmente, no Estado de São Paulo.

⁶¹ - HADDAD, SANTOS, 1991. p. 89. O Colégio Sagrado Coração de Jesus pertence à Cogração católica Servas do Espírito Santo, de origem alemã e, até o ano de 1972, era uma escola feminina. FIGUEIREDO, GOMES (1993), resgatam a História desse colégio.

A ordem, a moral e o comando permeavam a educação primária, como um todo. A legislação impunha um detalhado conjunto de prescrições sobre a seqüência dos trabalhos escolares, envolvendo rituais de início, desenvolvimento e término das aulas. Assim, estava determinado que

"A execução do horário terá começo com o primeiro toque de aviso para que se reunam em forma todos os alunos; a forma deverá ser por classes e a dous de fundo. A um segundo signal, seguirão para as aulas, acompanhados dos respectivos professores; entrados em aula, em filas correspondentes as das carteiras, aguardarão signal do professor para tomarem assento, procedendo-se à chamada dos alumnos. [...]. As saídas colletivas das aulas serão sempre feitas em forma, precedidas de dous signaes - o primeiro de advertência, ficando os alumnos de pé; o segundo em movimento"⁶².

Na sala de aula, até mesmo a postura e os movimento do (a) professor (a) eram normatizados e avaliados pela inspetoria de ensino: deveria lecionar de pé e movimentando-se por toda a sala para despertar a atenção dos alunos⁶³.

O controle das atividades de docentes e discentes era, também, rígido nas escolas religiosas femininas, lembra D. Carmem, aluna de uma delas na década de 20:

*"A gente tinha que ficar em silêncio durante quase todo o tempo. O dia, a hora e duração do banho eram controlados. Mas, na aula de ginástica, apesar de toda a rigidez, era o momento mais livre da escola, porque podíamos, pelo menos, conversar um pouquinho"*⁶⁴.

Esse depoimento demonstra que a Educação Física não se constituiu o único instrumento de controle do corpo e que, apesar da rigidez de suas normas, oferecia possibilidades de vivências de algumas características lúdicas.

No processo de disciplinarização do corpo, a escola utilizava-se de diversas técnicas, entre as quais: o espaço funcional e hierárquico, a divisão do tempo, o silêncio e a fila. Exigia-se um corpo disciplinado, porque ele era a base de

⁶² - MINAS GERAIS. Decreto n. 6.655 - 19 ago. 1924. p. 285.

⁶³ - MINAS GERAIS. Decreto n. 6.655 - 19 ago. 1924.

⁶⁴ - AVELAR, 1991. Depoimento.

um gesto eficiente; porque a disciplina define as relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula e estabelece cuidadosa engrenagem entre um e outro⁶⁵.

Até o final dos anos 20, a disciplina Exercícios Físicos não se concretizava como prática pedagógica em todas as escolas públicas, o que, também, ocorria em educandários católicos. Na memória do Dr. Saad Bedran, nessa época, no Colégio Arnaldo, onde cursava o Primário, os meninos não faziam ginástica, nem aprendiam qualquer jogo; só os rapazes jogavam futebol⁶⁶.

1.2 - MOÇAS EM SUAVERES MOVIMENTOS: A Ginástica no Ensino Normal

Nos primeiros anos da República, o governo mineiro, ao reorganizar a instrução pública, inseriu uma concepção de mestre competente e erudito - regenerador da escola pública primária - compondo um currículo extenso e diversificado para o ensino Normal⁶⁷.

Esse currículo estabelecia que a quase totalidade das matérias deveria ser cursada por ambos os sexos, excetuando-se a Ginástica - obrigatória para os homens - e os Trabalhos de Agulha e Noções de Economia Doméstica - voltadas, exclusivamente, para as mulheres⁶⁸.

Em 1892, a Ginástica, ministrada no ensino Normal público mineiro, alterou seus objetivos, passando a se assemelhar às atividades físicas desenvolvidas

⁶⁵ - FOUCAULT, 1987.

⁶⁶ - BEDRAN, Saad. 1994. **Depoimento**. O Colégio Arnaldo, fundado em 1912 pelo Congregação do Verbo Divino, de origem alemã, ministrava o cursos Primário e Ginasil ao sexo masculino, oriundo das classes sociais economicamente favorecidas.

⁶⁷ - MINAS GERAIS. Lei n. 41 - 3 ago. 1892. MINAS GERAIS. Decreto n. 607 - 27 fev. 1893.

⁶⁸ - Essa disciplina denominada Exercícios Práticos era ministrada somente nos primeiro e segundo anos do curso, sendo a Ginástica ensinada três vezes por semana, e as Evoluções Militares, duas. (MINAS GERAIS. Decreto n. 607 - 27 fev. 1893. p.172). Naquela época, as escolas normais públicas mineiras eram gratuitas e atendiam a ambos os sexos, sendo freqüentadas por um grande número de homens, apesar de, já há algum tempo, o governo incentivar as mulheres a ingressarem no magistério público. À partir de 1835, as professoras passaram a perceber salários correspondentes ao ensino de 2º grau, ainda que lecionassem no 1º, enquanto os homens receberiam de acordo com o grau de escola onde ensinassem. (MINAS GERAIS. Lei n.13 - 28 mar. 1835).

no meio militar. Anteriormente, ela se responsabilizara pelo ensino de Trabalhos Manuais e, até mesmo, pelo ensino da Caligrafia, desligado da cadeira de Português⁶⁹.

As diferenças entre a formação do professor e da professora mostravam-se, de maneira mais acentuada, nas atividades docentes desenvolvidas na escola primária, anexa ao curso Normal, composta de uma cadeira para o sexo masculino e de outra para o feminino, regidas, respectivamente, por um homem e uma mulher.

"A professora da escola pratica do sexo feminino será auxiliada por uma professora inspetora, que ensinará trabalhos de agulha, córte de roupa branca e exercícios calisthenicos, sendo adjuntas da professora da aula pratica as alumnas mestras do ultimo anno lectivo"⁷⁰.

Estava, pois, determinado que cabia somente à mulher ensinar à menina as habilidades próprias do seu sexo que, nesse currículo, resumiam-se ao corte e costura e aos movimentos corporais. Por outro lado, o ensino da Ginástica - Evoluções Militares - ministrado aos meninos - era da competência exclusiva do professor dessa cadeira⁷¹.

Essas diferenças entre a formação do professor e da professora primária não se originaram no ensino mineiro, pois já existiam na mais antiga escola Normal do Brasil, fundada em 1835, no Município da Corte. Nessa escola, por volta de 1874, restringiam-se os conhecimentos que deviam ser ensinados às moças:

⁶⁹ - MINAS GERAIS. Decreto n.509 - 14 mai. 1891. Sobre o fato de a caligrafia ser ensinada nas aulas de Ginástica - que, a princípio pode causar estranheza - Michel FOUCAULT (1987: 138), em sua obra *Vigiar e Punir*, lembra que "Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica - uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador" e, descreve o controle corporal exigido de crianças francesas do início do Século XIX, para que tivessem uma boa caligrafia.

⁷⁰ - MINAS GERAIS. Lei n. 41 - 3 ago. 1892. p.69. (Grifos meus).

⁷¹ - É interessante observar que a Lei n. 41 - 3 ago. 1892, isentava as meninas da matéria Ginástica; entretanto, nas escolas Primárias anexas às escolas Normais se determinava o ensino de exercícios calistênicos.

"às senhoras alumnas: não estudavam algebra, e a geometria se limitava às noções mais elementares e de mais frequente applicação aos usos da vida"⁷².

Certamente esse currículo tinha por base os conhecimentos da Medicina européia que, na época, afirmavam ser a parte anterior do cérebro da mulher menos desenvolvida que a do homem, o que a tornava menos apta às abstrações metafísicas. Em outras palavras, seu intelecto impedia que ela se aprofundasse em estudos que exigiam raciocínio e atenção, todavia, em contrapartida, possuía qualidades pouco desenvolvidas no homem, pois

"prima ella nas artes recreativas, sobretudo no canto e na mimica [...] recebe e traduz mais que elle as paixões do coração e as emoções da alma"⁷³.

Também, os programas de Ginástica de cada sexo eram diferentes: para o masculino, movimentos militares, esgrima e lutas, e para o feminino, movimentos de flexão, extensão e jogos. No entanto, os conteúdos teóricos - aspectos históricos e fundamentos higiênicos, anatômicos e fisiológicos da Ginástica - eram comuns aos dois sexos.

Evidenciava-se que as diferenças entre a formação do professor e a da professora primária tinham como pressupostos, não só as diferenças biológicas dos sexos, mas também os papéis que cabiam a cada um desempenhar na sociedade.

Nas últimas décadas do século passado, época em que as moças mineiras não se exercitavam fisicamente nas escolas, as aulas de Ginástica, ministradas às futuras normalistas, foram recebidas com hostilidade pela opinião pública da Província do Rio de Janeiro, e os pais proibiram a suas filhas a participação nas aulas dessa matéria. Por isso, o Presidente comunicou à Assembléia Legislativa:

⁷² - NOGUEIRA, 1938. p. 117. Transcrição conforme ortografia da época. Sobre o currículo do ensino Normal em Ouro Preto, ver MINAS GERAIS. SEE. Instituto de Educação. 1991.

⁷³ - DEBAY, 1881. p.31.

"O ensino da gymnastica, que gerou infundadas apprehensões, foi posto em pratica de modo discreto e como exigia o decóro do sexo feminino. É cedo ainda para julgar a idéia que apenas entrou em ensaio"⁷⁴.

Nos primeiros anos de existência de Belo Horizonte, o ensino, como as demais instituições, encontrava-se em estágio incipiente, pois o governo implantou uma política de contenção do sistema de ensino Normal e também do Primário, como já dito anteriormente, com a simplificação dos currículos e fechamentos de escolas. Assim, as famílias de maior projeção social que aspiravam a uma educação mais completa para seus filhos, enviavam-nos para os internatos em escolas religiosas.

Em relação à mulher, a situação se agravava, porque não havia, na cidade, instituições que cuidavam de sua educação após o Primário. Na verdade, as idéias da época não consideravam a continuidade de estudos necessária à formação da mulher.

"Depois do Primário, as jovens eram instruídas nas **prendas domésticas**, à espera de um **'bom casamento'**, muitas vezes tratado pelos pais, já que este era o **'destino natural'** da mulher"⁷⁵.

Fazia parte, todavia, do projeto da elite local, aprimorar as instituições educacionais da capital, atraindo congregações religiosas para implantar, na cidade, educandários capazes de dotar a juventude do preparo intelectual, e, principalmente, de formá-la dentro dos princípios cristãos, fundamentais a uma sociedade ordeira e progressista. Os colégios masculinos preparariam os rapazes para serem líderes atuantes na política, e os femininos teriam, sob suas responsabilidades, a formação das futuras mães, zeladoras da família, célula mater da nação⁷⁶.

⁷⁴ - NOGUEIRA, 1.938. p 117. (Grifos meus). Esse autor registrou toda uma polêmica envolvendo educadores, autoridades e as famílias e a repugnância à ginástica, por parte das alunas, no final do século passado.

⁷⁵ - HADDAD, SANTOS, 1992. p. 23. (Grifos meus).

⁷⁶ - HADDAD, SANTOS, 1992.

Vivia-se um momento de grande efervescência de idéias e paradigmas: a convivência/ confronto do ideal republicano, pretensamente laico, com uma forte tradição católica, impregnada na vida e na mentalidade do povo.

Em relação ao modelo de mulher vigente na época, Marly Gonçalves Bicalho, ao estudar a representação da mulher na imprensa belo-horizontina, no período de 1895 a 1903, mostrou que o positivismo não conseguiu criar e difundir uma imagem de mulher oposta ao modelo católico da Virgem, difundido até o final do século passado, e concluiu que

"Se o modelo católico e o modelo positivista de mulher possuíam alguns pontos divergentes (mas não conflitantes), a aproximação da idealização de ambos é bastante evidente; os papéis que ambos reservam às mulheres são os mesmos - mãe, esposa e filha, assim como as qualidades que lhes são próprias - amor incondicional, fidelidade, domínio da emoção sobre a razão, caridade e altruísmo - é dever da mulher servir e fazer o bem sem nada pedir em troca"⁷⁷.

Entretanto, a autora acrescenta que, ao mesmo tempo, registrava-se a presença da mulher nas ruas da nova capital, no trabalho, nas escolas e na imprensa, o que era, muitas vezes, percebido como ameaçador à imagem feminina da época.

O papel de mãe, a caridade e o altruísmo, bem como os valores morais conferidos ao modelo de mulher, faziam dela a educadora ideal, tanto para os positivistas, quanto para os católicos. O trabalho da mulher na escola era percebido como extensão, ou, até mesmo como preparação para a tarefa educativa por ela desenvolvida no seio da família⁷⁸.

Assim, em 1906, a primeira Escola Normal pública, criada em Belo Horizonte por João Pinheiro da Silva - Escola Normal da Capital - permitia acesso

⁷⁷ - BICALHO, 1992. p.46. (Grifos meus). Essa autora aponta os elementos constitutivos dos modelos de mulher propugnados pela Igreja católica, que encontra em Maria o seu arquétipo e o do positivismo, inspirado na musa Clotilde de Vaux. De um lado, "a fidelidade sem limites, a força que é capaz de resistir aos grande sofrimentos, o amor e a fé cristã; de outro o altruísmo, a superioridade moral e a responsabilidade da formação do futuro cidadão". BICALHO, 1992: 42.

⁷⁸ - PAIXÃO (1991), em seu estudo sobre a professora primária mineira na República Velha, conclui que a dominação desse cargo pelas mulheres pode ser interpretada como decorrência da similitude entre a atividade de ensinar e a que é, socialmente, do domínio das mulheres, ou seja, a atividade doméstica.

apenas às mulheres⁷⁹. E seguindo a tradição, seus primeiros currículos não contemplavam o ensino da Ginástica, apesar de as egressas dessa escola serem obrigadas a ensinar Exercícios Físicos no Primário.

Quatro anos mais tarde - em 1910 - com a reforma educacional promovida por Wenceslau Braz, a Ginástica passou a compor o currículo da Escola Normal da Capital, cuja organização e normas deveriam ser rigorosamente seguidas por suas congêneres de todo o Estado. Essa matéria, ministrada durante todo o curso, desenvolvia-se, no último ano, sob a forma de prática profissional em Escolas Anexas ou Grupos Escolares. Como o de todas as artes, o seu ensino deveria ser

"absolutamente prático e constar de exercícios com toda a classe ou por turmas, methodicos e systematicos, tendo em vista o desenvolvimento e aperfeiçoamento physico das alumnas"⁸⁰.

Exercícios metódicos e sistemáticos significavam movimentos demonstrados pela professora e repetidos, a um só ritmo, pelas alunas; flexão e extensão dos grupos musculares, para educar a postura e obter saúde, como preconizavam os defensores da Calistenia e o pensamento higienista da época. Educar a postura significava buscar a beleza, a elegância, os gestos contidos e prevenir a doença. E, a saúde da mulher, uma preocupação constante dos avanços da medicina, tinha como endereço a maternidade futura.

Em termos salariais, o próprio governo discriminava a professora de Ginástica: ela recebia o menor vencimento de toda a Escola Normal da Capital - dois mil e quatrocentos réis - enquanto a de Costura e Trabalhos Manuais percebia três mil, e os professores das demais disciplinas, seis mil réis.

⁷⁹ - MINAS GERAIS. Lei n. 439 - 28 set. 1906. NADAI (1991) lembra que, no Brasil da Primeira República, o magistério não era profissão para as mulheres de origem burguesa e sim para aquelas provenientes de setores empobrecidos da burguesia ou originárias das camadas médias.

⁸⁰ - MINAS GERAIS. Decreto n. 2.836 - 31 mai. 1910. p.154. (Grifos meus).

Estava concretizada a desvalorização do trabalho feminino frente masculino e do intelectual ao manual, pois ambas as disciplinas eram, obrigatoriamente, ministradas por mulheres e se caracterizavam como "práticas"⁸¹.

Nos anos subseqüentes, os currículos do ensino Normal da Capital continuaram a desenvolver a Ginástica, com características semelhantes à implantada em 1910⁸². Todavia, em 1914, o governo aprovou um minucioso programa de Ginástica para essa Escola Normal, elaborado pela professora Aurélia Olynto, o qual incluía, além dos exercícios a serem executados, em cada série do curso, as normas sobre a prática profissional nas escolas anexas, e os critérios de avaliação dos exames finais que exigiam a execução de exercícios ginásticos. Assim, a referida disciplina apresentava duplo caráter: o de educação dos movimentos, com destaque para a postura corporal da aluna, e o de instrumentalização, para o docência de Exercícios Físicos no Primário⁸³.

Esse programa diferia do estipulado para as Escolas Normais Regionais e Equiparadas onde se permitia o ingresso de alunos de ambos os sexos, que freqüentavam as mesmas aulas, "guardada a conveniente separação". Entretanto, nas aulas de

"gymnastica e trabalhos manuais haverá duas secções: uma para alumnos e outra para as alumnas, e ambas adequadas a cada um dos sexos"⁸⁴.

Nessas escolas Normais, a disciplina, denominada Ginástica e Exercícios Militares, apresentava um só programa, que não diferenciava os conteúdos a

⁸¹ - A produção teórica, na área pedagógica, tem mostrado que foi crescente a tendência de feminizar a profissão de docente do ensino primário brasileiro, fenômeno esse que aparece, também em outros países como os Estados Unidos e a Inglaterra. (APPLE, 1981) Essa feminização foi acompanhada de uma crescente desvalorização da profissão, como mostra o estudo sobre a situação da professora primária mineira, no período 1966-1988. (NOVAES, 1986).

⁸² - MINAS GERAIS. Decreto n. 3.123 - 6 mar. 1911; MINAS GERAIS, Decreto n. 3.738 - 15 nov. 1912.

⁸³ - MINAS GERAIS. Decreto n. 4. 139 - 3 mar. 1914.

⁸⁴ - MINAS GERAIS. Decreto n.3.738 - 5 nov. 1912. p.835 e 837. Eram denominadas escola Equiparadas as particulares, reconhecidas pelo governo.

serem aprendidos por homens e mulheres e vinha estruturado em apenas dois parágrafos: o primeiro descrevia os exercícios ginásticos e o segundo, os militares, com e sem arma⁸⁵.

Sobre esse programa de ensino, Paulo Krüger Corrêa Mourão comentou, em 1962, que a primeira parte do primeiro ano parecia destinar-se

"às alunas, com prescrição de exercícios respiratórios, movimentos parciais e combinados, idem estéticos. A segunda parte trata de **exercícios militares, portanto só para homens**. No segundo ano, o programa parece ser exclusivo para homens, com ginástica de aparelhos e ainda exercícios militares⁸⁶.

Na verdade, esse programa parecia conter as marcas da ginástica ensinada aos homens, desde a sua implantação na escola; entretanto, ele trazia como novos alguns elementos da Ginástica Sueca, originariamente idealizada para ambos os sexos⁸⁷.

A Ginástica ensinada às mulheres continuava sendo pensada como necessária à saúde e à beleza, responsáveis pela criação de

"uma **nova geração**, em que as **faces rosadas**, um rosto bem delineado e a **perfeição de fôrmas substituíam** 'estas **figurinhas pallidas**, angulosas e de peito achatado', que povôam nossos salões"⁸⁸.

Assim, continuava-se a delegar ao corpo da mulher a responsabilidade pelos problemas de saúde da população, ou seja, imputando à "natureza", e não à sociedade.

O ano de 1916 trouxe novidades para a cadeira de Ginástica ministrada na Escola Normal da Capital e, conseqüentemente, para todo o ensino Normal mineiro, já que essa era, oficialmente, o modelo para as outras escolas públicas, bem como para as particulares equiparadas. O Regulamento de Ensino, estabelecido pelo

⁸⁵ - MINAS GERAIS. Decreto n. 4.128 - 17 fev. 1914.

⁸⁶ - MOURÃO, 1962. p.286. (Grifos meus).

⁸⁷ - Sobre a Ginástica Sueca, ver nota n. 56, desse capítulo.

⁸⁸ - AZEVEDO, 1915. p.41. (Grifos meus).

Presidente Delfim Moreira da Costa Ribeiro, introduziu os jogos na escola Normal com duplo objetivo: desenvolver as qualidades físicas das alunas e prepará-las para ensinar as crianças. Assim, elas passaram a praticar

"jogos athleticos femininos, o lawn-tennis e outros, bem como as dansas e brinquedos infantis que [seriam] introduzidos nas classes primárias"⁸⁹.

Tratava-se da primeira proposta de introdução de jogos e esportes como conteúdo da Ginástica na escola Normal, cuja "cadeira" era regida sempre "por uma senhora" que deveria executar, durante toda a aula, movimentos a serem repetidos pelas alunas, percebendo, por esse trabalho, um terço do salário dos professores e professoras das outras disciplinas⁹⁰.

Para as aulas de Ginástica, não se exigia vestuário próprio, mas, apenas um tipo de calçado, determinado pela professora. Entretanto, o Regulamento estabelecia:

"As alumnas da Escola Normal Modelo adoptarão, como uniforme, para uso obrigatório dentro do estabelecimento, uma clamyde, manto largo de tecido leve, de uma só cór distincta para cada anno do curso..."⁹¹.

Assim, era usando um "manto largo de tecido leve" que as moças deveriam fazer exercícios ginásticos na escola normal, numa época em que o horror ao nu fazia parte da cultura da capital mineira, onde, até mesmo, a nudez das estátuas ofendia a moral⁹².

Fotografias da época, mostram que, nem o peito nem as pernas dos jogadores de futebol ficavam nus, porque, as meias compridas iam das chuteiras aos

⁸⁹ - MINAS GERAIS. Decreto n.4.524 - 21 fev. 1916. p.217. (Grifos meus).

⁹⁰ - Também as professoras de Música e as de Trabalhos Manuais recebiam salários mais baixos que os homens, porém bem mais elevados do que a de Ginástica.

⁹¹ - MINAS GERAIS. Decreto n.4.524 21 fev. 1916.p.245.

⁹² - CLEMENTE (1982) cita inúmeros fatos ocorridos, em Belo Horizonte, nas suas primeiras décadas, que demonstram o pudor da população. Entre esses, relembra, a retirada de estatuetas de mulheres despidas da Praça da Liberdade, por ordens da esposa do Presidente do Estado.

joelhos, as quais se encontravam com o calção, que já vinha coberto pela camisa de mangas longas⁹³.

No que se refere à mulher, o Colégio Isabela Hendrix - "de educação progressista"- alarmou a sociedade ao anunciar a construção de uma piscina para uso das alunas.

"muitos pais pensaram em tirar de lá suas filhas. Mas não tiraram, a piscina se construiu e as alunas mergulhavam-se. Mas com um figurino bem pensado, talhado, pela diretoria do educandário metodista, de acordo com o pudor da época... As vestes das banhistas-alunas resguardavam-nas do pescoço aos tornozelos, nestes terminando com um laço. Tal como as vestes pesadas dos astronautas do nosso tempo. E, mesmo assim, para se entregarem as alunas à natação, o colégio teve o cuidado de aumentar de mais de um metro os muros do local em que estava a piscina, para impedir olhares indiscretos de algum sobrado próximo"⁹⁴.

Nos anos vinte, os vestuários usados pelas moças nas aulas de Ginástica, ministradas nos colégios católicos, cobriam a quase totalidade do corpo, só deixando descobertas as mãos e a cabeça,

"Nós usávamos um calção até os joelhos, com uma saia por cima; meias longas pretas, sapatos pretos e uma blusa de mangas compridas..."

relembra Dona Carmem, ex-aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, na década de 20⁹⁵.

Nos internatos femininos, a nudez era proibida, até mesmo, durante o banho, que só acontecia duas vezes por semana. Nas memórias de Dona Dora,

"Na hora do recreio, uma menina gritava os números daquelas que iriam tomar banho naquele dia. Para o banho, usávamos uma camisola comum, comprida, de cor, sem manga e um pouco decotada. Para se lavar, a gente dava um jeito... Eu fazia tudo direitinho, porque era obediente. Mas algumas meninas contavam

⁹³ - CLEMENTE, 1982.

⁹⁴ - CLEMENTE, 1982. p. 268.

⁹⁵ - AVELAR, 1991.

*que tiravam a camisola, tomavam o banho e depois se vestiam. Se as irmãs pegassem, era castigo na certa*⁹⁶.

Entretanto, todo esse pudor corporal, valorizado pela sociedade belo-horizontina, não impediu que os jogos fossem, pouco a pouco, introduzidos na escola Normal, instituição, naquela época, "própria" para o sexo feminino.

Assim, em 1918, o programa oficial de Ginástica, implantado na Escola Normal Modelo, determinava que, à medida que as alunas fossem aprendendo os movimentos ginásticos, complementar-se-ia o ensino com os seguintes

"Jogos Athleticos: "Hand Tennis; Volley Ball; Basket Ball; Corridas de 100 metros e excursões a determinados pontos, com prazo de tempo progressivamente menor. [...] Saltos por altura e distancia, Hockey, Lawn-tennis e folk-dances apropriadas à cultura physica das alumnas"⁹⁷.

Estimulava-se a competição entre as alunas, recebendo menção especial nas notas de aproveitamento, aquelas que se distinguissem como atletas. Além disso, foi reformado o "pavilhão de gymnastica e receberam convenientes reparos os campos sportivos de Tennis" da Escola Normal Modelo, noticiava, em 1920, um Jornal da Capital. Ele estampava, ao lado dessa notícia, uma fotografia da quadra interna da Escola, onde algumas moças, vestidas com longas saias, jogavam basketball, dirigidas pela professora de Ginástica⁹⁸.

No entanto o "Basket-Ball" jogado por essas alunas, em nada se parece com o praticado hoje, em nosso meio, pois, se desenvolvia sob as seguintes regras:

"Dispór a classe em columnas. Entregar ao primeiro jogador de cada um dellas uma bola. Dado o signal, este lançará a bola à cesta e, feito o `gol', correrá até o outro afim de repetir a manobra. Passará, então a bola ao segundo, indo formar á retaguarda da columna"⁹⁹.

⁹⁶ - FERNANDINO, 1991. (Grifos meus).

⁹⁷ - MINAS GERAIS. Decreto n. 4.955 - 3 abr. 1918. p.201- 202-204. A Ginástica, na escola Normal Modelo, era ministrada quatro vezes por semana, e as aulas tinham a duração de cinquenta minutos.

⁹⁸ - ESCOLA Normal modelo..., 1920.

⁹⁹ - JOGOS physicos..., 1925. p.142.

Nesse estabelecimento de ensino e nos colégios femininos de orientação católica, praticavam-se alguns jogos determinados pelo programa oficial. Dona Carmem se lembra, com carinho, das aulas da Dona Nella Testa Taranto, - "uma ótima e elegante professora" - ministradas no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde fazia ginástica, jogava voleibol e Basket-Ball¹⁰⁰.

Em 1925, os jogos constituíam a maior parte dos conteúdos da disciplina **Educação Física**, substituta da Ginástica nos cursos de formação de professoras primárias de Minas Gerais. O programa divulgado pelo governo acrescentava o "Captain-ball, o Ball-bril e o Hand-ball" à lista de jogos a serem ensinados às alunas, diariamente. Esses jogos não substituíram os exercícios ginásticos e as marchas, mas se acrescentaram aos mesmos¹⁰¹.

Ao mesmo tempo que se determinava o ensino de jogos às moças da capital mineira, ensino esse que, ao permitir maior amplitude de gestos corporais, poderia simbolizar um movimento de mudança do modelo de mulher idealizado pela sociedade, divulgam-se princípios educacionais que buscavam manter as qualidades e os papéis a ela designados¹⁰².

Uma revista belo-horizontina da época sintetizava os seguintes conselhos sobre a educação da mulher, fornecidos por escritoras norte-americanas:

"Ensinae à mulher: a cozinhar e fazer bom pão de família; A fazer camisas de homem; A não se pintar; A lavar e engommar sua roupa; A cortar seus próprios vestidos e dos filhos; [...] A ser muito asseada em seu corpo e em tudo que lhe pertence; [...] A ser modesta e simples; [...] A ter uma casa bem arranjada, um logar

¹⁰⁰ - AVELAR, 1991.

¹⁰¹ - MINAS GERAIS. Decreto n. 6.831 - 20 mar.1925. A cadeira de Educação Física da Escola Normal Modelo, destinada às mulheres, era regida por uma professora que, apesar de concursada, como os demais professores, recebia a metade do vencimento deles. Nessa escola, eram também ministradas por mulheres as aulas de Trabalhos Manuais e Costura. E, nas escolas Normais Regionais - mistas - contratar-se-ia, a partir de 1925, um instrutor militar para ministrar aulas de Educação Física aos alunos.

¹⁰² - Não coincidentemente, após a Primeira Grande Guerra, a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas americanas, substituindo o seu principal objetivo - o vigor físico - pela busca da adaptação dos jovens à sociedade. Com isso, a ginástica foi substituída por esportes coletivos, o Tênis e a Dança. (STEINHAUS, 1961).

para cada cousa e cada objecto em seu devido logar; [...] A adorar a Deus no ceo e amar seu marido e seus filhos na terra"¹⁰³.

A preocupação com o embelezamento do corpo, o brincar e a expansão dos movimentos, possibilitados pelo jogo e pela ginástica, à primeira vista, confrontavam-se com essa imagem de mulher, idealizada pela Igreja Católica e pelo Positivismo, e tão valorizada pela sociedade da época. No entanto, os exercícios físicos eram considerados essenciais à saúde e à moral das mulheres, para que pudessem desempenhar, a contento, os papéis de mães, esposas e filhas, reservados para elas pela sociedade.

Mas, em nome da moral, as alunas dever-se-iam exercitar fisicamente, encobertas por vestes e pelos muros da escola, embora muitas preferissem trocar essa atividade pelos trabalhos manuais¹⁰⁴.

Entretanto, para além dos muros da escola - e, com certeza, também no interior dela - estabelecia-se um movimento de emancipação da mulher expresso no corpo, no vestuário, no uso de cabelos curtos, no direito ao voto, enfim, no exercício da cidadania plena. Tal movimento inspirava-se nas mudanças de valores da burguesia europeia do século XIX, ocorrida com a Primeira Grande Guerra.

A polêmica em torno dessa questão foi retratada por Pedro Nava - artista moderno de vanguarda - em obra intitulada *A Jogadora de Tênis*, na qual revela as características físicas andróginas que os referentes críticos da cultura de gênero atribuíam, de forma debochada, à mulher emancipada. Ele mostra a figura feminina esguia e funcional dos anos 20, liberada do corpete e do excesso de ornamento, compelida a dar uma contínua atenção ao corpo, através da dieta e do exercício¹⁰⁵.

103 - EDUCAÇÃO da mulher, 1919. p.8.

104 - Uma aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus se recorda de que, naquela época, as moças não gostavam muito das atividades físicas que, até mesmo na hora do recreio, eram substituídas por trabalhos manuais. (FERNANDINO, 1991). Depoimento.

105 - VIEIRA, 1994. p.153.

1.3 - RAPAZES, SENTIDO! a Ginástica, os Exercícios Militares e a Esgrima no Ensino Secundário

Em 1890, nos moldes do Ginásio Nacional, fundou-se em Ouro Preto, o Ginásio Mineiro. Tratava-se da primeira instituição pública de ensino Secundário e destinava-se à educação de jovens do sexo masculino, oriundos de famílias da elite. Podia contudo, admitir

"até 12 alumnos pobres, tirados das 12 principais zonas do Estado, e que tenham se distinguido por sua intelligencia, bom procedimento e assídua applicação ao estudo"¹⁰⁶.

O currículo do Ginásio Mineiro determinava que, durante sete anos, os rapazes cursassem inúmeras disciplinas, entre essas, quatro línguas estrangeiras, e mais Música, **Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima**. Como previa a legislação, esse currículo era cópia fiel do adotado no Ginásio Nacional, conforme determinado na primeira reforma educacional do governo da República, efetuada por Benjamin Constant Botelho de Magalhães - positivista e ex-lente da Escola Militar¹⁰⁷.

Curiosamente, nessa época, as disciplinas Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima **substituíram a Dança e a Ginástica**, introduzidas, em 1854, no currículo do Colégio Pedro II¹⁰⁸. Desde então, a Dança desapareceu do ensino Secundário masculino, mantendo-se, apenas, como uma atividade própria do sexo feminino.

¹⁰⁶ - MINAS GERAIS. Lei n.41 - 3 ago. 1892. p.59. Sobre a criação do Ginásio Mineiro, ver MINAS GERAIS. Decreto n.260 - 1 dez 1891 e BRASIL. Decreto n. 981 - 8 nov. 1891. O internato desse educandário funcionava na cidade de Barbacena.

¹⁰⁷ - BRASIL. Decreto n. 981 - 8 nov. 1890. FREIRE (1989) chama a atenção para o ecletismo dessa reforma, pois, ao lado de inúmeros artigos de tendências liberais (cópias do projeto de Rui Barbosa), as disciplinas obedeciam a uma ordem comteana e dava-se ênfase à educação moral e cívica, um meio termo entre uma tendência e outra, resultando numa grande ambigüidade.

¹⁰⁸ - BRASIL. Decreto n.1.331 A - 17 fev. 1854. FREIRE (1989) destaca a semelhança entre esse Decreto - Reforma Couto Ferraz - que regulamentou o ensino no Município da Corte e a lei francesa do ensino, promulgada em 1850 e aponta como seus pontos vitais, o controle da moralidade e dos comportamentos dos professores, administradores e alunos, aí incluindo a separação total dos estabelecimentos de educação masculina e feminina.

Quanto aos motivos da inclusão da Dança na educação dos homens, é possível deduzir que tenha sido por influência da cultura francesa, marcante na legislação educacional da Corte Brasileira. Naquela época, exigia-se, do cavalheiro da elite européia, habilidades de dançarino e, ao mesmo tempo, de soldado¹⁰⁹.

A Educação Física ensinada nas escolas francesas no decênio 1880-1890, segundo Pierre Arnaud, era vista como atividade que contribuía para a nacionalização das massas e incorporação das mesmas à ordem social vigente, estruturando a nação republicana. O ensino da Educação Física na escola, auxiliaria o processo de homogeneização da França, pois,

"ela representava uma alfabetização motriz da juventude, era uma espécie de gramática do movimento. [Enfim, era importante] na formação da nação, do patriotismo e do espírito republicano"¹¹⁰.

A hierarquia das disciplinas do currículo do Ginásio Mineiro evidenciava o confronto da teoria versus a prática, pois as denominadas práticas - Ginástica, Evoluções Militares, Esgrima, Música e Desenho - além de serem as últimas no rol de disciplinas, eram ensinadas, não por lentes, mas por professores que percebiam os menores salários do quadro docente¹¹¹.

Sobre essa hierarquia, Fernando de Azevedo, ao denunciar o descaso com a Educação Física por parte do poder público mineiro, na segunda década do século, dizia:

109 - BRASIL. Decreto n.10.202 - 9 mar. 1889. A esgrima e a dança, juntamente com a equitação, constituíram os primeiros conteúdos da Educação Física em Portugal, e tiveram seus ensinamentos introduzidos no Colégio Real dos Nobres em 1771, sob ordens do Ministro Marquês de Pombal. CARREIRA (1961). A Missão real Francesa, fundou, em 1910, a primeira escola de esgrima do Brasil, germe do primeiro curso de formação de professores de Educação Física do País, instalado pela Força Pública de São Paulo. PÚBLIO (1987). Esse esporte, originário das lutas guerreiras, é disputado pelos homens, desde a primeira Olimpíada da Era Moderna - 1896 - e, pela mulheres - apenas a prova de florete - a partir de 1924. (FAURIA, 1968).

110 - ARNAUD, 1992. p.176. (Tradução da pesquisadora).

111 - MINAS GERAIS. Lei n. 41 - 3 ago. 1892. Antônio Luiz Deslandes foi o primeiro professor de Ginástica do Ginásio Mineiro, e como membro da Congregação, assinou a ata de sua primeira reunião ordinária. Posteriormente, foi auxiliado pelo professor Miguel Muzzi de Abreu. Nos documentos consultados, não foi possível encontrar dados biográficos desses professores; no entanto, é provável que tenham sido egressos de instituições militares, locais onde, naquela época, praticava-se ginástica e esgrima.

"Nenhum esforço para a formação cultural e profissional de técnicos e 'instrutores', conforme então chamavam aos professores desse ramo da educação, como para significar, pelas diferenças de nomes (lente, professor, instrutor) uma **graduação** na hierarquia funcional, em cujo ápice se mantinham os que se dedicavam a atividades puramente intelectuais, ficando as de base manual e mecânica degradadas a plano secundário"¹¹².

As aulas de Ginástica, Evoluções Militares e Esgrima eram ministradas duas vezes por semana, até 1899, quando foram extintas do currículo do internato, já instalado na nova capital do Estado¹¹³.

No meu ponto de vista, a extinção das atividades físicas do curso Secundário era justificável na medida em que ele tinha um caráter propedêutico - preparação para o ingresso no Superior - visando a formar jovens da elite, para desempenhar, na sociedade, funções que dispensavam a força física e a disciplina dos quartéis¹¹⁴.

Nos primeiros anos desse século, o Ginásio Mineiro, já transferido para Belo Horizonte, mantinha um número reduzido de alunos - apenas oitenta e seis, em 1903 - o que, como escreveu o Reitor Gustavo Penna, era consequência da equiparação de colégios particulares aos ginásios oficiais e da falta de um serviço de pensionatos na nova capital, fato que, a seu ver, levava os pais a sentirem

"o mais legítimo receio de confiar seus filhos à hospedagem em hotéis, cujos proprietários não tinham a obrigação de zelar pelo procedimento de seus filhos"¹¹⁵.

Não se pode duvidar desses motivos, porque, na época, os rapazes viviam sob forte vigilância dos pais, que acompanhavam, inclusive, a frequência às

112 - AZEVEDO, 1960.p.13. (Grifos meus).

113 - MINAS GERAIS. Decreto n. 1.285 - 30 mai. 1899. No internato do Ginásio Mineiro sediado em Barbacena, mantiveram-se as aulas de Ginástica, apesar de o vencimento de seu "instructor", juntamente com o do professor de Desenho, ter sido reduzido pela metade. MINAS GERAIS. Lei n.318 - 16 set. 1901.

114 - Entretanto, para se conhecer os fatores que determinaram a exclusão da Educação Física do currículo do curso Secundário, é necessário desenvolver estudo sobre esse disciplina no Colégio Pedro II, modelo para todo o País.

115 - GYMNASIO MINEIRO. *Atas da Congregação*. p. 15.

aulas, diariamente, divulgada pela Imprensa Oficial¹¹⁶. Entretanto, é necessário relembrar que o Ginásio Mineiro era um educandário destinado à formação da elite masculina, no qual se cobravam taxas que limitavam o acesso da maioria dos jovens belo-horizontinos. E, além disso, muitas famílias de alto poder aquisitivo preferiam entregar a educação de seus filhos aos tradicionais colégios religiosos mineiros, de orientação católica, localizados no interior do Estado.

No início desse século, tanto no Ginásio Mineiro, quanto nos colégios confessionais, os rapazes estavam desobrigados da prática de atividades físicas, e a maioria não se interessava por elas.

Entretanto, Pedro Nava, renomado escritor mineiro, recorda-se das intensas atividades esportivas desenvolvidas no Colégio Anglo-Mineiro, de orientação metodista, do qual foi aluno interno, na década de 10. Segundo suas memórias, eles praticavam, diariamente, o futebol e o Tênis, esporte introduzido em Belo Horizonte, em 1914, por professores ingleses que aqui vieram ensinar¹¹⁷.

Essas memórias reafirmavam o papel das escolas metodistas na introdução dos esportes nas escolas belo-horizontinas, no início desse século.

Num estudo sobre a educação protestante no Brasil, Peri Mesquita mostra que os esportes constituíam parte da "missão" evangelica, porque cuidar do corpo era cuidar da morada da alma. Eles contribuiriam, também, para formar indivíduos "livres e independentes, aptos a atuar na sociedade como cidadãos e profissionais eficientes". Além disso, os esportes seriam capazes de induzir o estudante a convencer-se de que o êxito individual e o progresso de sua nação seriam o resultado doo trabalho, do esforço e da conduta moral de cada indivíduo¹¹⁸.

Por outro lado, Fernando de Azevedo, então professor do Ginásio Mineiro, dizia em 1916, ser essa uma época em que

116 - GYMNASIO MINEIRO. *Atas da Congregação*. p.211.

117 - NAVA, 1974.

118 - MESQUITA, 1994. p.161.

"a mocidade, mais ou menos boêmia, ainda se apresentava muito apurada em roupas e desinteressada de atividades esportivas. [Assim, quando ele] desencadeou campanha em favor da ginástica, [...], quase todos sorriam com ironia, como se tratasse de devaneios ou expansões românticas de rapaz"¹¹⁹.

Tal atitude da mocidade tinha para Fernando de Azevedo inúmeras razões, assim sintetizadas por ele:

"É incontestável que, em nossos tempos, o nível moral baixou, desfibrou-se a vontade, à medida que as idéias também desceram. [...]. Anela-se hoje o prazer, buscam-se sensações e o que mais se alimenta, são ternos afetos e sentimentos; as próprias ações que exigem trabalho e sacrifício, não se olham nem se aquilatam senão pelo prazer que em si têm ou que originam. Desta situação, [...], era natural que ressaltassem o menoscabo pela educação física e o terrível círculo vicioso, em que labora a vida nacional: **desprezamos a cultura do corpo, porque somos fracos; somos fracos, porque desprezamos a cultura do corpo**¹²⁰."

A campanha de Fernando de Azevedo tinha como principal meta a criação de uma cadeira de Ginástica no Ginásio Mineiro. E, como desde 1911, essa "matéria" retornara ao currículo do Colégio Pedro II, padrão dos demais ginásios do País, o seu intento concretizou-se com a realização, em 1916, do primeiro concurso para seleção de um **professor de Ginástica e Educação Física** para aquele educandário¹²¹.

Passava-se da denominação - instrutor - para a de professor de Ginástica e Educação Física; entretanto ele continuava ocupando um baixo grau na hierarquia acadêmica dos estabelecimentos oficiais de ensino, estipulada pela Reforma Carlos Maximiliano, a qual, em escala descendente, constiuía-se de: professor catedrático, professor substituto, professor honorário, professor e livre docente¹²².

119 - AZEVEDO, 1960. p.9-10.

120 - AZEVEDO, 1960. p.23. (Grifos meus).

121 - CANTARINO (1989:897) no texto intitulado *A educação física no Brasil*, apresenta dados sobre a reforma curricular que incluiu a Ginástica no Colégio Pedro II, com o objetivo de "robustecer os organismos". MINAS GERAIS. Decreto n. 4.550 - 4 abr. 1916, determina que o currículo do Ginásio Mineiro seja composto pelas matérias adotadas no Colégio Pedro II.

122 - BRASIL. Decreto n.11.530 - 18 mar. 1915. Também a Música e os Trabalhos Gráficos eram ensinados por professores, simplesmente.

Essas eram funções exercidas somente pelo sexo masculino. Enquanto os homens ensinavam no nível Superior e no Secundário, as mulheres - como nos dias atuais - eram as maiores responsáveis pelos ensinos Normal e Primário.

Assim, só homens, e, em número de três, se inscreveram para o referido concurso. Um deles, José Ataliba dos Santos, já ministrava Ginástica, sem ter, contudo, formação específica na área; o outro, Fernando de Azevedo ensinava Latim, e o terceiro, Antônio Pereira da Silva, era dentista e ex-aluno do Colégio Grambery de Juiz de Fora - de orientação metodista. Esse último preparou-se para o referido concurso com o instrutor de esgrima, Major Francisco C. Romano - imigrante italiano - no Colégio Militar de Barbacena¹²³.

Esse educandário exerceu marcada influência na Educação Física mineira e brasileira, pois muitos de seus egressos tornaram-se docentes dessa disciplina, relembra o professor Sylvio José Raso:

"Era um colégio de muita expressão na época. Foi aluno de lá o General Jair Jordão Ramos que considero um dos pensadores básicos da Educação Física no Brasil. Também lá, o meu tio, Antônio Pereira da Silva, aprendeu esgrima, ginástica com aparelhos e em aparelhos, conhecimentos que lhe possibilitaram aprovação no concurso do Ginásio Mineiro¹²⁴.

Os resultados desse concurso comprovaram que, àquela época, a qualidade primordial do professor de Educação Física consistia na capacidade de executar os movimentos ginásticos com técnica e resistência, qualidade essa garantida pelas instituições militares aos seus alunos.

Sobre isso, conta o professor Sylvio José Raso:

"Esse concurso foi muito comentado, porque o Antônio Pereira da Silva ganhou do Fernando de Azevedo que era um professor brilhante e com muita influência política. Ganhou por dois motivos: primeiro, porque ele fez um livro mais prático, mais objetivo, com fotografias; segundo, porque ele fez bem os exercícios práticos, enquanto o Fernando de Azevedo não estava preparado para essa parte. Prova disso é que ele

123 - RASO, 1994. História de vida.

124 - RASO, 1992. História de vida.

*foi de terno e gravata para a aula prática. Então foi a vitória da prática sobre a teoria. Antônio Pereira da Silva, o Chefe Pereira, teve forte influência sobre o ensino da Educação Física em Belo Horizonte e em Minas Gerais, liderando os professores e influenciando as políticas governamentais até os anos 40*¹²⁵.

Nesse concurso, além de defender uma tese, cada candidato, por mais de uma hora, executou exercícios que, de acordo com o ponto sorteado, consistiram em:

"Gymnastica respiratória - treino respiratório, período respiratório. Gymnastica Sueca - Primeira e segunda séries de movimentos: Gymnastica de aparelhos - exercícios em barras e argollas. Gymnastica - posição de guarda, sentido e passos. Esgrima - posição de guarda, sentido e passos. Escola desarmada"¹²⁶.

Os conteúdos dessa prova mostram que a Educação Física ministrada no ensino Ginásial apresentava marcadas características militares, fundamentadas no Método Ginástico Alemão e no Método Francês de Amoros. Todavia apresentavam como novidade, a Ginástica Sueca, considerada pelo candidato Fernando de Azevedo, como superior às demais por estar de acordo com

"os princípios da estética e da fisiologia, por promover o desenvolvimento harmônico, [...] uma atitude elegante e esbelta e conformar-se, antes de tudo, às regras de higiene e de adaptação pedagógica"¹²⁷.

No entanto, Sylvio José Raso, professor do Ginásio Mineiro, a partir de 1937 - em substituição ao seu tio, Antônio Pereira da Silva - recorda-se de que, até aquela época, a Ginástica ministrada nesse educandário tinha como atividades básicas, as evoluções militares e os exercícios em barras, cordas e arcos, determinados pela ginástica de origem alemã¹²⁸.

125 - RASO, 1992. *História de vida*. (Grifos meus).

126 - GYMNASIO MINEIRO. *Ata da congregação*. p.211. A comissão avaliadora da parte teórica desse concurso foi constituída pelos doutores Virgínio Bhering e Joaquim Francisco de Paula, membros da Congregação do Ginásio, enquanto a avaliação da parte prática foi efetuada por Guilherme Herculano de Abreu, professor de Ginástica do Colegio Pedro II e pelo Tenente Luiz Tavares Guerreiro, professor dessa mesma disciplina no Colégio Militar de Barbacena. O concurso constituiu um marcante acontecimento da época, e contou, até mesmo, com as presenças do Presidente do Estado e do Secretário do Interior.

127 - AZEVEDO, 1960. p.129.

128 - RASO, 1992. *História de vida*.

Fernando de Azevedo foi reprovado na prova prática deste concurso; no entanto a Tese que lhe garantiu a aprovação na prova teórica, lançou questões cruciais para o desenvolvimento de uma linha de pensamento que se mostra, até os dias atuais, presente na construção do conhecimento e na prática pedagógica da Educação Física no Brasil¹²⁹.

Esse autor acreditava que o objetivo de uma Educação Física "moderna" já não era mais o de formar soldados e atletas, e sim o de

"desenvolver a resistência e o vigor físico, excitar o gosto pelo esforço, e, enfim, **disciplinar os nervos e os músculos** para colocá-los sob a dominação da vontade e pôr ao serviço dum caráter viril e de uma cabeça um corpo resistente e bem constituído"¹³⁰.

Fundamentando-se em princípios higienistas, ele alertou para a necessidade de a Educação Física se ater às diferenças dos sexos, para que se pudesse garantir os atributos "naturais" do homem e da mulher. E, sobre isso, acrescentou:

"A **resistência dos braços**, a solidez do punho, que tem tanta importância para o homem, tem para a mulher importância extraordinariamente menor do que o **desenvolvimento da bacia**. É impossível desconhecer e não seria lícito na educação pôr de lado a constituição ou o sexo e submeter a juventude, como em Esparta, e agora na Escócia, aos mesmos exercícios; e se importa ter o maior cuidado da organização delicada da menina, 'arbusto delgado, que resiste melhor à tempestade que o carvalho secular', não importa menos dar-lhe, por meio de uma educação física adequada, o vigor necessário, **para que possa sem perigo suportar a maternidade e sair-se galhardamente das duras provas, que a esperam**"¹³¹.

Mas a divulgação dessas idéias e a criação de uma cadeira de Ginástica e Educação Física no Ginásio Mineiro, não foram capazes de despertar a juventude belo-horizontina para a necessidade de sua prática. Assim, até o final da primeira guerra mundial, era total a indiferença pelos valores "higiênicos, biológi-

129 - CRISTAN (1992) analisa o pensamento de Fernando de Azevedo, expresso na obra originária da tese que defendeu no referido concurso, e extrai pontos que fundamentam suas concepções, entre os quais as de que as causas da degeneração social seriam sanadas através da educação e, nesses termos, a Educação Física seria valorizada como integrante da educação, necessidade universal.

130 - AZEVEDO, 1960. p.43. (Grifos meus).

131 - AZEVEDO, 1960. p.82. (Grifos meus).

cos, psicológicos, morais e estéticos" dos exercícios físicos¹³². E a Ginástica, legalmente obrigatória no Secundário, era pouco difundida nesse nível de ensino.

Todavia, nos anos 20, a capital mineira viu-se atingida por um movimento em prol da Educação Física e dos esportes, tendo em São Paulo, o seu principal foco de irradiação. Vários fatores colaboraram na expansão desse movimento, dentre os quais: o primeiro importante surto industrial provocado pela redução de importações no período pós-guerra; a necessidade de mudança e a efervescência intelectual, com suas repercussões nas artes, nas letras e na educação; e a difusão dos esportes anglo-saxônicos no País.

"Em poucos anos o **desenvolvimento** que então adquiriram os **esportes**, foi tal que **educadores e escritores entraram a preocupar-se** com as possíveis conseqüências e seus **aspectos negativos**"¹³³.

No ensino Secundário, ministrado em Belo Horizonte, naquela época, foram introduzidos os jogos de futebol e basquetebol e, em relação às décadas anteriores, intensificou-se a prática das atividades ginásticas, apesar do pequeno interesse dos jovens por essas e do receio da sociedade, quanto aos vícios provocados pelo jogo¹³⁴.

Até então, o ensino da Educação Física nos Ginásios masculinos da Capital, fundamentava-se nos exercícios físicos praticados no meio militar e no pensamento médico higienista, objetivando a disciplina, a higiene física e moral, enfim, buscando a formação de um homem de "corpo resistente e de caráter viril".

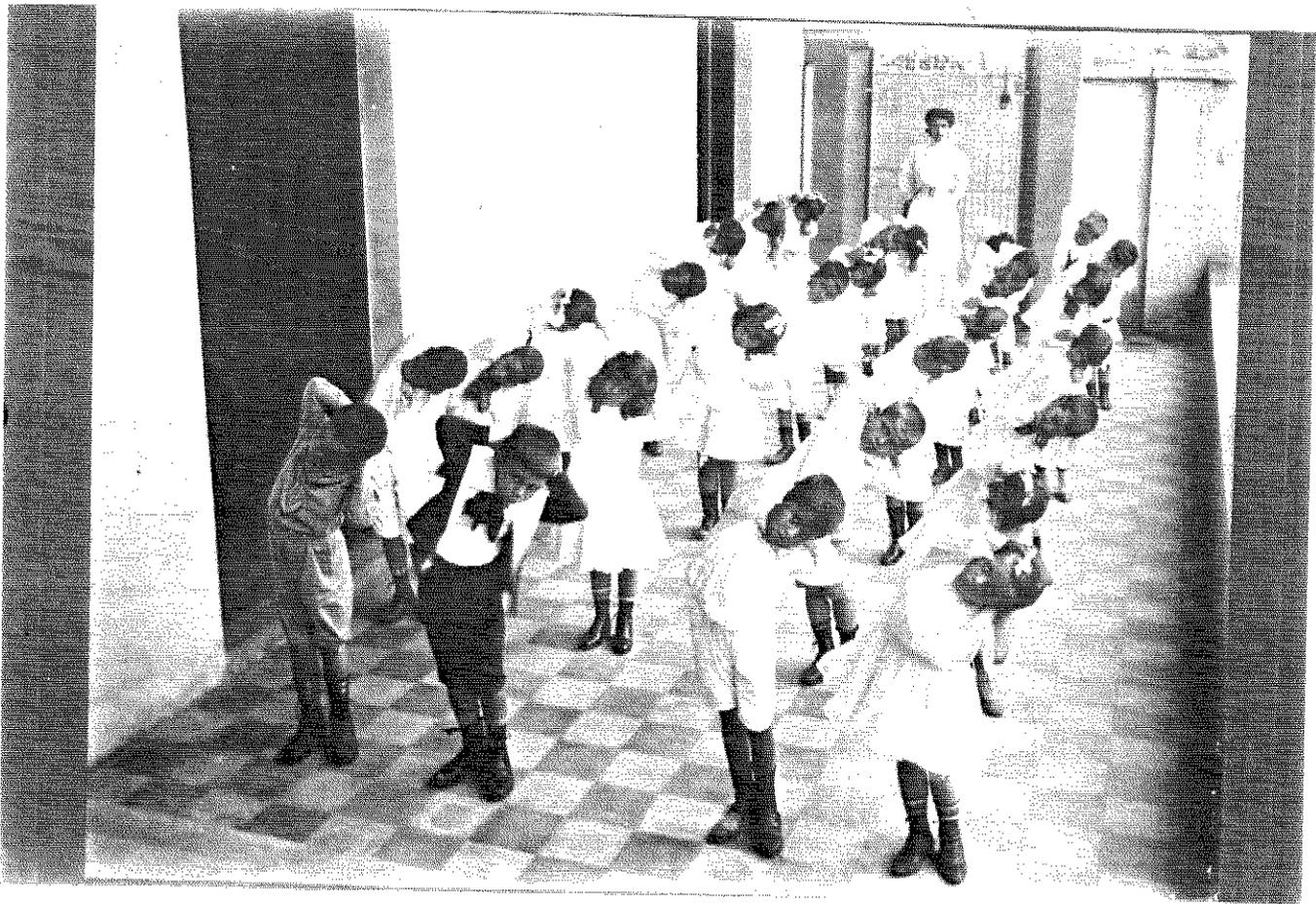
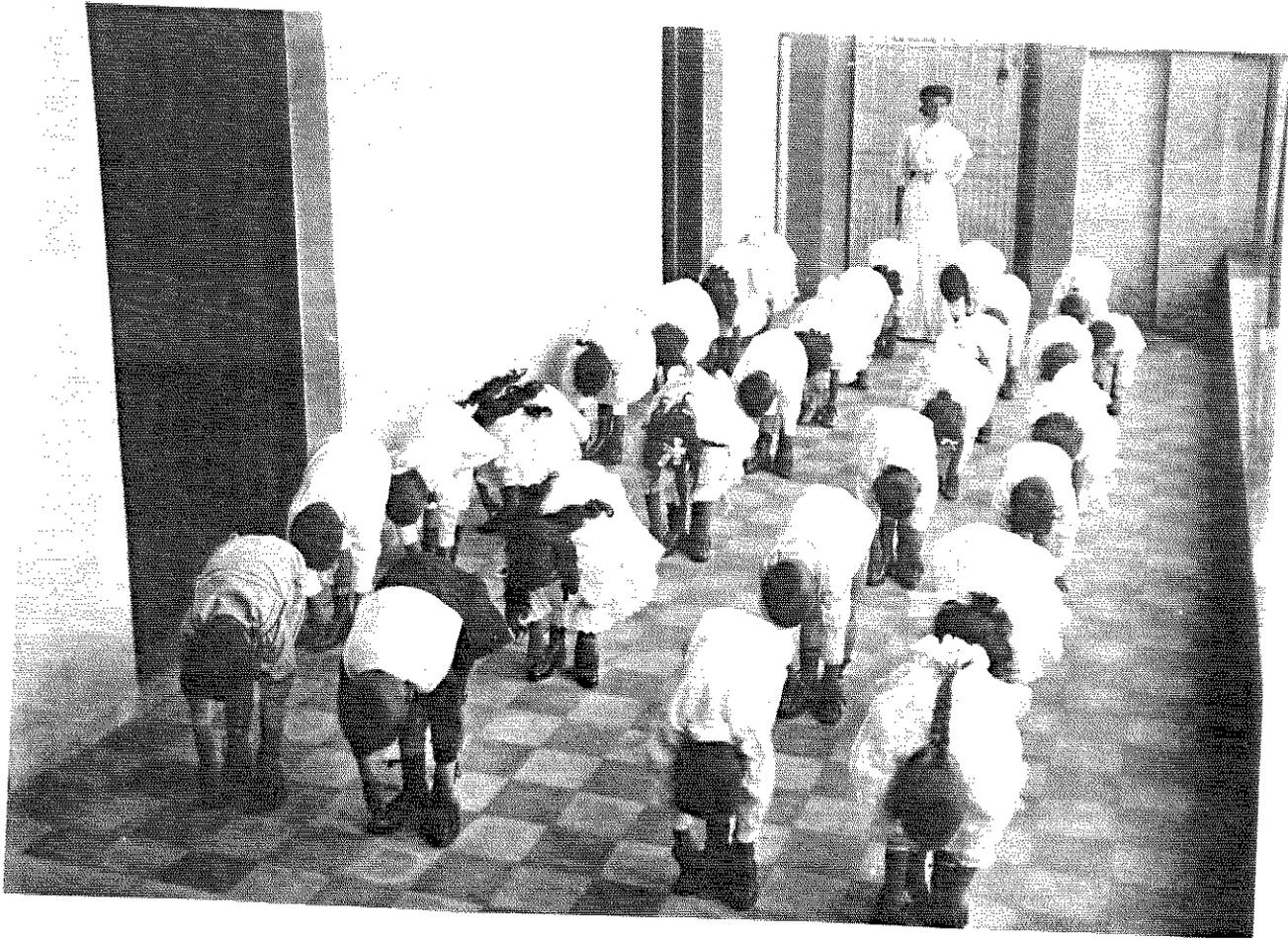
132 - AZEVEDO, 1960. p.13.

133 - AZEVEDO, 1960. p.12. (Grifos meus).

134 - COLÉGIO ARNALDO. *Atas do Conselho*, 1920.

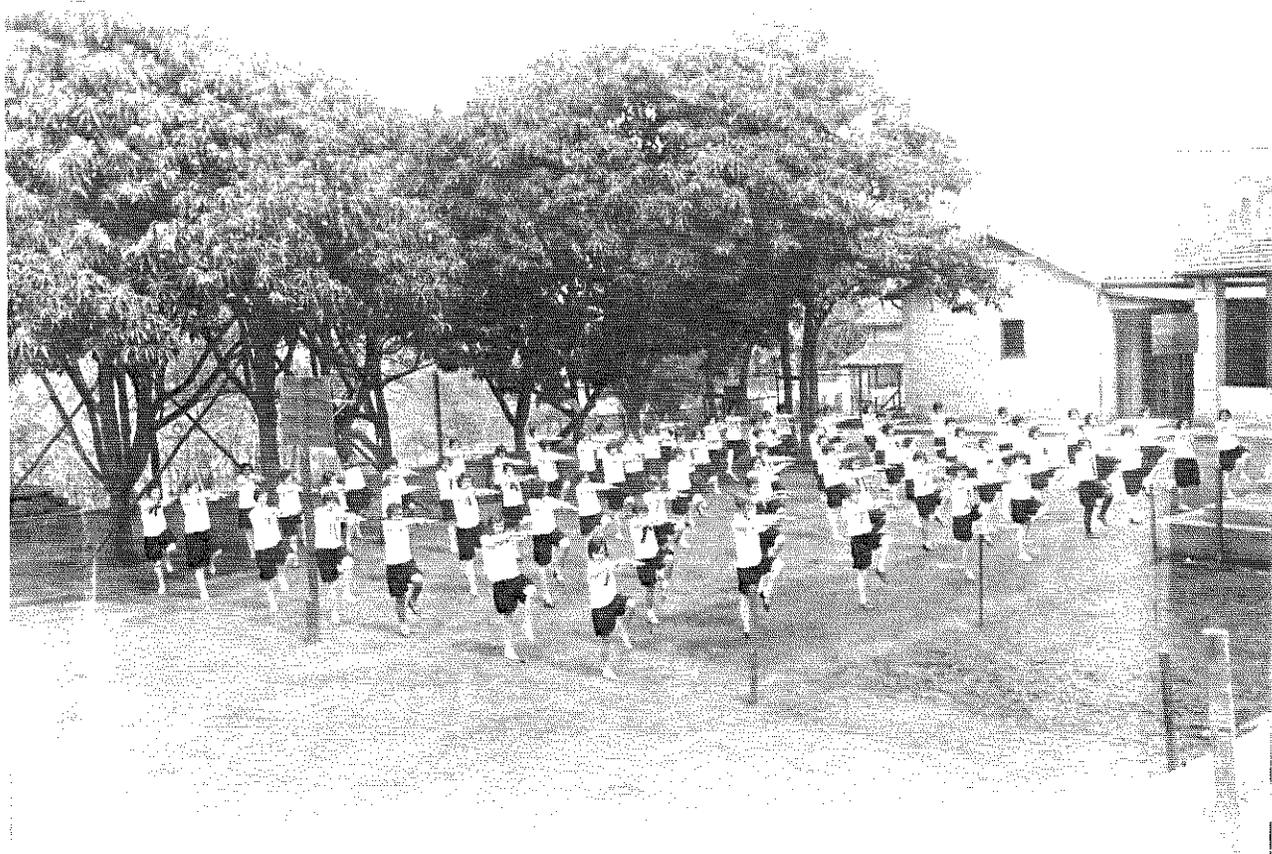
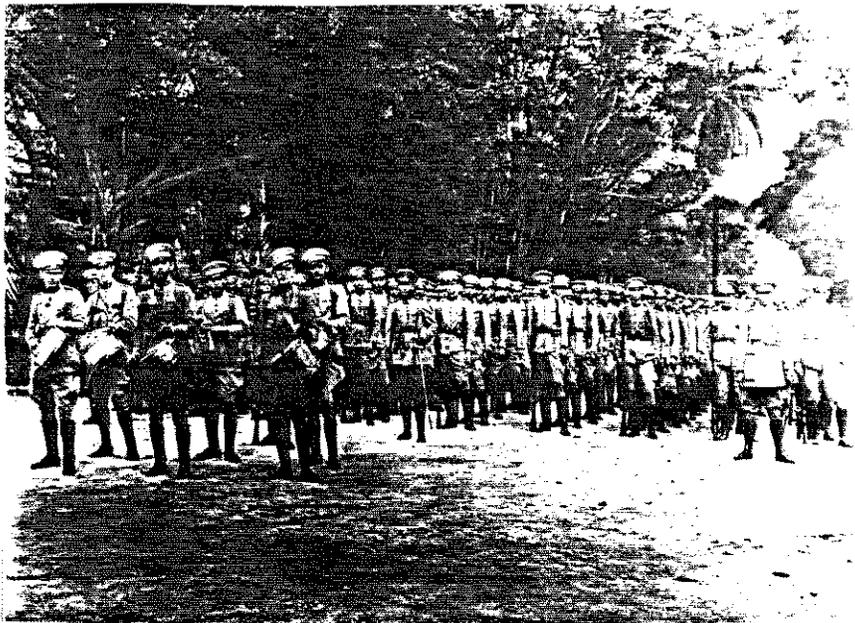
Aula de Exercícios Físicos no Grupo Escolar Delfim Moreira, reunindo meninos e meninas, em 1909. Belo Horizonte.

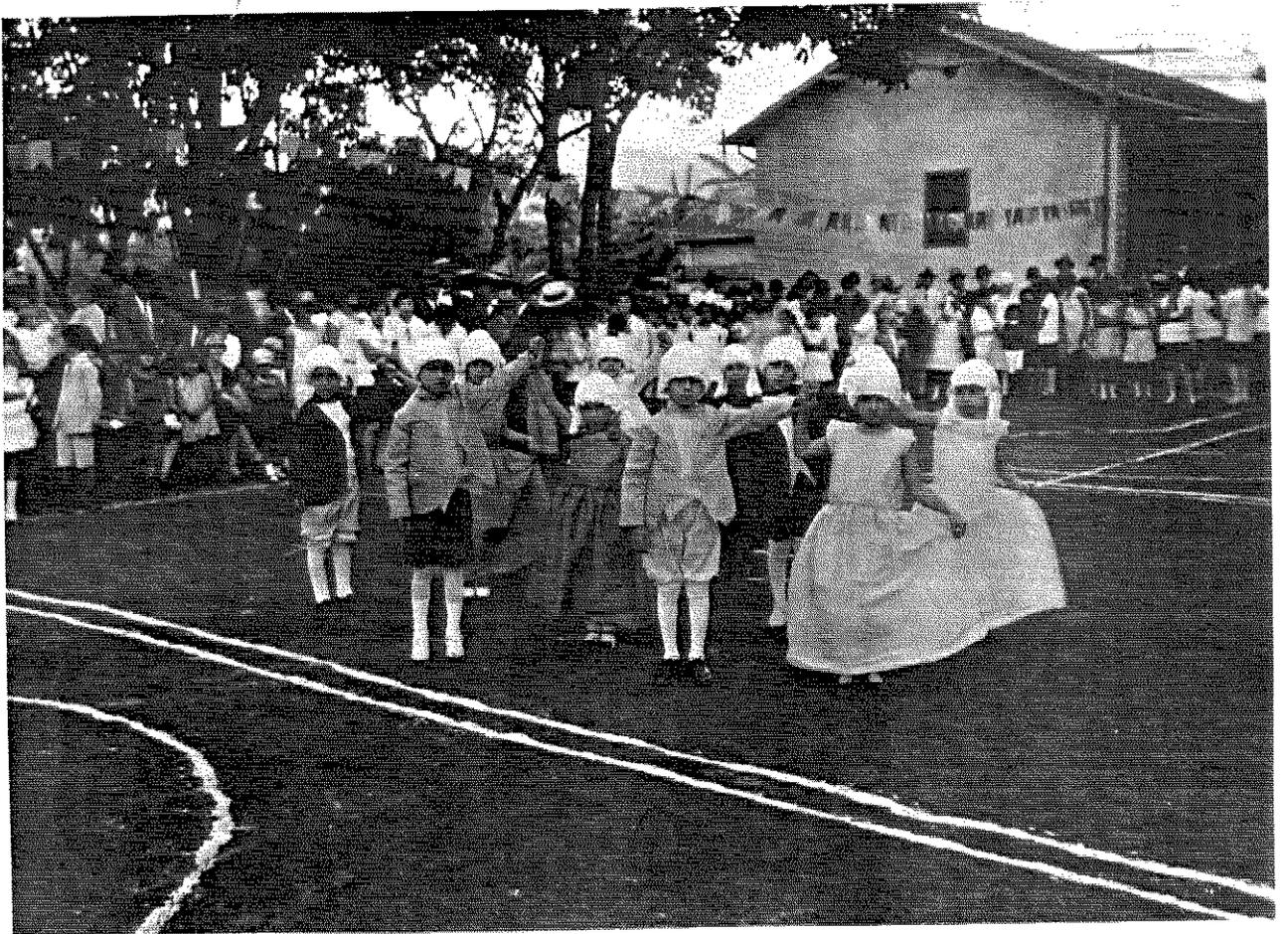
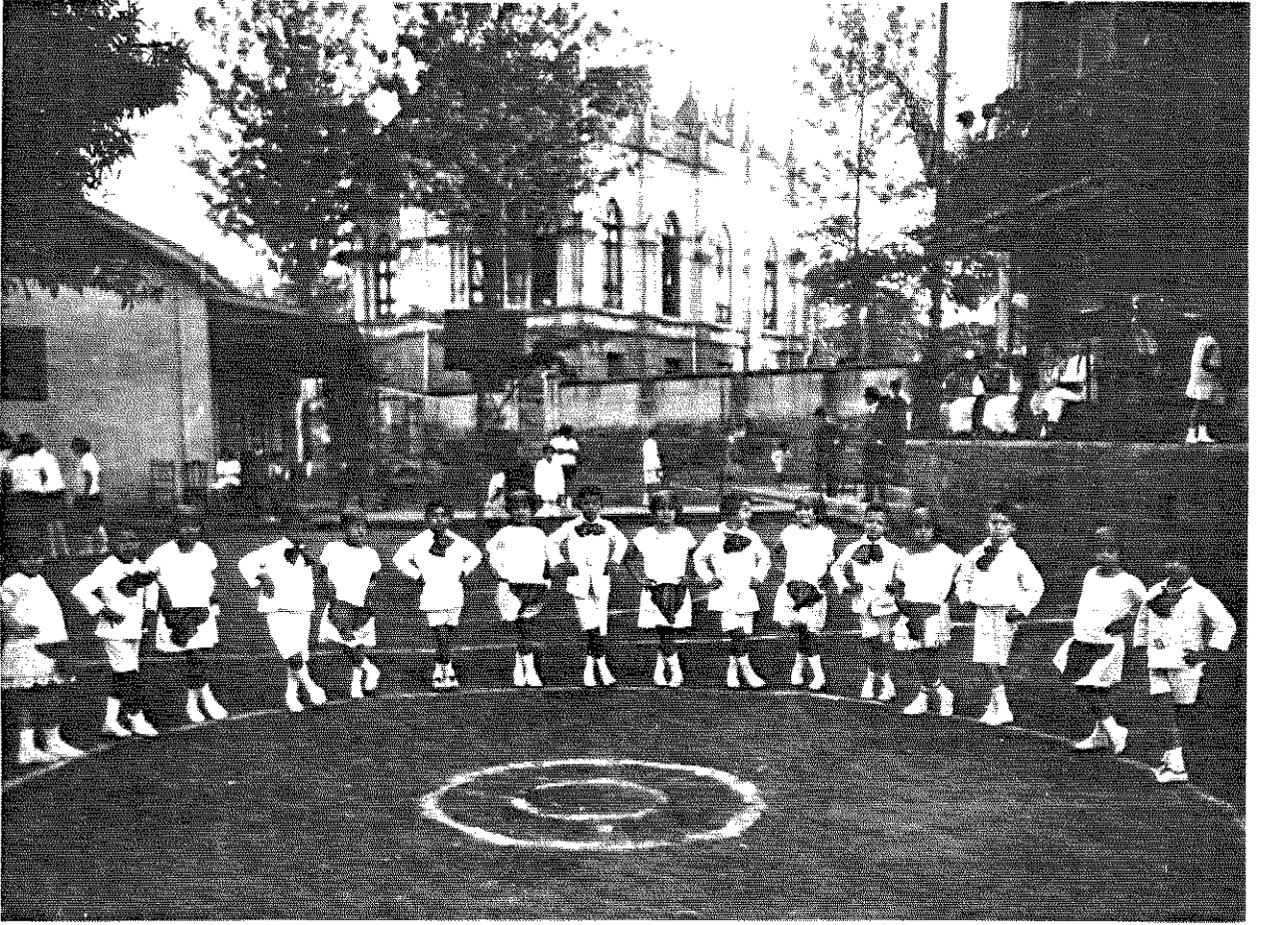




Anos 20, Belo Horizonte:

- As aulas de Ginástica das moças no Colégio Izabella Hendrix, e de Exercícios Militares dos rapazes, no Colégio Arnaldo.
- As danças de meninos e meninas, do Colégio Izabella Hendrix.





CAPÍTULO 2

RAÇA FORTE, BELA E DISCIPLINADA: UM IDEAL DOS ANOS 30 E 40

Da fundação de Belo Horizonte até o ano de 1927, o governo mineiro não atribuiu à educação escolar lugar de relevância nos projetos políticos¹.

No entanto, ao final dos anos 20, a questão escolar torna-se uma das principais preocupações do governo de Minas, motivada pela crise de legitimidade que atingiu o sistema de dominação vigente, provocada pelas modificações introduzidas no País com o avanço da indústria e pelo descontentamento de alguns setores da elite com a política protecionista defendida por cafeicultores paulistas e mineiros².

Nessa época, o Brasil vivia sob o impacto de crises - no nível do político, as divisões intra-oligárquicas e no do social, a emergência e a pressão de novos setores. Também o sistema sociopolítico enfrentava problemas novos relacionados à estrutura ocupacional e à demanda de serviços públicos, resultantes da crescente diferenciação de atividade econômica e social, bem como da concentração demográfica³. O País passava de uma dominante economia agrária exportadora para uma economia em que se combinavam - apesar dos interesses contraditórios - o bloco agrário em crise e o industrializado em ascensão⁴.

1 - PRATES, 1992.

2 - PEIXOTO, 1989.

3 - ARROYO, 1991.

4 - No entender de ROMANELLI (1986) a crise agrária foi provocada pela instabilidade do mercado internacional oriunda da Primeira Grande Guerra e pela depressão de 1929. Já com o setor industrial acontecia o inverso: a capacidade ociosa do seu parque e a impossibilidade de importação, combinados com a disponibilidade de trabalhadores e a abundância de matérias primas, motivaram um aumento significativo da produção industrial.

Essa crise era, também, vivida pelo Estado de Minas Gerais que, do ponto de vista econômico, tornava-se cada vez mais dependente dos recursos da União e, no campo social, sofria pressões das camadas populares e médias, emergentes. A educação adquiriu caráter estratégico na solução dessa crise.

Nessa perspectiva, o Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada - 1926-1930 - realizou uma reforma educacional em Minas Gerais que passou à História como Reforma Francisco Campos, em homenagem ao seu principal idealizador, o então Secretário dos Negócios do Interior do Estado, Francisco Luiz da Silva Campos⁵.

Esse governo, de característica nitidamente liberal, buscou implantar uma política modernizante em Minas Gerais, na qual a educação cumpriria importantes papéis: de um lado, atenderia às expectativas e incorporaria as reivindicações dos setores urbanos emergentes e da oligarquia dissidente, e de outro, definiria a atuação do Estado quanto à oferta e ao controle da educação, colocando, sob seu poder, um indispensável instrumento ideológico.

Por ter oficializado a co-educação na escola Primária e destacado a Educação Física nos currículos dos cursos Primário e Normal, essa reforma constituiu um fato significativo no presente estudo, pois destacou as relações de gênero, historicamente, estabelecidas no ensino da Educação Física em Belo Horizonte.

Essa reforma introduziu inúmeras mudanças nos ensinamentos Primário e Normal do Estado. A reforma do ensino Primário justificava-se, dos pontos de vista político e ideológico, pelo caráter estratégico conferido a esse ensino, enquanto instrumento de democratização social, uma vez que oferecia condições ao indivíduo de exercer o direito do voto. Além disso, buscava-se responder às demandas de parte da sociedade pela ampliação da oferta de escolas e às exigências de mão-de-obra para

⁵ - MINAS GERAIS. Decreto n. 7.970-A - 15 out. 1927. Sobre a vida e a atuação política de Francisco Campos, consultar OLIVEIRA (1991) e PEIXOTO (1987).

a indústria. A preocupação com o ensino Normal baseava-se no pressuposto de que era o professor o principal responsável pelo êxito ou fracasso da escola Primária⁶.

A Reforma Francisco Campos tinha por base as premissas de que o aperfeiçoamento individual é condição para o aperfeiçoamento social e que a organização escolar é fator decisivo no aperfeiçoamento do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade.

O modelo liberal da educação - Escola Nova - foi a base em que se inspirou essa política educacional e determinou a organização do sistema escolar mineiro, cujo ponto de partida consistia em se tornar o processo escolar tão natural quanto os de desenvolvimento e maturação da criança⁷.

A educação idealizada por essa reforma buscava adaptar o indivíduo ao modelo urbano de sociedade, que significava moralizá-lo, torná-lo disciplinado, obediente e apto a lidar com a maquinária da indústria.

O projeto de reorganização da sociedade tinha como preocupações básicas a consolidação de valores cívicos, a eugenia da raça e a disciplinarização dos homens e das mulheres, para que cumprissem seus papéis na família e no trabalho, enfim, na sociedade como um todo.

Nessa época, apesar de diferenciar os papéis sociais e as "aptidões psicológicas e profissionais" do homem e da mulher, o movimento dos "inovadores" liberais em prol da Educação Nova defendia

"a educação em commum ou coeducação, que pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais

6 - A Reforma Francisco Campos se restringiu aos cursos Primário e Normal, porque a legislação em vigor reservava à União os cursos Secundário e Superior que se destinavam à formação das elites. (PEIXOTO, 1987).

7 - SAVIANI (1985: 12) lembra que a teoria da educação denominada Escola Nova mantinha a crença no poder da escola enquanto meio de equalização social. Segundo essa teoria, o marginalizado deixa de ser o ignorante para ser o rejeitado, o não aceito pelo grupo e, através dele, pela sociedade em seu conjunto. A partir de experiências efetuadas com crianças "anormais" - sob influências de Decroly e Montessori, entre outros - pretendeu-se generalizar procedimentos pedagógicos para o conjunto do sistema escolar. Assim, esse movimento pedagógico introduziu "uma espécie de bio-psicologização da sociedade, da educação e da escola".

economica a organização da obra escolar e mais facil a sua graduação"⁸.

Para os educadores que lideraram esse movimento na Brasil, a escola deveria ser entendida como um centro de vivência em comunidade que expressasse a própria vida e o sentido democrático de oportunidades, portanto, não poderia separar o homem da mulher. Entretanto as diferenças entre as características biopsicológicas e profissionais atribuídas a cada sexo limitavam as semelhanças entre a educação de homens e a de mulheres. Por isso, entendo que a co-educação implantada, na escola pública mineira, pode ser justificada mais por razões econômicas e administrativas que por mudanças nos atributos de cada sexo, favorecedores de semelhanças entre a educação de ambos.

A oficialização da escola Primária mista em Minas Gerais foi condenada pela Igreja Católica e, por vários anos, gerou polêmica na sociedade belo-horizontina⁹.

O jornal, *O Horizonte*, periódico de propriedade da Igreja Católica mineira, não poupou espaço às críticas ao sistema misto de ensino, adotado pela Reforma Francisco Campos. Assim, afirmava em um de seus editoriais, publicado em 1928:

-
- 8 - Quanto aos liberais defensores da Educação Nova, faz-se necessário ressaltar que, apesar de professarem explicitamente um liberalismo com acentuado pendor social, não formavam um bloco homogêneo. Alguns afirmavam mais o individualismo, outros o igualitarismo e, ainda outros, posturas autoritárias. (*A RECONSTRUÇÃO...*, 1932: 49). Já em 1920, o Presidente do Estado de Minas Gerais, Artur da Silva Bernardes, determinara que todas as escolas primárias deveriam ser mistas, no entanto continuariam separadas por sexos as noturnas e as regidas por professores, e determinara, também que a implantação das escolas mistas só se efetivaria, quando se efetuasse a matrícula de todas as crianças em idade escolar. As exceções dessa lei deixam evidente que, apesar de se almejar a escola mista, existiam forças contrárias a tal medida.
- 9 - Essa contestação da Igreja católica mineira fazia parte de um movimento de reação ao processo de modernização da sociedade brasileira, na década de 20. Segundo Jackson Figueiredo, iniciador desse movimento, a crise da sociedade brasileira se devia ao avanço do liberalismo e do socialismo - doutrinas que incitavam à desordem, ao sectarismo religioso e à laicização do Estado e da sociedade. A superação dessa crise e a restauração da ordem e da paz seriam obtidas com o respeito aos princípios cristãos. O movimento católico provocou o acirramento das oposições entre o Estado e a Igreja. Segundo CURY (1988), esse movimento, liderado por um bloco homogêneo - enquanto cúpula eclesiástica e liderança leiga - filiava-se a um modelo de organização política que se aproximava, embora com importantes diferenças, do modelo corporativo em fase de implantação, na Itália de Mussolini.

"Outro **systema** não empregaram os bolshevistas na **Rússia para perverter toda a infância**. E é triste dizel-o: só depois que os russos já renegaram o seu **systema** em face dos desastrosos resultados, é que **Minas**, a terra tradicional da **honestidade e do entranhado amor aos bons costumes**, **adopta oficialmente o systema da perversão em massa das creanças!**... É triste!... Parece até um **programma**... Porque tornar **mixtas** todas as escolas **rurales**? inclusive as entregues a **professores homens**?¹⁰.

Mas, além de a educação mista ferir os bons costumes das famílias mineiras, sua condenação pela Igreja Católica fundamentava-se nos conhecimentos de uma certa Psicologia. Sobre isso, dizia o Padre A. Negromonte, em palestra proferida na Associação de professores Primários e divulgada no referido jornal:

"O problema da coeducação é também um problema de **psychologia**. [...] As questões da **pedagogia positiva particular** são dominadas pela **determinação dos tipos psychologicos**. Ha um **typo psychologico masculino** e um **typo psychologico feminino**. Estes **typos** são distintos. As observações vulgares o provam. [...] *São naturales*. São os **mesmos em todos os tempos e logares**. No **homem a lógica**; na **mulher o sentimento e a estetica**. A **mulher é assimiladora**; o **homem é constructor**. **O homem julga por princípios, a mulher pelo amor**. A **mulher é alterocentrista**, o **homem é ego-centrista**. São ordenados a se completarem"¹¹

na vida familiar e na sociedade. A vida familiar se baseia no equilíbrio entre os dois e, na vida social,

"enquanto o **homem** como **pae, esposo, filho**, se desfaz deante da sua **função profissional (jurista, medico, estadista, general)** a **mulher** apparece com suas qualidades **moraes**. Como **mãe esposa, filha**. A **sociedade não espera do homem e da mulher a mesma tarefa**"¹².

O Padre Negromonte, ao dar continuidade às suas argumentações contra a escola mista, utilizou as palavras de Jean-Jacques Rousseau, para afirmar

10 - Além da co-educação, o recreio proposto pela reforma Francisco Campos foi considerado um mecanismo de perversão das crianças, porque permitia que elas brincassem livremente. Sobre isso, dizia o editorial do O Horizonte: "Avaliem meninos creados em severa vigilância dos paes, com todo o recato, postos em contacto com outros de pessimos costumes e sem a menor vigilância! Onde irão a innocencia e a pureza de costumes dessas pobres creanças? A REFORMA..., 1928: 1. (Grifos meus).

11 - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

12 - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

que, cultivar nas mulheres, as mesmas qualidades do homem é trabalhar, visivelmente, contra elas¹³. E, com base nas diferenças biológicas, acrescentou que

"Só se poderiam educar conjuntamente meninos e meninas se as suas faculdades se desenvolvessem ao mesmo tempo; se tivessem, meninos e meninas, a mesma força e a mesma resistência à fadiga. Ora, nem as faculdades se desenvolvem ao mesmo tempo, (e portanto os interesses não podem ser os mesmos), nem têm a mesma força e a mesma resistência. Logo, não pôdem ser educados conjuntamente. Portanto a Pedagogia condena a Coeducação"¹⁴.

As características biológicas e de capacidade intelectual de cada sexo também eram utilizados como argumentos contra as turmas mistas. Segundo os conhecimentos divulgados naquela época, só aos quinze anos os meninos atingiriam os níveis de desenvolvimento corporal e intelectual das meninas, o que impossibilitaria a organização de turmas "mentalmente uniformes", originando inúmeros problemas pedagógicos¹⁵.

"Nas classes mixtas, as meninas têm as melhores notas, resultando para os meninos uma condição de inferioridade, de pessimismo, de desânimo, evidentemente prejudicial ao espírito do rapaz. Ha certo é, materias em que, em qualquer tempo, os meninos subrepujam as meninas como mathematica e physicas. Outro inconveniente é que [...] o gosto pela honra e pela emulação sendo tão mais desenvolvido nas meninas a tendencia das classes mistas é menos saber do que brilhar, e a solidez da formação intellectual passa a segundo plano"¹⁶.

13 - *Emílio ou da Educação*, livro 5, já referenciado no capítulo 1 desse estudo, é a obra de Jean-Jacques Rousseau da qual o Padre Negromonte extrafu longo trecho para fundamentar a idéia de uma educação diferente para o homem e a mulher.

14 - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

15 - É importante lembrar que, no contexto econômico e político brasileiro da década de 20, a escola passa a exercer sua função especificamente capitalista - contribuir para separar e dividir os indivíduos, para designar-lhes seu lugar na estrutura de classes. Para dar conta dessa questão, a pedagogia incorpora os conceitos da corrente ideológica do liberalismo, estruturado sob os pressupostos da democracia: oportunidades iguais para todos, aproveitamento de cada um conforme as aptidões com as quais foi dotado pela natureza. Esta formação ideológica busca justificar tais diferenças, atribuindo à natureza a responsabilidade pelo fracasso de uns e o sucesso de outros. A Psicologia Experimental se responsabilizara pela quantificação desses atributos "naturais", possibilitando a organização de turmas, supostamente, homogêneas. (CAMPOS, 1980). Também a Educação Física, desde essa época, vem se pautando na defesa da organização de turmas homogêneas em termos de aptidão física e de medidas antropométricas dos alunos e alunas, como condição essencial para a melhoria da qualidade do ensino dessa disciplina.

16 - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

As meninas obtinham as melhores notas, o que poderia ser motivo de humilhação dos rapazes mas, ao mesmo tempo, elas não demonstravam solidez na formação intelectual. Essas incoerências evidenciam que, apoderando-se do discurso da ciência, a Igreja Católica negava a capacidade intelectual da mulher e colocava o homem como portador do saber e da razão.

Apesar de a Igreja Católica de Belo Horizonte condenar e os liberais defenderem a escola destinada aos dois sexos, seus discursos se identificavam na medida em que ambos atribuíam a homens e mulheres características biopsicológicas diferenciadas, e as relacionavam diretamente com suas aptidões para o trabalho e com os seus papéis na sociedade.

Tais idéias remetem-me a Auguste Comte, quando afirmava ser impossível a superação das desigualdades sociais entre homens e mulheres, pois, inscrita nas diferenças biológicas e psicológicas, tal superação seria prejudicial às mulheres e à ordem social, porque nem o meio nem a educação os faziam diferentes, mas o tipo físico e emocional de cada sexo. Pela fragilidade de sua natureza afetiva, as mulheres deveriam renunciar às atividades do sexo "dirigente" e compreenderem que o meio doméstico era o único compatível com sua "natureza"¹⁷.

Aliás, esse não era um pensamento exclusivo de Auguste Comte, pois, como bem lembra Michelle Perrot, essas idéias constituíam marca da mentalidade européia do século XIX que se fundamentava nas descobertas da Biologia e da Medicina. Nesse sentido, a maioria dos pensadores e escritores do período atribuíam a cada sexo funções diferentes, estabelecendo limites de atuação distintos e insistindo na existência de duas "espécies" com aptidões e qualidades particulares: aos homens, o cérebro, a capacidade de decisão, a razão lúcida, a inteligência, o direito e o dever de comandar o espaço público; às mulheres, a sensibilidade, a delicadeza, os sentimentos, o mundo doméstico e o cuidado com as crianças¹⁸.

17 - CARVALHO, 1991.

18 - PERROT, 1988. p.177-178.

Mas parece ser a defesa da moral - "maior valor de um homem" - o principal motivo de a Igreja Católica condenar a escola mista. Era preciso impedir que acontecessem em Minas Gerais os efeitos nefastos que a co-educação vinha provocando na moral dos jovens dos Estados Unidos da América onde,

"Nas escolas primarias a partir de 10 ou 11 annos, cada **menina tem o seu menino, e cada menino tem a sua menina preferida**. [...] Basta escutar as **conversas** que os **rapazes e as moças** da escola secundária têm nos bondes para ver que alli se fala de outra coisa que não de algebra, de Cesar ou Tito Livio. **Palavras**, ao menos chocantes para não dizer **obscenas**, são pronunciadas em voz alta. [Além disso], varios pedagogos e psychologos notaram que a **coeducação diminue os casamentos**"¹⁹.

Era esse o ponto de vista sobre a co-educação expresso pela Igreja Católica de Belo Horizonte, e que, por sua vez, constituía-se em ressonância do pensamento oficial da Igreja, divulgado pelo Sumo Pontífice, Papa Pio XI, em Encíclica sobre a educação cristã da juventude. Afirmava ele que:

"erroneo e pernicioso à educação christã é o **methodo da coeducação** baseado tambem para muitos no naturalismo **negador do pecado original**, e ainda para todos os defensores deste methodo, sobre uma deplorável confusão de idéais que confunde a legitima convivencia humana com a **promiscuidade** e igualdade niveladora. O creador ordenou e dispôs a **convivencia perfeita dos dois sexos somente na unidade do matrimonio e gradualmente distincta na família e na sociedade**"²⁰.

Tratava-se de uma crítica explícita aos defensores da co-educação que, imbuídos dos princípios do naturalismo pedagógico, defendiam a educação física e a educação sexual, sem as bases familiares e os princípios da moral cristã. Além disso, negavam a realidade do pecado original e acreditavam que os maus instintos lutavam contra a lei do espírito.

Enfim, ocultando-se sob padrões biológicos e psicológicos tidos como naturais, portanto a-históricos, a Igreja Católica condenava a educação conjunta de

¹⁹ - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

²⁰ - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2. (Grifos meus).

homens e mulheres, buscando manter os "bons" costumes, a organização familiar e da sociedade por ela idealizados.

Todavia, apesar dos protestos da Igreja Católica, em 1927, implantou-se, oficialmente, a co-educação nas escolas Primárias públicas mineiras.

Outra marca da Reforma Francisco Campos foi o destaque à Educação Física, entendida como uma das bases para o progresso da nação, capaz de criar raças sadias e moralmente fortalecidas²¹.

Sobre as mudanças, naquela época, ocorridas na Educação Física, em Belo Horizonte, a professora Luiza Macedo se recorda de que

"O Francisco Campos deu uma reviravolta na Educação Física que era pouco valorizada pelo governo, pela escola, enfim, por todo mundo. Ele ampliou os horários destinados às aulas, que não eram mais dadas no hora do recreio.; criou cursos de especialização de professoras e equiparou os nossos salários aos dos demais professores. Além disso, criou uma inspetoria que cuidava, não só da das atividades físicas na escola, mas na cidade toda. Foi nessa época que eu vim para Belo Horizonte fazer o curso de especialização em Educação Física²².

Assim, abriu-se mais uma área na qual a mulher pôde exercer atividades profissionais e, desta vez, percebendo salários idênticos aos dos demais docentes. Além disso, o fato de uma moça do interior do Estado estudar na Capital - principalmente, para ser professora de Educação Física - significava emancipar-se da família, substituir valores e contribuir para transformações na imagem de mulher estabelecida pela sociedade belo-horizontina, naquele momento histórico. Tratava-se de um gesto de liberação da mulher da classe média, da revolução feminina possível.

Criou-se, em 1927, a Inspetoria de Educação Física à qual foram atribuídas as funções de organizar programas, horários e instruções para os(as)

21 - CURY, 1988. Na segunda metade da década de 20, inúmeras reformas de ensino, efetuadas em estados brasileiros, incluíram a Ginástica como disciplina obrigatória nos cursos Primário e Normal. Entre essas pode-se listar a de Lourenço Filho, no Ceará, (1922); Anísio Teixeira, na Bahia, (1928) e a de Carneiro Leão, no Distrito Federal,(1922-1926). Sobre tais reformas, consultar CANTARINO FILHO, (1989).

22 - MACEDO, Luiza, 1991.(História de vida).

professores(as) de Educação Física; inspecionar suas aulas; treinar docentes dessa disciplina e colaborar na organização das atividades de excursões e do escoteirismo desenvolvidas nas escolas públicas. Era também de competência da Inspetoria de Educação Física, juntamente com a Inspetoria de Higiene e Assistência Médica e Dentária Escolar, a organização de classes especiais para as crianças "mal constituídas, débeis organicos, defectivos mentaes e portadores de defeitos orthopedicos e a implantação dos parques infantis"²³.

As funções desempenhadas por essa Inspetoria evidenciavam a vinculação da Educação Física com os princípios da já mencionada Medicina higienista e, também, o compromisso com a ideologia nacionalista da época que o governo buscava difundir através de diferentes programas, dentre os quais o de Exercícios Físicos na escola Primária.

2.1 - OS EXERCÍCIOS FÍSICOS NA ESCOLA PRIMÁRIA MISTA: o destaque às diferenças das crianças

Os programas implantados pela Reforma Francisco Campos, no curso Primário, baseavam-se no pressuposto de que a escola era uma "comunidade" que ocupava um espaço intermediário entre a sociedade e a família, com a responsabilidade de fazer dos alunos - por meio da observação e da experiência - cidadãos capazes de compreender a vida da família, da sociedade e da própria escola.

Assim, a escola tornar-se-ia

"officina de aprendizagem social. Com a colaboração do professor, os alumnos irão fazer de si mesmos **cidadãos prestantes**, cumprindo desde logo seus deveres na escola, em casa e na cidade, **vivendo correctamente dentro das expansões naturais da meninice**, applicando sua actividade na aquisição de **conhecimentos**,

²³ - MINAS GERAIS. Decreto n. 7.970-A - 15 out. 1927. p.1170. A Inspetoria de Educação Física, a Técnica e a de Assistência Médica compunham a Inspetoria Geral da Instrução Pública. A criação dos parques infantis vinha de encontro ao desejo de circunscrever as crianças operárias e dispensar-lhes alimentação e educação física e atendimento médico e dentário.

fortalecendo gradualmente o **poder de atenção**, formando um **ideal**, que procurarão realizar com toda a **perseverança**"²⁴. [Enfim, essa escola teria como] **fim central, a cultura do caracter e do patriotismo**"²⁵.

E, com base no princípio de que "o corpo e o espírito devem ser objecto da mesma solícitude", porque o enfraquecimento físico provocaria o enfraquecimento moral, fazia-se necessário dar à educação do físico a mesma valoração que se dava à educação intelectual²⁶.

Do meu ponto de vista, esse princípio se identificava com a do pensamento católico, que também defendia uma educação que levasse em conta as duas realidades do homem: corpo e alma e as suas exigências correspondentes, quais sejam, a de ordem física e a de ordem moral. Como a educação integral católica não poderia separar o corpo da alma, não haveria educação física separada da educação moral e os sentidos seriam controlados pelos "bons" hábitos físicos²⁷.

Além do mais, a educação física, no curso Primário, fundamentava-se no pressuposto escolanovista de que ela, aliada à higiene, tornara-se imprescindível à produção econômica e à elevação do nível de formação intelectual e moral dos educandos.

Inspirados no lema "Aperfeiçoe o physico e robustecei-o! Lançae mão do exercicio!" - adotado, naquela época, em países como a Suécia, França e os Estados Unidos - os Exercícios Físicos tinham por objetivo formar uma **juventude**

"sã, forte, vigorosa e numa harmoniosa perfeição intellectual e physica. A educação physica traz benefícios, não só de ordem individual, como também de ordem social e nacional. Para a educação do corpo, a gymnastica é, sem duvida, o agente poderoso; concorrendo para seu desenvolvimento, torna-o sadio, bello e forte, suggerindo ao espirito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade"²⁸.

24 - MINAS GERAIS. Decreto n.8.094 - 22 dez. 1927. p.1557.

25 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez. 1927. p.1563.

26 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez. 1927. p.1737.

27 - CURY, 1988. p.56.

28 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez. 1927. p. 1737. (Grifos meus).

Assim, são dados à Educação Física os papéis de formar homens e mulheres equilibrados e auto-suficientes e os de colaborar no aperfeiçoamento eugênico da raça.

A eugenia se impunha, uma vez que se idealizava construir uma sociedade sem desvios sociais e questionamentos da moral e da ordem dominantes. Fundada na crença de que a disciplina da vontade é conseqüência da disciplina do corpo, a eugenia vê, nele, um elemento produtor e transmissor de moralidade.

Acentuava-se, então, o interesse do governo mineiro pela eugenia que vinha, há alguns anos, sendo entendida como uma das vias de solução dos problemas educacionais do Estado.

"Eugenia, conforme indica a etimologia do próprio vocábulo, é a ciência da boa geração. Modernamente, o homem vem cuidando de aperfeiçoar a própria espécie, valendo-se dos conhecimentos que possui das leis da hereditariedade, e procurando influir na formação física, mental e moral dos indivíduos. É sabido que a formação da criança depende, em grande parte, de três condições: [...] a hereditariedade, a saúde dos pais no momento da concepção, a saúde da genitora durante a gestão. Nós juntaríamos ainda: o modo de ser orientada durante toda a sua infância e juventude"²⁹.

O programa de ensino de Exercícios Físicos determinado pela Reforma Francisco Campos destacava, como suas finalidades, o desenvolvimento corporal e a educação do sistema nervoso. Além disso, no primeiro ano do curso, buscava habituar o aluno à "attitude correcta", a desenvolver seu instinto de imitação e imaginação, assim como formar hábitos de "sociabilidade e cortezia". Nos demais anos buscava-se, ainda, formar

²⁹ - TORRES, 1938. p.49.(Grifos meus). Em obra intitulada *Educação Physica Feminina*, RANGEL SOBRINHO (1930: 444-45) lembrava que a eugenia - praticada, inicialmente, pelos habitantes da Hellade - no conceito de Galton, seu criador, visava a formar uma raça forte capaz de vencer as mais fracas. Seus elementos essenciais eram "a seleção inicial" e a educação das mães. Lembrava, ainda, que a esterilização eugênica dos degenerados era, nas últimas décadas, praticada na Europa e na América do Norte, com absoluto êxito, impedindo que se aumentasse o número de "infelizes".

"habitos de dextreza, de vigilância, de julgamento e outras qualidades moraes, indispensáveis na vida pratica"³⁰.

Como prescrito na legislação, os Exercícios Físicos feitos na escola Primária pública - de preferência ao ar livre - deveriam consistir de marchas, corridas, movimentos dos dedos, das mãos, dos braços, das pernas e de "jogos imitativos do cultivador e do operário, sempre acompanhados de cantos"³¹.

A associação da ginástica ao canto fundamentava-se na crença de que, juntos, seriam capazes, não só de favorecer a saúde do corpo, mas também de fortalecer o caráter, desenvolver a força de vontade e, ainda, o sentimento de nacionalidade³².

Estava, pois, evidente que se idealizava uma formação física atrelada à moral e à higiene, capaz de preparar futuros trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, o fato de se obrigar as crianças a executarem atividades de marcha e de ginástica - durante dois terços do tempo de aula de Exercícios Físicos - mostra que essa disciplina curricular propunha objetivos que visavam, não só ao desenvolvimento físico mas, principalmente, à disciplina, à ordem e ao despertar do sentido de corporação.

Apesar de a escola Primária ter adotado a co-educação e estabelecido que haveria um só programa para ambos os sexos, a disciplina - Exercícios Físicos - continuava, explicitamente, separando os meninos das meninas.

Assim, o programa dessa disciplina determinava que se ensinasse, apenas às meninas, ginástica rítmica, atividade tida como a mais apropriada para a mulher, porque

30 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez. 1927. p.1738.

31 - MINAS GERAIS. Decreto n. 7.970-A - 15 out. 1927. p.1212.

32 - BONETTA, 1990. p.193.

"a **gymnastica em geral**, embora útil à mulher, compromete, até certo ponto, a sua beleza corporal, **afeia e engrossa as massas musculares**, dando-lhes relevos pouco harmoniosos. A **gymnastica rythmica**,[...] não tem [essas desvantagens]. Faz o corpo forte, fazendo-o, porém, principalmente bello. Seu fim principal é conservar a **belleza e a força**, conservando a juventude do corpo. Empresta ao andar um rytmo perfeito... É a **gymnastica ideal para as mulheres**"³³.

A separação dos sexos nas atividades tornava-se evidente no programa do quarto ano do curso, o qual determinava que a "interpretação por meio de gestos e atitudes, da emoção provocada pela música" fosse atividade exclusiva das meninas, enquanto as evoluções militares seriam executadas apenas pelos meninos³⁴.

Certamente, tal determinação fundamentava-se na crença de que, somente aos oito anos, as crianças tornavam-se sexuadas. Além disso, ela mostrava que a co-educação na escola Primária não alterou as simbologias da mulher - como um ser dotado de fragilidade e emoções - e do homem - como um ser dotado de força e razão - qualidades essas que, quando da implantação dos Exercícios Físicos na escola Primária mineira, estabeleciam que, enquanto os meninos marcharem ao sol, as meninas executariam suaves movimentos, à sombra.

Na lembrança da professora Ana Otero Bedran - aluna do Primário no final dos anos 20 - essa diferenciação entre as atividades dos meninos e das meninas se constituía em um ideal da lei e concretizava-se na escola.

*"Eu cursei o Primário no Grupo Escolar Barão de Macaúbas. Lá nós fazíamos ginástica todos os dias, com a professora da classe, porque não havia a especializada. Nós dançávamos também, mas só as meninas, porque os meninos não se interessavam por esse tipo de coisa, não"*³⁵.

O programa de Exercícios Físicos estabelecido pela reforma Francisco Campos mostra que, em termos de conteúdos e métodos, o ensino dessa disciplina se assemelhava ao ministrado até aquela época, na medida em que destacava as atividades de marcha e a ginástica comandada, demonstradas pela professora e repetidas

33 - A GYMNASTICA rythmica..., 1927. p.433. (Grifos meus).

34 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez. 1927. p.1.787.

35 - BEDRAN, Ana, 1994. Depoimento.

pelos alunos e alunas. Assim, buscava-se a disciplina imposta e não a disciplina sob "liberdade", idealizada pela pedagogia escolanovista. A ginástica continuava sendo entendida como meio de integração social e uniformidade de corpos por sexo.

A idéia de liberdade remete ao jogo que, por recomendações escolanovistas, passa a se constituir em importante conteúdo das aulas de Exercícios Físicos.

O jogo, na sua essência lúdica, representa a experiência da atividade livre movida pelos desejos de quem joga. Nessa vivência do imprevisível "a priori", os jogadores definem o alcance, as condições e a finalidade do jogo, escolhem seus riscos, decidem o que fazer, quando fazer, quanto fazer, onde e como brincar. Há o respeito ao outro, a liderança legitimada pelo grupo que joga e regras necessárias à organização das jogadas. O prazer e a alegria coroam o esforço dessa aventura³⁶.

Entretanto, a escola se apropriara do sentido lúdico do jogo, transformando seus significados de modo a torná-lo a

"mais natural forma do exercício, no melhor meio de pôr a creança em actividade physica. Quando applicado sem exaggero, com o correctivo da gymnastica sueca, contribue para crear a decisão, a energia, a vontade, a disciplina no domínio do character. As creanças que se dedicarem aos jogos terão superioridade, quer physica, quer moral. sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina³⁷.

Sob esses aspectos, corpo e jogo tornaram-se instrumento de inculcação simbólica de valores, alvos e objetos do poder manipulável para esquemas de docilidades necessárias tanto ao aumento das forças produtivas - gestos eficientes e prazerosos alargam a produtividade, quanto meio de obtenção de lucros políticos - um corpo obediente aumenta a possibilidade de controle social³⁸.

³⁶ - PINTO (1994) analisa as características lúdicas do jogo a partir do clássico estudo de Huizinga - *Homo Ludens* - , publicado, primeiramente, na Europa em 1938.

³⁷ - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 22 dez. 1927. p.1.739. (Grifos meus).

³⁸ - PINTO, 1994.

Mas, apesar de a legislação atribuir todos esses valores ao jogo, em Belo Horizonte, sua introdução na escola foi reprovada por famílias que diziam mandarem seus filhos à escola para aprender e não para brincar, o que já faziam, suficientemente, em suas casas. Alegavam, ainda, que o jogo se constituía em um vício terrível e bastante arraigado, para que a escola se incumbisse de desenvolver nas crianças o gosto pela sua prática³⁹.

Dessa maneira, o jogo não satisfazia à manobra moral das famílias, pois se opunha ao trabalho sério e, além disso, como prescrito pelo catolicismo, os distanciava as pessoas de Deus.

Por outro lado, a escola inspirada, principalmente em Claparède e Decroly, exaltava os valores educativos do jogo e defendia a introdução do mesmo na educação das crianças, com a justificativa de que, apesar de não estarem diretamente relacionados aos ofícios do adulto, preparavam-nos para tal, ao desenvolverem a capacidade física, a observação, a vivacidade, a força de vontade e o amor próprio⁴⁰.

Assim, esses pedagogos viam no jogo um meio eficiente de se repassarem valores necessários ao mundo do trabalho capitalista e liberal, como manobra para a moral do trabalho.

A própria lei se incumbia de mostrar que as aulas de Exercícios Físicos, "bem organizadas e dirigidas" tornar-se-iam um forte elemento disciplinador para o trabalho, porque,

39 - É possível inferir que as famílias belo-horizontinas, ao reprovarem o jogo na escola, adotavam valores da moral cristã. Segundo a tradição eclesiástica, o homem é submisso a um caminho previamente determinado por Deus. Contra essa decisão, ele não tem capacidade de fazer outra escolha, a não ser que se torne cúmplice da divindade. Assim, os jogos "de fortuna ou azar" eram divertimentos condenados, na medida em que poderiam favorecer a subversão do que se encontra, antecipadamente, definido, expondo o homem à perigosa aventura do imprevisível ou do inexplicável. Além disso, esses jogos eram considerados um tempo perdido, um meio de reduzir a capacidade de os homens cumprirem seus deveres e de consumirem as energias indispensáveis ao trabalho. (CRESPO, 1990).

40 - FAGUNDES, 1934. PASTOR, 1935.

"Naqueles seus brinquedos, que equivalem a trabalho, o menino mostra-se perfeitamente disciplinado, concentrando toda a sua atenção, como operário diligente, às vezes como inventor admirável⁴¹.

O brinquedo tornava-se, dessa maneira, não só meio de disciplinar os corpos, mas de se prever a definição de funções no trabalho - manual ou intelectual.

Todavia o jogo vinha trazendo para a escola

"embaraços muito sérios, seja pela quebra de disciplina e liberdade de atitudes, que provoca, seja pela rivalidade que costuma estabelecer entre classes e não raro entre os alunos da mesma classe"⁴².

Por isso, a Revista de Ensino se encarregou de orientar os professores no sentido de evitarem a indisciplina e os conflitos entre as crianças, e de criarem condições para que os jogos se desenvolvessem em "plena harmonia". Assim, estariam contribuindo para a manutenção da ordem na escola e na sociedade como um todo.

Entretanto, a escola não percebia que, como aponta Nelson Carvalho Marcellino, a experiência de brincar produz efeitos revolucionários à medida que cria oportunidades de denúncias do contexto e de resistência às normas estabelecidas⁴³.

Um estudante de uma escola Primária pública naquela época se recorda de que:

"nas aulas de ginástica, a gente aprendia alguns jogos. Eram aqueles que tínhamos que ficar sempre em fila e obedecer o apito da professora, mas a gente gostava"⁴⁴.

Os jogos eram ensinados sob normas rígidas, impostas pela professora, bem como pela própria estrutura do jogo. No entanto, se comparados com as normas disciplinares da escola como um todo, não estavam totalmente destituídos de

41 - MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 - 22 dez 1927. p.1737

42 - FAGUNDES, 1934. p. 61.

43 - MARCELLINO, 1990.

44 - AVELAR, 1991. Depoimento

seu caráter lúdico, responsável pelo interesse das crianças em se experimentar enquanto corpo - considerando sua globalidade de fazer, sentir e pensar.

Na disputas dos jogos, as filas eram organizadas por sexo:

*"uma fila das meninas e a outra dos meninos. Quando nos conseguíamos ganhar deles dava muita confusão, porque eles não queriam perder. Mas, quase sempre eles ganhavam, pois naquela época menina não tinha costume de brincar de bola nem de correr. As mães não deixavam, porque se não a gente era mal vista pelas outras famílias"*⁴⁵.

Assim, o jogo introduzido na escola mista tornava-se, para essa instituição, mais um instrumento de diferenciação e hierarquização dos sexos. E, apesar de se estabelecer a competição entre ambos, o que poderia significar igualdade de condições, reforçava-se as diferenças entre os atributos de cada sexo e a inferioridade das mulheres em relação aos homens.

Esse fato remete-me, novamente, a Rousseau e ao seu pensamento de que o homem é um ser ativo e forte e a mulher passiva e fraca. Ele se impõe pela simples razão de ser forte e ela agrada pela fraqueza e pelo encanto. E, "se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, deve tornar-se agradável ao homem em vez de provocá-lo"⁴⁶. Assim, um menino, derrotado por uma menina, tornar-se-ia um fraco, ou seja, perderia seu poder perante o sexo oposto.

Para promover o alcance desse ideal, a Educação Física aumentou o tempo de atividades livres - sob a forma de jogos. Sob o rótulo da liberdade e da sociabilização, eles passaram a ser os instrumentos de disciplina, de ordem e de competição em harmonia, tidos como necessários à nação, naquele momento histórico.

O interesse, a disciplina e a ordem eram os indicativos a serem observados pela professora na separação ou no agrupamento de meninos e meninas, durante as aulas de Educação Física. Enquanto os meninos se interessavam pelos

⁴⁵ - SILVA, Iracema, 1992. Depoimento.

⁴⁶ - ROUSSEAU, 1973. p. 415.

"jogos de força, de persistência, de combatividade, em suma, de virilidade", as **meninas gostavam** daqueles que lhes davam graça, que eram delicados, que educavam o gesto e o andar. Essas eram as recomendações de Nicanor Miranda sobre os "jogos co-educativos" na escola, em obra premiada pelo governo federal, nos anos 40.

Entretanto, desde aquela época, o referido autor alertava as professoras, para que não fossem rigorosas na escolha dos jogos a serem ensinados às meninas

"com receio de que sejam brutais, violentos ou de choque. A menina não está ainda em idade de apurar os gestos, a atitude, os movimentos a ponto de poder ficar deselegante e desgraciosa. Incentivamos o mais possível a dança e o bailado para as meninas porque essas atividades é que contribuem, de forma especial, para a educação da graça feminina, para a beleza da mulher⁴⁷.

Ao destacar os efeitos nocivos dos jogos considerados violentos sobre a educação da menina, afirmava-se que eles seriam capazes de tornar a mulher deselegante e desgraciosa, portanto seria melhor que continuasse a praticar a dança e os movimentos suaves, o que lhe garantiria beleza e elegância, atributos dispensáveis ao homem.

Uma justificativa de tal diferença pode ser encontrada na própria denominação dos jogos indicados para cada sexo. Os masculinos eram apresentados num rol de quarenta e oito e denominados de: **briga de galo, carrinho de mão, combate de travesseiros, corrida a cavalo, defender a cadeira, levar o porco à feira, luta de caranguejos, submarino, tomar a fortaleza, voadores...** Enquanto isso, os indicados para o sexo feminino - em número de oito - recebiam denominações tais como: **lenço atrás, passagem da pedrinha e samaritanas⁴⁸.**

Assim, as diferenças entre os jogos oferecidos a cada sexo não só se restringiam ao aspecto quantitativo, mas estavam expressas na qualidade dos

⁴⁷ - MIRANDA, 1991. p.80-81.

⁴⁸ - MIRANDA, 1991. p.275-276. (Grifos meus).

movimentos exigidos: dos meninos, os mais violentos; das meninas, os mais suaves. Tratava-se de uma relação direta entre os atributos dos homens e das mulheres e os papéis sociais a eles designados. Claparède já afirmava que os jogos infantis eram capazes de preparar o terreno onde frutificariam as ocupações do futuro adulto⁴⁹.

A estreita relação entre a Educação Física e o trabalho foi também explicitada por professores de Belo Horizonte que pretendiam, inclusive, a substituição das atividades de ginástica por trabalhos manuais. Nada mais significativo, nesse sentido, do que estas palavras do professor Manoel Penna, escritas em 1933, na Revista do Ensino:

"O trabalho manual em madeira [...] é considerado como uma ginástica capaz de substituir vantajosamente a que se faz em aparelhos, aproveitando-se, deste modo, toda a energia muscular desperdiçada na prática da ginastica propriamente dita. E a prova da excelência da ginastica do trabalho encontra-se bem patente na robustez, saúde e força que se notam na classe dos homens que se ocupam em serviços para os quais se emprega a energia muscular. Que belo e útil não seria se a aparelhagem esportiva de hoje fosse substituída pelas ferramentas produtivas!"⁵⁰.

Pensava-se, pois, uma Educação Física que preparasse para o trabalho, totalmente desvinculada da sua dimensão lúdica.

Essa disciplina curricular estava incumbida, não só de preparar homens e mulheres para o mundo do trabalho, mas também, para que cumprissem, com êxito, seus papéis na família. Aos homens, a saúde, a força, a coragem e a disciplina, atributos necessários ao cumprimento dos seus deveres como provedores da família. Às mulheres, a saúde, a disciplina e a beleza, que as tornariam capazes de gerar uma raça forte, de educar seus filhos, de executar as tarefas domésticas e, ainda, de "encantar" pela graciosidade.

Além de educar homens e mulheres para suas funções no trabalho e no lar, entendia-se que a Educação Física no ensino Primário dever-se-ia incumbir de

⁴⁹ - PASTOR, 1935.

⁵⁰ - PENNA, 1933. p.21. (Grifos meus).

despertar, em ambos os sexos, o interesse pelos deveres para com a nação e de transmitir-lhes conhecimentos básicos sobre assuntos militares: o menino se prepararia para ser um futuro soldado e a menina, para colaborar em atividades como as de enfermagem, nos eventuais movimentos de defesa da Pátria. Ambos necessitavam aliar a disciplina à saúde e à higiene⁵¹.

O interventor federal em Minas Gérias, Benedicto Valladares Ribeiro, intensificou, a partir de 1934, a ação do Estado sobre a Educação Física nas escolas Primárias públicas de Belo Horizonte, criando novos espaços físicos para o ensino dessa disciplina; ampliando seus horários; detalhando seus objetivos e suas atividades; estabelecendo uniformes para alunos e alunas e "homogeneizando" as turmas.

Essas normas, em sua maioria, concretizavam a política implantada por Francisco Campos, em 1927. No entanto mostrava, como características próprias, um maior rigor na "homogeneização" de turmas, expressa no uso dos uniformes e na organização de turmas através de testes que buscavam controlar fatores biopsicológicos tidos como intervenientes no processo de aprendizagem.

Esse processo de homogeneização correspondia ao desejo de se criar um tipo racial brasileiro, racionalmente homogêneo e acabado, uma vez que se estabelecia uma relação direta entre raça e Nação constituída. Desta maneira, a Educação Física "higienista, preocupada com a saúde, perde terreno para a Educação Física Militarista" que subverte o próprio conceito de saúde, pois a saúde dos indivíduos e a saúde pública são relegadas em detrimento da "saúde da Pátria"⁵². Um corpo higienizado e eugenizado era percebido como instrumento de transformação social, de importância crucial numa sociedade que se vê somatizada⁵³.

⁵¹ - BRASIL. Decreto-Lei n.2.072 - 8 mar.1940. Essa legislação organizou uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira que passou a cuidar da educação física, moral e cívica das crianças e jovens do País.

⁵² - GHIRALDELLI JÚNIOR, 1988. p.26-27.

⁵³ - LENHARO, 1986.

Todavia não se tratava de massificar um só corpo, pois existiam dois: um masculino e um feminino. Suas diferenças vinham explicitadas, até mesmo, no comprimento das mangas das blusas, dos calções e das meias, sempre mais longo para as mulheres. Essas normas se faziam necessárias para garantir o pudor e o recato na mulher: "interioridade, silêncio, fonte selada, jardim fechado". Todavia ao homem - "força, majestade, poder"- exigia-se maior exposição do corpo⁵⁴.

Para que, no futuro, as crianças cumprissem, a contento, seus papéis no trabalho, na família e na defesa da Pátria, a Educação Física ministrada no curso Primário, deveria torná-las sadias, auto-confiantes, disciplinadas, criativas e perseverantes em suas funções - qualidades essenciais aos dois sexos.

Talvez por isso, nem tudo nas aulas de Educação Física distinguiu o sexo, pois, na ginástica historiada⁵⁵, meninos e meninas executavam gestos semelhantes, ao imitar personagens de histórias narradas pela professora. Também homens e mulheres marchavam em cadência e postura militares, resolutas e belas.

2.2 - HOMEM FORTE E RESOLUTO, MULHER SAUDÁVEL E BELA: a Educação Física no Ensino Secundário e no Normal

Em Belo Horizonte, até o final dos do anos 20, a educação revelou-se altamente seletiva para ambos os sexos, entretanto, a escolha de alunos para os diversos graus de ensino era mais rigorosa, quando se tratava do sexo feminino. As barreiras - sociais, culturais e econômicas - à escolarização das mulheres manifesta-

⁵⁴ - MACHADO, 1952. p.2.

⁵⁵ - A ginástica historiada foi adaptada por professoras de Escola Normal de Belo Horizonte como forma de desenvolver a espontaneidade e a expressão das crianças, como prescrevia o escolanovismo. Todavia, como se fundamentava no Método Francês, originário do meio militar e obrigatório em todas as escolas brasileiras a partir de 1931, acabou por limitar os movimentos das crianças àqueles demonstrados pela professora. Ginástica historiada foi o tema do primeiro livro escrito sobre Educação Física, na capital mineira. Essa obra, primeira do gênero no País, escrita pela professora Guiomar Meirelles Becker, classificou-se como o melhor trabalho de pedagogia aplicada à Educação Física, em concurso promovido pelo Ministério de Educação e Saúde, em 1941. (BECKER, 1942). Sobre o Método Francês, consultar GOELLNER (1992).

vam-se desde o ensino Primário, ampliavam-se no Secundário e assumiam proporções radicais no ensino Superior⁵⁶.

As diferenças entre o ensino ministrado aos rapazes e às moças estavam explícitas, não só na separação de espaços - escola específicas para cada sexo - mas no currículo, como um todo. Enquanto os homens, em geral, cursavam o Secundário no Ginásio Mineiro e em Colégios masculinos, as mulheres freqüentavam a Escola Normal e os colégios femininos, na sua maioria, de orientação católica. Enquanto os educandários masculinos adotavam currículos que visavam a uma formação humanista e clássica - básica para o ingresso nos cursos Superiores que os habilitariam às profissões liberais - os femininos buscavam a formação da professora, da dona de casa e da mãe⁵⁷.

Uma exceção fazia-se para moças da elite belo-horizontina que cursavam o Secundário no Colégio Santa Maria, instituição que, por influência do governo mineiro e da Igreja Católica, foi implantada na Capital mineira no início do atual século. Nos moldes da cultura francesa, a educação dessas mulheres distinguiu-se das outras, uma vez que não tinha por finalidade formar professoras nem preparar as moças para o curso superior, mas

"reproduzir através de matrizes [...], futuras donas-de-casa, mães-de-família, a ideologia da classe dominante, da qual faziam parte⁵⁸.

E, como membros da alta sociedade, elas deviam estar preparadas para freqüentar os salões de festas e outros eventos da sua classe social, o que lhes exigia uma sólida formação intelectual, moral e, até mesmo, a aquisição de atitudes e gestos corporais oriundos da burguesia francesa.

56 - Até o final dos anos 20, Belo Horizonte possuía os cursos Superiores de Direito, Medicina, Farmácia, Engenharia, Odontologia, Agronomia e Veterinária. (PACHECO, 1947).

57 - No entanto é necessário lembrar que a separação dos sexos na escola Secundária e a limitação imposta à mulher no acesso aos estudos não eram exclusividades do ensino mineiro, pois Epiácio Pessoa - em 1901 - ao mesmo tempo que facultou a matrícula "de indivíduos do sexo feminino" no Curso Superior, determinou que, para esses, haveria aulas em lugar separado do sexo masculino. BRASIL. Decreto n.31.761 - 12 nov. 1952.

58 - HADDAD, SANTOS, 1992. p.87.

Uma ex-aluna da Escola Normal da capital, a única pública de Belo Horizonte, contou que sua

"família era aristocrata. Eu escandalizei todo mundo porque quis estudar na Escola Normal. Minhas irmãs estudavam no Santa Maria. Como na Escola Normal tinham alunas de todos os níveis, minha família dizia que todas eram gatinha. Havia uma separação de classe tremenda. Eu convivia com filhas de operários, soldados, sargentos da polícia. Mas, apesar de haver predominância de classes menos favorecidas, estudavam lá as filhas do governador. Outra diferença é que muitas de nós estudávamos para ser professoras, trabalhar fora de casa, e elas, para ser madames⁵⁹.

Em síntese, o ensino Secundário representava para os homens uma forma de acesso ao curso Superior e para as mulheres da elite, a preparação para suas funções de mãe e esposa. Por outro lado, o ensino Normal conciliava o preparo das mulheres para essas funções com as de professora primária, profissão considerada a continuação de suas atividades domésticas.

Mas, nos anos 30, as transformações econômicas no País e a expansão da classe média ocasionaram mudanças nos comportamentos e nas mentalidades desse grupo social emergente, receptivo às idéias vigentes na Europa e nos Estados Unidos. O desenvolvimento urbano enfraqueceu o modelo de família patriarcal originário do meio rural, diminuiu o sentido de dependência da mulher em relação ao marido, fez com que ela passasse a participar da política, através do direito ao voto, e a exercer atividades fora do lar⁶⁰.

No entanto assistiu-se à manifestação cerrada de vozes exigindo da mulher sua volta ao lar, pois o trabalho feminino fora dele era acusado de dissolver a unidade moral da família. À mulher concedia-se atributos tais como a timidez, menos lógica, mais subjetiva, embora tão inteligente quanto o homem⁶¹. Estava ela, pois, incumbida de acompanhar, com detalhes, os movimentos da vida familiar,

⁵⁹ - MEIMBERG, Lisete, 1992. Depoimento.

⁶⁰ - AZZI, 1993.

⁶¹ - LENHARO, 1986.

controlar os horários e seus gestos, prevenindo, assim, comportamentos desviantes dos filhos e do marido⁶².

Apesar dessas manifestações, as mudanças ocorridas, naquela época, contribuíram para que algumas mulheres ingressassem no Ginásio Mineiro, até então, reduto masculino, o que não significou que ambos os sexos passassem a receber a mesma educação.

Sobre isso, o dr. Saad Bedran, ex-aluno desse educandário no início dos anos 30, recordou-se de que

"o Ginásio Mineiro era misto, mas eram poucas as alunas. Era rapaz de um lado, moça do outro⁶³. Os recreios eram separados e para as aulas de Educação Física havia professor para nós e professora, para elas⁶⁴.

Em estudo sobre o ingresso das mulheres no ginásios brasileiros, Tírsa Regazzini Peres, concluiu que essa foi uma solução encontrada para a educação feminina, uma vez que, no anos 20, os cursos Normais, preocupados com a profissionalização para o ensino Primário, deixaram de se comprometer com a formação geral da mulher⁶⁵.

A idéia de organizar ginásios comuns a ambos os sexos, com "educação doméstica" para as moças e "trabalhos manuais" para os rapazes foi legalizada, em nível nacional, pela reforma do ensino Secundário, efetuada por Francisco Campos, em 1931. É importante salientar que essa reforma, apesar de manter a concepção liberal de educação que, desde os seus primórdios, vinha marcando esse ensino no Brasil, foi capaz de remodelar sua estrutura e suas características de ensino. Esse passou de, apenas, preparatório para o Superior para

62 - RAGO, 1984.

63 - BEDRAN, Saad, 1994. Depoimento

64 - DUTRA, 1992. História de vida.

65 - PERES, 1979.

um "caracter eminentemente educativo" que lhe permitiria "formar o jovem para todos os setores da vida nacional"⁶⁶.

Assim, além de manter o caráter propedêutico, esse ensino buscou maior aproximação com as ciências e o mundo do trabalho⁶⁷.

Com isso, o ensino Secundário, ministrado em Belo Horizonte e regido por normas nacionais, deixou suas feições tipicamente literária e humanística, para ter como destaques as ciências físicas, químicas e a Educação física.

"De 1930 a nossos dias, acentuou-se, cada vez mais, a preocupação com as coisas de ordem material e prosaica, sofrendo o ensino secundário em Belo Horizonte a influência dessa crise, que não é nossa, mas de todo o mundo civilizado,

comentava o ex-professor do Ginásio Mineiro, Artur Versiani Veloso, em 1947⁶⁸.

Em termos de escolas públicas, se a algumas mulheres permitiu-se o ingresso no Ginásio Mineiro- que, nessa época, era denominado Colégio Estadual de Minas Gerais - a Escola Normal da capital continuou a atender somente ao sexo feminino, o que mostra caber à mulher a educação de crianças no lar e na escola.

Quanto aos educandários religiosos, por várias décadas, continuaram a separar, especialmente, os dois sexos, apesar de várias dessas instituições terem criado o curso Ginásial⁶⁹.

A Igreja Católica de Belo Horizonte manifestava interesse político pelo ensino Normal, destinado, por excelência, ao sexo feminino, pois a mulher ocupava importante papel em seu programa de recristianização da sociedade, enquanto principal responsável pela educação das crianças e equilíbrio da família⁷⁰.

⁶⁶ - CAMPOS, 1940. p.47.

⁶⁷ - BRASIL. Decreto n. 19.890 - 18 abr. 1931. BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244 - 9 abr. 1942.

⁶⁸ - VELOSO, 1947. p.148.

⁶⁹ - SANTOS, 1947.

⁷⁰ - Essas idéias podem ser lidas numa série de artigos publicadas pelo jornal *O Horizonte*, no início do ano de 1928, os quais tecem severas críticas à reforma do ensino Normal, efetuada por Francisco Campos.

Torna-se importante ressaltar que, na época, a posição da Igreja, em prol da manutenção da família numa estrutura conservadora, tinha como meta específica a manutenção da ordem social, contra inovações de cunho liberal ou socialista.

"Ao insistir na tradicional ética familiar e sexual, a hierarquia eclesiástica desejava efetivamente construir um dique que se opusesse às mudanças socio-culturais no país, consideradas pelos prelados como portadoras de desordem e da anarquia social"⁷¹.

Como uma instituição marcadamente masculina, na qual as mulheres - inclusive as religiosas - atuavam na dependência da hierarquia sacerdotal, a Igreja Católica apresentava dificuldades para o reconhecimento dos direitos reivindicados pelos movimentos feministas.

Na época, a Igreja Católica de Belo Horizonte e do Brasil, como regra geral, continuava a defender uma nítida divisão de funções para o homem e para a mulher:

"Enquanto ao primeiro competia, fundamentalmente, a sustentação econômica da família, mediante o trabalho profissional fora de casa, a tarefa específica da mulher era a educação dos filhos, com atividades restritas ao lar"⁷².

Entretanto uma educação, diferenciada por sexo, tinha, ainda, como adeptos, os médicos e os militares, profissionais que idealizavam, controlavam e, na maioria das vezes, ensinavam Educação Física nas escolas - principalmente masculinas - de Belo Horizonte.

Os médicos higienistas passaram a incentivar a mulher a viver ao ar livre, a praticar alguns esportes, em especial a natação, e a usar roupas leves. Em conseqüência, foram introduzidas mudanças no vestuário: passou-se a utilizar maiô e short para as aulas de Educação Física. Tais medidas não atingiram os homens, pois, naquela época, já se usavam calções acima dos joelhos e camisetas sem mangas.

71 - AZZI, 1993. p.110.

72 - AZZI, 1993. p.103-104.

Entretanto, os princípios de higiene determinavam que, sob os uniformes de Educação Física, de ambos os sexos, não deveria ser admitida

"nenhuma outra peça de uso comum, a não ser as aconselháveis, em casos especiais, para a firmeza de determinados órgãos"⁷³.

No entanto, os calções curtos e as exhibições femininas em público, geraram protestos da Igreja Católica, publicados originariamente pelo Vaticano e reproduzidos em destaque de primeira página, em O Horizonte, em 1933. Além de condenar, a Igreja desafiou os responsáveis por tais exhibições a provarem que eram

"necessárias à santa graça da maternidade e principalmente, à educação da esposa",

e concluiu fazendo votos para que as competições femininas públicas fossem, doravante, proibidas⁷⁴.

O depoimento de Carlos de Campos Sobrinho, primeiro professor de natação do Minas Tênis Clube, mostrou como, naquela época, esse pensamento da cúpula da Igreja encontrou em Belo Horizonte condições culturais favoráveis à sua propagação.

"Em todos os templos de Belo Horizonte - principalmente aos domingos - os celebrantes fazem veementes ataques ao Minas Tênis Clube e à natação feminina. A prática desse esporte, somado à 'exigüidade' dos trajes de banho, contraria a muitos setores tradicionais e tradicionalistas. Num dos colégios femininos da capital as alunas são simplesmente proibidas de entrar no Minas Tênis Clube, vestidas com o uniforme do mesmo. Em outro, entretanto, sua direção vai mais longe. Ameaça suspender de aulas as moças que praticarem natação"⁷⁵.

Todavia, naquele momento, os interesses do Estado sobrepunham-se às idéias da Igreja:

⁷³ - MINAS GERAIS. Decreto n. 11.411 - 30 jul. 1934. p. 732. (Grifos meus)

⁷⁴ - CONTRA as... 1933. p. 1.

⁷⁵ - ASSIS, 1981. p.11.

"Reage o major Dorneles. Reage o Benedito Valadares. A direção do estabelecimento de ensino recebe um recado do governador do Estado. O colégio está fechado se seu atrevimento chegar a esse ponto"⁷⁶.

Entretanto as ameaças do governo não impediram que as nadadoras fossem repreendidas em suas escolas. Os depoimentos de algumas delas mostraram que evitavam ser fotografadas, porque isso lhes custava um castigo das freiras, pois vestir maiô, além de ser pecado, feria a moral das alunas e a imagem da escola.

Algumas famílias, entretanto, resistiam às pressões da Igreja e da Sociedade, permitindo que suas filhas se tornassem atletas de natação. Uma delas, Helena Amaral, destaca a ousadia de seus pais:

"Eles e os pais de outras nadadoras tinham uma visão mais ampla do mundo. Nos autorizavam a praticar o esporte e, mais do que isso, participavam ativamente da nossa vida esportiva"⁷⁷.

Acompanhar a filha era a forma de os pais garantirem sua integridade moral e a sua imagem perante a sociedade, nas primeiras exposições esportivas femininas públicas de Belo Horizonte.

A natação, apesar de ter desnudado o corpo da mulher, foi adotada como esporte feminino, porque sua técnica não demandava um desenvolvimento muscular intenso, o que fazia dela um esporte não masculinizador.

As idéias de manter a mulher em espaços privados específicos e de velar o seu corpo - motivos de separação de dos sexos nas aulas ministradas nas escolas mistas - não se restringiam às escolas católicas de Belo Horizonte, mesmo porque a direção dos estabelecimentos públicos de ensino era, muitas vezes, delegada a religiosos católicos ou a leigos adeptos dessa religião.

"O Monsenhor Artur, diretor do Ginásio Mineiro dizia: nas aulas intelectuais, homens e mulheres juntos, mas na Educação física, não. Nada de homem ver perna de mulher. Os preconceitos ligados ao calção feminino era muito grandes, nessa época. Os médicos

⁷⁶ - ASSIS, 1981. p.11. O Major Ernesto Dorneles, primo de Getúlio Vargas, ocupou a chefia da Força Pública de Minas Gerais, durante o Estado Novo.

⁷⁷ - UMA GERAÇÃO..., 1993. p.26.

*mandavam descobrir um pouco mais o corpo da mulher. A Igreja ordenava que continuasse coberto. A moral era muito rigorosa*⁷⁸.

A moral - aqui entendida como controle da sexualidade - aliada aos atributos biológicos do homem e da mulher, determinava que o ensino da Educação Física para as mulheres fosse ministrado por professoras e o dos rapazes, por professores. Todavia, nos 30 e 40, essa norma deixou de ser rigidamente obedecida, pois inúmeros militares passaram a ensinar a referida disciplina em escolas femininas, inclusive nas religiosas.

A autorização para que homens ensinassem Educação Física às moças foi contestada por educadores de destaque em Belo Horizonte, sob a alegação de que

"o fato de os homens, via de regra, no contacto com as moças, através de jogos e esportes, não apreciarem as diferenças [entre as características fisiológicas, anatômicas e psicológicas de cada sexo] é forte argumento em favor da necessidade de os abolir da direção e administração das atividades femininas"⁷⁹.

Está evidente que o fato de se permitir que homens ensinassem Educação Física às mulheres, não significava mudanças culturais nas relações entre os sexos, mas estava relacionado às finalidades dessa disciplina naquele momento histórico e à escassez de professoras. O número insuficiente de mulheres ensinando Educação Física nas escolas femininas pode ser explicado pelo fato de, até aquela época, a participação das mulheres em atividades físicas ser mínima, o que as impedia de adquirirem as habilidades básicas para o ensino dessa disciplina, o que não ocorria com os homens que podiam praticar futebol e atividades ginásticas em seus estabelecimentos de ensino, instituições militares ou clubes de futebol.

Essas hipóteses são reforçadas pelas determinações das normas oficiais - formuladas por militares - que regeram a Educação Física em todo o País, nos anos 30 e 40. Nesse período, a Educação Física ministrada aos homens e às mulheres nos ensinos Secundário e Normal de Belo Horizonte obedeceu, por força de lei, aos prin-

78 - RASO, 1992. *História de vida*.

79 - ANDRADA, 1931. p.75.

cípios pedagógicos, determinados pelo Método Francês, também adotado no Exército brasileiro.

Isso não significava dizer que as imposições da lei fossem cumpridas em todas as escolas. Sobre isso, o professor Herbert de Almeida Dutra, ex-aluno do Ginásio Mineiro nos anos 30, lembra-se de que seu professor de Educação Física, Sylvio José Raso,

*"havia se formado pela Escola de Educação Física do Exército e sabia tudo sobre o Método Francês. Mas, apesar de esse ser obrigatório, não era aplicado, na íntegra, por ser considerado muito enfadonho pelos rapazes"*⁸⁰.

Todavia no que se refere às diferenças entre os ensinamentos ministrados a cada sexo, as normas oficiais eram rigorosamente seguidas nas escolas de Belo Horizonte. Tais diferenças estavam explicitadas nos objetivos e atividades indicadas para cada sexo. Para os homens, a saúde, a força, a resistência e a tempera de caráter.

"A tempera de caráter sugere energia, coragem e gosto pelo esforço, donde emanam a firmeza, a resistência, a audácia, o sangue frio, o amor pela iniciativa, pela luta, pela responsabilidade, em uma palavra, todas as qualidades que constituem a virilidade"⁸¹.

Tais qualidades poderiam ser desenvolvidas por meio dos mais variados esportes e atividades ginásticas, excetuando-se a rítmica, "própria" do sexo feminino.

Para as mulheres, maiores de oito anos, uma Educação Física, "essencialmente higiênica" que lhes garantisse a saúde e a harmonia das formas.

"Não se deverá desenvolver os músculos da mulher. [...] As funções fisiológicas especiais que ela tem de desempenhar e suportar são incompatíveis com um trabalho intenso. [...] A mulher não é constituída para lutar, mas para procriar. Convém que, tratando-se

80 - DUTRA, 1992. *História de vida*.

81 - BRASIL. Estado Maior do Exército. Regulamento n. 7 de Educação Física, 1934. p. 21. (Grifos do autor).

dela, os exercícios contribuam para o desenvolvimento normal da bacia"⁸².

Como principal responsável pela criação de uma raça forte, capaz de construir uma nação forte, a mulher estava proibida de participar das atividades físicas que apresentavam algum risco de lesão do útero. Como, na concepção da sociedade, a grande maioria dos esportes enquadrava-se nessa categoria, à mulher, recomendava-se a prática do Voleibol, do tênis, do atletismo, da natação, da esgrima dos dois braços e de exercícios rítmicos. Tais práticas eram recomendadas por serem entendidas como atividades que, exigindo da mulher apenas um esforço moderado, agiriam sobre os músculos da bacia e formariam um belo corpo, pois,

"Si ella deve ser forte para a maternidade [...] deve também possuir a graça para encantar"⁸³.

Naquela época a concepção de beleza feminina passava por acentuadas transformações. Sob a influência de padrões americano e europeus e negando-se características antropométricas, específicas da mulher brasileira, idealizava-se uma Educação Física que fosse capaz de reduzir suas medidas corporais, pois

"A mulher bella deve ser magra e não muito alta, porque a venus de Milo é um typo de belleza de que o homem moderno não póde gostar, seria demasiado gorda, parecer-nos-ia horrorosa se a vestíssemos com os vestidos de agora"⁸⁴.

Além dessas qualidades físicas, a saúde e a inteligência tornaram-se atributos essenciais à beleza da mulher. Era necessário que a mulher se tornasse saudável, para gerar raça forte; ágil e inteligente para melhor participar da indústria - que por aqui se iniciava.

Na lembrança do Dr. Francisco Velloso Meimberg, médico do Minas Tênis Clube nas décadas de 30 e 40,

82 - BRASIL. Estado Maior do Exército. Regulamento n. 7 de Educação Física, 1934. p.16. (Grifos meus).

83 - RANGEL SOBRINHO, 1930 p.80.

84 - KRETZSCHMAR, 1932. p.9.

*"As meninas, naquela época, não jogavam basquetebol, nem futebol - esse nem pensar. Não eram aconselhadas pelos médicos porque possibilitavam doenças nos seios e no útero. Isso era o que diziam os conhecimentos científicos e, muito tabu, também"*⁸⁵.

A comparação das regras e da estrutura desses esportes com as normas vigentes, naquela época, nas escolas femininas de Belo Horizonte, mostrou que, sob o discurso científico, ocultavam-se valores relacionados à sexualidade/homossexualidade.

O voleibol, por exemplo, único esporte coletivo praticado pelas moças de Belo Horizonte, apresentava possibilidades reduzidas, não só de choques que poderiam causar lesões, mas do toque no corpo da colega, ato proibido nas escolas católicas femininas⁸⁶.

Durante o Estado Novo, o jogo ensinado na escola Primária era o pré-requisito para a aprendizagem de esporte "moderno" destacado como conteúdo da Educação Física ensinada nas escolas Secundária e Normal, masculinas e femininas de Belo Horizonte.

Como lembrou Pierre Bourdieu,

*"Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às 'elites' da sociedades burguesa, nas public schools inglesas onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função..."*⁸⁷.

Com a constituição do sentido do esporte moderno, o jogo deixa de ser um espaço de vivência simbólica criativa e passa a submeter-se a regras específicas, traçadas de acordo com interesses políticos e sociais e regidas pelo sistema de racionalização nos princípios da lógica da produção industrial capitalista. Nascia o

⁸⁵ - MEIMBERG, Francisco, 1992. *História de vida*.

⁸⁶ - AVELAR, 1991. *Depoimento*. COSTA, Maria, 1993 *Depoimento*.

⁸⁷ - BOURDIEU, 1983. p.139. As características básicas do esporte moderno podem ser resumidas em: competição, rendimento, racionalização, especificação de papéis, burocratização e quantificação. (BRACHT, 1991).

esporte, espetáculo/ mercadoria; o jogo e o corpo eram disciplinados, sob o comando de instituições, entre as quais, a escola.

E, como dizia Tomás Mazoni, no décimo aniversário de Getúlio Vargas no poder:

"O Estado Novo, somente o Estado Novo com sua doutrina e postulados, poderia dar ao esporte brasileiro o rumo que ele merece. Te-lo-á, para a felicidade da nossa mocidade e pelo futuro da raça!⁸⁸.

Assim, o esporte chegava na escola brasileira, porque

"além de **revigorar o corpo**, dá uma disciplina severa ao indivíduo, educa-o no sentido do **cavalheirismo**, sendo por isso uma escola de **lealdade** das mais puras e altas, que faz o **indivíduo se dignificar, dignificando a sociedade**. Lembremo-nos sempre que o esporte[...] tem uma finalidade: **exaltar e disciplinar os corpos e as almas**, organizar em definitivo as atuações dos conjuntos humanos e fazer nascer no espírito de cada qual o verdadeiro **sentimento de Pátria**"⁸⁹.

A Educação Física adotava o esporte na escola, porque ele seria, por si só, capaz de disciplinar, de transmitir os valores necessários aos indivíduos. A disciplina não seria mais que uma decodificação no nível do projeto de ordem social a que correspondia aquele momento.

Sobre essa disciplina, Eduardo Dias Manhães, em estudo que analisa a política de esportes adotada no Estado Novo, mostra que, o Estado, ao identificar o esporte como manifestação de nacionalidade, reconhece nele propriedades e possibilidades moralizadoras, cívicas, no sentido de que suas próprias atividades ensejam a criação de mitos enriquecedores da simbologia, representativa da nacionalidade⁹⁰.

"Na educação física há um conjunto de especiais atributos que o **seguimento de suas regras tira milagrosamente do corpo e da alma dos homens**. A forma, culto dessa educação, compõe o indivíduo organizado na simetria e na proporção. **A simetria representa a disciplina; a proporção é a síntese da conformidade**. Desta

⁸⁸ - MAZONI, 1941. p.18.

⁸⁹ - MAZONI, 1941. p.40. (Grifos meus).

⁹⁰ - MANHÃES, 1986.

maneira, manipulam-se caracteres e virtudes. O fundamento da educação física está na observância das boas normas de **obediência**"⁹¹.

A tônica da Educação Física estava, também, na rígida classificação masculino e feminino. apto e não apto, saudável e debilitado, valores fundamentais na formação do indivíduo.

Através da Educação Física,

"as **mulheres** serão mais femininas pela **beleza e pela graça do corpo e do espírito**, e os **homens** mais varonis pela consciência da **força física**, pela equilibrada apreciação da **alegria** e pelo prazer encontrado na generosidade e na **ação**"⁹².

Todavia os objetivos da Educação Física - tendo o esporte como principal conteúdo de ensino - deveriam variar conforme a classe social a que se destinavam: para as massas, a formação eugênica e para as elites, a formação cultural. Só assim poder-se-ia realizar

"o milagre da formação integral do homem brasileiro - forte de corpo, claro de espírito, puro de coração"⁹³.

Quanto à educação eugênica das massas, caberia ao Estado, através da Educação Física, formar operários dotados de energia, força de vontade e disciplina para tornarem-se "obreiros da Nação". No caso da mulher, tratava-se de "plasmar mães operárias" aptas à procriarem gerações mais robustas e mais capazes. O trabalho, principal critério de seleção das atividades físicas a serem ensinadas a cada sexo, por si só explicitava suas diferenças⁹⁴.

Assim, classes sociais e sexos contituíam-se critérios básicos determinantes dos objetivos e conteúdos da Educação Física, e da educação com em geral, como bem lembrara o Ministro Gustavo Capanema,

91 - ROLIM, 1941. p. 99-100. (Grifos meus).

92 - ROLIM, 1941. P. 98. (Grifos meus).

93 - PEREGRINO JÚNIOR, 1941. p.90.

94 - MIRANDA, 1945.

"Os poderes públicos, tendo em mira que a finalidade da educação é preparar o indivíduo para a vida moral, política e econômica da Nação, devem, na organização dos estabelecimentos de ensino, **considerar diversamente o homem e a mulher**. Cumpre reconhecer que, no mundo moderno um e outro são chamados à mesma quantidade de esforço pela obra comum. Pois a mulher se mostrou capaz de tarefas as mais difíceis e penosas, outrora retiradas de sua participação. A educação a ser dada aos dois há de, porém, diferir, na medida em que diferem os destinos que a Providência lhes deu. Assim, se o homem deve ser preparado, com **têmpera militar, para os negócios e a luta**, a educação feminina terá outra finalidade, que é o preparo para a vida no lar.[...] Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é por suas mãos que a família se destrói"⁹⁵.

Sobre a concretização dessas idéias, o Professor Sylvio José Raso recorda de que, nos anos 40, Gustavo Capanema enviou ofício às escolas Secundárias proibindo a organização de turma mistas. Tal fato gerou protestos do Monsenhor Artur, Reitor do Ginásio Mineiro e amigo pessoal daquele ministro, que lhe disse pessoalmente:

"eu vou manter o Ginásio Mineiro misto, porque homem foi feito para viver com mulher. Mas, o ensino misto era só nas disciplinas intelectuais, na Educação Física não"⁹⁶.

Em síntese, nos anos 30 e 40 a Educação Física passou a adotar mais um elemento da diferenciação dos sexos - os jogos competitivos. Na hierarquia dos jogos as mulheres mantiveram-se como perdedoras, porque eram corpos frágeis diante dos fortes, masculinos. Todavia, eram por "natureza" as vencedoras nas danças e nas artes em geral, pois seus corpos estavam dotados de docilidade e sentimentos, qualidades negadas ao homem pela "natureza".

No entanto homens e mulheres foram levados ao espaço público para o rito da ordem⁹⁷. Nesses ritos cívicos a idéia do sacrificar o corpo pela pátria - "um centro de prazer dado imediatamente pela experiência humana" - acaba se expri-

95 - CENTENÁRIO..., 1937. (Grifos meus).

96 - RASO, 1992. *História de vida*.

97 - Na concepção de Roberto DAMATTA (1986), o rito da ordem inclui as grandes comemorações militares que são formas típicas de comemoração social em que o universo da sociedade é lido e apresentado, a partir do código do Estado na sua vertente mais forte, mais ordenada e, talvez, por isso mesmo, mais patriótica.

mindando pela noção do dever e da ordem. A ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade da repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo contido ou, até mesmo, neutralizado⁹⁸.

Naquela época, assegurava-se à mulher um destino social que é a seqüência das suas características biológicas. As mulheres são superiores aos homens no que se refere aos fins de toda a existência humana, mas são inferiores quanto aos meios próprios para atender as necessidades materiais, uma vez que, em qualquer tipo de força, o homem se sobrepõe à mulher. Assim, ela tem o sentimento de sua superioridade afetiva, mas o mundo material pertence ao mais potente e não ao mais sensível⁹⁹.

A manutenção dessas imagens de homem e de mulher, aliada à visão dicotômica - corpo/intelecto - exigia que a escola continuasse diferenciando a educação de cada sexo. Cabia à Educação Física e aos Trabalhos Manuais educar os gestos, "masculinos e femininos", o que impedia a organização de turmas mistas nessas disciplinas e demandava a orientação de um professor e de uma professora.

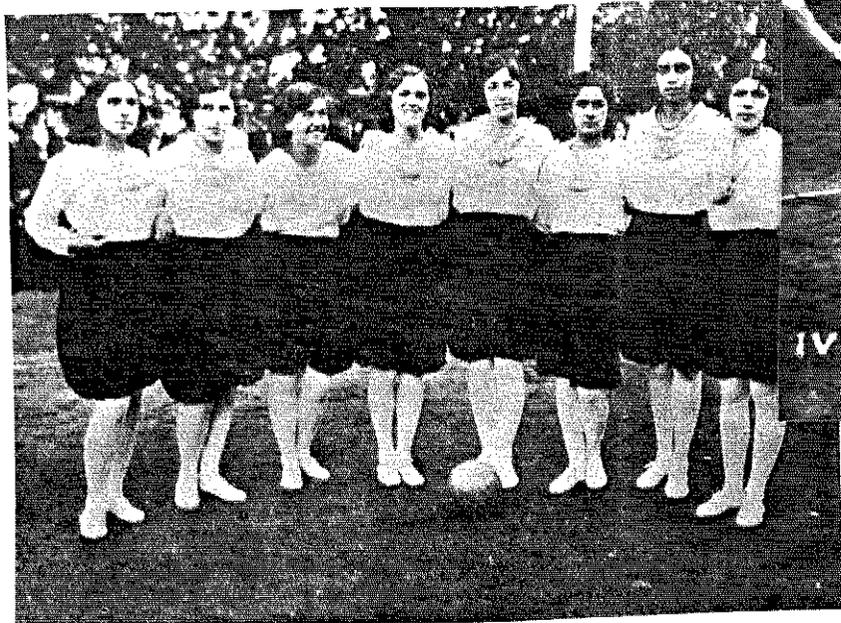
Professores e professoras com seus alunos - homens e mulheres - foram levados aos espaços públicos para as paradas cívicas, um rito da ordem.

O rito da ordem, de acordo com Roberto Damatta, inclui as paradas militares, como formas típicas de comemoração social em que o universo da sociedade é lido e apresentado a partir do código do Estado na sua vertente mais forte, mais ordenada e, talvez por isso mesmo, mais patriótica. Nos ritos cívicos a idéia do sacrificar o corpo - "um centro de prazer dado imediatamente pela experiência humana" - pela pátria acaba se exprimindo pela noção do dever e da ordem. A ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade da repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo contido, ou até mesmo neutralizado¹⁰⁰.

98 - DAMATTA, 1986. p. 85.

99 - CARVALHO, 1991.

100 - DAMATTA, 1986. p.85.



Anos 30 e 40, Belo Horizonte:

- Jogo de voleibol entre moças. “Time vencedor” - Izabella Hendrix - “time vencido” - Escola Normal do Grambery de Juiz de Fora.

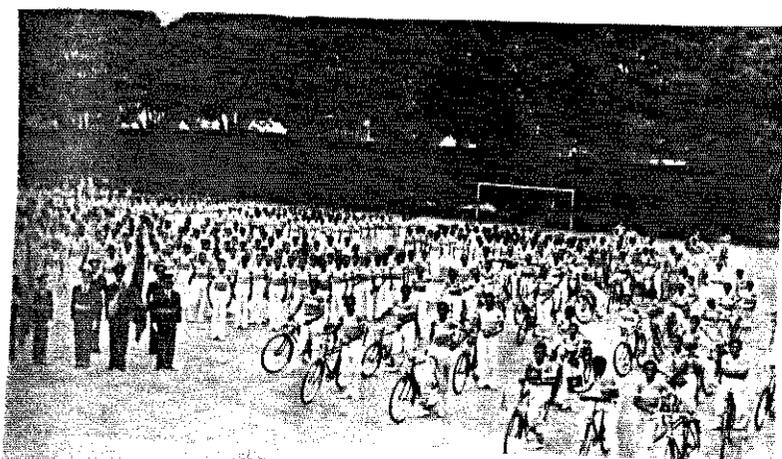
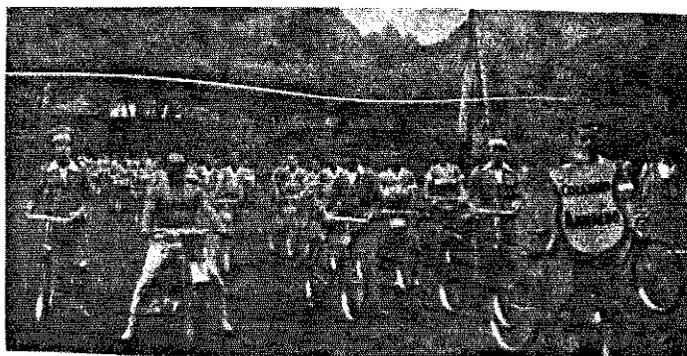


- Moças, em papéis masculinos e femininos, dançando na Escola Normal da Capital.

Fora das escolas. Alunos do Colégio Arnaldo na Primeira Parada Juventude, em 5 de setembro de 1942.



O garboso grupo de uniforme de gala no desfile da Juventude.



Anos 30 e 40, Belo Horizonte:

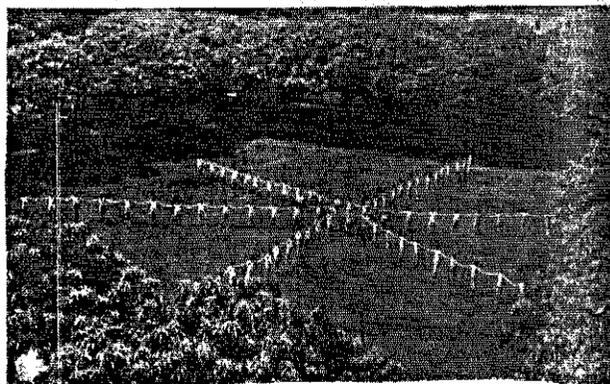
- Na inauguração da Praça de Esportes do Colégio Arnaldo, em 1937, o interventor Benedicto Valladares Ribeiro foi representado por suas filhas Helena e Lúcia.
- Aulas de Ginástica dos rapazes, na Praça de Esportes do Colégio Arnaldo.

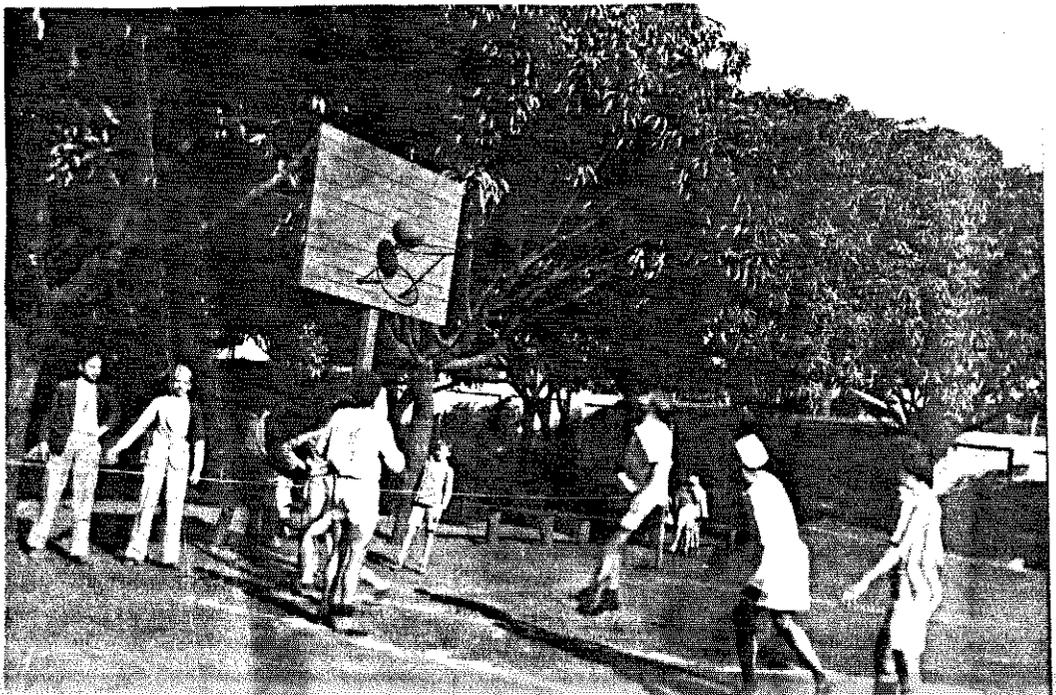
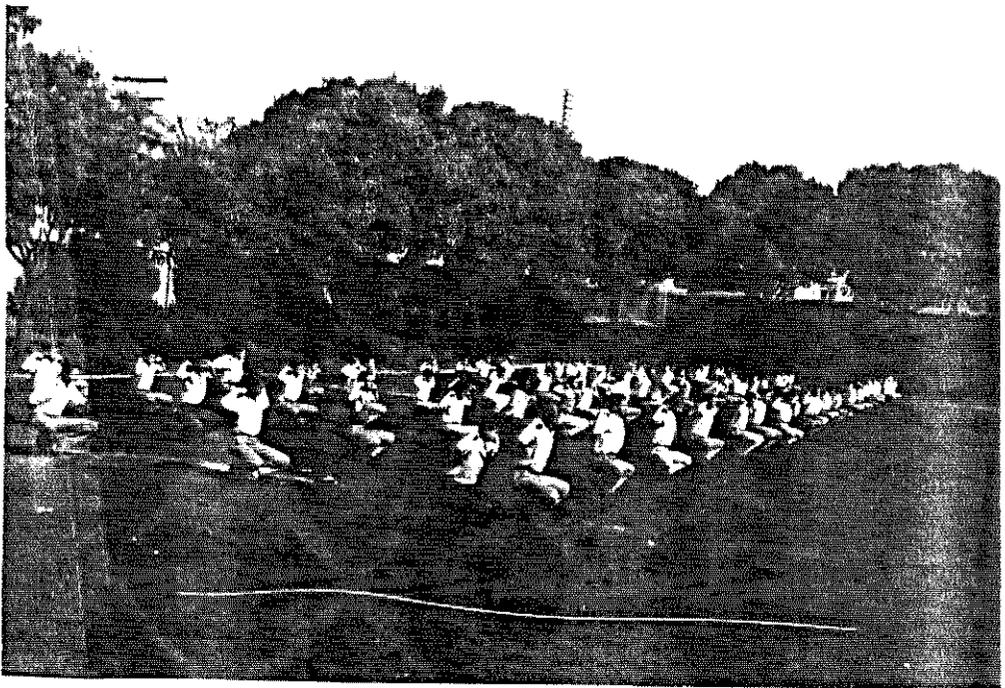
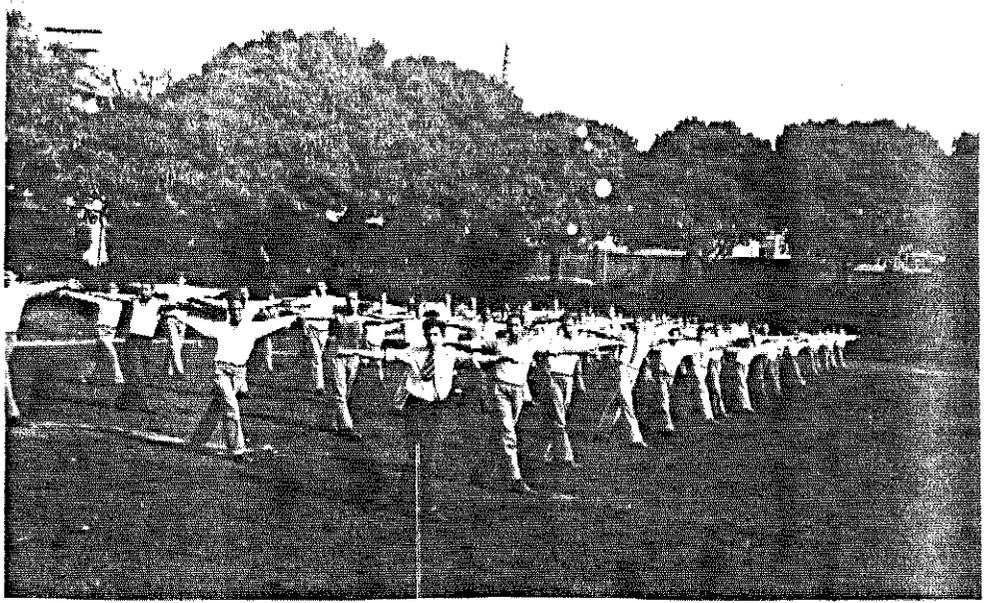


Os Menores na aula de ginastica



Os Maiores em aula de ginástica





PARTE II

O ENSINO PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Constrói a história do ensino da Educação Física em Belo horizonte - no período 1952-1994 - buscando compreender as relações de gênero, a partir dos cursos de formação do professor e da professora de Educação Física.

CAPÍTULO 3

FORMANDO O CORPO DOCENTE DA EDUCAÇÃO FÍSICA: PROFESSOR E PROFESSORA

Este capítulo fala da história da formação dos docentes de Educação Física, a qual busquei conhecer através de normas, instituições sociais e organizações envolvidas nesse processo - elementos essenciais na compreensão das origens e dos significados das relações de gênero estabelecidas, não só nos cursos de formação do professor e da professora, mas também, no ensino ministrado por esses docentes, nas escolas de Belo Horizonte.

3.1 - DE NORMALISTA À PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As professoras que, até meados da década de 20, ministravam Exercícios Físicos no Primário e Ginástica no ensino Normal, em Belo Horizonte, não recebiam formação especializada: adquiriam conhecimentos sobre o assunto ao longo de sua formação de normalista, através da matéria Ginástica, de caráter teórico-prático, introduzida em 1910, no currículo do ensino Normal da Capital - modelo das demais escolas do Estado¹.

Nos primeiros anos da década de 20, o governo começava a tomar iniciativas no sentido de melhor capacitar as professoras regentes para o ensino das referidas disciplinas. Assim, enviou professoras de grupos escolares da Capital Mineira, para estagiarem em colégios e escolas primárias do Rio de Janeiro, com a intenção de preparar multiplicadores de conhecimentos sobre **Educação Física**,

¹ - MINAS GERAIS. Decreto n.2.836 - 31 mai. 1910. MINAS GERAIS. Decreto n.3.123 - 6 mar. 1911.

àquela época considerados de vanguarda. Essas professoras encarregaram-se de divulgar o método e as atividades lá aprendidas, com o intuito de serem utilizados nas escolas primárias da capital e de todo o Estado².

Entretanto - como já mencionado anteriormente - foi o Governo Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, com a Reforma efetuada por Francisco Campos que, ao investir na formação de professor, por acreditar ser ele a causa das deficiências do ensino, instalou a partir de 1928, os primeiros cursos de formação da especialista em Educação Física, em Minas Gerais³.

A formação de especialistas - não só em Educação Física, mas também em Música e Trabalhos Manuais - inspirava-se na organização do trabalho industrial: o Taylorismo. Como se sabe, tratava-se de uma proposta de administração empresarial cujo objetivo seria alcançar maior eficiência e produtividade no trabalho operário. Para tanto, seria necessária a separação entre "os que pensam e "os que produzem", isto é, o trabalhador, mero executor de um projeto, já definido⁴.

Assim, entendo que havia uma relação direta entre a formação desses especialistas e o trabalho manual, permeada pela visão dicotômica de ser humano, na qual corpo e máquina se identificavam.

A Reforma Francisco Campos distinguiu o "professor de cultura physica" dos demais, ao afirmar que ele

"precisa de alguns requisitos que são dispensáveis àquelles que se dedicam a outras disciplinas, taes como: boa saúde, energia, agilidade, dextreza, presença de espírito, bom humor"⁵.

Observo que o termo professor, aqui empregado, substituía a professora que era, desde o início do século, a maior responsável pelo ensino Primário em

2 - TECHNICA sobre..., 1925. JOGOS ativos..., 1925. PARA dar..., 1925.

3 - Foi, também, Francisco Campos quem, alguns anos mais tarde, tornou obrigatória a disciplina **Exercícios de Educação Física** no ensino Secundário brasileiro, fazendo crescer a demanda de professores (as) dessa área no País. BRASIL. Decreto n.19.890 - 18 abr. 1931.

4 - MORAES, 1992.

5 - MINAS GERAIS. Decreto n.8.094 - 22 dez. 1927. p.1740.

Belo Horizonte. Na verdade, essa troca lingüística ocultava a idéia de ser o homem o portador exclusivo dessas qualidades.

Além de ministrar os exercícios, essa professora dever-se-ia se encarregar da tarefa de aconselhar seus alunos sobre os "meios indirectos de educação *physica*", ou seja, sobre alimentação, asseio corporal e assistência médica e dentária.

Ao avaliar as realizações de seu governo, Antônio Carlos, afirmou que nenhum trabalho de Educação Física seria eficiente sem a especialização do professorado. Por isso, a Inspetoria de Educação Física, criada nessa administração, dedicava especial atenção aos cursos intensivos destinados às professoras de todo o Estado as quais eram responsáveis pelo ensino dessa disciplina nas escolas⁶.

Assim, nos anos 30, o governo mineiro deu continuidade à implantação dos Exercícios Físicos na escola Primária os quais, na época, passaram a ser denominados de Educação Física.

Essa mudança terminológica, que ocorreu no País como um todo, não representava uma simples troca de palavras, mas, fundamentalmente, de significados. De acordo com defensores do novo termo, enquanto o primeiro estava vinculado à idéia de exercícios enfadonhos e estáticos que visavam, principalmente, ao desenvolvimento físico, o segundo significava disciplina e oportunidades de o indivíduo adquirir hábitos e preceitos que influenciariam suas condutas moral, social e higiênica⁷.

Nos anos subseqüentes, o Governo do Estado deu continuidade ao treinamento de professoras de Educação Física, através dos cursos intensivos que habilitavam à docência dessa disciplina no ensino primário⁸.

⁶ - Até junho de 1930, realizaram-se quatro desses cursos, tendo deles participado duzentas e cinco professoras primárias e havia outro em andamento, destinado às professoras das escolas Normais oficiais. ANDRADA, 1930.

⁷ - FLORENTINO, 1940.

⁸ - CURSO de..., 1934.

Maria Emerenciana de Azevedo, ex-aluna desses cursos, escreveu na Revista do Ensino que eles atingiram suas finalidades, porque despertaram nas professoras "o amor ao movimento", inculcando-lhes a convicção de que um "belo corpo desperta e forma uma bela alma". Comentou, essa professora que, apesar do apoio governamental, faltava preparo técnico à maioria das professoras de Educação Física cujas aulas, formais e mal dosadas, não despertavam o interesse das crianças⁹.

"Como conseqüência destas falhas e deficiências, basta volver o olhar e o pensamento para as aulas de ontem, basta reproduzir na imaginação a figura vacilante e enfezada da nossa infância. As aulas eram impregnadas de um cunho de formalismo, [...] desprovidas de interesse¹⁰.

Portanto, continuava essa autora, fazia-se necessário preparar professoras para que ministrassem uma Educação Física que - através de marchas e jogos ensinados de forma interessante - promovesse a regeneração moral do indivíduo e, conseqüentemente, da nação e que, além disso, tornasse a juventude capaz de cumprir o seu dever cívico.

Mas nem todas as professoras de Educação Física recebiam treinamento especializado. Para o ensino Primário, selecionavam-se normalistas cujas notas demonstrassem "aptidão especial" e que fossem portadoras de boa saúde e compleição física "adequada" ao ensino desse componente curricular¹¹.

Além da normalista, poderiam ser professoras de Educação Física, no curso Primário, moças que participassem de cursos intensivos, organizados pelo Estado cujos critérios de seleção restringiam-se à boa saúde e à aptidão física. Para ser professora de Educação Física na escola Normal, dava-se preferência às diploma-

⁹ - AZEVEDO, 1933.

¹⁰ - AZEVEDO, 1933. p. 88.

¹¹ - MINAS GERAIS. Decreto n.11.501 - 31 ago. 1934. p.713.

das pela Escola de Aperfeiçoamento, seguidas das normalistas de 2º Grau e das professoras primárias¹².

A partir de 1938, cursos intensivos foram ministrados pela Professora Luíza Macedo e pelo Professor Antônio Macedo, nas dependências do Minas Tênis Clube, com duração de três semanas e tendo como conteúdo básico o Método Francês. Sobre isso, relembra a professora Luíza Macedo:

*"Eu dava aula para as professoras de Minas Gerais inteira. Para ser professora de Educação Física nos grupos escolares tinha que prestar exame. Então eu preparei para mais de mil professoras do interior. E, como era obrigatório o Método Francês eu dava esse método para elas. Mas, eu dava com mais originalidade do que aquele método [imposto], aquela coisa... todas foram aprovadas no exame"*¹³.

Sobre o curso, ministrado em 1947, a professora Rita de Faria Tavares Brandão, designada para ministrar Educação Física num grupo escolar da cidade de Patrocínio - interior do Estado - lembra que:

*"Eu era mais jovem e ativa do que as outras professoras, por isso a diretora sugeriu o meu nome. Foi um curso rápido de 21 dias onde eu aprendi exercícios com bastão, calistenia, ginástica sueca e os fundamentos do esporte. Eu não sabia nada disso, porque na escola a gente só jogava queimada"*¹⁴.

Assim, como atributos essenciais a uma professora de Educação Física, destacavam-se a jovialidade e a destreza, necessárias à demonstração de gestos a serem copiados pelos alunos e alunas, aprendizes de uma gramática corporal padronizada.

Além desses cursos intensivos que preparavam as professoras para o exame de habilitação, foi ministrado, no período de 1947 a 1959, pelo Instituto de Educação de Minas Gerais o curso de Educação Física Infantil destinado ao aperfei-

¹² - MINAS GERAIS. Decreto n.7.970 - A - 15 out. 1927. MINAS GERAIS. Lei n.1.036 - 25 set. 1928. MINAS GERAIS. Decreto n.8.987 - 22. fev. 1929.

¹³ - MACEDO, Luíza, 1991. *História de vida*.

¹⁴ - BRANDÃO, 1992. *Depoimento*.

çoamento das normalistas nessa área¹⁵. O currículo que se estendia por um ano, sofreu alterações ao longo de sua existência. Na década de 40, fundamentou-se principalmente em matérias relacionadas a aspectos anatômicos, psicológicos e higiênicos. Nos anos 50, incluiu aspectos fisiológicos, e cinesiológicos, os desportos individuais e aquáticos e a ginástica rítmica¹⁶.

Na memória da Professora Rita de Faria Tavares Brandão, esse curso, freqüentado exclusivamente por mulheres, possuía um corpo docente de ambos os sexos.

"O professor Antenor Horta dava basquete; o Adolfo Guilherme, o voleibol; a D. Conceição Queiroga, os pequenos jogos; D. Guiomar Meirelles, a Ginástica Rítmica; e a D. Maria Alice Santos Neto dava história da Educação Física..."¹⁷.

Assim, o ensino dos esportes era considerado uma atividade masculina, enquanto os conteúdos relacionados à rítmica e ao trabalho com crianças estavam sob orientação de professoras. Concretizava-se, pois, a imagem do homem relacionada ao desafio, à competição e aos movimentos mais intensos; enquanto a da mulher vinculava-se às artes, à educação da criança e aos movimentos suaves. Tais imagens assemelhavam-se às definidas pelo positivismo de Comte, já apresentadas neste estudo.

Em 1950, no ensino Primário mineiro, a nomeação para a cadeira de Educação Física recaía sempre em normalista que, para se efetivar no cargo, submetia-se a exame de habilitação, aplicado pelo Instituto de Educação¹⁸. Os últimos registros desse exame datam de 1957 e abrangem uma "prova escrita, direção de uma classe e prova oral"¹⁹.

15 - BRASIL. Decreto n.45.611 - 24 mar. 1959.

16 - MINAS GERAIS. SEE. Instituto de Educação de Minas Gerais. *Histórico Escolar...*

17 - BRANDÃO, 1992. *Depoimento*

18 - MINAS GERAIS. Decreto n.3.508 - 21 dez. 1950.

19 - MINAS GERAIS. SEE. Instituto de Educação de Minas Gerais. *Livro de Atas...*, p.78.

As normalistas especializadas em Educação Física pelo Instituto de Educação de Minas Gerais tinham suas nomeações garantidas pelo governo mineiro, o qual resistiu em admitir as diplomadas pelo Curso de Educação Física Infantil da Escola De Educação Física de Minas Gerais - EEFMG -, fundada em 1952²⁰.

Assim, durante três décadas, as professoras primárias, especializadas em Educação Física recebiam uma formação específica para o seu sexo. Tal formação se distinguiu da dirigida aos homens, na medida em que se desenvolvia em espaço próprio e fundamentava-se em conhecimentos específicos para o trabalho com crianças e mulheres.

3.2 - DE INSTRUTOR MILITAR A PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Até a metade dos anos 30, os cursos de preparação de docentes para o ensino de Educação Física, ministrados pelo governo, preparavam apenas as mulheres para o exercício de atividades nas escolas Primária e Normal. Assim, - como mencionado no capítulo anterior - os professores que ministravam esse componente curricular no ensino Secundário masculino adquiriam formação no meio militar, através da prática intensiva de atividades ginásticas e esportivas.

Essa influência militar no ensino da Educação Física escolar não se constituía em uma exclusividade das escolas mineiras, pois, desde a sua implantação no ensino brasileiro, fundamentava-se em princípios militares. Foram também os militares, os responsáveis pelos cursos de formação de professor de Educação Física - àquela época denominado "mestre de gymnastica"- localizados em Manaus e São Paulo, os únicos existentes no País nas duas primeiras décadas desse século²¹.

O predomínio da ideologia militar na formação do professor de Educação Física, em Minas Gerais, acentuou-se ainda mais, quando, em 1934, aos

²⁰ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. *Ata de Congregação* n.4, 1955.

²¹ - CANTARINO FILHO, 1989.

moldes do Centro Militar de Educação Física do Exército, o interventor federal Benedicto Valladares Ribeiro criou o Centro de Educação Física do Departamento de Instrução da Força Pública, com o intuito de formar "Instrutores e Monitores" para atuarem nos quartéis e fora deles.

Assim, o referido Centro tinha por objetivos: "ensinar, orientar e desenvolver a educação física entre os elementos da força pública"; preparar instrutores e monitores de Educação Física; orientar a prática de atividades físicas e dos esportes; determinar as condições técnicas para construção de estádios e outros espaços próprios à prática de esporte e promover "ampla e intensa vulgarização da educação física"²².

Ali ministravam-se dois cursos: um de formação de monitores, destinado ao preparo de sargentos e cabos com "boa conduta civil e militar, idade dentre dezoito e trinta anos e condições de robustez e saúde compatíveis com a função de professor de Educação Física". O outro curso, o de formação de instrutores, admitia "oficiais subalternos" de, no máximo, trinta e três anos de idade. Esses dois cursos diferenciavam-se apenas pelo tipo de aluno, porque desenvolviam grades curriculares idênticas, abrangendo conteúdos "teórico-práticos e práticos" e tinham os mesmos professores que, como determinava a lei, deveriam ser diplomados pela Escola de Educação Física do Exército²³.

²² - MINAS GERAIS. Decreto n.11.252 - 3 mar. 1934. Esse Departamento de Instrução da Força Pública, é hoje denominado Academia da Polícia Militar de Minas Gerais. Sobre a as funções e orientação pedagógica do Centro Militar de Educação Física do Exército, consultar: BRASIL. Ministério da Guerra, 1930.

²³ - MINAS GERAIS. Decreto n.200 - 7 ago. 1935. p.476. O artigo 63 desse Decreto estabelecia que o ensino, tanto no curso de monitores como no curso de instrutores de Educação Física, constava de: a) uma parte geral teórico-prática, compreendendo: noções de biologia; noções de cinesiologia prática; elementos de higiene; prática de socorros de urgência nos acidentes esportivos; noções de fisioterapia, ginástica ortopédica e massagens; prática elementar de morfologia e biometria humana; metodologia da educação física e esportiva; noções gerais de físico-pedagogia, história da Educação Física em geral, e, em particular, no Brasil. b) Uma parte prática compreendendo: Educação Física militar; esgrima das armas de mão e de baioneta; esportes terrestres e aquáticos; prática de atuação como juízes de esportes. c) Excursões e visitas, compreendendo: visitas a estabelecimentos de ensino e a estabelecimentos desportivos. Os programas eram organizados de tal maneira que, para o curso de monitores, o ensino teórico fosse mais elementar do que para o cursos de instrutores.

Mas, alguns professores, muitos do quais médicos, não possuíam formação específica na área, mesmo porque não eram liberados pela Polícia Militar para freqüentarem cursos, relembra o professor Pedro Nazareth, ex-aluno e docente dessa instituição. Assim sendo, os conhecimentos repassados por esses profissionais estavam diretamente relacionados à Medicina²⁴.

Além de prepararem pessoal para ministrar atividades físicas aos policiais, esses cursos

"puderam contribuir, em larga escala, para a difusão da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário e para o aprimoramento técnico dos desportistas que procuraram as praças de esportes do Estado, preparando professores e técnicos militares para exercerem suas funções educativas também no meio civil"²⁵.

Como dizia aos formandos da turma de 1935, o paraninfo, professor Victor Lacombe, os egressos desse Centro de Educação Física estavam encarregados de:

"ajudar o aperfeiçoamento de nossa raça. Esta raça, que no dizer de Fernando de Magalhães foi amassada com esses quatro atributos que são a luz do nosso passado: **a aventura, a coragem, a altivez e a abnegação.** Ninguém melhor do que os mineiros donde demonstrar essa asserção [...] Minas intellectual, Minas humilde, Minas Militar peleja pela unidade desta vasta terra passando por cima de todas as dissenções internas, perdoando a todos e reprimendo os recalci-trantes, de modo que o **Brasil continuou unido e forte**"²⁶.

Para se garantir um maior número de professores, imbuídos da necessidade de se utilizar a Educação Física como um meio de inculcar nos jovens valores cívicos e morais, indispensáveis à organização social pretendida, fazia-se necessário promover a expansão de cursos de treinamento desses profissionais. E foi com esse propósito que Benedicto Valladares Ribeiro transformou o Minas Tênis Clube em Praça de Esporte de Minas Gerais, e ali manteve cursos destinados à formação de

²⁴ - NAZARETH, 1994. Depoimento.

²⁵ - SOUZA, 1957. p.3.

²⁶ - LACOMBE, 1935. p.50. (Grifos meus).

monitores "para o ensino prático e treinamento de exercícios físicos e esportes em geral". Esses monitores, na sua maioria militares, tornaram-se técnicos de natação nos clubes e praças de esportes e, ao mesmo tempo, professores de Educação Física em colégios - até mesmo religiosos femininos - da capital e do interior do Estado²⁷.

Os primeiros cursos de formação de monitores de natação buscavam descobrir pessoas que se interessavam em difundir essa modalidade esportiva, criando núcleos para a prática

"desse esporte sadio, ensejando mais progresso para Minas e o Brasil. [Mas, no início se matriculam nesses cursos], simplesmente, **damas da alta sociedade. E até um secretário de Estado.** [Assim], as jornadas para a formação de professores não atingiam os objetivos propostos, justamente porque **pessoas ricas, de projeção na sociedade, não se prestariam para um trabalho de sacrifício, quase de sacerdócio**"²⁸.

Fazia-se, pois, necessário encontrar pessoas de classes sociais menos favorecidas, que fossem capazes de se submeterem ao trabalho árduo de ensinar natação. Fundamentava-se, com certeza, na associação do ensino da natação - e por extensão, da Educação Física - ao trabalho manual, impróprio para a elite.

"A solução foi encontrada pelo major Dorneles, na Polícia militar. E, como o governador do Estado era um entusiasta dos Desportos Especializados, como também o comandante dessa corporação [...], logo oficiais, sargentos, cabos e soldados tomaram o caminho do Minas Tênis Clube, povoando os novos cursos que então se formaram"²⁹.

Essa e outras iniciativas foram alvos de elogios do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, por entenderem que o Minas Tênis Clube, ao colaborar com o governo mineiro na divulgação e no ensino das

²⁷ - MINAS GERAIS. Decreto-Lei n.150 - 24 dez. 1938. Como exemplos de Colégios cujas aulas de Educação Física foram ministradas por sargentos pode-se relacionar o Colégio Loyola - católico, masculino - onde o Sargento José Augusto dos Santos acumulou funções de professor de Educação Física e secretário entre 1944 e 1972. (LOYOLA, 1939). O Sargento Theodomiro Marcellos foi nos anos 30 e 40, professor de Educação Física do Colégio Santo Agostinho - católico masculino - sendo também o primeiro professor do Colégio São José - católico feminino. (MARCELLOS, 1991. *História de vida*).

²⁸ - ASSIS, 1981. p.9. (Grifos meus).

²⁹ - ASSIS, 1981. p.9.

atividades físicas, participava da formação de uma juventude forte, bela e patriota, indispensável na construção do País, idealizado naquele momento histórico³⁰.

O Major Edson Wagner Pereira, em monografia intitulada "A educação e os desportos como instrumento de integração da família policial", resgata parte das atividades dos monitores de natação, treinados pelo Minas Tênis Clube, e afirma que elas

"não se limitavam à preparação da juventude no campo desportivo, mas também, como elo de ligação entre a Polícia Militar e a Comunidade, além de ótimo elemento de informações para a corporação. Com a atuação dos monitores, Minas foi 11 vezes campeã de natação infanto-juvenil; o desenvolvimento físico, atlético e mental da juventude veio substituir a degradação moral resultante da ociosidade ou da prática de atividades nocivas tão comuns na sociedade; e a Polícia Militar passou a merecer o respeito e a admiração de toda a nação"³¹.

O trabalho do professor Carlos de Campos Sobrinho - "Carlito" - no preparo dos monitores de natação no Minas Tênis Clube foi altamente conceituado em todo o País. Sobre seu método de trabalho, o professor Theodomiro Marcellos conta que:

*"O Carlito era sábio e competente administrador. Ele pegou como alunos nós, sargentos, que obedecíamos a tudo. Assim, às sete horas da manhã, quando a meninada executava pernadas no Minas Tênis, ele tinha certeza de que, nas praças de esportes de todo o Estado, acontecia a mesma atividade"*³².

Também os cursos de formação de instrutores e monitores de Educação Física ministrados pelo Departamento de Instrução da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, apesar de não darem direito ao registro de Licenciatura nos diversos níveis de ensino, forneceram às escolas um grande contingente de professores de Educação Física. Apesar de a Legislação Federal determinar que, a partir de

30 - O MINAS tênis Clube, 1939.

31 - PEREIRA, 1986. p.148. (Grifos meus). Repetia-se, pois, o discurso liberal-higienista que concebia a Educação Física como meio de saneamento da sociedade, que teve Fernando de Azevedo como um dos precursores, em Belo Horizonte.

32 - MARCELLOS, 1993. *História de vida*.

1941, fosse exigido diploma de licenciado em Educação Física para o exercício das funções de professor desse componente curricular no ensino Público, Secundário, Normal e Profissional, o Governo de Minas ignorou tal determinação³³. Assim, nas Escolas Vocacionais de Aprendizagem Industrial, criadas em 1947, e destinadas a alunos de classes economicamente desfavorecidas, as atividades de ginástica e jogos esportivos estavam, legalmente, sob a responsabilidade de instrutores de Educação Física, com a colaboração do diretor da escola e de alunos que se distinguissem por "qualidades morais e tendências de sociabilização"³⁴.

Após a fundação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, em 1952, cujo corpo docente, na sua maioria, originava-se da Polícia Militar, reduziu-se a oferta de cursos dessa área, no citado Departamento de Instrução³⁵.

Além disso, conta o Major Castro que, após a revolução [o golpe] de 1964, o governo passou a exigir dos militares um policiamento ostensivo de segurança pública e, com isso, até mesmo o tempo destinado à prática da Educação Física, naquele meio militar, ficou reduzido a uma sessão semanal³⁶.

Após 64, o governo brasileiro passou a utilizar outras estratégias para a Educação Física, centrando seus esforços no sentido de criar e manter cursos Superiores, os quais passaram a se responsabilizar pela formação de docentes para o ensino da Educação Física nas escolas de todos os graus, do País. Tornava-se, portanto, dispensável a formação de novos militares para esse ensino. Entretanto oos

33 - No que se refere às escolas particulares, esse prazo foi prorrogado até 1943. BRASIL. Decreto-Lei n.1.212 - 17 abr. 1939.

34 - MINAS GERAIS. Decreto n.2.930 - 13 nov. 1948. p.791.

35 - Vários oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais participaram da fundação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais, e tornaram-se seus professores. Dentre esses, Cel. Geraldo Pinto Coelho de Souza, Cel. Ellos Pires de Carvalho, Cel. Milton Gomes, Cel. Pedro Nazareth, Cel. José Pereira da Silva, Cel. Heimar Matos, Cel. Waldir Soares de Souza, Cel. Sebastião Domingues, Capitão Albano Augusto Pinto Corrêa Filho, Tenente Adolfo Guilherme, Tenente João Gualberto da Silva, Major José Meira Júnior e os médicos militares: Milton Gomes, José Bolivar Drummond, Flávio Neves Azeredo, Aldemir Drummond e Francisco Velloso Meimberg. (NAZARETH, 1994. Depoimento).

36 - CASTRO, 1991.

militares continuaram como principais idealizadores da Educação Física em Minas Gerais - e no Brasil - não só através de uma atuação direta nos órgãos decisórios, mas também através da permanência de sua ideologia no ensino da Educação Física.

Em síntese, durante quase duas décadas, mantiveram-se em Belo Horizonte cursos de formação de professores de Educação Física que, até mesmo pelo fato de estarem vinculados a instituição militar, destinavam-se apenas ao sexo masculino. Esses distinguiam-se do curso de formação de professoras, não só pelo corpo docente - composto, exclusivamente, de homens - mas também em termos dos conhecimentos repassados: maior enfoque aos esportes e às atividades pára-militares.

3.3 - O CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DE HOMENS E MULHERES

Até o início dos anos 50, Belo Horizonte, bem como todo o Estado de Minas Gerais, dispunha de um reduzido número de professores licenciados em Educação Física através de cursos Superiores, como era também pequeno o número desses cursos no Brasil³⁷.

Desde os anos 30, alguns nomes de destaque na área tomaram iniciativas no sentido de criar uma Escola Superior de Educação Física em Belo Horizonte³⁸. No entender de um deles, o Coronel Geraldo Pinto de Souza, eles não

³⁷ - MARINHO, 1949. Os diplomados pelos cursos de Educação Física, ministrados pelas instituições militares, tiveram, a partir de 1943, seus diplomas equiparados aos dos licenciados em curso Superior, desde que fossem também portadores de certificado do Ginásial. Esse direito se estendeu a todas as pessoas que, por mais de três anos, ensinavam Educação Física no Secundário e foram aprovadas em exame, realizado por escola autorizada pelo governo. Foi através desses exames, que professores e professoras de Belo Horizonte habilitaram-se para o ensino Superior.

³⁸ - Entre esses nomes, foram lembrados os de Renato Eloy de Andrade, Inspetor de Educação Física do Governo Antônio Carlos; Antonio Pereira da Silva, professor do Ginásio Mineiro e chefe dos Escoteiros de Belo Horizonte; Sylvio José Raso, Theodomiro Marcellos, Inspetor Federal de Educação Física; Cel. Geraldo Pinto de Souza, Herbert de Almeida Dutra, Maria Yeda Maurício Ferola, Antenor Horta e Ciro Marinho de Paula Mota.

obtiveram êxito, porque agiram em grupos isolados, sem articulação com os órgãos públicos que poderiam se interessar pelo assunto³⁹.

Sylvio José Raso lembrou que, ao final da década de 40, participou de comissão nomeada pelo Governador Milton Campos, para elaborar projeto de criação de uma Escola de Educação Física em Belo Horizonte. No entanto, nos dizeres desse professor, não foi possível concluí-lo até o final daquele mandato⁴⁰. Fica, portanto, evidente que esse não era um projeto prioritário do governo mineiro.

Os anos 50 iniciaram-se com transformações políticas, socioeconômicas e culturais. No plano político, Juscelino Kubitschek de Oliveira - JK - imbuído da ideologia desenvolvimentista, tendo como aspectos centrais a industrialização com prosperidade e ordem, assumiu o Governo de Minas e, Getúlio Dorneles Vargas, escolhido por sufrágio universal, retornou à presidência do Brasil⁴¹.

Foi esse um período de questionamento da estrutura econômica e valorativa vigente, caracterizado pela luta em prol da substituição do modelo agrário-exportador pelo modelo industrial e, em consequência disso, o aparecimento de novas exigências sociais. Além do mais, as inovações ocorridas na Igreja Católica, em decorrência do Concílio Vaticano II, foram fatores que contribuíram para alterações na estrutura valorativa da sociedade brasileira. As novas necessidades decorrentes de outro modo de produção exigiram mais mão-de-obra, incluindo o trabalho feminino nas indústrias, na burocracia, enfim, no espaço público⁴².

Em síntese, muda-se o perfil da sociedade brasileira: de economia predominantemente agrícola, caminha para a industrialização, intensificando o processo de urbanização. É o início da constituição de uma sociedade de massas.

39 - SOUZA, 1957.

40 - DUTRA, 1992. *História de vida*, NAZARETH, 1994. *Depoimento*. RASO, 1992. *História de vida*.

41 - CARDOSO, 1977.

42 - PASSOS, 1989.

Foi nesse contexto que surgiram, em Belo Horizonte, duas escolas de Educação Física, origens da atual Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, única responsável pela formação de professores e professoras dessa área, na capital mineira, e por vários anos, também a única situada no Estado de Minas Gerais⁴³.

3.3.1 - AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO CURSO: do Estado e da Igreja

No ano de 1952, fundaram-se em Belo Horizonte, a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, ambas destinadas à formação de professores e professoras.

A primeira - Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais - vinculada à Diretoria de Esportes de Minas Gerais foi criada pelo então governador do Estado, Juscelino Kubitschek de Oliveira, incentivado por militares, médicos e professores de Educação Física⁴⁴ e cuja autorização de funcionamento pelo Conselho Nacional de Educação fundamentou-se nas condições culturais de Belo Horizonte, bem como na "capacidade moral e técnica do corpo docente"⁴⁵.

Nos moldes da Escola Nacional de Educação Física e Desporto do Rio de Janeiro, essa escola mantinha os cursos: Superior de Educação Física; Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Medicina Especializada em Educação Física e de Massagem Especializada em Educação Física.

43 - Em 1993, existiam no Estado de Minas Gerais mais sete escolas de Educação Física, a maioria delas fundada no início dos anos 70.

44 - A Diretoria de Esportes de Minas Gerais, órgão criado através do Decreto-Lei Estadual n.922 - 16 jul. 1943 do interventor Benedito Valladares Ribeiro, tinha como uma de suas funções coordenar as atividades de Educação Física e Esportes em todo o Estado de Minas Gerais.

45 - BRASIL. Decreto n.31.761 - 12 nov. 1952.

Suas atividades se desenvolveram no Departamento de Instrução da Polícia Militar e no Minas Tênis Clube, com financiamento do governo, através de verba oriunda da Loteria do Estado de Minas Gerais⁴⁶.

Segundo palavras proferidas pelo Conselho Nacional de Educação, o corpo docente compunha-se de especialistas em Educação Física e de possuidores de "expressivos títulos" na área da Medicina⁴⁷.

Os médicos e os militares exerceram grande influência na criação dessa Escola. Alguns deles mantinham estreitas relações de amizade com JK, quando do exercício da sua profissão de médico do Hospital Militar de Belo Horizonte. Sobre isso, o Dr. Francisco Velloso Meimberg lembra que

*"Em 1933, quando era estagiário no Hospital Militar eu fui designado para fazer o curso de Medicina Esportiva na Escola de Educação Física do Exército, no Rio. Eu nem sabia porque estava fazendo, mas, quando voltei, descobri que era para lecionar no Curso de Educação Física que começaria em 1934 no Departamento de Instrução. Depois quando o Juscelino era governador - nós éramos muito amigos - mandou chamar a mim e ao Carlos Campos Sobrinho, que mexia na parte esportiva propriamente dita, e disse-nos que queria criar uma escola de Educação Física e que precisava da nossa ajuda. Nos aconselhou ir ao Rio de Janeiro, ver no Ministério da Educação o que teria que fazer para criar uma escola aqui em Belo Horizonte. Nós ficamos quatro dias por lá, descobrindo quais currículos existiam, o que deveria ser feito em termos legais e trouxemos tudo. Isso foi em 1951 e em 1952 a Escola já estava funcionando"*⁴⁸.

O governador nomeou para diretor da Escola, seu grande amigo, o médico Antônio Ubaldo Moreira dos Santos Penna, chefe de Serviços de Cirurgia Geral do Hospital Municipal, o que evidencia o poder de influência dos médicos na criação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais⁴⁹.

46 - SOUZA, 1957.

47 - BRASIL. MEC. Conselho Nacional de Educação. Parecer n.30, 1952.

48 - MEIMBERG, Francisco (1992). *História de vida*. (Grifos meus). Esse professor continuou exercendo atividades docentes, nesta Escola, até os anos 90.

49 - MARCELLOS, 1993. *História de vida*. DUTRA, 1992. *História de vida*.

Apesar de a Escola ser destinada a alunos de ambos os sexos, a quase totalidade de seu corpo docente compunha-se de professores, sendo apenas duas as professoras, ambas oriundas do Instituto de Educação de Minas Gerais. Foram elas as responsáveis pelo ensino da Educação Física Feminina e da Ginástica Rítmica, enquanto os professores ensinavam os esportes e os fundamentos biológicos, psicológicos e pedagógicos da Educação Física⁵⁰.

Também fundada em 1952, a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, mantida pela Sociedade Mineira de Cultura, sob a presidência de D. Antônio dos Santos Cabral⁵¹, ministrava os mesmos cursos iniciados pela outra escola, utilizando também as dependências do Minas Tênis Clube para suas atividades esportivas⁵².

Instalada oficialmente em maio de 1952, a instituição teve sua primeira aula inaugural proferida pelo Major João Barbosa Leite, Diretor da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura - MEC - e à solenidade, presidida por D. Cabral, compareceram diversos militares, representantes de suas corporações ou de autoridades do governo estadual, o que demonstra o apoio do poder civil e militar à essa nova escola⁵³.

O corpo docente compunha-se, como na escola mantida pelo Estado, de médicos, militares e professores oriundos da Escola de Educação Física do Exército e de professores(as) licenciados(as) pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos - ENEFD - da Universidade do Brasil, sediada no Rio de Janeiro.

50 - BRASIL. MEC. Conselho Nacional de Educação. Parecer n.30, 1952. Guiomar Meireles Becker ministrava Educação Física Feminina e Odete Meireles era a professora de Ginástica Rítmica.

51 - D. Antônio dos Santos Cabral tornou-se, em 1922, o primeiro arcebispo de Belo Horizonte e permaneceu nessa função até 1967, quando faleceu. Sobre sua marcante influência na vida política e cultural da época, ver HADDAD, SANTOS (1992).

52 - BRASIL. Decreto n.32.168 - 29 jan. 1953. RASO, 1992. *História de vida*. FEROLA, 1991. *História de vida*.

53 - INSTALADA ontem..., 1952.

E, à semelhança da Escola do Estado, as duas únicas professoras ministravam Educação Física Feminina e Ginástica Rítmica⁵⁴.

Assim, as diferenças entre professores e professoras podiam ser observadas, não apenas em termos numéricos, mas também no que se referia ao tipo de conhecimento veiculado por cada sexo: diretamente articulados com os papéis atribuídos, pela sociedade, ao homem e à mulher.

Naquele primeiro ano de funcionamento, poucos candidatos se interessaram pelos cursos de Educação Física. A escola do Estado viu-se obrigada a realizar dois concursos de seleção para garantir o número mínimo de matrículas, pois, em 1953, apenas trinta e nove candidatos se inscreveram para o vestibular do Curso Superior e dezesseis, para o de Educação Física Infantil⁵⁵. Diante desses fatos, D. Antônio dos Santos Cabral decidiu pela gratuidade do curso, sustentado pela Igreja Católica⁵⁶.

No entender de Herbert de Almeida Dutra, professor da extinta Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, apesar de os cursos das duas escolas apresentarem estruturas curriculares bastante semelhantes, distinguiam-se em termos de orientações pedagógicas. Dizia ele:

"Tinha que ter alguma diferença entre os currículos das duas escolas. O Carlos Campos Sobrinho, um dos idealizadores da Escola do Estado, tinha uma visão ampla e uma organização muito boa, porque ele veio de São Paulo, um Estado muito avançado em esportes. E a nossa [das Faculdades Católicas] veio com a influência da Escola do Exército através do General Olavo Amaro da Silveira e do Sylvio José

⁵⁴ - BRASIL. MEC. Comissão do Ensino Superior. Parecer n. 211, 1952. A Educação Física Geral Feminina era ministrada pela professora Nilda Morais Pessarolo e a Ginástica Rítmica estava sob a responsabilidade de Maria Yeda Mauricio Ferola, ambas diplomadas pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos. As demais disciplinas eram ministradas pelos médicos: Silvio José Raso - Diretor da Escola - Flávio Neves, Olavo Felicíssimo de Paula Xavier, Jacy Borges Pereira, Jair Borges Pereira, José Guerra Pinto Coelho, Paulo Adelmo Lódi, Hélio Tavares, Ciro Marinho de Paula Mota. Também os militares Gal. Olavo Amaro da silveira e Walter Viana - Do Exército - e os professores de Educação Física, Antônio Barbosa Mendes, Litz Otaviano Pesarolo e Gilson Sant Anna compunham o quadro docente dessa escola.

⁵⁵ - A NOVA sede..., 1953. ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Edital..., 1952.

⁵⁶ - RASO, 1992. *História de vida*.

*Raso. Esses dois deram uma orientação bastante voltada para aquilo com que eles conviveram lá no Exército*⁵⁷.

Entretanto essa não era uma opinião unânime entre os docentes da época, pois Pedro Nazareth, professor da Escola de Educação Física do Estado, considerava que ambas as escolas eram regidas por orientação militar, oriunda do Exército e repassada pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos⁵⁸.

Em termos de estrutura curricular, os cursos das duas escolas distinguiram-se, apenas, pela cadeira de Cultura Religiosa, exclusividade da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas.

Os jornais da época registraram toda uma polêmica da sociedade belo-horizontina em torno da criação simultânea de duas escolas de Educação Física, e, em especial, sobre a Igreja Católica que, naquele momento, passava a incentivar os jovens à prática esportiva.

Para se entender esses fatos, faz-se necessário conhecer os interesses do Estado e da Igreja Católica na formação do(a) professor(a) de Educação Física naquele momento histórico.

D. Antônio dos Santos Cabral, principal responsável pela criação da Escola das Faculdades Católicas, em entrevista ao jornal, *O Diário*, declarou não haver inconveniência no fato de existirem as duas escolas em Belo Horizonte, pois elas se faziam necessárias para atender aos oito milhões de habitantes do Estado. Dizia ele, que

"a escola filiada à Universidade Católica tem a finalidade de preparar professores e técnicos inspirados nos princípios eternos do Evangelho, recebendo seus alunos, ao lado das lições comuns a todas as escolas, uma formação profundamente cristã"⁵⁹.

D. Cabral deixava explícito que a criação dessa Escola inspirava-se no grande movimento católico desportivo, que se instalava na Itália e na França, repeti-

57 - DUTRA, 1992. *História de vida*.

58 - NAZARETH, 1994. *Depoimento*.

59 - CABRAL, 1952. p.9.

das vezes, enaltecido pelo Papa Pio XII. Lembrava que, diante dessa posição do Santo Padre, demonstraria ignorância dos princípios cristãos quem atribuisse à Igreja reservas com relação à Educação Física e aos Desportos "bem compreendidos"⁶⁰.

Ainda nessa entrevista, D. Cabral relembrou um das falas de Pio XII aos desportistas:

"O esporte é uma escola de lealdade, de coragem, de domínio da vontade, de resolução, de fraternidade universal, todas virtudes naturais - mas que fornecem às virtudes sobrenaturais um fundamento sólido e preparam-nas para suportar sem fraqueza o peso de responsabilidades mais graves. [...] O esporte digno desse nome torna o homem corajoso diante do perigo presente, mas não o autoriza a expor-se sem razão proporcionada, a um grave perigo, coisa que moralmente lhe seria ilícito"⁶¹.

D. Cabral referiu-se, ainda, aos valores do esporte defendidos pelo Santo Padre, citando sua mensagem ao 3º Congresso Interamericano de Educadores Católicos, realizado em La Paz, quando dizia que

"sem dúvida alguma a Igreja aprova a cultura física, se ela é ordenada: e será ordenada, quando servir também de recreio ao espírito e não for causa de debilitação e rudeza espiritual, quando proporcionar novos estímulos para o estudo e o trabalho profissional e quando não conduzir ao seu abandono ou a perturbação da paz"⁶².

A Igreja pretendia preparar professores e professoras, com "formação cristã integral", para atuarem principalmente nos colégios católicos e, também, para exercerem outras atividades docentes na comunidade católica, entre as quais o ensino dos esportes aos jovens, em praças de esportes instaladas nas paróquias. Para conseguir esse intento, a Igreja contratou para a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, um corpo docente com "requisitos de formação cristã", recrutado entre os professores "com maior tirocínio e com os melhores títulos das escolas congêneres brasileiras"⁶³.

⁶⁰ - CABRAL, 1952.

⁶¹ - CABRAL, 1952. p.9. (Grifos meus).

⁶² - CABRAL, 1952. p.9. (Grifos meus).

⁶³ - CABRAL, 1952.p.9.

As idéias de D. Cabral repercutiram positivamente na imprensa local que enalteceu seu pensamento sobre o esporte e chamou de "mentalidade cristã mal dirigida" o fato de as famílias cristãs verem na desporto uma afronta aos princípios evangélicos⁶⁴.

O jornal - *O Diário* - encarregou-se de convencer os católicos dos valores do esporte e da inexistência de conflito entre esse e a Igreja, assunto daquele momento em Belo Horizonte. Esse jornal iniciou sua campanha, destacando o exemplo dos Estados Unidos, país onde em oitenta por cento dos colégios católicos masculinos e na metade dos femininos, a Educação Física havia se tornado obrigatória por desempenhar um importante papel na formação moral dos jovens. Além disso, encarregou-se de listar as nove instituições Católicas norte-americanas que, àquela época, formavam profissionais de Educação Física, bem como de descrever a estrutura curricular de seus cursos⁶⁵.

Em artigo, intitulado **Não há atritos entre a Igreja e os esportes**, o médico Ciro de Paula Mota, professor dessa instituição de ensino, condena os países onde o esporte se degenerou por transformar-se num culto à raça e afirma que, para a criação da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas, única da América do Sul, D. Antônio dos Santos Cabral conseguira

"o apoio de todos aqueles que desejam a **elevação moral da educação física** para que ela alcançasse a verdadeira dignidade e importância da sua missão na formação do homem dentro dos princípios cristãos.[...] Urge colocar o **esporte em seu devido lugar**, isto é, **como meio e não como fim**, subordinando-o às atividades espirituais, como o corpo está sujeito à alma"⁶⁶.

Todo o discurso da Igreja Católica sobre a Educação Física em Belo Horizonte, inspirava-se nas idéias do Papa Pio XII de não ser o desporto um fim,

⁶⁴ - UMA CASA..., 1952. MARCO de..., 1952.

⁶⁵ - EDUCAÇÃO física..., 1952.

⁶⁶ - NÃO há atritos..., 1952. p.8. (Grifos meus).

mas um meio auxiliar de cumprimento do dever, tanto no trabalho quanto na família.

Discursando aos esportistas italianos, em 1945, conclamava esse pontífice:

"Louvores a Deus, sois vós, queridos filhos, quando, depois de uma magnífica prova, voltais, **mais ágeis e com novo fervor ao trabalho**, e, quando entráis de novo em vossas casas, levais à vossa família a **alegria de vossas narrativas**, cheias de entusiasmo [...] O pagão submete-se ao regime desportivo para obter uma coroa famosa; o cristão fá-lo como uma finalidade mais alta, para obter o prêmio imortal [...] vivei sempre em plena consciência de que a mais alta honra e o **mais belo destino do corpo** consistem em ele **ser habitação de uma alma, que brilhe pela sua pureza moral** e esteja santificada pela Graça de Deus"⁶⁷.

Nessa época, anos 50, em diversas partes do mundo, a Igreja Católica, além de buscar assegurar a sua presença na vida dos jovens colaborou, também, para reafirmar os valores da Educação Física e dos Esportes. Desta maneira, ela aliava-se aos avanços nos moldes de produção e da liderança política, ao mesmo tempo que se fortalecia com eles.

A Federação Internacional Desportiva do Ensino Católico (F.I.S.E.C.) foi um exemplo significativo dessa meta da Igreja, que se expandiu rapidamente por todos os continentes, com o objetivo de fornecer condições materiais e orientação técnica aos estudantes, para que o ensino católico em lugar de "estar confinado dentro de suas paredes" se fizesse conhecer publicamente⁶⁸. Para orientar os trabalhos das diversas entidades filiadas, necessitava-se preparar professores, treinadores e monitores que possuíssem, simultaneamente,

"um verdadeiro ideal cristão e uma experimentada competência desportiva. O lugar do padre ou do religioso não é na piscina, no estádio ou no gelo; este é do leigo que fez do ensino desportivo uma profissão ou que se especializou na organização desportiva"⁶⁹.

Assim, pode-se entender que a fundação da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas veio concretizar, em Belo Horizonte, um movimento

⁶⁷ - PIO XII, 1945. p.23,24,27. (Grifos meus)

⁶⁸ - CAMPOS, 1956. p.112.

⁶⁹ - CAMPOS, 1956. p.110.

internacional de aproximação da Igreja à Educação Física, com o objetivo explícito de preservação dos valores cristãos. Fazia-se necessária a formação de leigos para orientar os jovens na prática do desporto, porque esse

"exercitado, moderada e cuidadosamente, **fortalece o corpo**, torna-o são, ágil e válido; mas, para esta obra educativa, submete-o a uma disciplina rigorosa e freqüentemente dura, que o domina e escraviza, realmente: **disciplina do cansaço, resistência na dor, hábito de continência e severa temperança**, condições todas indispensáveis para quem quer alcançar a vitória. [O desporto] vai além da simples robustez física, para atingir a grandeza e a **força moral**"⁷⁰.

Esse movimento internacional da Igreja refletia a sua articulação com movimentos socioculturais mais amplos, desencadeados no período pós guerra. Naquele momento histórico, o fenômeno esportivo encontrava-se em ascensão e se destacava enquanto movimento político, econômico e sociocultural. Assim, aliar-se ao esporte significava, para a Igreja, modernizar-se e, ao mesmo tempo, preservar os valores cristãos que pretendia inculcar.

A fundação de duas escolas de Educação Física, em Belo Horizonte, no ano de 1952, como qualquer fato histórico, não ocorreu por acaso. Ao governo interessava formar uma juventude forte e ordeira para atender às exigências do Estado e de uma sociedade em processo de industrialização. À Igreja competia resgatar através da Educação Física e dos esportes, os valores cristãos dos quais o Estado e os jovens haviam se distanciado nas últimas décadas. Para isso, fazia-se necessário fortalecer o corpo para vencer os instintos, sem divinizá-lo, mas resgatando-o como "templo de Deus e da alma", parte vista como a mais importante do homem. Fazia-se também necessário controlar a prática dos esportes, para que se colocassem, num segundo plano, em relação aos deveres dominicais para com a Igreja e com as obrigações familiares e profissionais.

⁷⁰ - PIO XII, 1945. p.19. (Grifos meus).

"A Igreja não proíbe o desporto dominical; olha-o até com benevolência, contanto que no domingo se reserve a Deus o primeiro lugar [...] Estabelecido para buscar um lenitivo que permita regressar ao trabalho com revigorada vontade e com distensão de nervos, seria um contra-senso e, a longo prazo, prejudicial ao bem comum, se viesse a ocupar o primeiro lugar nas ocupações pessoais"⁷¹.

Ressaltava-se, pois, o papel compensatório e utilitarista que o esporte poderia exercer na formação dos jovens.

Em síntese, entendo que a Igreja se interessava pela Educação Física e pelo esporte, porque os concebia como interessantes meios de educação dos jovens no sentido, de através do corpo, "elevantar a alma a Deus", impregnar valores morais tidos como essenciais para o mundo do trabalho, para a estruturação da família nos moldes cristãos, enfim, para a manutenção da Igreja Católica como corporação universal.

Também o Estado via na Educação Física um instrumento inculcador de valores morais na juventude, tornando-a ajustada e útil à sociedade e, acima de tudo, à Pátria. Sobre isso dizia, naquela época, Juscelino Kubitschek de Oliveira aos desportistas mineiros:

"(...) sob o claro céu de Attica, em dias de outrora, a mocidade burilava os seus músculos e as suas formas, de modo a compor na estesia de suas atitudes uma beleza viril que envaidecia a própria raça humana. Não cuidavam, porém, apenas o corpo. Davam ao espírito o relevo de um culto, atingindo os helenos naquele período o apogeu de sua perfeição étnica. E é este ideal de perfeição, que, através dos tempos da História, vem perseguindo a humanidade para chegar aos nossos dias com a força de um postulado educativo do qual não podem fugir os que queiram servir à sua Pátria"⁷².

A "jovem" Belo Horizonte necessitava de uma juventude atlética que se impusesse pela bravura, disciplina, coragem e entusiasmo para se projetar no cenário nacional e "alcançar as glórias que o destino lhe reservara"⁷³.

⁷¹ - CAMPOS, 1956. p.93-94. (Grifos meus).

⁷² - KUBISTCHEK DE OLIVEIRA, 1954. p.11. (Grifos meus).

⁷³ - KUBISTCHEK DE OLIVEIRA, 1954. p.11

Assim, a fusão dessas duas escolas, de onde surgiu, em 1953, a Escola de Educação Física de Minas Gerais⁷⁴, pode ser compreendida por seus objetivos ocultos: ambos, Igreja e Estado, tinham metas comuns, uma vez que viam na Educação Física um meio de socialização sob a égide da moral do trabalho. Além disso, havia razões explícitas para tal fusão: a reduzida demanda aos cursos oferecidos por ambas as instituições e a escassez de recursos financeiros para mantê-las, já que ambas eram gratuitas.

A nova Escola passou a ser mantida com recursos da Diretoria de Esportes do Estado, cabendo sua administração ao Governador do Estado e ao Presidente do Conselho Diretor da Sociedade Mineira de Cultura, tornando-se agregada à Universidade Católica de Minas Gerais, em 1958⁷⁵.

A Igreja Católica tornou-se, então, a responsável por sua orientação pedagógica, e

"no tocante à parte moral, tal como sucede nas duas Escolas que ora se fundem, obedecerá, a nova Escola as mesmas diretrizes cristãs [sob a orientação] do conselho Diretor da Sociedade Mineira de Cultura"⁷⁶.

Como uma das formas de se garantir a moral cristã, o convênio, que unificou as duas escolas, estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de Iniciação Filosófica e Cultura Religiosa, ministrado por professores indicados pelo Conselho Diretor da Sociedade Mineira de Cultura, com nomeação independente de Concurso e participação assegurada na Congregação da Escola. Além disso, os professores e professoras das demais disciplinas, apesar de serem selecionados por concurso público, podiam ter suas inscrições censuradas pela Igreja ou pelo Estado.

⁷⁴ - BRASIL. Decreto n.37.161 - 13 abr. 1955. BRASIL. MEC. Conselho nacional de Educação. Parecer n. 353, 1953.

⁷⁵ - BRASIL. Decreto n.45.046 - 12 dez. 1958. Denominavam-se agregadas as instituições de ensino superior mantidas por outras entidades.

⁷⁶ - UM só instituto..., 1953. p.8. (Grifos meus).

A Igreja preocupou-se em manter um corpo docente que garantisse um ensino orientado pelos princípios cristãos, idealizado por seus fundadores. E foi tal ensino que essa Escola, por longo tempo, buscou concretizar.

O professor José Gerra Pinto Coelho, diretor da Escola de Educação Física de Minas Gerais, em seu discurso como paraninfo dos formandos de 1957, assim definiu os objetivos que orientavam a formação de professores e professoras:

"A Escola de Educação Física vem procurando cumprir fielmente a **missão** que confiaram os seus fundadores e que é, afinal, a sua própria razão de ser: dar à cultura física aquêlê sentido legítimo e autêntico que é preconizado pela Filosofia e Pedagogia Católicas [...] Dela têm saído e continuarão a sair professores cada vez mais aptos [...] que levarão [...] a todos os quadrantes da terra mineira, os ensinamentos de uma **verdadeira cultura física integral e cristã**, professores que contribuem decisivamente para formar no seio de nosso povo, aquela **geração casta e forte** que representa para a nossa **pátria** a mais segura garantia de preservação das suas **gloriosas tradições de civismo e de cristandade**"⁷⁷.

Buscava-se, assim, formar docentes orientados por princípios cristãos, impregnados de valores morais, eugênicos e cívicos, capazes de entender a Educação Física como atividade humana situada na esfera do religioso, tendo por finalidade última a aproximação de Deus.

Por isso, o Padre Carlos José Gonçalves escreveu que não cabia à sociedade cristã questionar a interferência da Igreja na Educação Física, pois tal questionamento se originava no laicismo da educação republicana que se encarregou de afastar a "Religião das atividades profanas, levando ao paganismo da vida"⁷⁸. Fazia-se necessário, então que a Escola, como um todo, assumisse o compromisso de

"cumprir bem e fielmente os objetivos da Educação Física para o aperfeiçoamento do homem, orientando-se sempre por sólidos princípios cristãos"⁷⁹.

⁷⁷ - O COROAMENTO..., 1958. p.1. (Grifos meus).

⁷⁸ - GONÇALVES, 1958. p.3.

⁷⁹ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ata da Congregação n.20, 19. nov. 1960.

Enquanto agregada à Universidade Católica, a Escola de Educação Física se mantinha com recursos do Estado, distribuídos a critério político de seus governantes, o que a colocava em constante instabilidade financeira. Durante seus primeiros anos, funcionou em instalações cedidas pelo Minas Tênis Clube, pelo Colégio Municipal Marconi e pelo Departamento de Instrução da Polícia Militar. Somente em 1960, foi inaugurada sua sede própria⁸⁰.

A instalação da Escola, em prédio especialmente construído para esse fim, apesar de ter proporcionado melhores condições de ensino, não significou a estabilidade financeira da instituição. A crise financeira provocou o congelamento do salário dos docentes, a extinção de vários cursos e da Casa do Universitário, destinada às moças, e até mesmo, ameaçou o fechamento dessa Escola⁸¹.

Mas, como lembram os professores da época,

"o entusiasmo e o amor a ela dedicados por um grupo de professores não permitiu seu fechamento. Nós ficamos um ano sem receber salário, e só não abandonamos a Escola por amor. **Abrimos mão do nosso vencimento para custear o material de ensino.** E, não éramos quaisquer professores, pois, muitos de nós tínhamos trabalhos - especialmente como técnicos - reconhecidos no País e até no exterior⁸².

A situação financeira da EEFMG só se modificou com a sua incorporação à Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - em 1969. Tal incorporação ocorreu na mesma época em que essa Universidade já apoiava o movimento de valorização do esporte como meio de educação do estudante, em particular, e do povo, em geral. Prova disso são as declarações do Professor Gerson de Mello Boson, em seu discurso de posse como reitor dessa instituição.

⁸⁰ - SEDE própria..., 1958. ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ata da Congregação, n. 20 - 19 nov. 1960.

⁸¹ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ata da Congregação, n.16 - 4 mar. 1960.

⁸² - FIGUEIRA, 1993. Depoimento. (Grifos meus). Esse fato foi ratificado pelos de: RASO, 1992. História de vida. ALMEIDA, 1992. Depoimento. DUTRA, 1992. História de vida. NAZARETH, 1994. Depoimento.

"Na universidade brasileira, talvez sejam as atividades esportivas as menos atendidas, especialmente se tivermos em mente a sua grande importância para o desenvolvimento físico e valorativo da juventude. É nosso propósito tudo fazer no sentido de proporcionar aos universitários mineiros ambiente esportivo à altura de suas inclinações"⁸³.

Além disso, essa universidade participava da política de construção de grandes estádios de futebol, intensificada após o golpe militar, cedendo terreno para a construção do Estádio Magalhães Pinto. E, ao mesmo tempo, garantia a construção do Centro Esportivo Universitário, franqueado aos estudantes, em 1970⁸⁴.

3.3.2 - DO ESTADO E DA IGREJA À FEDERAÇÃO

A federalização da Escola de Educação Física, bem como sua integração à UFMG, foi um antigo sonho de seus professores que, já na década de 50, reuniam-se em comissão para estudar tais possibilidades⁸⁵.

"Durante o mandato do Juscelino na presidência da República, houve inúmeras tentativas de federalização através do Dr. Bolivar de Andrade, professor da Escola e amigo íntimo do presidente, mas não se conseguiu nada"⁸⁶.

Somente em 1968, o Conselho Universitário da UFMG mostrou-se favorável a essa incorporação. Essa decisão "era o reflexo da política de valorização da Educação Física e dos Desportos como recursos para a formação da juventude" desenvolvida pelo MEC, naquela época⁸⁷.

O ano de 1968 é um marco na história, devido às contestações sociais, políticas e culturais ocorridas em várias partes do mundo, e, no Brasil, assinala a

⁸³ - BOSON, 1968.

⁸⁴ - UFMG. Conselho Universitário. Ata de reunião extraordinária, 5 fev. 1970.

⁸⁵ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ata da Congregação n.4 - 12 dez. 1955.

⁸⁶ - NAZARETH, 1994. Depoimento.

⁸⁷ - UFMG. Conselho Universitário. Ata da sessão de 15 mar. 1968.

eclosão de um amplo movimento social de protesto e de oposição à ditadura instalada em 1964 com destaque para os movimentos estudantil e operário⁸⁸.

Foi nesse mesmo ano que se implantou no País a Reforma do Ensino Superior a qual, na análise de José Willington Germano, além de não contar com a participação da sociedade civil, visava a desmobilizar os movimentos reivindicatórios e voltados para a educação. Por outro lado, ela pretendia produzir um discurso de valorização da educação, atender a uma demanda efetiva e a uma carência real de segmentos da sociedade, excluídos dos privilégios concedidos pelo poder e, ainda, transformar a política educacional numa estratégia de hegemonia e neutralização dos conflitos sociais e políticos. Assim, o interesse do Estado brasileiro pela educação manifestou-se através da repressão a dirigentes, professores e alunos, considerados indesejáveis ao regime e, também, por meio do controle político e ideológico do ensino, visando à eliminação da crítica social e política⁸⁹.

Essa Reforma do Ensino Superior determinou a construção de instalações adequadas às atividades da Educação Física e, pelas alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tornou-a uma "prática desportiva obrigatória para os universitários⁹⁰. Obrigatoriedade essa que Júlio Cesar Schmitt Rocha, em estudo sobre os condicionamentos legais de Educação Física brasileira, afirmou ser uma das estratégias de contensão das mobilizações estudantis, pois,

"O envolvimento esportivo poderia significar, além de uma prática de desenvolvimento corporal, uma forma de ocupar o tempo livre e gastar energias, desviando assim, a disponibilidade do estudante para a militância reivindicatória e política"⁹¹.

⁸⁸ - HABERT, 1992.

⁸⁹ - GERMANO, 1993.

⁹⁰ - BRASIL. Lei n.5.540- 28 nov. 1968. BRASIL. Decreto-Lei n.464 - 11 fev. 1969. BRASIL. Decreto-Lei n.705 - 25 jul. 1969.

⁹¹ - ROCHA, 1991. p.66. Foi, também, esse governo militar que, logo após sua instalação, transformou os Jogos Universitários Brasileiros em atividade acadêmica regular. (BRASIL. Decreto n.54.215 - 24 ago. 1964).

Interessava a esse governo incentivar os estudantes à prática de esportes, bem como obrigá-los a freqüentar aulas de Educação Física, tendo em vista sua "importância na formação do homem integral, objeto da educação universitária"⁹².

A concretização dessa meta exigia a ampliação e um maior controle sobre os cursos de formação de docentes, não só para o ensino Superior, mas também para os de primeiro e segundo graus. Coerentemente, as escolas de Educação Física, com grande número de docentes militares, defendiam a formação intensiva de profissionais da área, bem como melhores condições funcionais para as instituições⁹³.

O governo e também as escolas de Educação Física defendiam o estabelecimento de uma política nacional de Educação Física de massa, com finalidade de

"favorecer a melhoria do homem e os meios de colaborar no plano de segurança nacional [Além disso, propunham uma] ação na escola primária com o objetivo de longo alcance, despertando o interesse pela prática das atividades físicas. E a ação no mesmo sentido, nos estabelecimentos de ensino médio e superior, concorrendo, além de seus benefícios gerais, para a possibilidade de surgirem atletas de melhor nível técnico, capazes de realçar a posição do nosso país no mundo desportivo e social"⁹⁴.

No caso específico de Belo Horizonte, a implementação de uma política de incentivo à prática de atividades físicas demandava a ampliação do número de docentes com formação Superior, pois, até 1969, a EEFMG havia diplomado, apenas, cento e dez professores e trezentos e vinte e uma professoras. Além disso, quase metade dos egressos dessa escola não se achava registrada no MEC, o que evidenciava o não exercício de atividades profissionais em estabelecimentos de ensino. Supria-se a falta de docentes, contratando-se "professores leigos" - cujo

⁹² - BRASIL. Lei n. 5.540 - 28 nov. 1968.

⁹³ - REUNIÃO de..., 1968.

⁹⁴ - REUNIÃO de..., 1968. p.50.

número se aproximava de três mil, em 1969 - treinados pela Inspeção Seccional de Educação Física do MEC com sede em Belo Horizonte⁹⁵.

As entrelinhas dos documentos legais permitiram ler que, para se garantir a ampliação e a melhoria da capacitação docente desenvolvida, até então, a Junta Militar que governava o País, e era formada pelos Ministros da Marinha, da Aeronáutica e do Exército, incorporou, em 1969, a Escola de Educação Física de Minas Gerais à UFMG⁹⁶.

O interesse dessa junta militar pelos cursos de formação de docentes de Educação Física fica, a meu ver, mais evidente quando se sabe que, desde os tempos de JK na presidência da República, professores dessa Escola, apoiados por políticos mineiros, vinham solicitando, insistentemente, a federalização dessa Escola⁹⁷.

Não se tratou de um fato isolado, pois o mesmo ato do executivo que incorporou a EEFMG à UFMG, integrou, também, a Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul e a Escola de Serviço Social de Natal às respectivas universidades federais.

A UFMG, "compreendendo o elevado alcance" das atividades físicas na formação do jovem, antecipou-se ao Decreto-Lei 705, que regulamentou a Educação Física nas universidades brasileiras, ao criar o seu Departamento Esportivo, com o objetivo de implementar um programa de Educação Física para os universitários. Tal programa representava

"uma experiência - importante e profunda - a ser feita pela Universidade, exatamente no momento em que o assunto vem merecendo tratamento destacado por parte do Ministério da Educação e Cultura, quando se incorpora à UFMG a Escola de Educação Física, quando é assinado o convênio para a construção de seu parque esportivo - um dos maiores da América Latina, quando o Governo Federal institui a

⁹⁵ - BRASIL. MEC. Inspeção Seccional de Educação Física, 1971.

⁹⁶ - BRASIL. Decreto-Lei n.997 - 21 out. 1969.

⁹⁷ - Dentre esses nomes destacam-se os de Herbert de Almeida Dutra, Sylvio José Raso e Olavo Amaro da Silveira.

Loteria Esportiva, quando a Universidade Federal de Minas Gerais estrutura seu Centro Desportivo. As perspectivas são favoráveis. Há um grande otimismo"⁹⁸.

Nesse período, apesar de, discursivamente, haver uma constante valorização da educação, havia escassez de verbas para o ensino público, pois o Estado empregara a maior parte de seus recursos financeiros em setores diretamente vinculados à acumulação de capital⁹⁹.

No entanto, o Departamento de Educação Física e Desportos do MEC garantiu volumosos recursos que permitiram reaparelhar e contruir uma nova sede para a Escola de Educação Física da UFMG¹⁰⁰, o que não deixava sombra de dúvidas sobre o interesse do governo pela Educação Física e pelos esportes, naquele momento histórico.

⁹⁸ - UFMG. A atividade física..., 1970. p.1.

⁹⁹ - GERMANO, 1993.

¹⁰⁰ - VEADO FILHO, 1974. CISALPINO, 1993. Depoimento. UFMG. Conselho Universitário. Ata da sessão de 13 set. 1974.

Um só instituto para o ensino da educação física

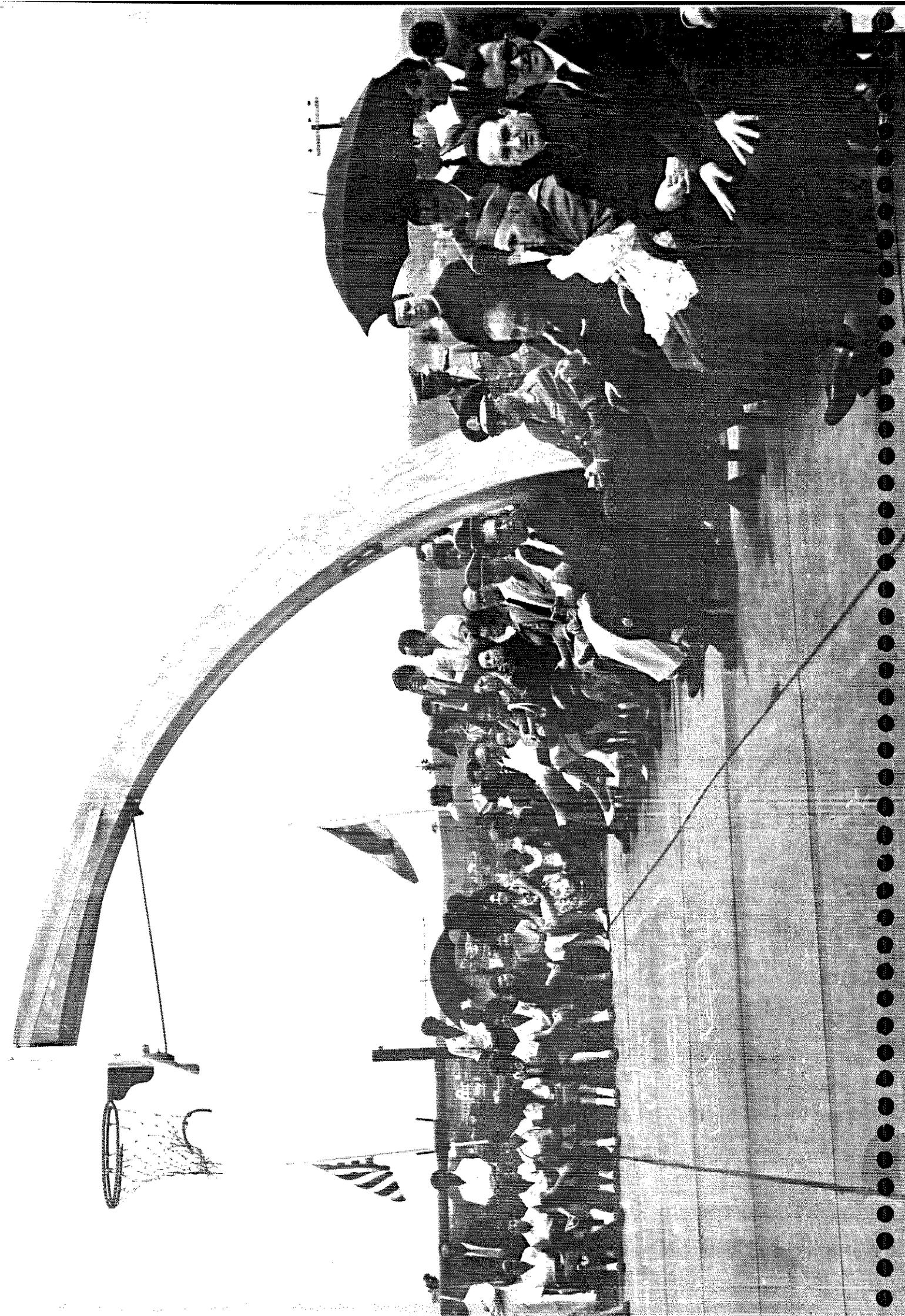
Pelo convênio ontem assinado, fundiram-se as duas Escolas de Educação Física existentes na Capital - A orientação moral obedecerá aos princípios cristãos



Na foto, D. Antonio dos Santos Cabral quando assinava o convênio, vendo-se ainda o Governador do Estado, o Pe. Luis Viégas e o dr. Ubaldo Pena.

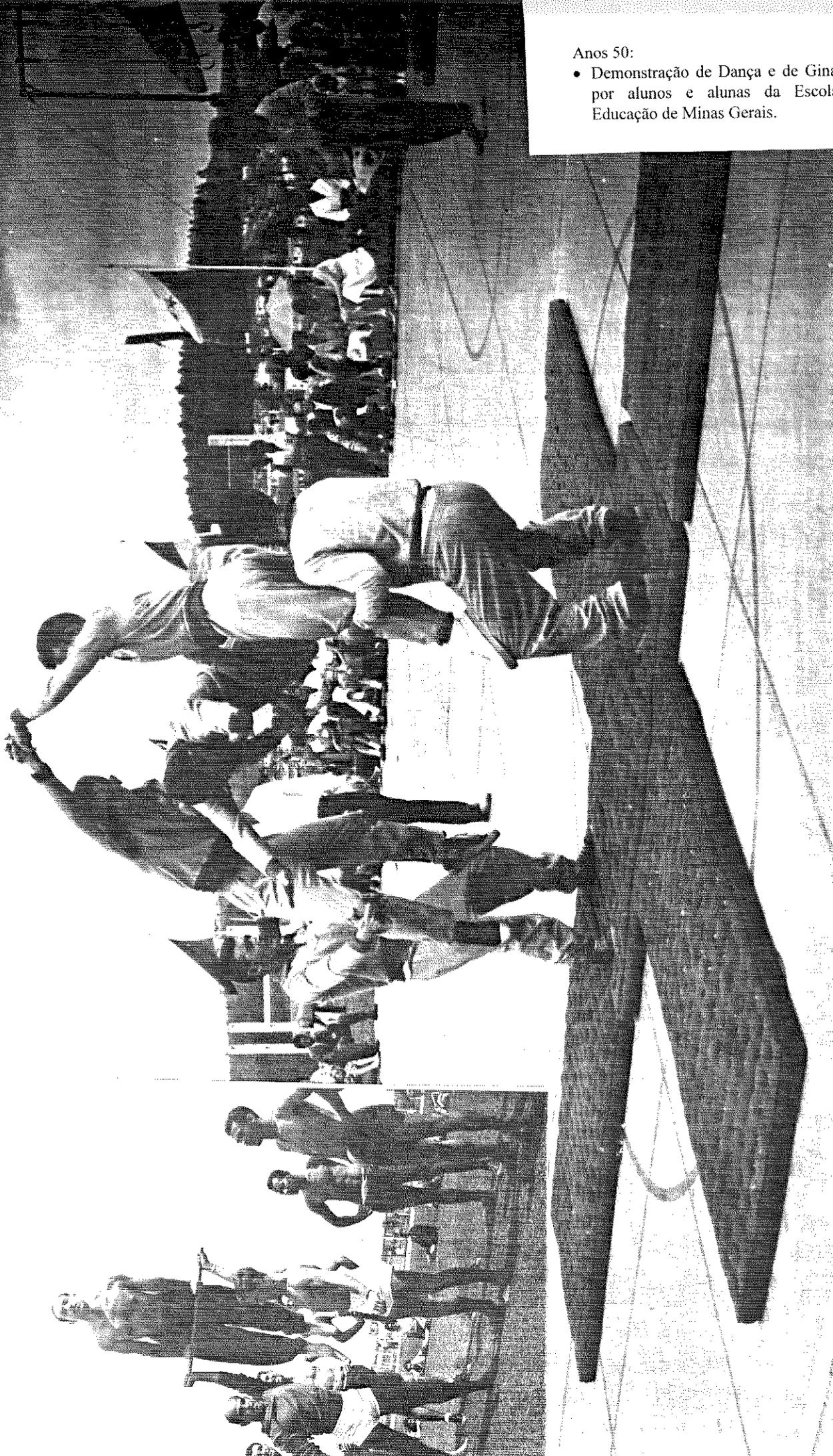
Anos 50:

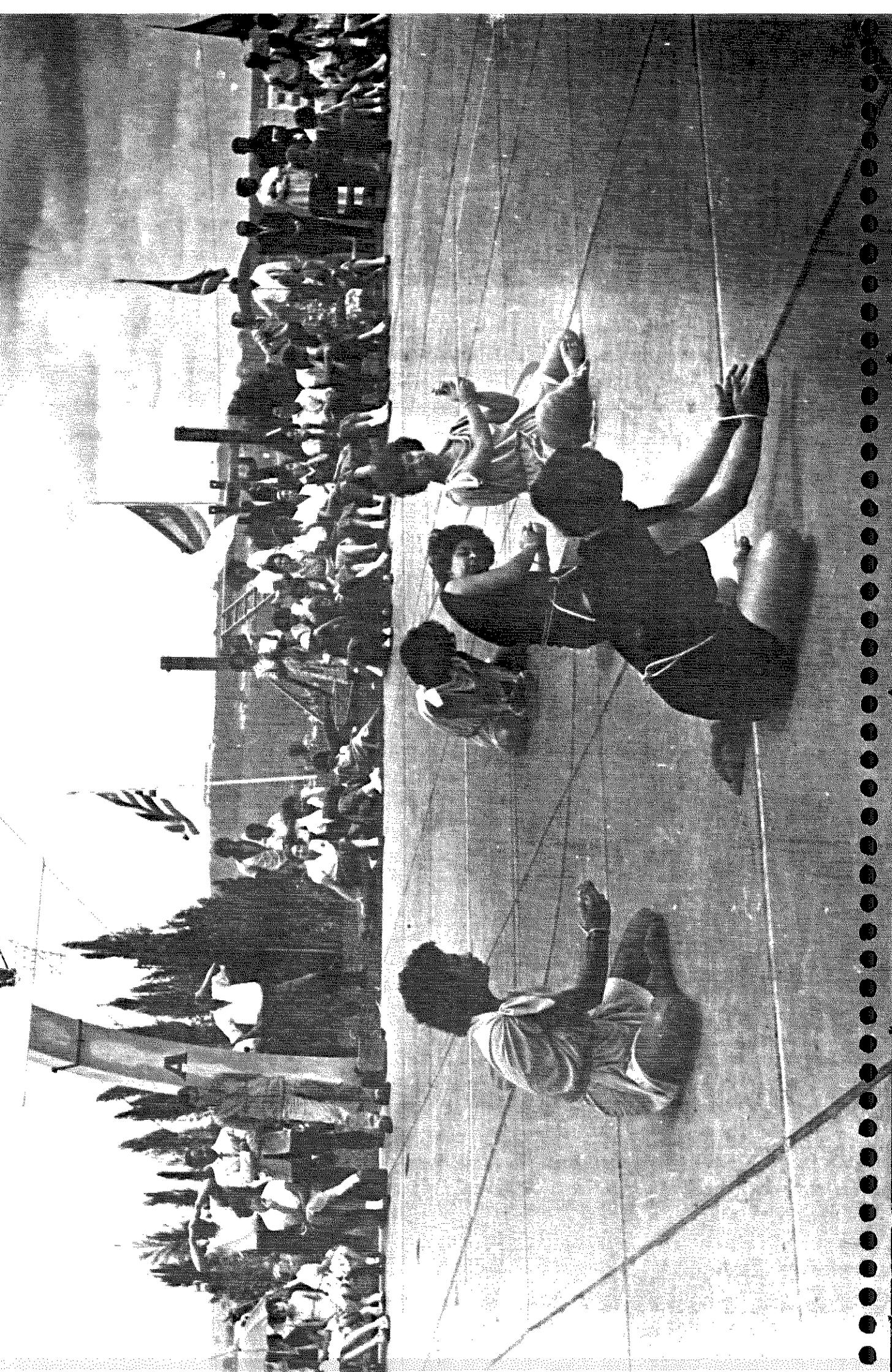
- A criação da Escola de Educação Física de Minas Gerais. O Diário, 16 de setembro de 1953. p.1.
- Governador do Estado, autoridades eclesíásticas, militares, docentes e discentes da Escola de Educação Física de Minas Gerais assistindo demonstrações de Dança e Ginástica.



Anos 50:

- Demonstração de Dança e de Ginástica por alunos e alunas da Escola de Educação de Minas Gerais.





CAPÍTULO 4

HOMENS DE UM LADO! MULHERES DE OUTRO!

Tendo como ponto de partida os cursos Superiores de formação do professor e da professora de Educação Física, busquei identificar, neste capítulo, as diferenças e semelhanças entre e o ensino da Educação Física ministrado, em Belo Horizonte, a homens e mulheres - no período 1952-1970 - e entender seus significados para as relações de gênero.

Essa delimitação temporal considerou a criação da Escola de Educação Física de Minas Gerais e sua incorporação à UFMG, como fatos que geraram novos acontecimentos no ensino da Educação Física em Belo Horizonte.

Esses fatos foram significativos para o estudo das relações de gênero, na medida em que delimitaram um período no qual os futuros professores e professoras de Educação Física passaram a se graduar em uma mesma escola.

Mas o que isso representou em termos de diferenças e semelhanças entre os atributos do professor e da professora?

4.1 - DOIS CURSOS, DUAS TURMAS: a separação por sexos

A Escola de Educação Física de Minas Gerais, nos seus primeiros anos de existência, por força de lei, estruturou-se nos moldes da Escola Nacional de Educação Física e Desportos - ENEFD - criada, no Rio de Janeiro, com o objetivo de "imprimir ao ensino da educação física e dos desportos em todo o país, unidade teórica e prática"¹.

¹ - BRASIL. Decreto-Lei n. 1.212 - 17 abr. 1939. p. 9.073. Foi a Escola de Educação Física do Exército que formou os primeiros professores e diretores da ENEFD a qual, por sua vez, submetia-se à orientação da Divisão de Educação Física do MEC, dirigida por militares. (COLOMBO, 1957, MARINHO, 1943, FARIA JÚNIOR, 1987).

Assim, a EEFMG oferecia os mesmos cursos ministrados pela ENEFD, com idêntico elenco de disciplinas e orientações metodológicas semelhantes².

Dentre essa oferta, o de Educação Física Infantil preparava normalistas para tornarem-se professoras de Educação Física no ensino Primário e, apesar de, ao longo da história desse curso, a quase totalidade de alunos ser composta por mulheres (apenas um homem o frequentou) sua organização apresentava uma grade curricular específica para cada sexo³.

Embora a maioria dos conhecimentos previstos por esse currículo fosse comum aos dois sexos, aos homens negava-se a aprendizagem da ginástica e do atletismo "femininos" bem como da dança e da rítmica. E às mulheres não se permitia aprender a ginástica e o atletismo "masculinos", o futebol, o judô e o boxe⁴.

É interessante observar que, apesar de no ensino público Primário, ao qual se destinava a maioria dos egressos desse curso, as turmas de Educação Física serem mistas, o curso de preparação de docentes insistia nessa separação.

Também no curso Superior de Educação Física, tais fatos se repetiam, pois as turmas se organizavam por sexos e desenvolvia-se uma grade curricular para os homens e outra para as mulheres.

Nas escolas públicas e nas confessionais - que se tornaram mistas no final dos anos 60 - para as aulas de Educação Física, as turmas se organizavam em "masculinas e femininas", e eram ministradas por professor e professora, respectivamente⁵.

² - BRASIL. Decreto-Lei n. 8.270 - 3 dez. 1945. Macedo Hécio, 1991. **Depoimento.**

³ - UFMG. Escola de Educação Física - Livro de Registro de Diplomas. MACEDO, Elcio, 1991. **Depoimento.**

⁴ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. *Currículos do curso de educação física infantil. 1952-1973.*

⁵ - ROCHA, 1993. **Depoimento.**

Essa adoção do sexo como critério de organização de turmas e de distribuição dessas entre os docentes, não se constituía numa exclusividade do ensino ministrado em Belo Horizonte, pois era também adotado no Brasil e em países dos continentes europeu e americano⁶.

No curso Superior de Educação Física, a grande maioria das disciplinas - dentre as quais o basquetebol e o voleibol - destinava-se a ambos os sexos e era ministrada pelo mesmo professor, mas em turmas diferentes. No entanto, também nesse curso, homem não dançava nem fazia ginástica rítmica, direito exclusivo das mulheres que, por sua vez, não jogavam futebol nem praticavam judô.

Tratava-se de um dos reflexos de uma política educacional mais ampla que dava continuidade à nossa histórica aculturação. Os padrões desportivos internacionais ditavam as regras copiadas pela escola, inculcando valores e interferindo na seleção dos jogos, dos conhecimentos, enfim, de gestos padronizados a serem executados por homens e por mulheres. Dessa maneira, a instituição esporte passa a ser um determinante de alcance internacional na reprodução de imagens masculina e feminina, coerentes com o projeto de sociedade almejada, naquele momento histórico.

Entretanto, naquelas duas décadas, em escolas de Belo Horizonte, o sexo masculino intensificou sua participação no voleibol, apesar de ser esse um esporte mais "apropriado" para as mulheres⁷. Desta forma, na capital mineira, a força do fenômeno esportivo internacional começava a sobrepujar valores culturais relacionados aos gestos executados por homens.

⁶ - Em Portugal, a Educação Física ensinada aos homens e às mulheres visavam a objetivos distintos, e estavam, até mesmo, sob responsabilidade de diferentes instituições. CARREIRA, (1961). Na Inglaterra, mulheres e homens, desde crianças, eram separados nas aulas de Educação Física e os cursos de formação de docentes eram específicos para cada sexo. INSTOSH, (1961). Adotava-se essa divisão por sexos, também na Rússia que, no ideário do governo, tinha como propósitos desenvolver a força e a agilidade do homem e a graça e a beleza da mulher. KOUKOUCHKINE, (1961).

⁷ - MACEDO, Helcio, 1992. Depoimento.

Todavia, nesse período, as alterações mais expressivas ocorreram nas atividades esportivas desenvolvidas por mulheres, pois, apesar de continuarem, legalmente, proibidas de praticar judô e futebol, intensificaram, ainda que modestamente, a participação no atletismo - exceto nas escolas das classes sociais mais elevadas - na ginástica de solo e aparelhos e no voleibol. Permitiu-se, também, às mulheres das classes sociais mais elevadas maior acesso à natação, em alguns estabelecimentos públicos e privados de ensino. Até o década de 70, havia, porém, pouca aceitação do basquetebol como esporte a ser praticado por mulheres nas escolas da capital mineira.

Na memória da professora Marluce Guimarães Gomes, a mulher atleta foi, gradativamente, deixando de ser considerada pela sociedade belo-horizontina como "moça falada ou mulher macho".

"Mas, quando a gente passava pela Avenida Afonso Pena, principalmente em frente à Sloper, trajando agasalho e tênis, os homens jogavam piadinhas⁸.

Esse acontecimento fez-me lembrar do estudo de Margareth Rago sobre a prostituição e os códigos de sexualidade feminina, em São Paulo, no início desse século, no qual afirma que a mulher no espaço público,

"principalmente se desacompanhada [de um homem], precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não se confundir com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, `mulher pública'⁹.

A seleção das disciplinas relacionadas aos esportes seguia regras internacionais. Assim, na Esgrima, as mulheres aprendiam a lutar apenas com o florete, e os homens, além dessa arma, esgrimavam com espada e sabre, como previa o Regulamento Internacional de Esgrima¹⁰.

⁸ - GOMES, 1991. Depoimento. Sloper era a loja especializada em moda feminina, cujas calçadas tornaram-se "passarelas" femininas, para um público masculino.

⁹ - RAGO, 1991. p.39-40.

¹⁰ - FEDERACION INTERNACIONAL DE ESGRIMA, 1966.

No entender do professor Almir Wildhagen Figueira, responsável por essa disciplina na Escola de Educação Física da UFMG, isso acontecia porque

"o florete é uma arma delicada e as outras são violentas e perigosas para a mulher. Hoje ainda é assim em todo o mundo apesar de não haver tanta diferença entre a esgrima masculina e a feminina, pois a única coisa que seria diferente é a força do golpe. Existem campeãs femininas que vencem muitos homens. Mas, tanto para o homem quanto para a mulher, a esgrima é muito importante, porque é formadora de caráter e nela o indivíduo é ensinado a obedecer"¹¹.

Além disso, a esgrima é adaptável a todos os jovens

"particularmente às moças porque é a única atividade de combate aceitável para elas. Em razão de suas bases românticas, a esgrima se apresenta como indicada, especialmente, para estudantes de música, arte dramática, dança e literatura"¹².

Eram esses os motivos aparentes de as mulheres aprenderem a esgrimar com o florete. Todavia eu pergunto: o que estaria essa prática ocultando?

Nas entrelinhas desses discursos, pude ler que o fato de se utilizarem da esgrima para disciplinar as mulheres mostra que elas não eram tão frágeis quanto se explicitava. Esse esporte, com todo o seu ritual de gestos padronizados, seria um meio capaz de limitar a livre expressão de sentimentos, de idéias e de conhecimento da realidade - possibilitados pelas artes - para as quais as mulheres teriam "aptidão natural".

O ensino da esgrima reafirmava o pensamento de que os gestos da mulher deveriam expressar a sua "natureza": delicada, frágil, emotiva e controlada. Quanto aos gestos dos homens, deveriam ser a expressão da força e da audácia, explicitados no lutar com a espada e com o sabre. Entretanto ambos aprenderiam, através do controle corporal, a obedecerem, não só as normas do esporte, mas da sociedade, como um todo.

¹¹ - FIGUEIRA, 1993. Depoimento. (Grifos meus).

¹² - FIGUEIRA, 1981. (Grifos meus).

No currículo do curso de Educação Física, entretanto a esgrima, bem como todos os outros esportes, continuavam sob a responsabilidade de professores, enquanto as professoras, em número reduzido, ministravam rítmica, danças e ginástica geral feminina.

Entendo que o fato de os professores ensinarem esportes às mulheres, pode significar que, culturalmente, o esporte traz, em sua essência, qualidades masculinas. E, daí a dificuldade de se conceber esporte como atividade, também, feminina.

Uma discussão dessa natureza pode ser atrelada à análise da relação dos gestos masculinos e femininos que Luc Boltanski realizou sobre as classes sociais e o corpo, na França. Esse autor afirma que o conjunto de gestos dos homens das classes superiores - dos cotidianos aos exigidos pelo mundo do trabalho - eram tidos como efeminados pelos membros das classes populares. Desta maneira, a relação que os homens mantinham com o corpo nas classes superiores tendia a se aproximar da relação que as mulheres mantinham com o corpo nas classes populares.

"De fato, tudo se passa como se a oposição entre a relação com o corpo dos membros das classes populares e dos membros das classes superiores reproduzisse a oposição da relação com o corpo dos homens e das mulheres"¹³.

Assim, um esporte entendido como masculino pelas classes superiores pode ser considerado feminino nas classes populares; portanto, o sexo determinava possibilidades de compreensão de significados de gestos esportivos, na sua relação com a distribuição dos discentes, das disciplinas e professores no ensino dos esportes no curso de Educação Física. Além disso, revelava a construção do significado sociocultural de masculino e feminino, em diferentes classes sociais.

A partir do final dos anos 50, no curso Superior de Educação Física, a natação passou a ser ensinada por uma professora. Essa exceção foi possível porque,

¹³ - BOLTANSKI, 1984. p.174.

desde o final dos anos 30, meninas - da raça branca - passaram a participar de treinamentos dessa modalidade esportiva, nos Clubes de Belo Horizonte. Com isso, algumas mulheres dedicaram-se às funções de técnicas de natação. Sobre isso, contou Herbert de Almeida Dutra:

"Nós tínhamos excelentes técnicas de natação. Inicialmente, elas treinavam o feminino. Depois algumas se projetavam. E, então houve a possibilidade de galgarem uma situação melhor, passando a treinar a parte masculina"¹⁴.

Os dados revelam que as mulheres ocupavam posição inferior na escala de valores do meio esportivo, em coerência com a sociedade, como um todo.

Foi uma ex-alteta do Minas Tênis Clube, Márcia Duarte de Assumpção, a primeira mulher a ensinar natação, a partir de 1959, no curso Superior de Educação Física. Essa professora recordou-se de que

"inicialmente, ministrava aulas só para as meninas. As moças tinham pouca liberdade para falar com um homem sobre menstruação, esses problemas íntimos que impediam a participação delas na aula. Elas não podiam nadar quando estavam menstruadas, pois, não existia Ob [absorvente]. Mas também, se existisse não sei se usariam, porque eram todas virgens. Mas, no final dos anos 60, o professor dos rapazes adoeceu e, como não podiam contratar outro, eu o substituí. Quebrou-se o tabu, e daí em diante não tive problemas, ao ensinar natação para os homens"¹⁵.

Assim, no ensino da natação, destacavam-se as características biológicas da mulher, em especial as ligadas à sua função reprodutora. De acordo com as normas da época, a mulher deveria silenciar-se em relação a essas características, especialmente ao sexo oposto. Não era, pois, recomendado que o ensino da natação às mulheres fosse permitido aos homens para que os mesmos não se apossassem da intimidade da mulher.

Em síntese, a Educação Física, tendo o esporte moderno como conteúdo hegemônico, afirmava-se como instrumento de eletização e hierarquização

¹⁴ - DUTRA, 1992. *História de vida*. (Grifos meus).

¹⁵ - ASSUMPÇÃO, 1994. *Depoimento*. (Grifos meus). PEREIRA, (1984) mostra a influência do aperfeiçoamento dos absorventes femininos, na conquista do campo esportivo pela mulher.

social. Buscava-se, através da competição, a superação individual como valor básico para uma sociedade moderna.

Vários esportes, adjetivados de masculinos ou femininos, tinham suas práticas estipuladas - até mesmo por dispositivos legais - aos homens ou às mulheres. Para os homens, aqueles que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e os movimentos mais violentos. Para as mulheres, os esforços moderados, a distância de outros corpos e a suavidade de gestos.

Com isso, era de competência exclusiva da mulher ensinar a ginástica rítmica, atividade cujos gestos demonstrariam a doçura e a graça femininas.

Todavia, essa restrição, adotada em Belo Horizonte e exigida por legislação de âmbito nacional, não se fazia presente na França, um dos países que, naquela época, exercia grande influência sobre a Educação Física brasileira. Lá, permitia-se que o ensino da Ginástica Feminina fosse ministrado por docentes de ambos os sexos, com habilitação adquirida através de exames oficiais promovidos pelo Estado¹⁶.

Tal fato demonstra-me que a distribuição das atividades docentes entre professores e professoras de Educação Física não se fundamenta nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas em questões culturais relacionadas à construção dos gêneros (masculino e feminino) em nossa sociedade.

A legislação que regulamentava os cursos Superiores de Educação Física no País, determinava que o ensino fosse ministrado "em aulas práticas, em aulas teóricas e em exercícios", evidenciando uma nítida separação entre o pensar e o fazer, com ênfase em um fazer específico de cada sexo. Dessa maneira, as disciplinas "teóricas ou teórico-práticas" eram comuns aos cursos destinados aos homens e às mulheres. E apenas as que se desenvolviam em forma de exercícios - Ginástica

16 - MIGNOT, 1971.

Rítmica, Educação Física Geral e Desportos - obrigatoriamente se denominavam masculinas ou femininas¹⁷.

Tais orientações curriculares expressavam a visão de dualidade corpo-intelecto e a idéia de que as diferenças entre homens e mulheres eram de caráter estritamente biológico. Além disso, evidenciavam que havia um fazer específico de cada sexo, demandando gestos diferenciados.

Também as características biológicas dos candidatos selecionados para os cursos de Educação Física vinham determinadas por legislação específica em âmbito nacional. Homens e mulheres deveriam ter menos de trinta anos, "peso proporcional à altura e ao tipo constitucional e perfeita integridade física"¹⁸. Constituíam-se motivos de inabilitação do(a) candidato(a), entre outros, a carência ou o excesso de peso, a diminuição da acuidade visual ou auditiva e, até mesmo, a gagueira, o que idealizava um professor de Educação Física como sadio, portatlético e bom comunicador¹⁹.

Buscava-se esses atributos nos docentes contratados pelas escolas de Educação Física para ensinar as disciplinas de cunho prático relacionadas aos esportes e às ginásticas, pois, segundo a legislação, os professores catedráticos que as ministravam não poderiam ser admitidos, se tivessem idade superior a trinta e cinco anos, nem poderiam permanecer no exercício da função, depois dos quarenta anos²⁰.

Estava evidente que o ensino da Educação Física idealizado pelos legisladores exigia de seus docentes, não só as habilidades de atleta, mas também a demonstração de gestos padrões - atribuídos a cada sexo - para serem copiados por alunos ou alunas.

17 - BRASIL. Decreto-Lei n.1.212. 17 abr. 1939. p.195. BRASIL. Decreto-Lei n.8.270 - 3 dez. 1945.

18 - BRASIL. MEC. Portaria n. 346, 8 nov. 1955. p.77.

19 - BRASIL. MEC. Portaria n.346, 8 nov. 1955, BRASIL. MEC. Divisão de Educação Física. Portaria n.25, 30 dez. 1955; BRASIL. MEC. Portaria n.11, 1 mar. 1956.

20 - BRASIL. Decreto-Lei n.1.212 - 17 abr. 1939.

Os pressupostos e objetivos que norteavam os currículos da EEFMG tinham por base uma Educação Física concebida pelos pensamentos militar e médico, já que o corpo docente da escola compunha-se, em grande parte, de professores egressos de tais categorias profissionais. Atas da Congregação dessa Escola, datadas de 1955, mostram que a influência do pensamento militar originava-se do Exército, não só por ter sido ele o responsável pela formação de policiais militares e de médicos que passaram a integrar o corpo docente da Escola, mas também pela assessoria direta de professores do Curso de Educação Física do Exército na elaboração e desenvolvimento dos programas do curso²¹.

Já nos anos 50, os alunos do Curso Superior de Educação Física da EEFMG clamavam por modificações curriculares que lhes possibilitassem o conhecimento de métodos mais modernos de ensino, a intensificação da relação teoria-prática e a exigência de curso secundário completo para os "vestibulandos", mudanças essas consideradas essenciais para o reconhecimento da profissão de professor de Educação Física pela opinião pública que a recebia com "reservas e apreensões"²².

"Quando eu entrei para essa área, nos anos 50, a verdade era essa: professor de Educação Física e nada era a mesma coisa. Era disciplinário que fazia o aluno marchar. Todos os professores eram, praticamente, egressos do meio militar. Isso parece que deixou uma marca. Eu tive uma certa dúvida em continuar o curso porque meu pai, apesar de gostar de esporte, não via uma profissão de professor de Educação Física e, realmente não era"²³.

Entendo que tal concepção originava-se, não só do passado histórico do profissional de Educação Física - estreitamente relacionado à ideologia militar - mas também do fato de a sociedade conceber a Educação Física e o esporte como

²¹ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ata da congregação, n.4 de 12 set. 1955. Vários professores da Escola de Educação Física de Minas Gerais, no período 1952-1990, eram militares do Exército ou da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. E alguns médicos que também se tornaram professores dessa escola adquiriram formação específica na Escola de Educação Física do Exército.

²² - ROLIM, 1958, p.5. (Discurso do arador da turma de 1958).

²³ - ALMEIDA, 1992. Depoimento.

lazer, entendido, na sua essência, como algo não produtivo; daí, naquele momento, a dificuldade de se ver o professor de Educação Física como profissional.

Cumprindo determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961, o Conselho Federal de Educação aprovou, em 1962, o primeiro currículo mínimo do Curso Superior de Educação Física, estabelecendo um elenco de matérias obrigatórias e, determinando, ao mesmo tempo, que delas poder-se-iam excluir aquelas que fossem "inadequadas ao sexo do estudante"²⁴.

Com isso, apesar de não se ter determinado, explicitamente, a organização de cursos masculino e feminino, reconheciam-se as necessidades dos mesmos. Analisando a adoção desse currículo mínimo no Curso Superior da EEFMG, observo que ele não alterou a estrutura curricular até então vigente, mas criou denominação diferente para algumas disciplinas e acrescentou Pedagogia, Recreação e Dança aos currículos masculino e feminino²⁵.

O ensino de dança para os homens era uma inovação curricular que poderia apontar mudanças nos padrões de gestos masculinos. No entanto, Maria Yeda Maurício Ferola, uma das professoras de dança da EEFMG, recorda-se de que, naquela época,

*"Os homens só aprendiam danças folclóricas. E, eram danças próprias, mesmo. Com batidas e sapateados. Eram verdadeiros desafios. Então, eles aceitavam muito bem, com muita naturalidade. Mas, dança moderna era só para o feminino"*²⁶.

Assim, a introdução da Dança no currículo do curso destinado aos homens, veio intensificar a adoção de gestos entendidos como viris, necessários à reafirmação da imagem de um homem forte e audacioso.

Ainda naquela década, em decorrência de determinações da reforma universitária de 1968, representantes de diversas escolas de Educação Física, inclu-

²⁴ - BRASIL. MEC. CFE, Parecer n.298, 17 nov. 1962.

²⁵ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n. 298, 17 nov. 1962

²⁶ - FEROLLA, 1991. *História de vida.*(Grifos meus).

sive da EEFMG, sob a coordenação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, elaboraram um outro currículo mínimo para o curso de Licenciatura em Educação Física, orientado pela necessidade de "reduzir o número de matérias relacionadas à fundamentação científica e de destacar as destinadas à formação educacional"²⁷.

Buscava-se, pois, formar profissionais comprometidos com uma Educação Física capaz, não só de promover a saúde ou a disciplina, mas também de ultrapassar o caráter instrutivo e conduzir a juventude para aceitar as regras do convívio democrático, para o altruísmo e para o culto às riquezas nacionais²⁸.

Em termos de disciplinas, esse currículo mínimo manteve as já existentes, com exceção da Dança, substituída pela Rítmica, por se verificar que "dança não teria receptividade entre os estudantes do sexo masculino"²⁹.

O fato de - em 1962 - exigir que os futuros professores de Educação Física dançassem e de, sete anos mais tarde, retroagir nessa decisão, levaram-me a verificar mudanças nos atributos idealizados para os homens. Tais mudanças apontam para a possibilidade de o homem, no início dos anos 60, estar licenciado a expressar seus sentimentos, ser mais livre e mais criativo. Entretanto o momento político vivido na final daquela década exigia, gestos controlados, incompatíveis, pois, com os experimentados na dança.

A oficialização de tais normas havia sido solicitada pelos diretores das escolas de Educação Física de todo o País que defendiam a unificação dos currículos de seus cursos e propunham que a dança fosse ensinada apenas ao sexo feminino, por não ser aceita pelos alunos.

²⁷ - BRASIL. Lei n.5.540 - 28 nov. 1968. BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.894, 1969. BRASIL. MEC. CFE. Resolução n.69, 1969.

²⁸ - GHIRALDELLI JÚNIOR, (1988) lembrou que a adoção desse conceito de Educação Física - sustentada em matizes do pensamento liberal - não significou, no cotidiano da escola brasileira, o abandono de uma Educação Física comprometida com a organização didática sob parâmetros militares.

²⁹ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.894/69, p.196.

"mas, [disse uma das professoras desses cursos] na verdade, a barreira contra a dança no currículo masculino era imposta por alguns machões, professores da Escola de Educação Física, e não apenas pelos alunos, como se afirmava"³⁰.

Observo que a supressão do ensino de dança, no curso de formação do professor de Educação Física, mostrou que o ato de dançar continuava atrelado à imagem feminina - sentimento e gestos delicados. Permaneciam, pois, as normas e os símbolos estabelecidos na escola mineira do início do século, quando só às meninas permitia-se expressar sentimentos ao som de músicas, porque os homens não os possuíam.

Para se adaptarem às determinações do CFE, os currículos da EEFMG necessitaram de alterações superficiais, sem interferência, contudo, em suas estruturas básicas.

Nesse período, as escolas de Educação Física de todo o País submetiam-se a normas rígidas impostas pela Divisão de Educação Física do MEC o qual fiscalizava, inclusive, a realização das Provas Parciais de todas as disciplinas dos cursos, que eram registradas, detalhadamente, em relatórios enviados a esse Ministério³¹.

Em síntese, no período 1952-1970, apesar de os professores e das professoras de Educação Física serem formados num espaço comum - a escola - esse se subdividia em espaços exclusivos para cada sexo. E, apesar de se buscar garantir alguns dos atributos semelhantes para ambos os sexos, eles diferenciavam-se no que se dizia respeito aos gestos ensinados a cada um deles, reafirmando imagens de homem e de mulher culturalmente estabelecidas pela sociedade.

³⁰ - REUNIÃO DE DIRETORES DE ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 6. Vitória, 1-7 jun. 1967. GOMES, 1991. Depoimento.

³¹ - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. Ofício n.145, 1966. MARCELLOS, 1966.

E que relações de gênero se estabeleciam nas escolas de Belo Horizonte, espaços nos quais professoras e professores, egressos desses cursos, exerciam, naquela época, suas ações pedagógicas?

4.2 - A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA : "MASCULINA E FEMININA"

A separação por sexos, vigente no curso de licenciatura em Educação Física, nos anos 50, fazia-se também presente no ensino dessa disciplina, em escolas Primárias e Secundárias da Capital Mineira³².

Não só a organização das turmas, mas os espaços de banho e os recursos de ensino traziam marcas dos sexos. Os chuveiros reservados aos homens eram coletivos e os das mulheres, obrigatoriamente individuais, mostrando que o pudor corporal era mais rigoroso na mulher. Quanto aos recursos de ensino, os espaldares e as cordas verticais eram utilizados apenas pelos homens, o que significava dizer que os exercícios próprios para desenvolver a força dos membros superiores eram exclusividade do sexo masculino e dispensáveis às mulheres "que não foram feitas para lutar, mas para procriar"³³.

Como determinado pela legislação federal, nos estabelecimentos masculinos, a Educação Física era ministrada por professores, e, nos femininos, dava-se preferência à professoras, ou seja, não se permitia à mulher ensinar Educação Física para os homens, mantendo, pois, as normas, até então vigentes³⁴.

Essa determinação foi acatada e justificada pelo inspetor de Educação Física em Minas Gerais. Dizia ele:

32 - OLIVEIRA, 1992. Depoimento.

33 - As provas de Eficiência Física, adotadas nas escolas de Belo Horizonte e de todo o País - por determinação legal - não mediam a força dos braços das mulheres, mas a dos homens. BRASIL. MEC. Portaria n.367, 1956. p. 18.398.

34 - BRASIL. MEC. Portaria n.367, 1956.

"Eu nunca autorizava as mulheres a darem aulas para os homens, a não ser quando se tratasse de uma mulher de muito respeito, tipo D. Nella Testa Taranto ou D. Guiomar Meirelles Becker. Mas, se necessário, deixava os homens darem aulas para as mulheres, porque dos males o menor. Como você sabe, homem não presta. [risos]. Era a própria sociedade que nos dava esses princípios"³⁵.

Tratava-se, pois, de preservar a moral através do controle da sexualidade, ou seja, de preservar o conjunto de imagens, de idéias, de comportamentos e de gestos, segundo normas da sociedade belo-horizontina da época³⁶.

As diferenças entre a Educação Física ministrada a homens e mulheres vinham, também, explicitadas no programa do ensino Primário, estabelecido pelo governo mineiro em 1953 e substituído em 1965³⁷.

Nesse programa - cópia fiel do sugerido pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - o ensino da Educação Física encarregava-se, não só da formação física das crianças, mas também dos aspectos moral e cívico, porque,

"cooperando na formação da raça brasileira, contribui a Educação Física para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento da resistência orgânica e moral. Em sua execução, vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica do nosso povo"³⁸.

Essa concepção de Educação Física leva-me a afirmar que a mudança no teor das declarações oficiais acerca da Educação, após o Estado Novo, observada por estudiosos na história da Educação brasileira, não ocorreu na Educação Física, em Minas Gerais, pois ela continuava destacando os valores incorporados à sua prática ao longo da história, com destaque para os da moral do trabalho e da moral cívica, com as características idealizadas nas décadas anteriores³⁹.

³⁵ - MARCELLOS, 1991. *História de vida*. (Grifos meus).

³⁶ - BERNOS, 1985. Sobre sexualidade consultar FOUCAULT, 1985.

³⁷ - MINAS GERAIS. SEE. *Programa ensino primário elementar*, 1953. A partir de 1946, a Educação Física no ensino Primário brasileiro passou a ser regida por legislação federal; entretanto a elaboração de seus programas era de responsabilidade dos Estados. BRASIL. Decreto-lei n. 8.529 - jan. 1946. Brasil. Decreto-Lei n. 8.530 - 2 jan. 1946.

³⁸ - MINAS GERAIS. SEE. *Programa ensino primário elementar*, 1953. p.287. (Grifos meus).

³⁹ - SILVA, 1980. GHIRALDELLI JÚNIOR, 1990.

Essas características estavam incorporadas no programa de Educação Física do ensino Primário divulgado, em 1965, pelo governo mineiro. O documento transcrevia, na íntegra, parte da legislação que determinou as finalidades dessa disciplina no ensino Secundário brasileiro, quando da Reforma Francisco Campos. Segundo esse programa que a Educação Física é um meio de

"formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cômico de seu valor e de suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso e intrépido, mais inteligente, mais forte, mais capaz, mais hábil e veloz, mais destre e ágil e mais predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os reveses da vida, a vencer as dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos"⁴⁰.

Buscava-se formar, com a participação da Educação Física, um soldado feliz por ser trabalhador, disciplinado e competitivo.

No que se refere às atividades de ensino Primário, o programa oficial mantinha os jogos, a ginástica calistênica, as excursões, as dramatizações de histórias infantis, as atividades rítmicas, a natação, o voleibol e o atletismo. Tais atividades seriam desenvolvidas por ambos os sexos, sob a orientação da normalista especializada, ou não, em Educação Física.

No entanto o programa explicitava, por diversas vezes, que a música e a dança eram apreciadas por meninos e meninas, deixando entender que a aceitação dessa atividade pelo sexo masculino constituía um problema na escola.

Observo que esse programa determinava a organização de turmas mistas para as aulas de Educação Física e, ao mesmo tempo, confirmava a existência de diferenças - entendidas como naturais- entre as habilidades motoras e os interesses de meninos e meninas.

Tais diferenças foram destacadas por Guy Jacquim, na obra intitulada "A educação pelo Jogo", adotada por professores e professoras de Belo Horizonte. Afirma esse autor que

⁴⁰ - MINAS GERAIS. SEE. Programa de ensino primário de Minas Gerais, 1965. p. 549. (Grifos meus).

"A cronologia dos jogos é muito diferente nos meninos e meninas. Essas são mais precoces, começam a brincar mais cedo e param com menos idade (**provavelmente em parte porque precisam ajudar em casa**) [...]. As meninas são mais calmas, mais propensas à destreza, à imaginação, aos jogos verbais. Os meninos são mais violentos, mais inclinados à algazarra; procuram a competição muscular, [...]. Grande número de jogos coletivos são mais apreciados pelos meninos, que gostam de corridas, esportes, jogos barulhentos, [...]. As meninas dão maior importância aos jogos de imaginação, de bola, de corda, aos jogos curtos e pouco movimentados"⁴¹.

Ao se relacionar o brinquedo das meninas com o trabalho doméstico indicava-se que as diferenças entre os sexos não eram apenas conseqüências dos atributos naturais, mas também oriundas da divisão sexual do trabalho em nossa sociedade.

Além disso, recomendava esse autor que se evitasse ensinar, a ambos os sexos, os jogos "de apalpadelas" porque, ao colocarem a mão sobre o outro, meninos e meninas poderiam ser levados a gestos "duvidosos", norma essa que se constituía numa explícita forma de controle da sexualidade das crianças.

No ensino Primário as diferenças entre os sexos estavam camufladas na organização de turmas mistas e na figura de uma só professora. Entretanto o mesmo não ocorria no ensino médio, no qual elas vinham explicitadas de diversas formas.

"Eu estudei num colégio feminino, de freiras. lá nós jogávamos queimada, voleibol e fazíamos ginástica calistênica com bastões, alteres e mãos livres. Tínhamos uma boa professora".

Relembrou Maria Ângela de Avellar Oliveira, aluna do Ginásial, nos anos 50⁴².

Nos anos 60, a Educação Física "feminina" passou a permitir a prática da Ginástica de Solo e Aparelhos pelas mulheres. Todavia tal prática, por vários anos foi recriminada por mães de família, que temiam a perda da virgindade e a masculinização de suas filhas⁴³.

41 - JACQUIM, 1960. p.41. (Grifos meus).

42 - OLIVEIRA, 1992. Depoimento.

43 - TARANTO, 1993. Depoimento.

"Aqui no colégio tinha uma professora que não deixava as moças fazerem salto em distância e nem em altura, porque poderiam perder alguma coisa. [Risos]⁴⁴.

Tais fatos fazem-me pensar que a quantidade e a qualidade de gestos ensinados às mulheres obedeciam a valores culturais relacionados a um modelo de mulher, idealizado pela tradição judaico-cristã, inspirado na Virgem Maria.

Seguiam-se pois, recomendações de certos conhecimentos da Psicologia, da Medicina e da Pedagogia, coerentes com o pensamento da Igreja Católica, sintetizados por Consuelo Sanches Buchon, em 1958. Essa autora, após enaltecer as idéias de Pio XII sobre a Educação Física como formadora do "corpo são, resistente e ágil e bom servidor do espírito", e capaz de tornar as. "raças vigorosas e os povos fortes e destros" afirma que:

"A maioria dos médicos e educadores estão acordes em afirmar que a **educação física da mulher é ainda mais importante que a do homem, porque de suas qualidades biológicas dependem em grande parte a vida, a saúde e o vigor de seus filhos.** É claro que os **exercícios das meninas devem ser muito mais moderados e suaves que os dos meninos.** Os jogos de correr, de pular corda e de bola, as ginásticas sueca e rítmica, os bailes regionais, as danças, as marchas cantadas e corridas não violentas, são os exercícios que devem predominar na idade escolar. Como esportes mais recomendáveis estão os jogos de raquete, o volley-ball e a natação; também o esqui e a bicicleta ambos, porém, com moderação"⁴⁵.

Os esportes indicados ao sexo feminino revelavam um processo de "gramatização" corporal que visualizava o corpo feminino como único e universal, sem as marcas, portanto, do espaço e do tempo vivido pelas mulheres. Além disso, mostrava a permanência do discurso higienista, já pronunciado por Ruy Barbosa, em 1882, no qual delegava aos corpos femininos a responsabilidade de gerar uma raça forte, aos moldes da visão positivista de mulher.

Nessa mesma época - anos 50 e 60 - nos colégios masculinos de Belo Horizonte, sob orientação de um professor, os homens aprendiam a jogar voleibol,

44 - SILVA, 1992. Depoimento.

45 - BUCHON, 1958. p.416-417. (Grifos meus).

basquetebol e futebol e praticavam atletismo e ginástica de solo, variando conforme as condições de cada instituição⁴⁶.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1961, apesar de manter a obrigatoriedade da Educação Física nos ensino Primário e Médio, reduziu de vinte e um para dezoito anos a idade mínima dos alunos que poderiam optar por essa "prática educativa", e concedeu poderes aos estabelecimentos de ensino, para que decidissem sobre o número de aulas semanais⁴⁷. Afinal, a Educação Física, como concebida naquela época, não tinha papel de destaque do ponto de vista político, diferentemente do que ocorrera nas décadas anteriores.

Usufruindo desse poder, a maioria das escolas de de Belo Horizonte optou por apenas uma aula semanal de Educação Física, demonstrando desinteresse por essa prática educativa, apesar de toda importância e valor apregoados nos discursos, até mesmo da Igreja Católica. Tal fato gerou, segundo o Professor Agenor Santana,

"um clima de confusão, de insegurança, de estupefação e de decepção, em todo o país, na classe dos especialistas em Educação Física que militam nos estabelecimentos de ensino - professores e médicos"⁴⁸.

Por isso, a Divisão de Educação Física encaminhou solicitação ao Ministro da Educação no sentido de fixar em duas aulas o número de aulas semanais, e, na exposição de motivos, resgatava as idéias de Ruy Barbosa, escritas em 1882, sobre a importância da ginástica para a reconstituição da virilidade do povo, da moral e da ordem. Lembrava essa exposição que a LDB

"deu destaque à **formação moral e cívica** do educando, [...] e perguntamos, nessa altura, qual a prática educativa ou a **disciplina curricular** que dispõe de maiores recursos e oportunidades para proporcionar a formação moral e cívica dos alunos? Ninguém desconhece que a Educação Física [...] **coloca-se em primeiro plano** na contribuição para êsse mister e aí está, mais uma vez, a razão forte e ponderável

⁴⁶ - CAMELIERE, 1992. Depoimento.

⁴⁷ - BRASIL. LEI n.4.024 - 20 dez. 1961.

⁴⁸ - SANTANA, 1962. p.7.

porque os **legisladores deram relêvo à prática da Educação Física, com o caráter de aulas,[...] catalogando-a como obrigatória e estabelecendo a sua ministração desde o curso primário**"⁴⁹.

Esses argumentos, atrelados ao movimento reivindicatório dos profissionais da área, não foram suficientes para convencer os legisladores a fixarem um número obrigatório de aulas para o ensino da Educação Física, por entenderem eles que tal decisão dependeria da existência de docentes para ministrá-la, bem como da sua valorização por parte da escola, não devendo, portanto, constituir-se numa imposição legal, contrária ao espírito da LDB⁵⁰.

Em Minas Gerais, o Código do Ensino Primário, apesar de manter a obrigatoriedade dessa prática, extinguiu o cargo de professor especializado em Educação Física - criado pela Reforma Francisco Campos⁵¹. E, no Ensino Normal, a Educação Física passou a ser ministrada apenas uma vez por semana⁵².

Todavia, na segunda metade dos anos 60, o governo Castelo Branco, considerando que a maioria dos convocados para o serviço militar, em 1963, fora rejeitada, por ter sido considerada "incapaz" pelo exame de saúde, regulamentou o Artigo 22 da LDB, mantendo a obrigatoriedade da Educação Física e estabelecendo como objetivo dessa

"prática educativa, aproveitar e dirigir as forças do indivíduo - físicas, morais, intelectuais e sociais - de maneira a utilizá-las na sua totalidade, e neutralizar, na medida do possível, as condições negativas do educando e do meio"⁵³.

No Estado de Minas Gerais, o Conselho Estadual de Educação se encarregou de estabelecer normas específicas para a Educação Física no ensino Médio, fixando um número mínimo de duas aulas semanais e obrigando os estabele-

⁴⁹ - SANTANA, 1962. p.10. (Grifos meus).

⁵⁰ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.153, 1962.

⁵¹ - MINAS GERAIS. Lei n.2.610 - 8 jan. 1962.

⁵² - MINAS GERAIS. Decreto n.6.879 - 13 mar. 1963.

⁵³ - BRASIL. Decreto n.58.130 - 31 mar. 1966. p.471. (Grifos meus).

cimentos de ensino a manterem professor para o sexo masculino e professora para o feminino⁵⁴.

A Educação Física, nos programas do curso Colegial Normal, apresentava duplo caráter: um instrumental que buscava preparar a normalista para orientar as atividades físicas das crianças, e um outro, que objetivava a formação pessoal. Assim, nas escolas Normais de Belo Horizonte, aprendia-se a ensinar jogos infantis e a praticar esportes e a ginástica feminina. Com isso, segundo professoras que exerciam a docência da Educação Física, na época, às futuras normalistas não se ensinava esportes tidos como violentos, entre os quais o basquetebol e o judô, mas incentivava-se a prática do voleibol e da "ginástica feminina moderna"⁵⁵.

A Ginástica Feminina Moderna - introduzida no País, e em Belo Horizonte, nos anos 50 - vinha substituir a ginástica rítmica adotada nas décadas anteriores. Sobre essa atividade dizia, em 1958, Inezil Penna Marinho, um dos principais idealizadores da Educação Física no Brasil, durante várias décadas:

"Cumpro destacar, sobretudo, a feminilidade que se sente em cada movimento, evidenciando que essa é a **forma que melhor interpreta a natureza da mulher**, traduzindo, por **gestos suaves**, cheios de encanto, a sensibilidade, a elevação de sentimentos, a doçura da expressão, a **alegria** do semblante que fazem da **companheira do homem o verdadeiro motivo da sua existência**"⁵⁶.

Entendo que as palavras por mim grifadas dispensam comentários sobre a imagem de mulher que permanecia e sua semelhanças com a traçada pelo positivismo de Comte. Através desse discurso, pude ler que a existência de uma ginástica específica para as mulheres - com essas características - demonstrava que os gestos masculinos distinguiam-se dos femininos, por serem destituídos de sentimentos e encantos.

⁵⁴ - MINAS GERAIS. SEE. CEE. Resolução n. 61, 1967.

⁵⁵ - MACEDO, Luiza 1991. *História de vida*. ROCHA, 1992. Depoimento. PROGRAMA de educação física, 1968.

⁵⁶ - MARINHO, 1958. p.388. (Grifos meus).

Nessa época - anos 50 - o Método Desportivo Generalizado apresentava-se como alternativa para o ensino da Educação Física nas escolas, em substituição aos métodos Francês, Sueco e Calistênico, em voga há várias décadas⁵⁷.

Tal método originava-se do "Projeto de Doutrina de Educação Desportiva", estabelecido na França, no período pós Segunda Grande Guerra, e tinha como proposta oferecer aos jovens "a satisfação do esforço físico, do domínio do corpo e da exaltação do seu ser". Substituiria o exercício "feito por obrigação, pelo exercício executado por prazer"⁵⁸.

Basta saber que esse método chegou a Belo Horizonte através das Jornadas Internacionais de Educação Física, ocorridas na segunda metade da década de 50, para entender que ele não chegou aqui por acaso, mas que fazia parte da política desenvolvimentista de JK. Na aparente ludicidade, buscava-se reforçar a competição e a superação individual.

No entanto, sobre o uso do Método Desportivo Generalizado, faz-se necessário lembrar que:

"Essa fórmula, que parte de uma sã emulação e da competição coletiva elementar, se aplica melhor à Massa do que a uma Elite"⁵⁹.

Esse Método e os jogos, ensinados através dele, determinavam não só a hierarquia das classes sociais, mas a de sexos. A hierarquia dos sexos estava evidente numa das leituras obrigatórias para as futuras normalistas de Belo Horizonte: a obra de Inezil Penna Marinho *Educação Física Recreação e Jogos*, elaborada especialmente para o Ensino Normal. Nela, o autor, fundamentando-se em literatura americana publicada naquela época, na França, selecionou os jogos infantis a serem ensinados com base nos interesses de cada um dos sexos, segundo os conhe-

⁵⁷ - FURTADO, 1991. Depoimento. GOMES, 1991. Depoimento. A utilização do Método Desportivo Generalizado não se limitou à cidade de Belo Horizonte, mas como enfatizou Mario CANTARINO FILHO (1989) teve, na décadas de 50 a 70, grande aceitação nas escolas do País.

⁵⁸ - MARINHO, 1958. p.403. (Grifos meus).

⁵⁹ - MARINHO, 1958. p.404. (Grifos meus).

cimentos de certos psicólogos. Afirmava-se que o menino, entre sete e dez anos de idade, interessava-se por jogos ao ar livre que lhe dessem oportunidade de correr, lutar e demonstrar sua força muscular. Além disso, ele gostava de aviação, carpintaria, química e navegação. Já a menina tinha seu interesse voltado para brincar de patins, pular corda e jogar bola, interessando-se, também, por brincar de boneca, de atividades domésticas e de escola, "com especial ênfase na professora"⁶⁰.

Em síntese, nos anos 50 e 60, a Educação Física, nas escolas de Belo Horizonte, fundamentava-se em valores higienistas, morais e cívicos, instalados ao longo do século e reforçados pelo governo, a partir da metade dos anos 20. Continuava, desta forma, sendo idealizada como uma prática capaz de desenvolver a saúde para que se garantisse uma raça forte, dotada de uma moral cristã, formando indivíduos - homens e mulheres - ajustados à sociedade, úteis à Pátria e competitivos no mundo do trabalho.

As evidências do ocorrido em Belo Horizonte, nas décadas de 50 e 60, em relação à separação dos sexos, à adjetivação da Educação Física de "masculina e feminina", bem como à formação diferenciada de professores e professoras, não se constituíram em fatos isolados, porque, nesse mesmo tempo, em outros espaços, concretizavam-se fatos semelhantes, com características próprias, porém.

Como as relações de gênero não estão circunscritas ao âmbito escolar, mas se inserem na sociedade como um todo, fez-se necessário perguntar: Que esportes cada sexo praticava fora da escola? Quais relações de gênero se estabeleciam através dessas práticas?

⁶⁰ - MARINHO, 1957. p.152.

4.3 - PARA ALÉM DA ESCOLA: OS ESPORTES DE CADA SEXO

Nos anos 50, como já me referi anteriormente, acelerou-se, no Brasil, o fenômeno esportivo internacional, incentivado pela política de Juscelino Kubitschek de Oliveira e intensificado, mais tarde, pela Ditadura Militar. Tal movimento contou - como disse no capítulo 3 - com a participação da Igreja Católica de Belo Horizonte, sob princípios ideológicos da cúpula eclesiástica.

Embora, naquele momento histórico, as necessidades decorrentes do modo de produção exigissem maior participação das mulheres no espaço público e elas, por sua vez, demandassem mudanças de posição na hierarquia social, a Igreja Católica continuava a condenar o movimento feminista e a saída da mulher para o espaço público, por entendê-los como busca da masculinização da mulher o que consistia numa

"traição à mesma, à sua natureza feita de suavidade e amor, pois, os atributos da mulher são análogos aos do Espírito Santo: a **mulher** será mulher enquanto for **amor desinteressado, suavidade, interioridade, silêncio, sabedoria**. Não é sem razão que o Espírito Santo, nas Sagradas Escrituras, compara a mulher 'a uma fonte selada' e a um **jardim fechado**"⁶¹.

E, quanto aos homens,

"os atributos peculiares à natureza são análogos aos do Pai e do Verbo da Trindade Santíssima. Na face do **homem** reluz a **força, a majestade, o poder, a sabedoria, a ordem**"⁶².

A manutenção desses atributos exigia uma formação específica para cada sexo os quais, no caso da "educação do físico", ocultavam-se nas diferenças biológicas e concretizavam-se na execução de movimentos corporais distintos para homens e mulheres.

⁶¹ - MACHADO, 1952. p.2. (Grifos meus).

⁶² - MACHADO, 1952. p.2. (Grifos meus).

Mas a demarcação das diferenças entre o homem e a mulher não consistia em tarefa específica da Igreja Católica, porque estudiosos da Educação Física também salientavam tais diferenças. Entre esses, Pithan N. Silva, em obra dirigida às donas de casa e consultada por professoras de Educação Física de Belo Horizonte, destacava as diferenças anatômicas e fisiológicas dos dois sexos:

"O sistema nervoso da mulher é mais frágil do que o do homem. Isto se demonstra por suas manifestações emotivas mais fortes, e também, porque com mais facilidade do que o homem se distrai do trabalho. O tempo de reação é mais longo para a mulher do que para o homem. Quanto mais calmo é o indivíduo e maior sua propriedade de concentração, mais curto é o tempo de reação; quanto mais depressa anda e mais fácil [se distrai] tanto mais longo é o tempo de reação. Disto depende em parte, a diferença entre a mulher e o homem para a execução de movimentos precisos, escrupulosos e, conscienciosos"⁶³.

Desse modo, faziam-se presentes idéias que marcavam a mentalidade européia do século XIX, as quais diferenciavam os atributos de cada sexo quanto ao temperamento, ao caráter, ao raciocínio e aos aspectos biológicos.

Buscava-se garantir a preservação dos "atributos masculinos e femininos" não só na formação da professora e do professor, mas também na dos (as) atletas e dos alunos e alunas dos diversos níveis de ensino. E, ao mesmo tempo, defendia-se a idéia de que

"A mulher, mais do que o homem, necessita de uma constituição física vigorosa, porque ela é encarregada de formar o menino, que será o pai do homem de amanhã"⁶⁴.

Assim, estudiosos da Educação Física nantinhavam um discurso higienista sobre o fortalecimento do corpo da mulher, entendido como uma das soluções dos problemas do País, por ser capaz de gerar uma raça forte. Tratava-se de um discurso limitado, em relação às demandas da sociedade, naquele momento histórico, que já exigiam da mulher uma maior participação na força de trabalho fora do lar.

⁶³ - SILVA, 1959. p.25. (Grifos meus)

⁶⁴ - GUÉRIOS, 1956. (Contracapa).

Nessa época, tanto a Igreja Católica quanto o Ministério de Educação, controlavam os trajes das alunas, usados nas demonstrações esportivas. O jornal belo-horizontino - O Diário - de orientação católica, divulgou, com destaque, circular do diretor da Divisão de Educação Física aos educandários brasileiros, condenando

"os trajes incompatíveis com o **recato e o pudor** tradicionais da família brasileira. Essas exhibições, longe de encaminhar a mocidade ao respeito e ao cultivo de valores profundos e reais da vida, como sejam a **beleza, a higidez e a disciplina**, contribuem para a **erosão moral** dos nossos jovens, nos quais deposita a **nação** suas melhores esperanças"⁶⁵.

A Igreja Católica, também em nível mundial, ditava normas sobre os trajes esportivos das mulheres e sobre a separação dos sexos nas aulas de Educação Física, inspirada na Encíclica "Divini Illius Magistri", na qual o Papa Pio XII afirmava ser preciso haver

"a necessária distinção e correspondente separação dos sexos [...] com particular atenção à **modéstia cristã na juventude feminina, à qual gravemente se opõe qualquer exibição e publicidade**"⁶⁶.

Entendo que, a Divisão de Educação Física - dirigida por militares - apesar de necessitar da exibição pública das mulheres para "enfeitar" os eventos masculinos e disciplinar seus gestos, interessava-se em manter a superioridade moral da mulher- cobrindo seu corpo - para que ela continuasse a se responsabilizar pela formação moral do cidadão.

Quanto às normas ditadas pela Igreja, no sentido de a mulher não se exhibir em público, certamente buscavam a manutenção do pudor e do recato, qualidades a elas atribuídas à semelhança da Virgem Maria. Além disso, era necessário fazer com que a mulher reassumisse seus papéis, no período pós-guerra,

⁶⁵ - PARA coibir..., 1953, p.5. GARCIA, 1957. Vale lembrar que, até o final dos anos 50, poucas brasileiras usavam calça comprida, traje considerado imoral, que despertava a curiosidade e a reprovação da sociedade. (Grifos meus).

⁶⁶ - PIO XII, 1974. p.28. (Grifos meus).

nos países onde ela havia "abandonado" o lar, para substituir o homem na tarefa de provedor econômico da família.

Como regra geral, a Igreja Católica brasileira continuava, nesse período, a defender uma nítida divisão de funções para o homem e a mulher. Enquanto a ele competia, fundamentalmente, a sustentação econômica da família, a tarefa específica da mulher era a educação dos filhos e as atividades restritas ao âmbito do lar. No entanto essa visão idealizada somente encontrou relativa acolhida nas famílias das classes médias e altas, pois as mulheres da classe operária vinham, há algum tempo, trabalhando fora de casa⁶⁷ e, ainda, exerciam suas funções no lar.

Sob essas e outras normas, as competições desportivas femininas, limitavam-se ao voleibol, à natação e, em número restrito, ao atletismo e ao basquetebol⁶⁸. Enquanto isso, possibilitava-se aos homens a participação em maior número de esportes, inclusive no voleibol, apesar das restrições aos gestos "femininos" exigidos na sua prática. Sobre isso, o professor Hélio Sampaio de Araújo lembrou que no bairro de classe média onde viveu sua adolescência

*"Homem não podia tocar na bola com as mãos que era chamado de veado. O gesto de quebrar o punho para cortar a bola era tido como efeminado"*⁶⁹.

Apesar das restrições contra o voleibol por parte dos homens ele era melhor aceito pelas classes sociais mais elevadas. Prova disso eram as equipes masculinas dessa modalidade, existentes no Minas Tênis Clube, desde os anos 40.

⁶⁷ - AZZI, 1993.

⁶⁸ - Entretanto, em algumas cidades do interior do Estado de Minas Gerais, especialmente Lavras e Juiz de Fora que possuíam educandários sob orientação protestante, realizavam-se treinamentos de equipes femininas de atletismo e basquetebol nas quais despontaram atletas de renome nacional. COSTA, 1993. Depoimento. O Diário destinava, em todas as suas edições, uma ou duas de suas páginas aos eventos esportivos da cidade de Belo Horizonte e do Estado de Minas Gerais. Nas notícias veiculadas, predominava a cobertura de esportes e de competições masculinas de voleibol, basquetebol e, majoritariamente de futebol e raras notícias das competições femininas de voleibol.

⁶⁹ - SAMPAIO, 1994. Depoimento.

Esses fatos remetem-me às afirmações de Luc Boltanski de que os gestos dos homens das classes sociais mais altas são caracterizados, culturalmente, como mais femininos do que os das classes mais baixas⁷⁰. Talvez por isso, a prática do voleibol pelos homens tenha sido melhor aceita pela elite belo-horizontina.

Sobre as competições de voleibol, mulheres atletas dos anos 50 e 60 recordaram-se do contraste entre os uniformes adotados nos clubes e em colégios católicos de Belo Horizonte. Disse uma delas que, enquanto no clube

"usávamos **calções apertadinhos**, maravilhosos - para a época - no Colégio Santa Maria jogávamos de **saia godê**. Além da técnica, as mineiras eram conhecidas pela beleza: títulos de rainha vinham juntos com os troféus. A gente passava pintura antes dos jogos e [uma colega] chegou a jogar de peruca, porque estava achando o seu cabelo feio⁷¹.

Tal depoimento mostra a escola e o clube usando diferentes mecanismos de controle do corpo feminino. A escola o controlava através do vestuário longo - símbolo do recato e do pudor.

Esse fato lembra-me Roberto Damatta e suas reflexões sobre o ritual católico, na cultura brasileira. Esse antropólogo entende que, na rotina imposta pelo ritual religioso, vestir roupas especiais, diferentes do costume da época, e que convertem o corpo feminino em alguma coisa neutra, é uma forma de contenção corporal e gestual que busca promover a uniformidade e a obediência, necessárias à aproximação com Deus⁷².

Também o clube e as próprias atletas, disciplinavam o corpo - espetáculo, mercadoria - através dos artifícios de beleza. Assim, ambas as instituições - escola e clube - caracterizavam-se como disciplinadoras na medida em que impunham valores necessárias à manutenção de modelos de mulher, idealizados pela sociedade.

⁷⁰ - BOLTANSKI, 1984.

⁷¹ - ASSIM nasceram..., 1994. p. 8. (Grifos meus).

⁷² - DAMATTA, 1986.

Algumas das limitações impostas às atletas do sexo feminino não se restringiam à cidade de Belo Horizonte, pois eram determinadas por decreto-lei federal, promulgado em 1941, em plena vigência do Estado Novo. Essa legislação estabelecia que

"Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para esse efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país"⁷³.

O Conselho Nacional dos Desportos- CND - por sua vez, deliberou, em 1965, que só se permitiria à mulher praticar aqueles esportes cujas modalidades e condições fossem para ela estabelecidas pelas entidades esportivas internacionais. Além disso, o Conselho proibiu à mulher brasileira a prática de

"lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball"⁷⁴.

Além de a legislação não permitir à mulher o acesso à prática do futebol, recriminava-se a participação das moças em torcidas organizadas que freqüentavam os campos de futebol.

Todavia a senhora Celina Teixeira Lopes se lembrou de que

*"Desde os anos 40 eu e outras senhoras da sociedade íamos, com nossos maridos, assistir aos jogos de futebol do América. Torcíamos muito e não havia nenhuma reprovação por parte da sociedade"*⁷⁵.

Com certeza, a fato de as mulheres estarem acompanhadas dos maridos lhes garantia o respeito da sociedade, o que deixava de acontecer - nos anos 60 - com as moças desacompanhadas que freqüentavam espaços públicos destinados às práticas esportivas masculinas.

73 - BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199 - 14 abr. 1941.

74 - BRASIL. MEC. CND. Deliberação n. 7, 1965.

75 - LOPES, 1993. Depoimento.

Mas, apesar das recriminações, muitas moças aderiram às torcidas organizadas de clubes masculinos, passando a freqüentar o Mineirão, inaugurado em 1965, e se defendiam perante a opinião pública, argumentando que:

"Se o gôsto pelo futebol, a presença aos jogos do Mineirão, a torcida entusiástica e as adesões aos principais ídolos de nosso futebol significa emancipação para a mulher, queremos crer que é uma emancipação autêntica, sadia, construtiva, porque, na realidade, a mulher não pode se omitir [...] E, porque não podemos apreciar os jogos? Os homens, inclusive, já deixam de nos convidar apenas para um cinema, mas já nos convidam para os jogos do Mineirão. Isto é prova evidente que eles apreciam e gostam desta emancipação da mulher na atividade esportiva"⁷⁶.

A Torcida Uniformizada Feminina do América-TUFA- composta de, aproximadamente, trezentas moças, com trajés semelhantes aos das "coelhinhas da Play Boy" e com "sorrisos nos lábios e o charme tradicional de mulher bonita" constituiu-se no mais famoso grupo de moças que, apesar de não ser aceito por parte da sociedade, participava intensamente da torcida nos estádios de futebol⁷⁷.

Naquela época, apesar de a legislação não proibir a prática do basquetebol pela mulher, ele era pouco aceito para e por esse sexo, e, embora professoras de Educação Física aprendessem a ensinar esse esporte, as poucas tentativas de se formarem equipes femininas dessa modalidade esportiva na capital mineira não obtiveram sucesso. A primeira dessas equipes foi treinada pelo professor Adolfo Guilherme, no Minas Tênis Clube, no princípio dos anos 50.

A professora Marluce Guimarães Gomes, atleta dessa equipe, lembra-se do sucesso dos jogos de "exibição", preliminares aos das equipes masculinas,

*"que provocavam um verdadeiro delírio da torcida, porque eram a grande novidade da época"*⁷⁸.

⁷⁶ - UMA FAMÍLIA..., 1969. p.30.

⁷⁷ - TUFA..., 1971. p.22. (Grifos meus).

⁷⁸ - DEPARTAMENTO..., 1952. p.9. Na primeira metade dos anos 50 foram fundados os departamentos de basquetebol feminino do Minas Tênis Clube e do Clube Ginástico. GOMES, 1991.

Relembra o professor Aníbal Bonifácio da Costa que, em 1955, a Federação Mineira de Basquetebol, entidade da qual era o presidente, criou uma equipe feminina desse esporte, aproveitando algumas jogadoras de voleibol- inclusive Marta Miraglia, atleta de maior destaque na época. Além dessas, a equipe agrupava alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais e do Instituto Gammon, de orientação metodista, sediado em Lavras, cidade do interior do Estado. Tal equipe, treinada por Helion Vargas, atleta desse esporte, não obteve bons resultados nos campeonatos brasileiros, ao disputar com jogadoras de outros estados, de tradição nessa categoria esportiva. E, apesar dos esforços da Federação, a equipe, "que obteve o título de **mais bonita do Brasil**", desfez-se após dois anos de criação⁷⁹.

As mulheres iniciavam sua participação nos jogos de basquetebol; entretanto esse esporte exigia gestos pouco femininos, ameaçadores da beleza, maior tributo da mulher⁸⁰. Certamente, naquele momento histórico, a mulher precisava ser bela, não apenas para encantar o homem, como dizia Rousseau, mas também para concorrer no mercado de trabalho. Além disso, a beleza era um atributo facilitador da ascensão social.

Em contrapartida, os anos 50 e 60 foram marcados por grandes eventos de ginástica feminina que ocuparam espaços significativos na imprensa de Belo Horizonte, e envolveram um elevado número de praticantes, atletas de clubes ou alunas de colégios públicos e privados. A Ginástica Rítmica da Primavera constituía-se, anualmente, num momento de demonstração dos trabalhos realizados nos clubes e estabelecimentos femininos de ensino.

Sobre tal evento, descreve o jornal - O Diário da Tarde:

⁷⁹ - COSTA, 1993. Depoimento.

⁸⁰ - Segundo depoimentos, o basquetebol era um esporte do qual participava um elevado número de mulheres, declaradamente, homoxessuais. Inúmeros autores, entre os quais LENSKYJ, (1986) lembram que uma reflexão apropriada sobre práticas desportivas e relações de gênero não pode omitir a discussão e a prática que vêm sendo desenvolvida por grupos lésbicos, em algumas partes do mundo.

"Festejando a mais linda estação do ano, centenas de jovens de nossos educandários e clubes sociais, vestidas de túnicas das mais lindas cores, proporcionaram o maior "show" de arte e beleza até hoje visto no estádio Paissandu: a IV Ginástica Feminina da Primavera"⁸¹.

Primavera é simbolo de flor, beleza, enfeite e de vida. Lembra, portanto, a imagem da mulher idealizada na cultura brasileira. Certamente, por isso, não se permitia a participação dos homens, nem mesmo para tocar o bumbo, nas fanfarras.

Nada mais significativo sobre o Torneio da Primavera do que a fala do Sr. Alcides Rocha, auxiliar, desde 1946, do Departamento de Educação Física do Colégio Estadual Governador Milton Campos, ex-Ginásio Mineiro. Disse ele:

"Do Torneio da Primavera participavam só as moças porque **mulher é primavera, mulher é flor, mulher é a mãe. É dela que vem tudo...**"⁸².

Ali as moças, sob orientação de professoras, demonstravam danças folclóricas, ginástica acrobática e movimentos de ginástica, utilizando como aparelhos manuais, arcos, bolas, maçãs, lenços e chapéus.

Todavia, naqueles anos 50, algumas mulheres deixavam de executar, apenas, os gestos suaves da Ginástica Feminina Moderna e ousavam gestos menos "femininos" e mais audaciosos.

A professora Marluce Guimarães Gomes se lembrou das primeiras demonstrações de ginástica acrobática, realizadas em meados dos anos 50, sob orientação de uma professora chilena que ministrava cursos em Belo Horizonte e conta que

*"Foi a maior novidade da época, o maior sucesso. O ginásio do Paissandu quase vinha abaixo quando a gente saltava no plinto. Afinal, até aquela época, aquela era uma atividade executada só por homens"*⁸³.

81 - NOITE..., 1956. p. 8. A ginástica feminina da primavera transformou-se mais tarde nos Jogos da Primavera realizados até a década de 80 e destinados exclusivamente às mulheres. (Grifos meus).

82 - ROCHA, 1992. Depoimento.

83 - GOMES, 1994. Depoimento.

Essas demonstrações de ginástica feminina não se constituíam em eventos exclusivos de Belo Horizonte, mas eram, também, constantes nas outras capitais brasileiras, com participação de equipes mineiras em vários deles.

Uma das defensoras dessas demonstrações de ginástica feminina, a professora Stella F. M. Guérios, da Universidade de São Paulo, cujas obras orientavam o trabalho das professoras em Belo Horizonte, considerava que esses festivais tinham por objetivos

"exteriorizar, por meio de **movimentos, a beleza e o sentimento do corpo e da alma feminina** mostrando ao público a estética, a harmonia, a doçura e a graça dos seus exercícios"⁸⁴.

Eram essas demonstrações o coroamento do trabalho anual da ginástica na escola,

"parte primordial da Educação Física [que] exercitando, modelando e fortificando toda a função psico-orgânica, por meio dos seus exercícios físicos ordenados, ritmados, estéticos e entrosados nos gestos, atitudes e características femininas, tende a nos convencer de que com ela seremos capazes de dar à nossa personalidade uma expressão dignificada"⁸⁵.

A ginástica seria capaz de proporcionar maior feminilidade e fortalecer a saúde da mulher. A maior feminilidade compreendia não só

"as condições de **beleza e atitude**, atributos próprios da **mulher**, mas condições fisiológicas que contribuam para o melhor desempenho de sua **grande função biológica**, qual seja a **maternidade**"⁸⁶.

O preparo para essa função biológica compreendia a prática, pelas mulheres adultas e adolescentes, de exercícios que aumentassem a força e a elasticidade da região abdominal e da bacia pélvica⁸⁷.

84 - GUÉRIOS, 1956. p.15. (grifos meus).

85 - GUÉRIOS, 1956. p.13.

86 - SILVA, 1959. p. 26-27. (Grifos meus).

87 - SILVA, 1959

Também nessas décadas - 50 e 60 - as moças deveriam marcar presença nos desfiles esportivos, mesmo nas competições masculinas, atuando nas fanfarras ou executando movimentos ginásticos, quase sempre como motivo de atração e "embelezamento" dessas cerimônias. Sobre isso, recomendava um professor americano, convidado pela Polícia Militar de Minas Gerais, para orientar a organização de desfiles que

"um desfile esportivo não pode prescindir de quatro elementos, quais sejam: mulher, música, cor e movimento"⁸⁸.

Uma novidade dos anos 50 foi a instalação, em Belo Horizonte, do Serviço Médico de Recuperação Física, primeira "clínica, de estética" cuja clientela compunha-se de mulheres, que, até aquela época, não contavam com esse tipo de serviço. O médico e ex-professor da Escola de Educação Física da UFMG, Anibal Bonifácio da Costa, proprietário dessa clínica, recorda que as suas clientes eram senhoras e moças da alta sociedade que almejavam um único objetivo, a beleza. No entanto, as academias masculinas, existentes há alguns anos - localizadas na zona boêmia da cidade - eram procuradas por homens de classes sociais menos favorecidas que treinavam lutas ou modelavam seus músculos "para terem corpos de machão"⁸⁹.

Os concursos de misses, de grande aceitação na sociedade mineira da época, tinham a participação de "senhoritas" de famílias tradicionais, e estimulavam a conquista de um corpo bonito, nos padrões de beleza estipulados por esses concursos internacionais.

O dr. Aníbal Bonifácio da Costa lembrou que,

"depois da vitória da Marta Rocha, em 1954, o interesse pela ginástica aumentou tanto, que havia uma fila de espera de aproximadamente, dois meses. para se conseguir uma vaga na clínica"⁹⁰.

⁸⁸ - COSTA, Anibal, 1993. Depoimento.

⁸⁹ - COSTA, Anibal, 1993. Depoimento. Não coincidentemente, as academias masculinas localizavam-se na zona boêmia da capital.

⁹⁰ - COSTA, 1993. Depoimento.

Foram inúmeros os concursos de beleza realizados àquela época, sendo o mais importante o de Miss Brasil, que se vinculava ao de Miss Universo, evento internacional patrocinado pela Catalina - indústria multinacional de maiôs. Outros concursos - entre os quais o de Miss Suéter, o de Miss Mineirão e o de Miss Comerciária - envolviam, também, moças de classes economicamente menos favorecidas⁹¹.

As atletas de voleibol não só participaram dos concursos especialmente programados para elas, como também chegaram a desfilarem

"em carro aberto com as misses Adalgisa Colombo e Marta Rocha"⁹².

Dessa maneira, buscava-se reafirmar que o voleibol, mesmo treinado intensamente, não feria os atributos femininos. Pelo contrário, era capaz de realçá-los.

Estava evidente que o realce ao encanto pessoal e ao magnetismo da mulher belo-horizontina, nos anos 50, relacionava-se com o movimento internacional de "glamourização" da mulher cuja meta principal era a sua volta ao lar, no período pós-guerra. Os valores desse movimento chegaram à capital mineira, principalmente, através dos concursos de misses e da ideologia do cinema americano.

Apesar de, se consideradas as décadas anteriores, a participação das belo-horizontinas nas atividades esportivas ter ampliado, ela era reduzida, quando comparada à participação dos homens que, por sua vez, não era intensa.

Vale ressaltar que a grande maioria de atletas, homens e mulheres, praticante de esportes em clubes, pertencia a classes sociais de médio ou alto poder econômico, tinha a cor branca e vivia o período da adolescência.

Sobre esses fatos, relembra o dr. Aníbal Bonifácio da Costa que

⁹¹ - DT homem e mulher, 1970. p.1-8.

⁹² - RIOS, 1994. p.8.

"no início quase não existia atleta negro. Depois eles começaram a ter acesso apenas ao atletismo. Também, quase não existia equipe adulta, e a maior parte era infantil ou juvenil. Exemplos disso foram as equipes de natação, campeãs por mais de uma década. Quando os atletas se tornavam adultos não mais recebiam incentivos das famílias para continuarem suas atividades esportivas, pois, como não havia profissionalismo no esporte eles precisavam se preparar para o trabalho"⁹³.

No Brasil, a participação feminina no esporte organizado era ainda inexpressiva, se comparada à masculina e essa, por sua vez, era irrelevante, se comparada à dos países economicamente mais avançados. Os rapazes praticavam futebol, basquetebol, judô, voleibol e atletismo, enquanto as moças praticavam voleibol, natação e algumas modalidades do atletismo⁹⁴.

Internacionalmente, a participação de homens e mulheres em competições esportivas, em alguns aspectos, assemelhava-se ao ocorrido, nessa época, no Brasil. Embora se ampliasse a participação da mulher nos Jogos Olímpicos, até a década de 70, o número de atletas femininas não atingia um décimo dos participantes.

Entretanto, nos Jogos Olímpicos de 1952, permitiu-se, pela primeira vez, à mulher participar de provas individuais de ginástica na trave de equilíbrio, nas paralelas assimétricas, no cavalo e no solo, apesar de, já em 1928, elas terem participado de demonstração de atividades nas paralelas simétricas, aparelho utilizado, também pelos homens⁹⁵.

A partir dos Jogos Olímpicos de 1960, permitiu-se à mulher participar da corrida de 800 metros, prova instituída em 1924 e abolida naquele mesmo ano, por ter sido considerada estafante para o sexo feminino⁹⁶.

Tal permissão mostrava a existência de transformações nos atributos da mulher em países de primeiro mundo. Creio que essas transformações tiveram,

⁹³ - COSTA, 1993. Depoimento.

⁹⁴ - COSTA, 1971.

⁹⁵ - SÉRGIO, [s.d.]. COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1985. PÚBLIO, 1987.

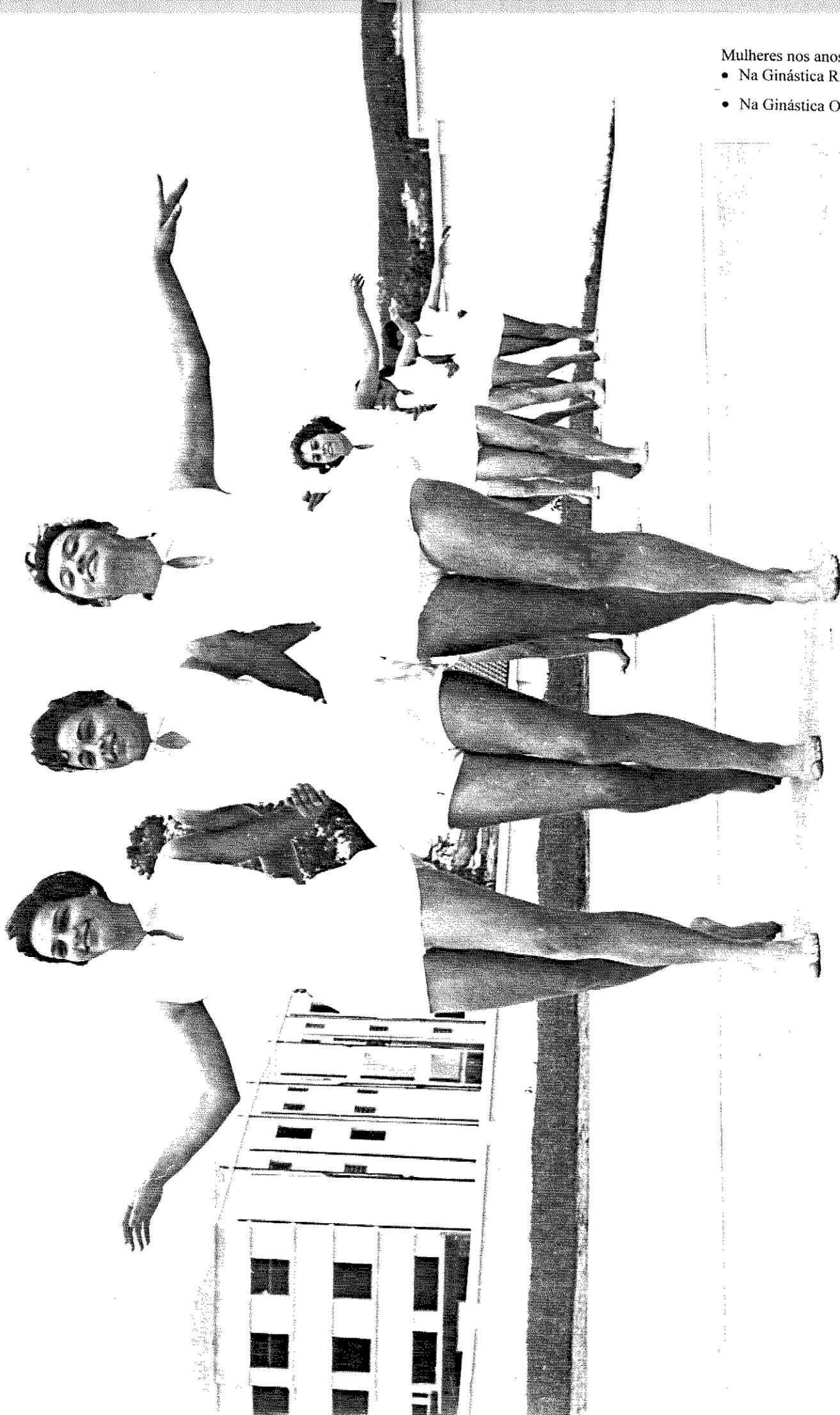
⁹⁶ - FAURIA, 1968.

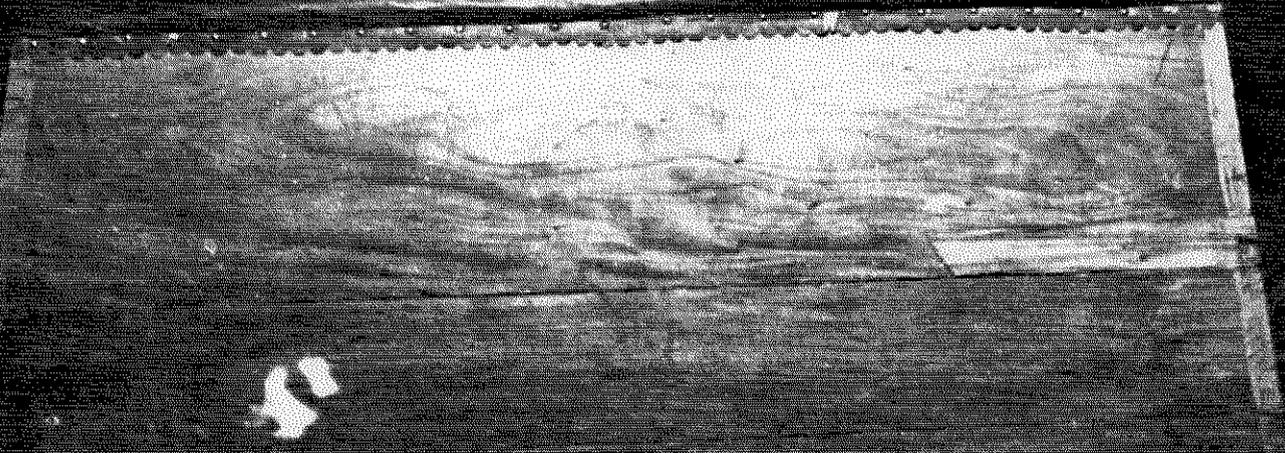
como uma das causas, a ampliação da demanda industrial pela mão-de-obra feminina, o que passou a exigir uma mulher resistente e não aquela de corpo frágil, porém sadio como reprodutor, idealizada nas primeiras décadas do século.

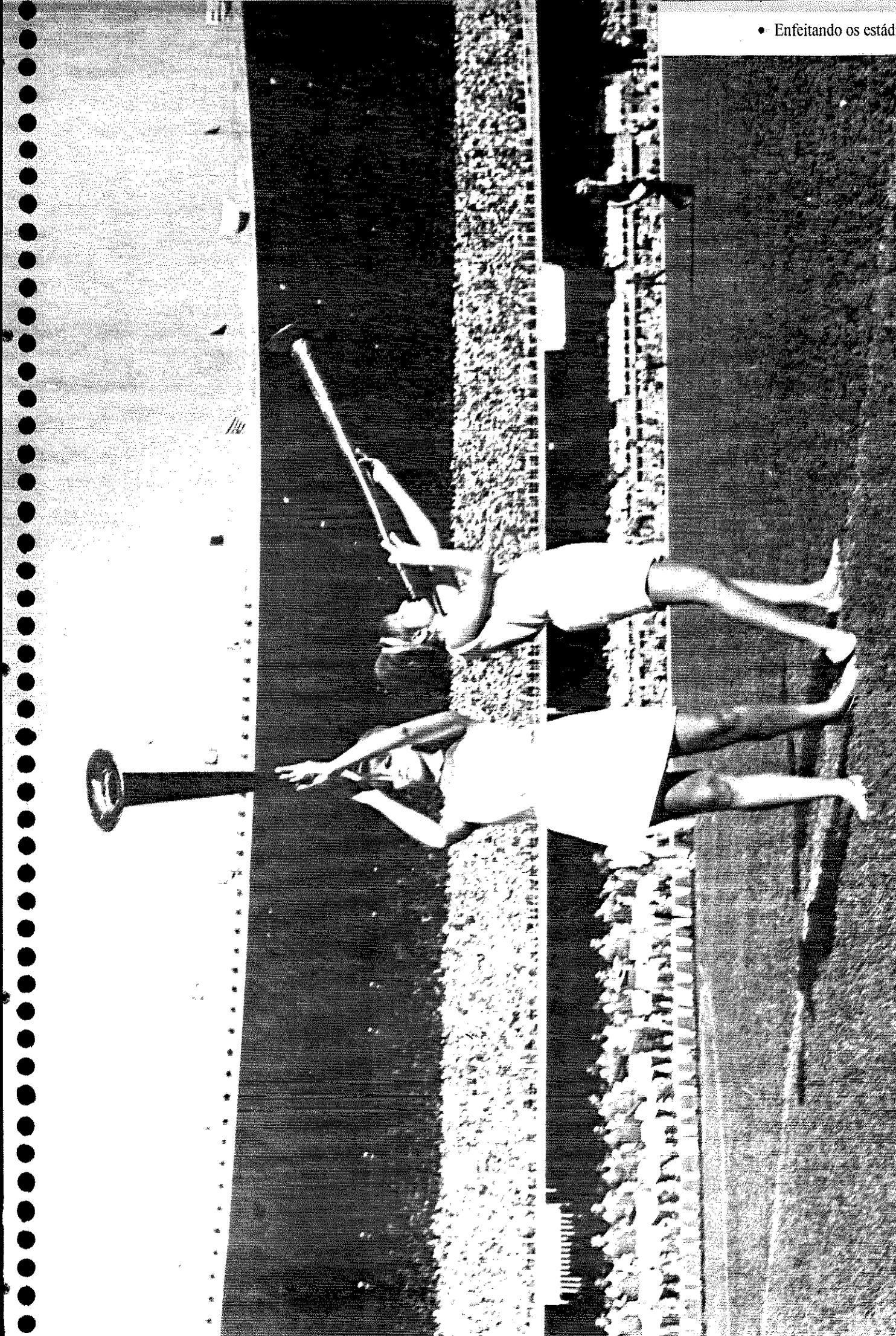
E, nas escolas de Belo Horizonte, que atributos dos homens e das mulheres foram realçados, pela Educação Física, a partir dos anos 70?

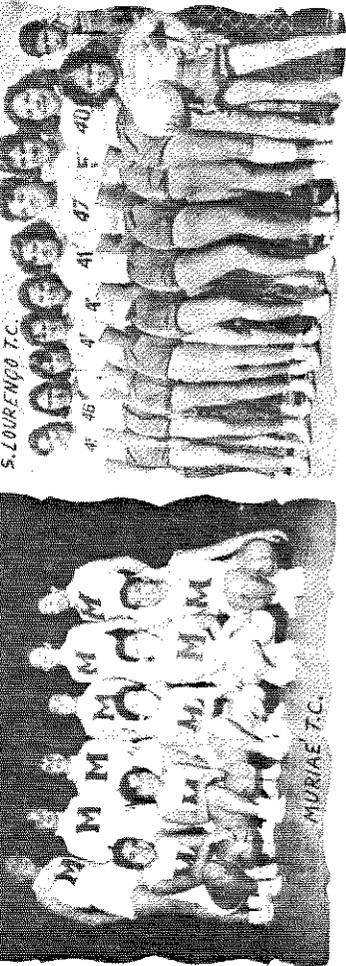
Mulheres nos anos 50:

- Na Ginástica Rítmica.
- Na Ginástica Olímpica.

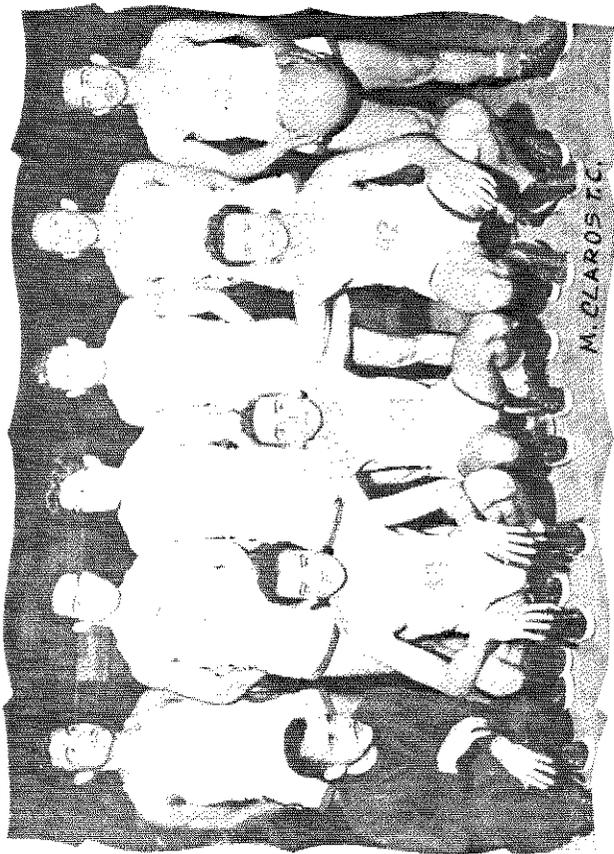








• VI Campeonato Mineiro do Interior -
Voleibol e Basquetebol - julho de 1955,
Belo Horizonte.



O que estava faltando... Uma Rainha

Como todas as grandes competições, o Campeonato do Interior não poderia deixar de escolher uma Rainha aumentando, com a graça feminina e a beleza natural do Esporte. Os organizadores do VI Campeonato, tendo a certeza de que o encantamento deste torneio contribuiria para o maior brilho da grande festa esportiva de Minas, resolveram instituir a certeza. Bem... leia o Regulamento e dê o seu voto.



REGULAMENTO

Art. 1.º — Fica instituído o Concurso «RAINHA DOS JOGOS DO CAMPEONATO DO INTERIOR», a ser realizado anualmente, concomitantemente com os Campeonatos do Interior do Estado de Minas Gerais, promovidos pela Federação Mineira de Basquetebol e pela Federação Mineira de Voleibol.

Art. 2.º — Poderá participar do «CONCURSO» qualquer atleta regularmente inscrita nas Federações do Campeonato do Interior.

Art. 3.º — Cada clube disputante poderá inscrever uma candidata.



§ 1.º — A inscrição deverá ser efetuada na Sessão de Abertura do Congresso da Fase Final do Campeonato do Interior, junto à Comissão Especial nomeada para o Concurso, em impresso próprio.

§ 2.º — A eleição se fará por escolha popular mediante voto direto adquirido junto com os ingressos dos jogos e colocados em urna junto a entrada.

Art. 4.º — As apurações serão feitas parceladamente pela Comissão que anunciará os resultados diários, — até o último dia dos jogos, quando será feita a apuração final, tão logo termine a última partida da penúltima rodada do Campeonato.

Art. 5.º — A candidata que conquistar maior número de votos no total das apurações, será proclamada e coroada Rainha dos Jogos do Interior do Estado de Minas Gerais na última rodada do Campeonato, sendo proclamadas Princesas, as colocadas em 2.º e 3.º lugares.

Parágrafo único — Para a Rainha e as Princesas, serão conferidos prêmios e diplomas, além de uma taça destinada ao Clube da Rainha, que deverá ser de posse transitória até o ano seguinte.

CAPÍTULO 5

MUDAM-SE O ESPAÇO E O TEMPO, FICAM OS VALORES

A partir dos anos 70 - como lembrado no capítulo 3 deste estudo - a Escola de Educação Física de Minas Gerais incorporou-se à UFMG, deixando de estar vinculada à Igreja Católica.

O fato de a Escola de Educação Física integrar-se a essa Universidade na qual todos os cursos destinavam-se a ambos os sexos, onde homens e mulheres compunham as mesmas turmas, indicava possibilidades de mudanças nas relações de gênero, na formação do professor e da professora de Educação Física.

Aquela época - anos 70- marcou, no Brasil, o início de intensas mobilizações contra o regime militar, então vigente, pela melhoria das condições de vida da população. Entre elas, destacaram-se os movimentos feministas que protagonizaram debates na sociedade sobre as condições de desigualdade e de subordinação da mulher diante dos homens.

Uma das maneiras de compreender o ressurgimento dos movimentos das mulheres nos anos 70, é conhecer que mudanças estruturais na sociedade brasileira afetaram as condições de vida das mesmas. Isso pode ser visto na participação das mulheres no mercado de trabalho, na política, no acesso à educação formal, nas mudanças em legislações específicas sobre a mulher e na ampliação do seu acesso aos meios anticoncepcionais, entre outros¹.

Na chamada década da mulher, também as mineiras se engajaram no movimento internacional pela emancipação da mulher, alargando, consideravel-

¹ - ARAUJO, 1992. Faz-se necessário ressaltar que uma maior utilização da mão de obra feminina nos anos 70 não significou transformação na divisão sexual do trabalho, no interior das indústrias. (NEVES, 1990).

mente, seus espaços de participação. Nesse período, iniciaram-se em Belo Horizonte, os primeiros debates e encontros com o objetivo específico de analisar a questão feminina e destacar os aspectos mais importantes de sua discriminação².

O movimento feminista, aliado às lutas ecológicas - que se fortaleceram nos anos pós-68, nos países industrializados - reforçaram as discussões sobre o corpo. O que se chamou narcisismo, na década de 70, gerou terapias que iriam preparar as pessoas para desfrutarem de um maior prazer, e estimulou a crítica à rígida dissociação corpo-mente que domina o mundo ocidental.

"As novas terapias chegaram ao Brasil em forma de capital cultural acumulado. Seus detentores tiraram o melhor proveito dele, em termos de dividendos. A multiplicação de academias de ginástica, a maioria com a pura perspectiva de iniciar um negócio lucrativo, acabou revelando que a lógica capitalista iria ser imprimida nas próprias técnicas corporais"³.

Assim, a questão do corpo foi absorvida pela grande indústria e impulsionou um novo ramo de produção.

Considerando esse contexto, busquei compreender as relações de gênero, estabelecidas na Educação Física em Belo Horizonte, de 70 a 90, objetivo deste capítulo.

5.1 - CINQUENTA VAGAS PARA O MASCULINO, CINQUENTA PARA O FEMININO: a disputa entre os sexos

A incorporação da Escola de Educação Física à UFMG exigiu a adaptação de seus currículos às normas dessa instituição, tarefa executada por dois professores e uma professora, encarregados de, num prazo de dez dias, reformular "os currículos masculino e feminino"⁴.

2 - MIRANDA, 1987.

3 - GABEIRA, 1984. p.166-167.

4 - UFMG. Escola de Educação Física. Portaria do Diretor n.14, 1970.

Modificou-se a carga horária de algumas disciplinas, subdividiram-se outras, mas mantiveram-se as características básicas dos dois currículos o masculino e o feminino, até então vigentes.

Para a efetivação de currículos dessa natureza, as alterações nas grades curriculares, até o ano de 1977, restringiram-se às disciplinas de Fundamentos da Educação Física, e às obrigatórias aos diversos cursos de Licenciatura de todo o País, com a inclusão da disciplina Educação Moral e Cívica - sob a forma de Estudo de Problemas Brasileiros (EPB) - que substituiu a Cultura Religiosa, disciplina introduzida pela Igreja Católica, nos currículos de da antiga Escola de Educação física de Minas Gerais.

Com a Educação Moral e Cívica, pretendia-se continuar garantindo

"a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus.[...] O aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade"⁵.

O alcance de tais finalidades exigia docentes imbuídos desses valores, o que levou o governo militar a exercer constante controle dos docentes da disciplina em todo o País. Uma correspondência "confidencial" da Divisão de Segurança e Informações do MEC à Reitoria da UFMG explicita os propósitos desse controle:

"É sabido por todos nós o alerta que faz Sua Excia. o Ministro da Educação e Cultura, sobre o firme propósito de os elementos comunistas quererem se apoderar da cadeira de Moral e Cívica. Hoje, a infiltração de professores comunistas, lecionando a referida disciplina, em diversos Estabelecimentos de Ensino do Território Nacional, é uma realidade. Tal fato vem exigir de todos nós, responsáveis no campo da educação, medidas preventivas de segurança com o objetivo de neutralizar ou eliminar a influência nefasta que êsses elementos poderão exercer na formação moral e cívica do estudante universitário. [...] vimos solicitar ao Magnífico Reitor [...] que apresente a essa Divisão sugestões a serem aplicadas nessa Universidade, [...] tendo em vista preservar a supra-citada formação, evitando assim, que professores contrários ao Regime vigente no país transmi-

⁵ - BRASIL. Decreto-Lei n.8.612 - 12 set. 1969.(Grifos meus).

tam ou inculcam aos seus alunos imagens distorcidas da realidade histórica brasileira"⁶.

Mas esse não era o caso do curso de Educação Física, porque, além de ser essa uma disciplina que propunha objetivos semelhantes aos da Cultura Religiosa - a defesa da moral cristã, da família e do civismo - ambas estiveram sob a responsabilidade do mesmo professor, Padre Carlos José Gonçalves. Aliás, na maioria das universidades, essa disciplina era ministrada por religiosos ou militares, com o intuito de facilitar a inculcação da ideologia da ditadura⁷.

Quanto à organização do curso, foram mantidos os dois currículos, as turmas masculinas e turmas femininas, com poucos homens e muitas mulheres.

Sobre isso, o professor coronel José Pereira da Siva, presidente da comissão que reformulou esse currículo, relatou que

"Na realidade, continuou o currículo velho que existia desde a criação da Escola de Educação Física do Exército, ajustado aos moldes civis. Ficou dividido em duas áreas: a masculina e a feminina. É inútil querer falar que o programa feminino é o mesmo que o masculino. Nós sabemos que o processo de formação cultural é o mesmo, mas a parte prática masculina é muito mais violenta. [...] A mulher é um ser que está numa evolução tremenda nas Olimpíadas Modernas, mas nós sabemos que ela nunca chegará a ter coeficientes esportivos iguais ao do homem. É lógico, é natural. Por tudo isso, eu coloquei o homem em separado da mulher"⁸.

Além de continuar com as turmas organizadas por sexo, a estrutura curricular implantada nessa época - em vigor até 1991 - manteve as disciplinas Futebol e Judô como exclusivas do currículo masculino e a Ginástica Rítmica Desportiva e a Dança Coreográfica como específicas do feminino. Todavia, a Dança Elementar - extinta do currículo masculino desde 1970 - voltou a ser ensinada aos

6 - BRASIL. MEC. Divisão de Segurança e Informação, 1971.

7 - CUNHA, 1985.

8 - SILVA, 1989. Depoimento. O discurso permitiu-me identificar idéias que fundamentaram os currículos, mas não foram explicitadas em documentos escritos. (Grifos meus).

homens, e as mulheres passaram a ter acesso a "conhecimentos sumários" de Futebol de Campo e de Judô⁹.

Ao mesmo tempo que a introdução dessas disciplinas, nos cursos, sinalizava para alterações nas qualidades idealizadas para o professor e para a professora de Educação Física, evidenciava que suas qualidades eram diferentes, o que exigia que fossem desenvolvidas por homens e mulheres, separadamente.

Para mim, tal idéia ficou ainda mais explícita, quando observei que a quase totalidade das disciplinas possuía ementas idênticas. No entanto, a de Rítmica Básica determinava, apenas para as mulheres, a "interpretação, orquestração e regência de bandas rítmicas e de percussão", mostrando o entendimento de que o ensino de artes às crianças era de competência exclusiva do sexo feminino.

Fazia-se, então, necessário garantir o ingresso de maior número de alunos, para que se pudesse manter a separação dos sexos e uma formação específica para o professor e para a professora.

Por isso, nos anos 70, a Escola de Educação Física, por várias vezes, solicitou à Coordenação de Ensino da UFMG, a oferta de vagas por sexo - cinquenta para homens e cinquenta para mulheres¹⁰. A princípio, seus argumentos tinham por base as diferenças biológicas entre os sexos e as normas esportivas nacionais e internacionais.

"A prática da atividade física é benéfica à melhoria e à conservação da saúde, reconhecem-no todos. Mas, para cada idade, do lactente ao velho; para cada tipo de constituição orgânica, do atleta ou do astênico; **para cada forma de desenvolvimento corporal e de evolução mental ou cultural**, deve haver uma modalidade e uma sistemática diferentes de exercício físico.

Os dois sexos não fazem exceção à necessidade de uma atividade adequada aos caracteres próprios de cada um deles, distintos especialmente pelo seu aspecto biológico. Na prática desportiva, nos exercícios atléticos, há atividades indicadas para um e contra-indicadas para

⁹ - UFMG. Escola de Educação Física. Currículo..., 1977.

¹⁰ - UFMG. Conselho de Graduação. Parecer n. 059, 1977.

o outro. Há desportos proibidos para as mulheres, até por determinação legal. No Brasil, é proibida a prática do futebol feminino em disputas oficiais.

Os Jogos Olímpicos Internacionais têm exercícios de ginástica para as mulheres e outros somente desenvolvidos pelos homens. As mulheres não fazem trabalhos de 'barra fixa', nem de 'argola', de 'paralelas assimétricas' e nas 'traves de equilíbrio'. O futebol, as lutas, o salto com vara, o salto triplo, o levantamento de peso, o lançamento de martelo, a esgrima de espada e de sabre, não têm disputantes femininos.

É assim que as leis que regem a prática dos esportes olímpicos realmente respeitam as características biológicas de cada sexo.

Nos esportes coletivos também não pode haver formação de equipes mistas, nem um quadro feminino pode disputar jogos contra adversários do sexo masculino. A diferença de capacidade física sujeitaria a mulher a riscos imprevisíveis, além de tornar a competição inteiramente desigual e, portanto, antiesportiva.

No Curso de Educação Física, ao lado de numerosas disciplinas predominantemente teóricas, existem outras, nas quais a execução prática é inerente ao aprendizado e ao aprimoramento das técnicas ensinadas. Não se procura - é sempre bom frisar - a criação de atletas, mas seria muito difícil formar-se um professor especializado, incapaz de dominar, ele próprio, aquelas técnicas, mesmo que não possua qualidades de recordista ou de campeão.

A separação por sexo, de turmas no Curso de Educação Física em várias de suas disciplinas aquelas que costumamos chamar de "práticas" - é inevitável. Em outras palavras, é impossível a formação de turmas mistas nessas disciplinas.

Nos esportes coletivos - vôlei, basquete, 'hand-ball' - não se poderiam organizar quadros mistos para as aulas práticas. No atletismo, na ginástica, os aparelhos ou são inteiramente diferentes ou têm dimensões especiais para cada sexo, além de existirem modalidades de exercícios praticados por um ou pelo outro sexo"¹¹.

Observo que esse discurso, ao mesmo tempo que se referia a aspectos biológicos "naturais" do homem e da mulher, deixava transparecer determinantes culturais, impostos por normas esportivas internacionais.

As reflexões sobre esses argumentos, conduzindo-me ao passado, fizeram-me fixar no fato de homens e mulheres, em Belo Horizonte, desde o início desse século, virem sendo separados para as aulas de Exercícios Físicos, cujos

¹¹ - UFMG. Escola de Educação Física. Ofício do Diretor n.122, 1976. (Grifos meus).

conteúdos sequer caracterizavam-se como competitivos. Dessa maneira, não seria o esporte moderno o causador de tal separação e suas normas estariam, apenas, legalizando e reforçando valores, anteriormente instalados.

É importante recordar que o início da distribuição dos esportes modernos entre os sexos - através de normas internacionais - data da primeira Olimpíada da Era Moderna, realizada em 1896. Assim sendo, tal distribuição se fundamentou numa prática já concretizada na sociedade europeia da época. Além disso, não se pode esquecer que as regras esportivas internacionais, no que se refere à participação de cada sexo - especialmente da mulher - vêm sendo, constantemente, alteradas numa demonstração clara de que se baseiam em pressupostos socioculturais, econômicos e políticos e não, estritamente biológicos.

As questões administrativas também eram utilizadas para a justificação de necessidades de selecionar o mesmo número de homens e de mulheres para os cursos de Educação Física.

"DOIS CURRÍCULOS - DOIS CURSOS - O Curso de Educação Física possui dois currículos distintos para cada um dos dois sexos. No elenco de disciplinas, nas cargas horárias parciais, na distribuição de aulas teóricas e práticas, no valor dos créditos, na organização dos períodos escolares e até nos programas de disciplinas com a mesma denominação, existem diferenças acentuadas.

Na realidade, existem dois cursos de Educação Física - um para o sexo masculino e outro para o sexo feminino.

É a própria Universidade que reconhece esta distinção. O Catálogo de Graduação da UFMG, edição de 1976, já relacionava separadamente os cursos, denominando-os de "Educação Física - Masculina" (página 395) e de "Educação Física - Feminina" (página 396).

Nas disciplinas em que predominam as aulas teóricas sobre as práticas, as turmas, nos diversos períodos do curso, podem ser mistas.

Seria difícil, por outro lado, a separação dos sexos apenas para as aulas práticas[...]. Correríamos o risco de não conseguir o número de alunos do mesmo sexo para a composição de pelo menos duas equipes nos esportes coletivos, durante o desenvolvimento da aula. E, **administrativamente, esbarraríamos com dificuldades relativas às**

instalações desportivas e à distribuição de horários e do pessoal docente"¹².

Como já afirmei anteriormente, tanto as ementas quanto os conteúdos de ensino das disciplinas dos dois cursos não apresentavam diferenças significativas. Dessa forma, ficava o argumento de que homens e mulheres não deveriam competir entre si, talvez porque eles fossem fortes e elas, fracas. Entretanto não se discutiam as causas dessa distribuição de qualidades, porque, certamente, eram consideradas como oriundas, apenas, da "natureza humana". mas esperava-se dos docentes que encarnassem esse ideal, mesmo que o docente fosse mulher.

As diferenças entre as qualidades atribuídas aos homens e às mulheres ficaram mais evidentes, ao se utilizarem provas de aptidão específica, diferenciadas por sexo, no concurso Vestibular Único.

"A bateria de testes, montada pela Escola de Educação Física, tem sido organizada com base em recomendações do Departamento de Educação Física e Desportos do MEC e de acordo com as experiências anteriores da própria Escola, nos seus vinte e sete anos de existência. Alguns milhares de jovens passaram por essas provas, oferecendo-nos elementos valiosos para chegarmos aos critérios atuais.

Como se pode verificar nas tabelas [...] que vigoraram para o Vestibular de 1979, as exigências para as candidatas femininas são sensivelmente menores do que para os homens. Esse critério baseia-se na diferença de rendimento físico dos dois sexos, mas, não se pode afirmar que os números, inflexíveis, façam justiça a todos, dada à diversidade de desempenho dos candidatos. Em quase todas as provas os homens terão de render bem mais do que as mulheres, para conseguirem o mesmo número de pontos.

[...] Apesar de todos os cuidados com que se elaboraram as tabelas, não se pode afirmar - repetimos - que sejam justas para os candidatos masculinos, quando os mesmos disputam a classificação juntamente com as moças. Já que rapazes e moças participam juntos da classificação, seria o caso de se estabelecer uma tabela única para os dois sexos, mas, nesse caso, as candidatas ficariam prejudicadas"¹³.

E, segundo o documento, a fixação do número de vagas, em separado, para um e outro sexo, fazendo com que a disputa e a classificação se

¹² - UFMG. Escola de Educação Física. Ofício Col. n.016, 1979. p.2-3. (Grifos meus).

¹³ - UFMG. Escola de Educação Física. Ofício Col. n.016, 1979. p.4-5. (Grifos meus).

processem em "absoluta igualdade de condições, parece-nos a única maneira de eliminar um fator de possível injustiça, inevitável na situação atual"¹⁴.

Observo que o discurso da injustiça dos critérios de avaliação de ambos os sexos camufla uma preocupação especial com a injustiça para com os homens, reforçando, mais ainda, a dominação masculina.

A distribuição de vagas por sexo justificava-se, ainda, pela necessidade de se habilitar o mesmo número de professoras e professores, atendendo às demandas dos cursos de 1º e 2º graus que adotavam o sexo como critério de organização de turmas de Educação Física e de contratação de professores dessa área.

"As turmas para as aulas de Educação Física nos estabelecimentos de ensino médio, também não podem ser mistas. Prevaecem as razões expostas acima e é evidente que o professor deverá ser do mesmo sexo dos alunos, pois, as atividades a serem desenvolvidas são aquelas para os quais o docente se preparou no curso de graduação"¹⁵.

Na verdade, eram esses os critérios adotados pelos estabelecimentos de ensino de Belo Horizonte para recrutar seus docentes de Educação Física, embora o Conselho Estadual de Educação tivesse autorizado professores e professoras a ministrarem aulas para homens e mulheres, desde que as turmas fossem exclusivas de cada sexo¹⁶.

Ao tentar garantir a formação do mesmo número de professoras e professores, para ensinar às mulheres e aos homens, a Universidade produzia e reproduzia a situação instalada, sem ao menos questioná-la.

Não estaria ela, quase cem anos depois, ouvindo Ruy Barbosa em sua recomendação de que, por razões morais, deveria haver, nas escolas Normais, um

14 - UFMG. Escola de Educação Física. ofício Col. n.º16, 1979. p.5.

15 - UFMG. Escola de Educação Física. Ofício Col. n.º16, 1979. p.5. (Grifos meus).

16 - MINAS GERAIS. SEE. CEE. Parecer n.277, 1979.

professor para os alunos e uma professora para as alunas?¹⁷. Essa era mais uma prova de que as mentalidades são aquilo que mais lentamente muda na sociedade¹⁸.

A Escola de Educação Física não apontava perspectivas de mudança e afirmava que, se persistisse a tendência de aprovação no Vestibular Único - menos homens e mais mulheres - estaria a Universidade comprometendo o futuro mercado de trabalho "por uma simples falta de visão preventiva"¹⁹.

Todavia, penso que se esquecia de que ser professor, especialmente de Educação Física, não fazia parte das aspirações das classes sociais que tinham acesso à Universidade, e, por isso mesmo, era reduzida a demanda dos homens ao curso de Licenciatura em Educação Física. Assim sendo, se houvesse número específico de vagas para o sexo masculino, a concorrência seria reduzida, se comparada com a enfrentada pelas mulheres.

Apesar de todo esse elenco de justificativas ter sido, por diversas vezes, apreciado pelo Conselho de Graduação da UFMG, o citado Conselho sempre votou pelo indeferimento da solicitação de oferecer igual número de vagas para homens e mulheres, alegando ser essa **uma medida discriminatória**, sem, entretanto, apresentar as razões da discriminação²⁰.

O professor Eduardo Cisalpino, ex-reitor da UFMG, lembrou-se de que

"Houve uma discussão acalorada em torno desse problema, mas como os conselhos Superiores da Universidade achavam a idéia absurda, nunca concordou em distribuir as vagas por sexo²¹.

17 - BRASIL. Câmara dos Deputados. Parecer n.224, 1883.

18 - LOPES, 1992.

19 - UFMG. Escola de Educação Física. Ofício n. 278, 1977.

20 - UFMG. Conselho de Graduação. Ata da reunião..., 1980.

UFMG. Conselho de Graduação. Ata da reunião de 19 mar. 1980.

21 - CISALPINO, 1993. Depoimento.

Com base nessa decisão, o Vestibular Único ao curso de Licenciatura em Educação Física não determinou o número de vagas por sexo, mas continuou ministrando dois cursos: um masculino e um feminino. Isso significava dizer que se buscava formar professoras e professores com qualidades específicas de seus sexos, demonstradores de gestos femininos e masculinos, para serem copiados por suas alunas e alunos, respectivamente. Todavia, apesar de os critérios adotados na avaliação das aptidões específicas dos vestibulandos ao curso de Educação Física, continuarem, até 1994, diferentes para cada sexo, inseriram-se provas de ritmo para os candidatos do sexo masculino, até então aplicadas exclusivamente às mulheres²².

E, no campo de ação desses futuros profissionais, que qualidades eram idealizadas para os homens e para as mulheres, através da Educação Física?

5.2 - CINQUENTA ALUNOS DO MESMO SEXO: do ideal da lei ao cotidiano da escola

Acentuou-se, no início dos anos 70, a preocupação do governo militar com a divulgação da Educação Física e do esporte no País, fato esse justificado, oficialmente, pelo argumento de que as atividades físicas constituiriam um direito que não podia ser negado ao cidadão, sob pena de "comprometer o desenvolvimento do indivíduo e a própria Segurança Nacional"²³.

Era necessário preparar jovens fortes - como forças militares reservas - nos moldes dos alemães que lutaram na II Grande Guerra, previa o Plano de Educação Física e Desportos implantado em 1971. Inspirado na obra de Willan Shirer *Ascensão e Queda do III Reich*, afirmava esse plano:

²² - Em estudo que buscou compreender o significado das Provas de Aptidão Específica no Vestibular da Escola de Educação Física da UFMG, REZENDE (1993) aponta diferenças entre os critérios de avaliação dos candidatos de cada sexo, adotados ao longo da existência desse curso.

²³ - BRASIL. MEC. *Plano de Educação Física e Desportos*. 1971. p. 13.

O jovem do terceiro Reich crescia para ter o corpo forte e sadio, fé no futuro de sua pátria e em si mesmo e um sentido de solidariedade e camaradagem que destroçasse todas as barreiras sociais, de classe e econômicas. [Havia um grande] contraste entre os soldados alemães, de pele bronzeada e limpa, de uma juventude que vivia ao sol e com uma alimentação adequada, e os primeiros prisioneiros de guerra britânicos, de peitos encovados, outros encurvados, e a cor pálida e os dentes estragados, - exemplos trágicos de juventude que a Inglaterra negligenciara tão irresponsavelmente no período entre as duas guerras'²⁴.

Esse plano propunha, ainda, que a campanha de divulgação da Educação Física e dos Desportos tivesse como endereço as classes desfavorecidas, que, segundo o governo, eram, apenas, espectadoras das atividades esportivas da elite, e só tinham acesso à recreação e ao lazer nas manifestações folclóricas.

Essa política implantada em nível nacional repercutiu em Belo Horizonte, não apenas pela integração da Escola de Educação Física de Minas Gerais à UFMG, mas também pela legislação de âmbito nacional, decretada pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici. Através do Decreto n. 69.450, em vigor até hoje - 1994 - regulamentou-se a Educação Física como "atividade" obrigatória em todos os graus de ensino, em todas as escolas do País²⁵.

No entender do Conselho Federal de Educação, passados dez anos da Lei de Diretrizes e Bases, ainda não se atingiam os objetivos visados para a Educação Física brasileira; portanto, era necessário regulamentá-la à luz do legisladores do passado, entre os quais Ruy Barbosa, ao conceber que

"a **ginástica**, além de ser o regime fundamental para a reconstituição de um povo cuja **virilidade** se depaupera e desaparece de dia em dia, a olhos vistos, é, ao mesmo tempo, um **exercício** eminentemente, insuprivelmente, **moralizador**, um **germe de ordem** e um vigoroso alimento de **liberdade**"²⁶.

²⁴ - BRASIL. MEC. DED. *Plano de Educação Física e desportos*. 1971.

²⁵ - BRASIL. Decreto n. 69.450 - 1 nov. 1971.

²⁶ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n. 257, 1971. p.95. (Grifos meus).

Dessa forma, a Educação Física é concebida por esse Conselho como uma atividade formadora, "não apenas do corpo, mas também do caráter"²⁷.

Essa legislação federal, ao relacionar a Educação Física com o sistema nacional de educação, idealizou-a como uma

"atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, [tornando-se] um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional"²⁸.

No ideário do governo, a Educação Física, no ensino Primário, deveria adquirir caráter recreativo, buscando favorecer a aquisição de hábitos higiênicos, o "desenvolvimento corporal e mental harmônico, o despertar do espírito comunitário, da criatividade, do senso moral e cívico" E, no ensino Médio, ela teria por objetivos contribuir para o

"aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade, a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios"²⁹.

Assim, dá-se continuidade e vigor a recreação, vista como utilitarista, compensatória para o trabalho e como forma de descontração, desarticulação e desinteresse para questões políticas mais amplas.

Através desse Decreto, a Educação Física tornou-se obrigatória também no ensino Superior, com o propósito de "aprimoramento da aptidão física [...] integração do estudante ao campus universitário, consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade"³⁰.

Tal obrigatoriedade pode indicar o sucesso da empreitada desse componente curricular nos graus anteriores de ensino, no sentido de sedimentar a

²⁷ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.540, 1977. p.134.

²⁸ - BRASIL. Decreto n.69.450 - 1 nov. 1971. p.155.

²⁹ - BRASIL. Decreto n.69.450 - 1 nov. 1971, p.155-156.

³⁰ - BRASIL. Decreto n. 69.450 - 1 nov. 1971. p.156.

legitimação de corpo cívico, trabalhador e ajustado à sociedade, naquele momento histórico.

Em Belo Horizonte, essa legislação teve receptividade entre os profissionais de Educação Física, pois significava um maior "prestígio" para a área, e, ao mesmo tempo, a ampliação do mercado de trabalho. O Inspetor Seccional de Educação Física enalteceu tais diretrizes, salientando que

"novos horizontes se abrem ao trabalho criador de nossa área, fazendo-nos prever uma era de excepcional atividade em prol da eugenia da raça"³¹.

Como se pode observar, idealizava-se uma Educação Física que se prestava a "ajustar" os jovens aos padrões sociais estabelecidos naquele momento histórico e, ao mesmo tempo, recuperar ou a manter as finalidades atribuídas ao seu ensino, principalmente após os anos 30: a virilidade do povo, a eugenia da raça, o senso moral e cívico, o fortalecimento da vontade e a consolidação do sentimento de nacionalidade. Dessa maneira, permaneceram metas e valores, modernizando-se, apenas, os meios de camuflagem das intenções, através do discurso.

Sobre tais propósitos, Júlio Schmitt Rocha, em estudo dos condicionamentos legais da Educação Física escolar no Brasil, afirma que, até mesmo o tratamento especial dispensado à Educação Física e à Educação Moral e Cívica - regulamentação por decreto - conduz ao entendimento de que a preocupação maior não era com a "formação global do homem", e sim, muito mais com a formação para a obediência e para a conformidade com o poder dominante³².

Para o alcance desses objetivos, elegeu-se o esporte como conteúdo básico do ensino, em todos os níveis de escolarização, pela sua capacidade de mobilização dos jovens e, porque

³¹ - BRASIL. MEC. Inspetoria Seccional de Educação Física. Ofício n. 1813, 1971. p.2. (Grifos meus).

³² - ROCHA, 1991.

"Inegavelmente, uma das características mais evidentes do **desporto**, e que recomenda sua utilização como meio educativo por excelência, é o espírito de **disciplina e lealdade** que a sua prática inspira. O desporto, praticado sob as mais diversas formas, tem contribuído, através da história, para a consolidação de **valores morais** e culturais dos povos",

prescrevia o Plano Nacional de Educação Física e Desportos para o período 1976-1979³³.

Para o ensino da Educação Física - sob forma de esporte - estabeleceu-se como "padrões de referências", entre outros, a organização de turmas com **cinquenta alunos do mesmo sexo**, preferencialmente selecionadas por nível de aptidão física. Sobre isso, o Conselho Federal de Educação se encarregou de explicitar que não se tratava de um preceito obrigatório, mas sim de um padrão ideal a ser atingido progressivamente³⁴.

Tal entendimento levou o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais a definir normas específicas para o ensino desse componente curricular nas escolas de todo o Estado, e em alguns aspectos - tais como o número de aulas semanais - afastar-se do ideal proposto pelo governo federal mantendo, no entanto, o sexo como critério para a organização de turmas³⁵.

É interessante observar que, nessa mesma época, no início dos anos 70, instalava-se em Belo Horizonte, e em todo o Brasil - sob orientação americana e auspícios dos convênios MEC/USAID - os Ginásios Orientados para o Trabalho, cujo currículo "profissionalizante" contemplava disciplinas como - Educação para o Lar, Artes Industriais e Técnicas Agrícolas - que eram ensinadas a ambos os sexos, em turmas mistas, conforme padrões norte-americanos de ensino. A Educação Física

³³ - BRASIL. MEC. *Plano Nacional de Educação Física e Desportos*. 1976. p.30. (Grifos meus).

³⁴ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.540, 1977.

³⁵ - BRASIL. MEC. CFE. Parecer n.1.707, 1973.

MINAS GERAIS. SEE. CEE. Parecer n. 152, 1972.

continuava, todavia, ensinando separadamente a alunos e alunas, apesar de, nos Estados Unidos, ser essa uma prática ilegal³⁶.

Nessa época, as escolas de Belo Horizonte - mantendo uma tradição reforçada pela sugestão do Decreto n.69.450 - continuavam separando as turmas em masculinas e femininas.

A adoção irrestrita desse Decreto impediu que o único aluno do Curso Normal público de uma cidade, no interior do Estado, obtivesse seu diploma, uma vez que a escola não dispunha de recursos para contratar um professor para ministrar-lhe aulas, e não lhe foi permitido participar da turma feminina³⁷.

Por sua vez, em Belo Horizonte, essa legislação veio apenas reforçar uma prática já instalada na Educação Física, desde a sua implantação nas escolas, no início do século. Na verdade, nos anos 70, pouco se alterou nesse aspecto, em relação aos anos 30, pois as escolas públicas, diferentemente de muitas particulares, mantiveram turmas mistas no Primário, enquanto nos outros níveis de ensino separavam-se os sexos.

Apesar de não mais se constituir em objeto de leis, as professoras continuavam a ensinar às alunas e os professores de ministravam aulas aos alunos. Mantinham-se, também, diferentes critérios para a seleção de professoras e professores que ingressavam nas carreiras dos magistérios públicos municipal e estadual. Além do número de vagas ser específico para cada sexo, exigia-se dos homens, conhecimento sobre os esportes "masculinos" e das mulheres, sobre aqueles, considerados à época, femininos. Nesses concursos, havia desigualdade de concorrência entre os sexos, pois o número de professores graduados em Educação Física mantinha-se sempre inferior ao de professoras³⁸.

36 - A lei " Title IX" promulgada nos Estados Unidos em 1972, passou a proibir a discriminação sexual na educação. Assim, a Educação Física foi obrigada a orientar-se pelos princípios da co-educação, e ensinar as mesmas atividades a ambos os sexos. (VARGYAS, 1990).

37 - MINAS GERAIS. SEE. CEE. Parecer n. 155, 1971.

38 - MINAS GERAIS. PREMEM, 1970.

A distribuição dos encargos didáticos, conforme o sexo, ocorria somente nas aulas, porque não importava o sexo do docente que treinava as equipes esportivas das escolas, nos momentos extra-classe. Aliás, esse fato já ocorria em educandários femininos religiosos de Belo Horizonte, desde o início dos anos 30, como por exemplo, no Isabela Hendrix, colégio de orientação metodista e, ao final dos anos 40, nos colégios Santa Maria e Imaculada Conceição, ambos de tradição católica³⁹.

*"Eu dava aulas para o masculino e as meninas tinham uma professora. Enquanto isso, fui técnico de voleibol feminino de várias escolas. Prefiro treinar meninas. Só voleibol. Basquete não. No basquete eu gosto de treinar os homens. Vôlei para homem não gosto. Eu tenho birra. Eu tenho cisma. Parece assim...meio efeminado"*⁴⁰.

Até a segunda metade da década de 80, a organização de turmas por sexo não constituía uma questão para as escolas nem para os profissionais de Educação Física em Belo Horizonte, porque se tratava de prática adotada desde a sua introdução na escola e explicada pelas diferenças biológicas entre o homem e a mulher.

Todavia, nos últimos anos da década de 80, iniciou-se, na Escola de Educação Física da UFMG e em escolas públicas de Belo Horizonte, um debate em torno da unificação de turmas nas aulas de Educação Física, provocado por políticas de contenção de gastos, instaladas pelos governos estadual e municipal, fundamentadas em inconsistência de argumentos que justificassem a separação de turmas.

Na Escola de Educação Física, a Comissão de Reforma Curricular propunha a implantação de um só currículo para ambos os sexos, iniciando a discussão em torno de questões culturais que, historicamente, determinavam qualida-

³⁹ - MACEDO, Hércio, 1991. Depoimento.

⁴⁰ - CAMELIERE, 1992. Depoimento.

des específicas ao professor e à professora de Educação Física⁴¹. Entendia-se que o currículo em vigor apresentava, entre outras deficiências, o fato de proporcionar uma formação eminentemente técnica, desvinculada do contexto sociopolítico, com pouca ênfase nos conhecimentos filosóficos e da sociedade, além da manutenção de "dois currículos distintos, um para a turma masculina e outro para a feminina"⁴², o que era incoerente com as demandas da sociedade, naquela época.

No sistema Municipal de ensino da capital mineira, a ameaça de se organizarem turmas mistas, levou os docentes da área a se mobilizarem e garantirem que o Congresso Político Pedagógico, realizado em 1990, deliberasse que.

"Não haverá união de turmas para as aulas de Educação Física. As turmas serão compostas por alunos do mesmo sexo. As turmas masculinas serão assumidas, preferencialmente, por professores e as femininas, preferencialmente, por professoras. Os concursos para professores de Educação física serão unificados"⁴³.

Entretanto, no ano seguinte, por determinação legal, as aulas de Educação Física passaram a ser ministradas para turmas mistas⁴⁴.

Quanto às escolas públicas estaduais, a segunda reforma administrativa da Nova República, implantada em 1987, encarregou-se de determinar que as aulas de Educação Física passassem a ser ministradas para turmas mistas⁴⁵. A fusão de turmas fazia parte do esquema de racionalização do sistema educacional do Estado de Minas Gerais o qual determinou a redução do quadro docente e a ampliação do número de alunos por turma. Dessa forma, não se enfatizou a qualidade do ensino,

41 - UFMG. Escola de Educação Física. **Proposta de alteração...**, 1989. As alterações curriculares ocorridas em 1991, no curso de Educação Física da UFMG, resultaram da reforma curricular determinada pela Resolução n.03/1987 do Conselho Federal de Educação que fixou os conteúdos mínimos e a duração desses cursos em todo o País, substituindo as normas vigentes desde 1969. BRASIL. MEC. CFE. Resolução n.03, 1987.

42 - UFMG. Escola de Educação Física. **Proposta de alteração curricular**. 1989. p.4. (Grifos meus).

43 - CONGRESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO, I, 1990, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 1990. 33p. (Grifos meus).

44 - BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria n. 002, 1991.

45 - MINAS GERAIS. Decreto n. 26.515 - 13 jan. 1987.

mas, a redução dos custos com a educação. A questão das relações de gênero construídas na escola não foram levadas em consideração⁴⁶.

Assim, por força de lei, no final dos anos 80 intensificou-se, nas escolas públicas de Belo Horizonte, a discussão em torno da organização de turmas mistas nas aulas de Educação Física. Entretanto, até 1994, ano de conclusão desse estudo, tal questão não se fazia presente em todas as escolas, pois as de orientação protestante, algumas católicas e algumas públicas federais não haviam alterado o sistema de organização de turmas.

Um fato inusitado ocorreu no Colégio Isabela Hendrix que, no início do século, ensinava Ginástica às crianças de ambos os sexos - conjuntamente - mas, nos dias atuais, desde os quatro anos de idade, separa-as por sexos. Além disso, os meninos estão sob a responsabilidade de um professor e as meninas, de uma professora⁴⁷.

O fato de se designar o professor para ensinar Educação Física aos homens e a professora, às mulheres continuou não se limitando às escolas da rede particular. Uma das provas de tal fato são os dizeres de um edital de concurso público para provimento de vaga, na carreira de magistério de 2º Grau, publicado em 1991:

"As vagas para Educação Física, de acordo com as necessidades [dessa instituição], serão para professores do sexo masculino"⁴⁸.

Assim, negava-se às professoras o direito de concorrer ao cargo, evidenciando-se a preponderância de valores educacionais sobre a própria lei e mostrando que a escola, não apenas reproduz e reforça o que é produzido fora dela, mas gera contradições próprias. Além do mais reforça a idéia do esporte como uma instituição masculina, onde a mulher ocupa espaço secundário.

⁴⁶ - Tal reforma administrativa é analisada por Maria Aparecida da SILVA (1994).

⁴⁷ - SILVA, 1992. Depoimento.

⁴⁸ - BRASIL. CEFET-MG. 1991. (Grifos meus).

Essa posição das mulheres no mundo esportivo foi reforçada - em 1977 - quando às detentoras de prole, facultou-se a participação nas aulas de Educação Física de todas as escolas brasileiras⁴⁹.

Sobre isso, Lino Castellani Filho comenta que a lei, ao facultar à mulher e não ao homem com prole o direito de isentar-se da prática da Educação Física, deixa evidente que, na nossa cultura, a educação dos filhos é de responsabilidade exclusiva da mãe⁵⁰. O que, no meu entendimento, nada mais seria do que a afirmação dos modelos de mulher nas visões positivista e católica, sinônimos de abnegação e força moral, qualidades essenciais a mãe educadora de seus filhos.

Todavia o fato de se dispensarem as mães das aulas de Educação Física, negava a necessidade da mesma para a formação de uma mulher bela, saudável e capaz de gerar filhos também saudáveis, como se apregoava nas décadas anteriores.

O que teria provocado tal mudança? Estaria ela relacionada ao aumento da utilização de mão- de-obra feminina e à necessidade de a mulher conciliar suas atividades dentro e fora do lar? Que novidades trazia?

5.3 - MULHERES E ESPORTES: DIFERENÇAS E PERMANÊNCIAS.

Apesar de a legislação brasileira, até o final dos anos 70 - com base em argumentos biológicos - impedir a mulher de praticar alguns esportes, Moema Toscano, na obra: Teoria da Educação Física Brasileira, observava que

"o futebol, handebol, levantamento de peso, a ginástica de solo e de aparelhos, os esportes de ataque e defesa (exceto o box), o atletismo, enfim as mais diversas formas de trabalho físico, estão **hoje sendo invadidas pelo sexo feminino**, ampliando-se, cada dia, o leque de atividades que até pouco tempo atrás pareciam estar reservadas exclusivamente ao sexo masculino"⁵¹.

⁴⁹ - BRASIL. Lei n. 6.503, 1977.

⁵⁰ - CASTELLANI FILHO, 1988.

⁵¹ - TOSCANO, 1974. p.77. (Grifos meus).

A autora alertava para a necessidade de se diferenciarem, no plano metodológico, as atividades próprias para a mulher, considerando-se os traços biológicos e psicológicos que a distinguem do homem. No entanto não se referia aos aspectos socioculturais que determinavam essas diferenças.

Nos anos 70 - como fruto da tentativa de massificação esportiva instalada no Brasil - um maior número de mulheres brasileiras passou a ter acesso a esportes, até então considerados impróprios para seu sexo. Sob influência internacional, o Conselho Nacional de Desportos - CND - legalizou, a partir de 1979, a participação delas no futebol de campo,

"considerando o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar futebol de campo [e] o inegável interesse que o futebol feminino [vinha] despertando no mundo inteiro"⁵².

Além disso, o CND, em 1983, criou normas específicas para o futebol feminino, as quais proibiam a formação de equipes mistas e a disputa com equipes masculinas

Dessa maneira admitia-se, oficialmente, que esse esporte não trazia tantos malefícios ao corpo e à moral da mulher. Tal reconhecimento aconteceu há quase meio século da primeira tentativa de competição que

"se quis levar a efeito [no Rio de Janeiro] e que provocou, como era natural e de toda justiça, protestos de toda sorte: o futebol feminino! Obsecados pelos mui prováveis lucros que poderia obter com os espetáculos dessa natureza, meia dúzia de indivíduos imaginaram organizar o futebol feminino. E quase organizaram se não fôsse a intervenção judiciousa do capitão Sílvio de Magalhães Padilha, então diretor de esportes, [do Conselho Nacional de Desportos]"⁵³.

Depois esse Conselho estendeu essa legalização à participação feminina no futebol de salão e em todos os esportes regulamentados, em outros países, para a mulher.

⁵² - BRASIL. MEC. CND. Deliberações n. 10, 1979. BRASIL. MEC. CND. Deliberação n. 1, 1983.

⁵³ - MIRANDA, 1945. (Grifos meus).

Nos dias atuais, do ponto de vista legal, o futebol deixou de ser um esporte causador de lesões irreversíveis nos órgãos reprodutores das mulheres, causando danos à sua saúde. Todavia ele continua entendido como masculinizador da mulher. Essa concepção é mostrada pela mídia, quando, por exemplo, enfatiza a beleza de mulheres que se vêm destacando como jogadoras de futebol.

Sobre a permissão para a prática de Judô, Lino Castellani Filho registra que essa foi provocada pela vitória de atletas brasileiras num campeonato sul americano, cuja participação só foi garantida pela ousadia de um técnico que registrou suas atletas no Conselho Nacional de Desportos, com nomes de homens⁵⁴.

Analisando essa questão em relação às escolas, vejo que, apesar de autorizados pela legislação, raros eram os estabelecimentos de ensino que estimulavam as alunas à prática do futebol e do judô, sendo que a Escola de Educação Física não era uma exceção. Também as competições esportivas promovidas pelos sistemas de ensino estadual e municipal não incluíam o judô, o futebol e o basquete como esportes femininos, apesar de esse último vir compondo o currículo do Curso Feminino de licenciatura em Educação Física, desde a sua criação em 1952, e ter seu ensino intensificado nas escolas de 1º e 2º graus de Belo Horizonte⁵⁵.

Tal intensificação aconteceu nos anos 70, quando o basquete feminino foi incluído nos jogos Olímpicos de Montreal, numa evidência de que ele já era praticado em outras partes do mundo. Foi, também, nesses jogos que duas mulheres - as ginastas Nadie Komaneci e Kornelia Ender - tornaram-se destaques mundiais. Sobre esse fato, Manuel Sérgio, professor universitário em Lisboa, comenta que

54 - CASTELLANI FILHO, 1988.

55 - BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. *I jogos estudantis municipais* - regulamento geral, 1981.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado do Trabalho, Ação Social e Desportos, 1981.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Ofício Circular. DEED/DADEED, 1985.

"a idéia de que a **mulher** é o **sexo frágil**, mero objeto de satisfação erótica e dona de casa atolada nas fainas domésticas - **está a passar de moda!** Ao conquistar a independência, ao competir, em igualdade de circunstâncias, com o homem - a mulher prova exuberantemente que nada tem a temer de um cotejo com seu habitual companheiro. Nem no Desporto a idéia super-valorativa do homem todo-poderoso ganha foros de verdade. porque, também no terreno específico das **Actividades Corporais**, **ela pode atingir performances espantosas**"⁵⁶.

A história dos esportes mostra que a comparação entre os sexos provocou o surgimento de táticas que ensejaram à mulher fazer-se passar por homem, para ter acesso a eventos esportivos. Tal fato vem de longa data, ou seja, desde as festas olímpicas da Grécia Antiga onde não se admitiam os homens "indignos" e as mulheres, essas nem mesmo como espectadoras⁵⁷. Mais recentemente, em 1967, uma corredora americana utilizou apenas as iniciais para se inscrever na maratona de Boston, da qual foi expulsa tão logo a identificaram como mulher. Todavia, cinco anos depois, reconheceu-se o direito de as mulheres correrem maratonas⁵⁸.

No Brasil, essas permissões para que as mulheres participassem dos eventos esportivos - ditos masculinos - não constituíam fatos isolados, pois, interessava ao governo que as mulheres - que não tivessem prole - intensificassem e, ao mesmo tempo, diversificassem suas atividades esportivas. Assim, em 1985, enfatizava a Política Para o Desporto Brasileiro que

"Considerando o papel determinante que cabe à mulher desempenhar nos programas nacionais de desenvolvimento econômico, social, cultural e desportivo.[...]. Sabendo que a história desportiva mostra que a participação da mulher foi sempre levada para um segundo plano, preponderando as restrições dos costumes e do convencionalismo, e as rotinas dos afazeres domésticos e familiares.[...]. Indica que os programas, projetos, planos e atividades do setor esportivo devem levar em conta a necessidade de uma crescente participação do sexo feminino"⁵⁹.

⁵⁶ - SÉRGIO, [s/d] p.62. (Grifos meus).

⁵⁷ - GRIFFI, 1989. p.79.

⁵⁸ - CANTARINO FILHO, 1992.

⁵⁹ - BRASIL. MEC. SEED. *Uma nova política para o desporto*. 1985. p.103. (Grifos meus).

Observo que, não coincidentemente, foi também nos anos 80 que a Educação Física, no Brasil, começou a despertar para o movimento de caráter internacional, denominado Estudos da Mulher. Nessa época, intensificaram-se as pesquisas brasileiras sobre a atividade física para o sexo feminino, sendo que a maioria delas delimitou seus objetos de estudo em aspectos morfofisiológicos, com destaque para aqueles relacionados à menstruação, à gravidez e às diferenças entre as condições físicas do homem e da mulher, ou seja, nos aspectos que, até então, fundamentavam a adjetivação dos esportes como masculinos e femininos e a organização de turmas por sexo⁶⁰.

Penso que o medo do impacto da prática esportiva na feminilidade das mulheres pode ser avaliado pelo número de estudos sobre menarca entre as desportistas desenvolvidos no Brasil, aliás, esse tópico tornou-se um tema de interesse de estudiosos em várias partes do mundo, como bem mostra a bibliografia internacional⁶¹.

Num desses estudos, José Campos Leão Júnior confirma que, em nível mundial,

"um dos aspectos mais interessantes verificados nas décadas de 70 e 80, na educação física e desportiva, tem sido a grande participação da mulher em atividades físicas. Antes da citada época, as respostas de ordem fisiológica, pedagógica e social, envolvendo a mulher no desporto não tinham sido estudadas"⁶².

Tal fato permite afirmar que, em sua maioria, as pesquisas sobre a mulher e a atividade física, desenvolvidas nessas duas décadas, trouxeram respostas diferentes das encontradas nos estudos anteriores. Assim, os exercícios físicos, durante o período menstrual, deixaram de ser considerados prejudiciais à saúde da mulher e de acarretar prejuízos ao seu desempenho atlético, pois, apenas em alguns

⁶⁰ - ROSEMBERG, 1990. MATSUDO, SESSA, 1980. PEREIRA, 1984. PIRES NETO, 1983. CAMPOS, 1991. CAMPOS JÚNIOR, 1987.

⁶¹ - PEARL, 1993.

⁶² - CAMPOS JÚNIOR, 1987.

casos, a prática esportiva intensa poderia alterar o ciclo menstrual⁶³. Numa gravidez normal, a mulher já não estava mais proibida de praticar atividades físicas, porque não eram mais agressivas do que muitas das suas atividades cotidianas, afirmava a Comissão Francesa de Esportes Femininos, com o aval do Conselho Europeu de Esportes⁶⁴.

Enquanto isso, pesquisadores americanos concluíam que as respostas das mulheres aos exercícios físicos não eram, fundamentalmente, diferentes daquelas obtidas pelos homens, porque o mecanismo celular que controlava a maioria das respostas fisiológicas e bioquímicas ao exercício físico era, praticamente, idêntico nos dois sexos. Assim, essas diferenças deveriam ser reconhecidas mais como de magnitude, do que de funções fisiológicas ou mecânicas⁶⁵.

Nas minhas análises, verifico que inúmeras pesquisas experimentais, de caráter essencialmente descritivo e pontual, desenvolvidas no Brasil nos anos 80 e início dos 90, considerando o sexo como variável independente ou naturalizada e o somatotipo, a aptidão física e a aptidão motora como variáveis dependentes, concluíram haver diferenças entre a aptidão física de homens e a de mulheres, sempre com vantagens para o sexo masculino. No entanto, nelas estiveram ausentes os fatores socioculturais, implícitos na determinação de tais diferenças⁶⁶.

Outros experimentos, com características semelhantes aos citados, buscaram verificar os efeitos de programas de treinamento sobre as capacidades físicas e habilidades motoras de mulheres, e seus resultados evidenciaram os benefícios das atividades físicas sobre a força, a capacidade aeróbica e a flexibilidade, entre outras⁶⁷.

⁶³ - PEARL, 1993. JENSEN, 1979. MATHEWS, 1976. SHAVER, 1981. WILMORE, 1982.

⁶⁴ - FRANÇA. Ministério Francês da Juventude, dos Esportes e do Lazer, 1980.
ALVES, 1982.

⁶⁵ - JENSEN, 1979. MATHEWS, 1976. SHAVER, 1981. WILMORE, 1982.

⁶⁶ - GUEDES, 1983. PINTO, RIGUEIRA, 1983. BARBANTI, 1991.

⁶⁷ - DIANNO, 1989. MUNIZ, 1986. PELLEGRINOTT, MOREIRA, 1983. GALDI, 1988.

Um desses estudos, o de Tânia Maria Cordeiro de Azevedo⁶⁸, resgatou textos sobre a mulher e a atividade física, divulgados em revistas brasileiras de Educação Física, no período 1932-1987, e comparou-os com estudos desenvolvidos no País e no exterior, ao final desse período. Mostrou que, historicamente, houve mudanças significativas nas diferenças biofisiológicas do homem e da mulher, apontadas por estudiosos da área. A respeito da flexibilidade, esse estudo mostrou que, por fatores biológicos, a mulher é, geralmente, mais flexível do que o homem, mas que o grau de flexibilidade depende dos movimentos habituais, o que sugere que essa superioridade poderia ser mais adquirida do que natural.

Sobre a força muscular, concluiu a autora que, de maneira geral, os homens, como no passado, eram, em sua maioria, mais fortes que as mulheres; no entanto, a mulher, da mesma forma que o homem, apresentava treinabilidade de força.

A meu ver, os argumentos da autora sobre força muscular mostram que uma mulher treinada poder-se-ia tornar mais forte do que um homem sedentário, fato esse que não se concebia no passado, quando se excluía a mulher de tal tipo de treinamento.

A referida autora analisou, ainda, um dos principais argumentos contra a participação das mulheres em determinados esportes e atividades físicas, quais sejam os acidentes e as lesões causadores de danos aos órgãos reprodutores, concluindo que:

"a probabilidade de a mulher atleta sofrer acidentes ou lesões é igual ou menor do que a do homem atleta porque essa, em geral, possui gordura corporal mais acentuada; o útero, assim como outros órgãos envolvidos na reprodução, são notadamente protegidos contra choques externos; a probabilidade de choques traumáticos nas glândulas mamárias ocasionarem tumores cancerígenos, é igual a de outras partes do corpo isto é, raramente ocorre; lesões dos órgãos

⁶⁸ - AZEVEDO, 1988. (Grifos meus).

sexuais são mais comuns em homens que em mulheres; exercícios físicos vigorosos não prejudicam os órgãos reprodutores da mulher⁶⁹.

Segundo a mesma autora, as conclusões de estudos, efetuados nas décadas de 70 e 80, diferiam das recomendações da maioria dos textos divulgados em periódicos brasileiros, especializados em Educação Física. Comentou, ainda, que tais recomendações, por carecerem de bases científicas, tornaram-se preconceitos e estereótipos, cerceadores da participação da mulher na Educação Física e nos esportes que, por sua vez, compunham o mito da feminilidade, sinônimo de beleza, passividade, fragilidade, insegurança e inferioridade.

O estudo de Mário Ribeiro Cantarino Filho e de Magalí A. de Lima, também efetuados na década de 80, denunciavam que a Educação Física, no Estado Novo, buscava preparar o homem para o trabalho no espaço público e a mulher, para a sua "missão" no lar, determinando uma hierarquia entre os sexos, mas deixando explícito que um e outro necessitavam de corpos produtivos, eficientes, disciplinados, tanto para a economia, quanto para a defesa da nação⁷⁰.

Lino Castellani Filho, no estudo em que buscou conhecer as necessidades às quais a Educação Física - idealizada pelo poder governamental - respondeu em diferentes momentos de sua história, denunciou inúmeras restrições impostas à mulher na prática de atividades físicas. Entre suas conclusões, estava a de que, ao longo da história da Educação Física brasileira, as atitudes femininas, determinadas quase exclusivamente pela influência de suas características biológicas, serviram de sustentáculo para a idéia da superioridade do sexo masculino sobre o feminino, afastando-se qualquer alusão ao fato de tal superioridade estar alicerçada essencialmente em determinantes socioculturais e não biológicos⁷¹.

Carmem Lúcia Soares examinou - no período de 1850 a 1930 - o papel da ciência positivista na construção de uma visão naturalizada e biologizada da

⁶⁹ - AZEVEDO, 1988. p.52-53.

⁷⁰ - LIMA, 1980. CANTARINO FILHO, 1989.

⁷¹ - CASTELLANI FILHO, 1988.

sociedade brasileira, detendo-se na análise da influência daquela ciência nas disciplinas que lidam diretamente com o corpo, tais como a Medicina e a Educação Física. Apontou essa última como um instrumento idealizado pelos médicos higienistas para o aprimoramento da saúde física e moral, acoplado aos ideais eugênicos de regeneração e purificação da raça. Concluiu, enfim, que a Educação Física buscou preparar o corpo feminino para o desempenho da tarefa reprodutora, reforçando, dessa maneira, o ideário burguês e os papéis sociais permitidos à mulher ocupar e desempenhar⁷².

E, em 1990, Elaine Romero, denunciou a presença de estereótipos masculinos e femininos em professores e professoras de Educação Física "e a atuação da escola como reprodutora de uma ideologia sexista e discriminadora dos papéis sexuais". Seu estudo sugeriu que se repensasse a determinação desses papéis através das atividades físicas, e propôs a introdução de conteúdos curriculares que alertassem para a questão da estereotipia na Educação Física brasileira⁷³.

Foi possível localizar, ainda, na bibliografia brasileira sobre Educação Física - produzida até o ano de 1993 - um estudo que, a partir de uma abordagem histórico-cultural, buscou compreender a construção do masculino e do feminino na Educação Física em nosso País. Nesse estudo, Maria do Carmo Saraiva Kunz denunciou a hierarquia entre homens e mulheres no contexto da Educação Física, e desenvolveu pressupostos entendidos como básicos, para que a ação pedagógica fosse capaz de desencadear novas relações de gênero, na escola⁷⁴.

Nessa mesma época, a socióloga Sara Delamont, ao estudar os papéis sexuais determinados pela Educação Física, em escolas inglesas, afirmava que

⁷² - SOARES, 1990.

⁷³ - ROMERO, 1990.

⁷⁴ - KUNZ, 1993.

"A atual segregação de sexos no desporto e o fato de não se permitir que pessoas de ambos os sexos joguem os mesmos jogos têm dois tipos de implicações. Por um lado, as mulheres que praticam desportos, ou certos desportos, são julgadas 'masculinas' ou desengraçadas, coisa que é pura reminiscência do século XIX. Por outro lado, a invasão da área dos desportos por mulheres pode ser sentida como um perigo para a virilidade, masculinidade e camaradagem dos homens⁷⁵.

A autora alerta, porém, para o fato de a Educação Física ser apenas uma parte do currículo escolar e não a disciplina que proporciona carreira à maioria dos alunos. Assim, os outros componentes curriculares, cada qual à sua maneira, concretizam, no cotidiano da sala de aula, idéias acerca de sexo e gênero, fazendo com que a escola fortaleça - mais que os pais e a sociedade em geral - idéias já ultrapassadas acerca da masculinidade e da feminilidade.

As dificuldades de acesso a esses estudos, produzidos no meio acadêmico, leva-me a crer que a grande maioria dos professores e professoras de Educação Física de Belo Horizonte não tem conhecimento dos mesmos. Avaliando as bibliotecas das escolas por mim estudadas, vi que parte da bibliografia de maior consumo entre os docentes de Educação Física continua a defender a idéia de distribuir as atividades entre homens e mulheres, com base em argumentos biopsicológicos.

Apesar disso, a partir dos anos 80, professores e professoras de Educação Física da capital mineira - e de todo o País - passaram a questionar o papel sociocultural e político que esse componente curricular vem desempenhando ao longo da história e, simultaneamente, passaram também a buscar transformações na sua prática, na escola. Há indícios de que essa época marcou um aprofundamento sobre a discussão de valores que sustentam a ação pedagógica das atividades corporais, incluindo as relações de gênero⁷⁶.

Esses fatos levam-me a perguntar: E nos anos 90, que atributos dos homens e das mulheres foram destacados no ensino da Educação Física na escola? Com quais significados?

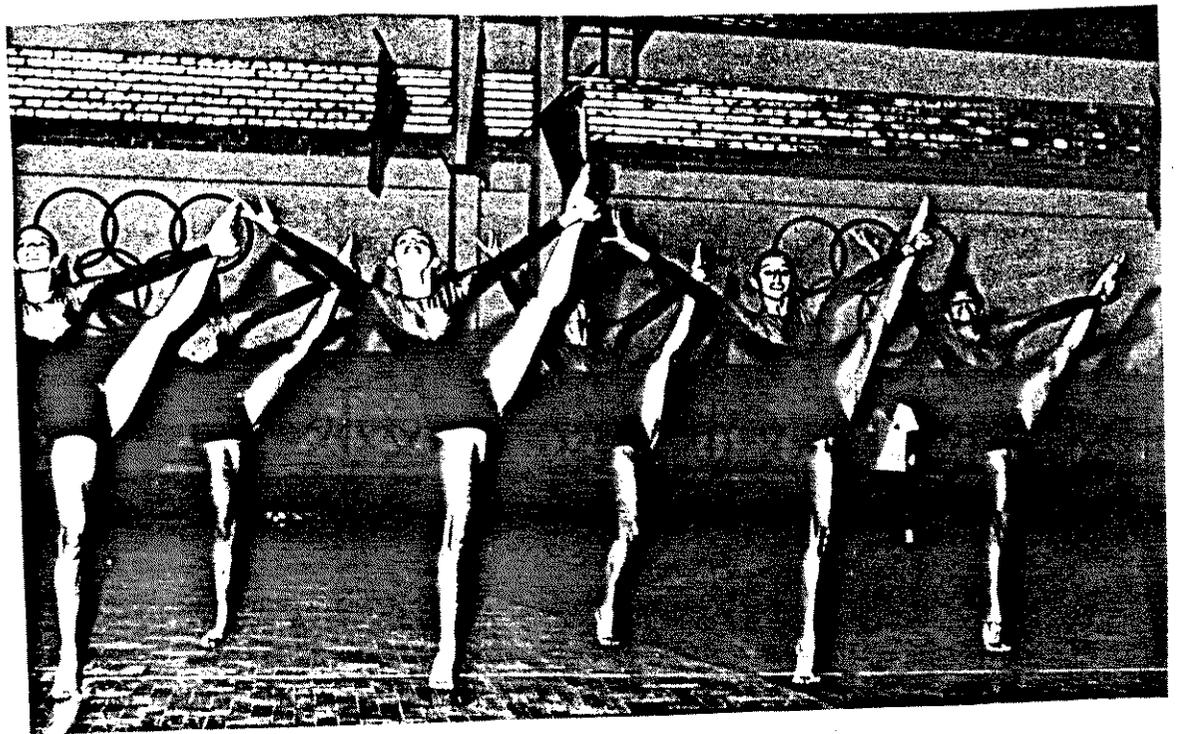
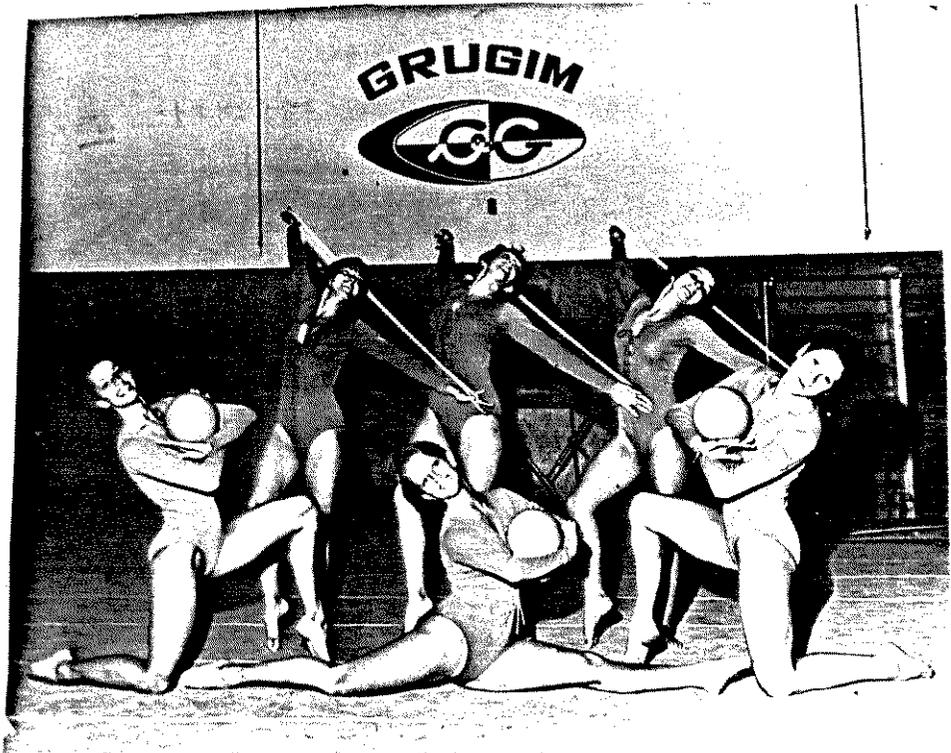
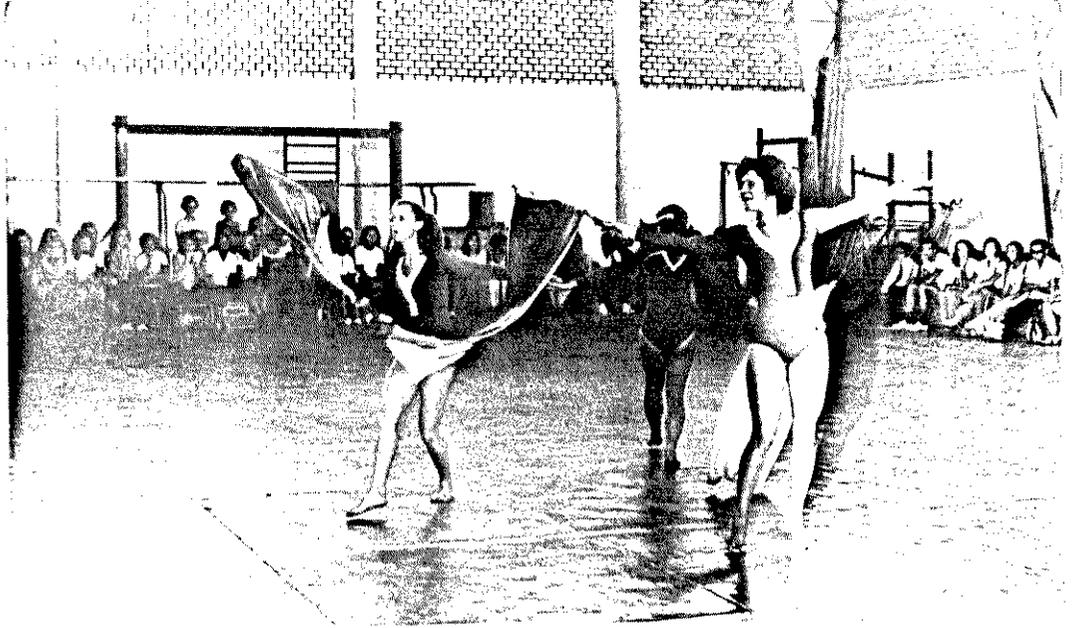
⁷⁵ - DELAMONT, 1985. p.132.

⁷⁶ - OLIVEIRA, 1994.

Anos 70 e 80:

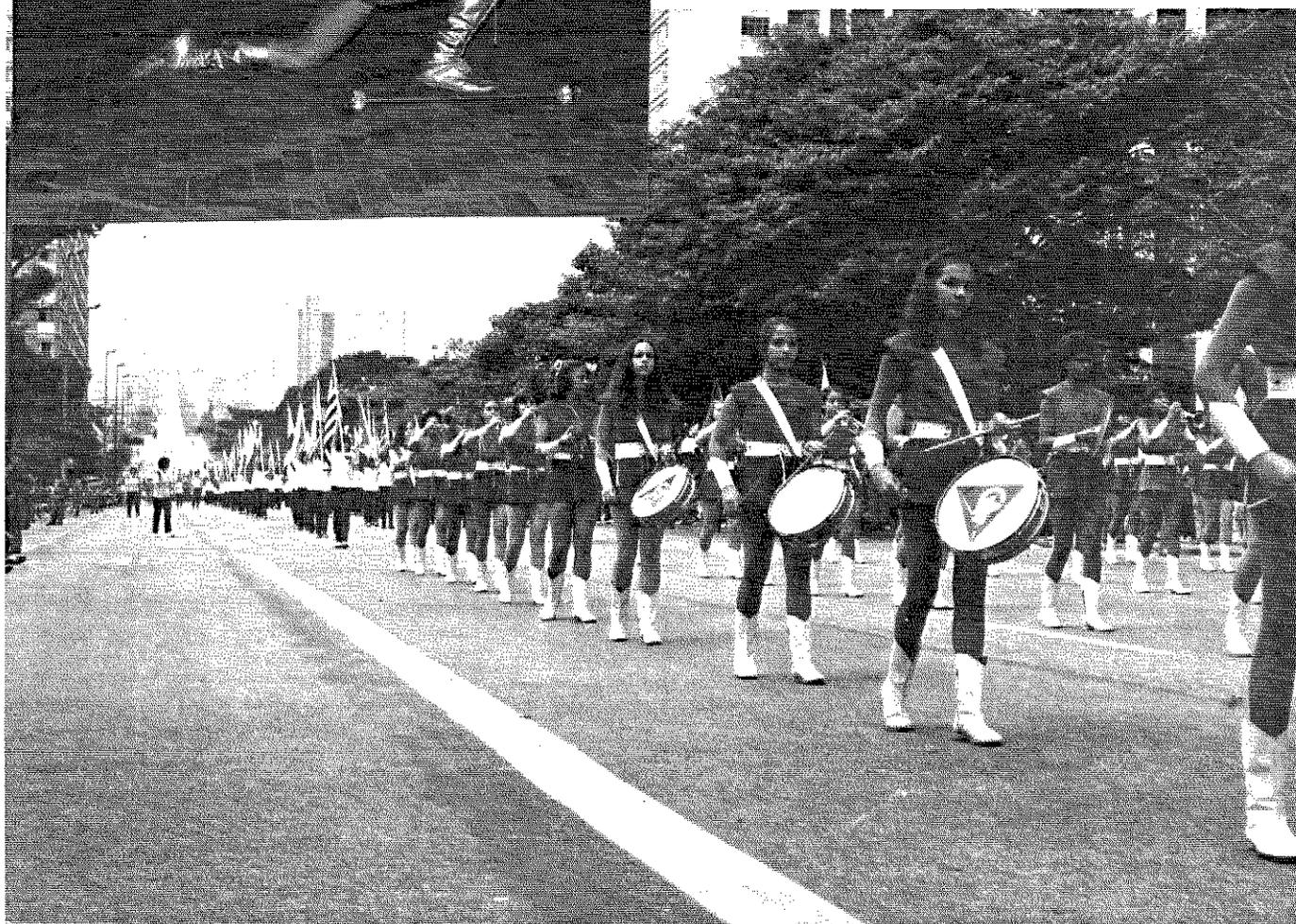
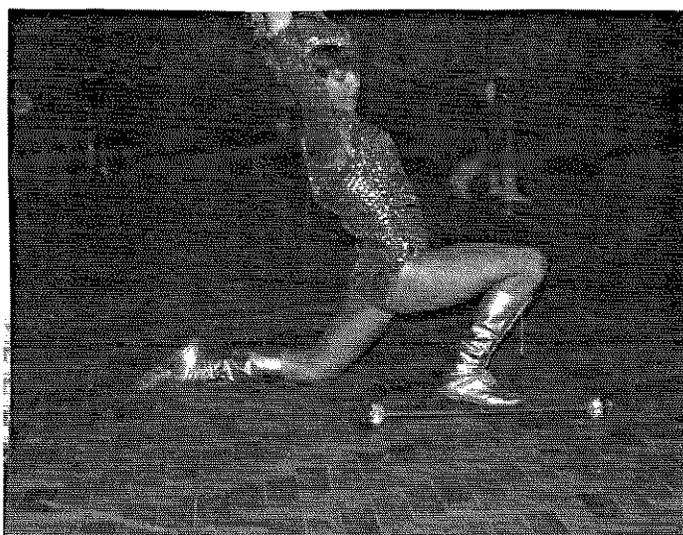
- No vestibular, o professor Odilon Barbosa satiriza o feminismo. Escola de Educação Física da UFMG.
- Homens e mulheres na Dança Folclórica.
- A Ginástica Rítmica Desportiva contando sua história, em Belo Horizonte: na Escola de Educação Física, em 1971; no clube GRUGIM, em 1975 e no Colégio Municipal Belo Horizonte em 1985.



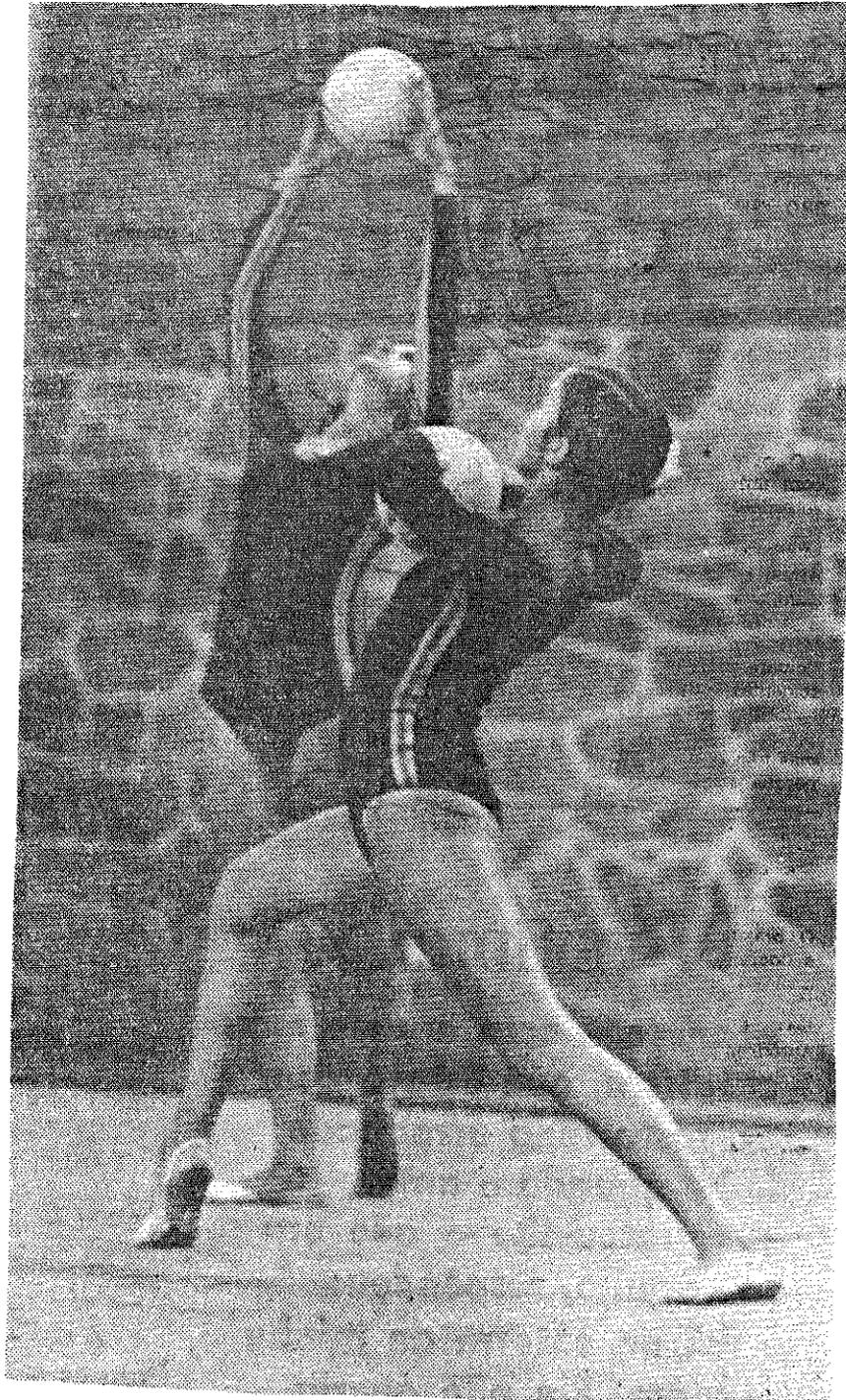


A participação de alunas em eventos tradicionais da Educação Física, nos anos 70 e 80:

- Colégio Municipal de Belo Horizonte: baliza e fanfarra nas paradas de 7 de setembro.
- Os Jogos da Primavera: competições de Ginástica Rítmica Desportiva e reunião de técnicos e técnicas, das equipes femininas.



Na mais linda disputa da Primavera, o título foi do Sagrado Coração de Jesus



Todos os colégios na reunião que decidiu tudo sobre o desfile de abertura dos jogos da Primavera domingo, às 9h, no Independência

PARTE III

RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA PRESENTE DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELO HORIZONTE

Para compreender as relações de gênero no ensino da Educação Física no presente - anos 90 - volto ao final dos anos oitocentos e percorro os caminhos de ida e volta histórica buscando, com olhar do presente, revelar detalhes explícitos e dissimulados, percebidos na trama das relações estudadas.

Nesse exercício, recolho subsídios para entender a problemática colocada como ponto de partida nesse estudo, analisando-os de forma articulada com a história social como um todo.

Os dados à minha disposição permitem-me destacar aspectos básicos, dentre os quais ressaltam-se: a perpetuação do sexismo e da dominação masculina, gerando conflitos não só na Educação Física, mas na escola como um todo; o fato de não apenas a Educação Física separar e hierarquizar homens e mulheres na escola; a legitimação dessa hierarquia pelo contexto sociocultural e político dominante, mais amplo; os condicionamentos históricos que perpetuam tais relações de gênero, em todos os níveis escolares e a discussão acadêmica em torno dessas relações, no âmbito de Educação Física.

Mas o que mudou e o que permanece nas relações de gênero no ensino da Educação Física, em Belo Horizonte?

CAPÍTULO 6

NOVA PASSAGEM DE SÉCULO: permanências e mudanças nas relações de gênero na Educação Física escolar

Na trama tecida ao longo da história estudada, pude perceber que, na aparência das diferenças biológicas entre os sexos, ocultam-se relações de poder - marcadas pela dominação masculina - cujas raízes primeiras não germinaram em nossa sociedade.

Como lembra Pierre Bourdieu, as diferenças de gênero estão inscritas há "milênios na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais"¹. O gênero, também denuncia Joan Scott, tem sido um dos meios persistentes e recorrentes de dar eficácia à significação do poder no Ocidente e nas tradições judaico-cristãs².

Tal herança cultural adquiriu características próprias em nosso contexto social e atingiu todas as classes e raças, tendo em cada uma delas, nuances diferenciadas, pois,

"não somos vistas ou vistos de acordo apenas com o nosso sexo ou o que a cultura fez dele, mas, de uma maneira muito mais ampla, somos 'classificados' de acordo com nossa idade, classe social e raça"³.

No interior da escola, a ação pedagógica da Educação Física, contribuindo para a coisificação do corpo, participa da construção social dos sujeitos masculinos e femininos. Tal construção, numa sociedade cada vez mais capitalista, ao perpetuar e reforçar valores, destaca diferenças e hierarquiza homens e mulheres,

¹ - BOURDIEU, 1990. p.3.

² - SCOTT, 1990.

³ - LOPES, 1994. p.23.

priorizando a preparação para o trabalho, através da inculcação da racionalidade técnica e da disciplina necessária a esse modo de produção.

Desta maneira, a construção social do masculino e do feminino, fundada na visão pragmática do mundo capitalista, legitimada no contexto sociocultural como um todo, destaca, em primeiro lugar, na escala de valores dominantes, a produtividade masculina.

Coerentemente, nesse contexto, tanto a escola em geral, como a Educação Física em particular, colaboram para perpetuar os valores dominantes na sociedade, mesmo que para isso, seja necessário converter o *habitus* primário dos sujeitos, grupos ou classes, caso esse se distancie do *ethos* cultural a ser perpetuado⁴.

O estudo dos dados extraídos hoje das relações cotidianas vividas na Educação Física escolar belo-horizontina, tecidas em cenário sociocultural mais amplo, abre-me a possibilidade de analisar alguns dos mecanismos referentes à modernização de representações do sexismo, com dominação masculina.

Esses dados reafirmam os valores do traçado histórico e os seus significados os quais vêm repetindo rituais estereotipados, socializando o corpo como *hábitus*, e fazendo perpetuar o passado da construção sexista do corpo masculino e feminino.

Os dados deste estudo evidenciam que, ao longo dos tempos, a escola vem mantendo a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, através da utilização, com sucesso, de diferentes mecanismos, mesmo após a introdução da escola mista.

A Educação Física - ao organizar turmas separadas por sexo, ao determinar conteúdos diferenciados para homens e mulheres, ao requerer professor para alunos e professora para alunas, ao caracterizar sexualmente os gestos, ao

⁴ - Para BOURDIEU, PASSERON (1992), *ethos* é o sistema de valores - internalizados como produtos da ação pedagógica - proveniente de diferentes valores definidos pelo mercado cultural.

moralizar os uniformes femininos e seus hábitos higiênicos, entre outros mecanismos - explicita valores sacralizados pelo patrimônio cultural da nossa sociedade.

Tais valores, por sua vez, são articulados e orientados por um sistema composto de instituições e organizações que inclui, especialmente, o Estado, a Medicina, o Exército, a Igreja Católica, a Família e a Indústria Cultural.

Esse sistema de instituições e organizações, em domínio secreto e elitista, através de decisões tomadas à revelia dos educadores e educandos - gera o corpo coisificado que passa a ser, permanentemente leiloado, servindo, em cada momento histórico, ora à Nação, e/ou à Igreja, e/ou à Indústria e/ou ao Marketing.

Para justificar o sexismo, a Educação Física, em geral, fundamenta seu projeto de separação dos sexos no sentido do corpo como algo biológico e, ao mesmo tempo, na construção do corpo feminino mais fraco - por "natureza" - que o masculino, reforçando o poder dos homens sobre as mulheres, na escala social.

A Educação Física, em Belo Horizonte, vem reforçando os argumentos da separação entre homens e mulheres, antes fundamentados na diferenças biopsicológicas, atrelando-os a conteúdos de ensino, considerados relevantes no processo educacional do corpo. Historicamente, a Educação Física, em Belo Horizonte, com destaque para os esportes e as atividades rítmicas artísticas⁵. Com a masculinização do esporte e feminilização das atividades artísticas, a Educação Física reitera a construção social do corpo masculino e do corpo feminino destituídos de totalidade.

A história revela que tal construção não se expressa apenas nos conteúdos de ensino, mas, é, também, assegurada, na escola, por usos, costumes, objetos, roupas, espaço físico, organização curricular, rituais, normas, técnicas e, especialmente, por técnicas do corpo - suas maneiras de pensar, sentir e agir.

⁵ - A ênfase aos conteúdos ocorre, não só em Belo Horizonte, mas em diversas partes do País e do mundo, o que mostra o processo de aculturação a que a Educação Física vem se submetendo.

E assim, subjetiva e objetivamente revelam-se discriminações e opressões de toda ordem, até mesmo em atitudes aparentemente democráticas. É possível identificar tal fato em censuras e desigualdades de oportunidades; na ênfase em competições previamente definidas; na castração do sentido da totalidade corpo dos sujeitos - mulheres e homens - e/ou na ênfase às formas neutralizantes de ensino, seja considerando suas metas, conteúdos, metodologias ou avaliações. Os valores, que são mantidos historicamente, denotam diferenças no ensino - e no ensino para o ensino - da Educação Física escolar, ministrado aos homens e às mulheres, mesmo que, a atualidade as camufle, de várias formas.

Analisando, por exemplo, a mudança curricular implantada em 1991, no Curso de Educação Física da UFMG, identifiquei a manutenção desse padrão, embora, explicitamente, a grade curricular tenha deixado de diferenciar a formação do professor e da professora de Educação Física.

Apesar do desvelamento da perpetuação das diferenças entre os atributos da professora e do professor, os anos 90 revelam um fato histórico importante - a polêmica sobre as questões de gênero na formação e na ação profissional na Educação Física - polêmica essa que provocou reflexões no meio educacional.

A reestruturação curricular do curso de Educação Física da UFMG, cujo objetivo era o de assegurar uma "formação única" para professores e professoras de Educação Física, gerou pois, debates entre docentes e discentes do referido curso, especialmente sobre os conteúdos, até então ensinados exclusivamente aos homens ou às mulheres.

Dessa forma, os esportes e as atividades rítmicas que, historicamente, prestaram-se à inculcação de códigos sociais, enquadrados em sistemas éticos diferenciados para homens e mulheres, começam a ser discutidos noutros sentidos.

É importante lembrar que, desde os anos 70, a Recreação - atualmente denominada Recreação/Lazer - inicialmente por iniciativa do professor Odilon

Barbosa, vem dando oportunidade de vivência das atividades, praticadas, em conjunto, por homens e mulheres e, nos anos 90, introduziu, sistematicamente, as relações de gênero como questão de estudo⁶.

Às diferenças biológicas entre o homem e a mulher e às regras esportivas internacionais, argumentos adotados na defesa da manutenção de dois currículos - um masculino e um feminino - aderem-se razões socioculturais das diferenças entre os sexos, determinadas por nossa sociedade. Tais razões reforçam barreiras que parecem difíceis de serem transpostas por docentes e discentes.

Embora na organização das turmas, o critério sexo tenha sido substituído pela ordem alfabética, o que, aparentemente, possibilitou a que homens e mulheres, em conjunto, praticassem e aprendessem a ensinar os esportes, o cotidiano vivido, por exemplo, com a Ginástica Rítmica Desportiva, a Dança, o Judô e o Futebol, mostra as dificuldades de docentes e discentes em lidar com o sexismo implícito e explícito nos acontecimentos que, até então, eram exclusivos da professora ou do professor de Educação Física⁷.

Assim, no primeiro ano de implantação desse currículo unificado, nem todas as disciplinas foram ensinadas a turmas mistas. Sobre esse fato, relembra o professor de Futebol de Salão, que

"quando começamos o currículo novo, tínhamos uma certa dificuldade, porque antes só trabalhávamos com turmas masculinas. Eu relutei bastante para poder começar. Nos dois primeiros períodos, separamos as turmas, apesar de o currículo ser um só para ambos os sexos⁸.

Mesmo com tais dificuldades, no terceiro ano de vigência do currículo unificado, docentes e discentes destacam as possibilidades educacionais do trabalho

6 - PINTO, 1994. Depoimento.

7 - Os grifos meus nas falas dos depoentes, incluídas nesta parte do capítulo, desvelam contradições que denotam o sexismo implícito e explícito a que me refiro.

8 - PEIXOTO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

conjunto dos dois sexos, e condenam a adjetivação dos movimentos esportivos como masculinos e femininos.

Sobre isso, o professor responsável pelo ensino do Judô para as primeiras turmas mistas, recorda de que, inicialmente, enfrentou problemas, ao tratar com as diferenças entre os sexos, mas, hoje, essas são minimizadas com a adoção de uma outra proposta de ensino cujo

"objetivo básico deixou de estar centrado apenas na prática da técnica passando a englobar também os conceitos, a análise dessa técnica e os processos pedagógicos para o ensino. Com isso, minimizaram-se todos os problemas relacionados às diferenças de sexo e vi que a co-participação nas aulas de Judô é perfeitamente viável⁹.

Sobre a participação da mulher nesse esporte, o referido professor afirma que a

"a mulher se encaixa perfeitamente dentro da dinâmica do treino, da filosofia e do tipo de esforço que exige o Judô. Mas, o que ainda se vê é uma certa resistência por parte das mulheres que não o praticam, por entenderem que esse é violento e exige força, portanto, masculiniza"¹⁰.

Alterar os objetivos do curso foi também a decisão tomada pelo professor de Futebol de Salão, ao ensinar a turmas mistas. Ele diz que visualizava o futebol como um esporte "abrutalhado, que masculinizava e era rejeitado pelas mulheres" e comenta:

"Eu fiz um trabalho com os alunos sobre a necessidade de se adotarem novos objetivos, buscando aprender a ensinar, deixando de lado a competição, para que as mulheres não tivessem medo de participar. Pedi aos rapazes que auxiliassem as moças, porque quase todas elas tinham dificuldade de aprender, apesar de muita disposição. A experiência tem sido ótima. Não tem nenhuma reação negativa, nem deles, nem delas¹¹.

⁹ - MORAES, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

¹⁰ - MORAES, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

¹¹ - PEIXOTO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

Negar a competição às mulheres é uma forma de perpetuação de relações de gênero com dominação masculina. E o fato de algumas alunas terem facilidades para aprender futebol mostra que os empecilhos à essa prática são de ordem cultural.

Também o professor de Basquetebol se mostra surpreso com a receptividade de alunos e alunas às aulas mistas, comentando que

"as moças brigam para entrar na quadra e melhorarem o aprendizado. Os rapazes puxam na parte física e as mulheres na parte intelectual. Está muito proveitoso, está ótimo¹².

Se, por um lado, esse depoimento mostra a continuidade de uma visão dicotômica do ser humano, por outro, evidencia mudanças na imagem de mulher que passa a ser dotada de inteligência superior à do homem.

As alunas também passaram a considerar gratificante a experiência de aprender Futebol de Salão com um professor e os colegas¹³.

"Nós adoramos as aulas de futebol de salão. Cansamos muito, porque enquanto batemos na bola os meninos, por serem treinados, conduzem-na. Mas, eles nos ajudam muito. O engraçado é que a relação dos meninos conosco na quadra de esportes é quase paternal. Aquela proteção toda para não nos machucarmos. Eles têm prazer em nos ensinar. Mas, quando uma menina consegue driblar um, ele fica mal perante a turma¹⁴.

O fato de às mulheres não se conceder o direito de vencer os homens faz-me lembrar das recomendações do Padre Negromente, expressas no capítulo 2 desse estudo. Inspirado em Rousseau dizia ele, em 1932, do seu receio de que a co-educação na escola Primária mineira pudesse oportunizar a obtenção, pelas meninas, de notas melhores que as dos meninos, resultando

¹² - CARAM FILHO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

¹³ - FONSECA, 1994. Depoimento. RABELO, 1994. Depoimento. FERREIRA, 1994. Depoimento. LUSTOSA, 1994. Depoimento.

¹⁴ - FONSECA, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

"uma condição de inferioridade, de pessimismo, de desânimo, evidentemente prejudicial ao espírito do rapaz"¹⁵.

Os homens também se declaram motivados a participar de aulas com as colegas. E, confessam que, além da oportunidade de "se mostrarem ao sexo oposto, sofrem menos lesões", pois o "jogo se torna mais suave, para respeitar as meninas que são fracas"¹⁶.

Dessa maneira, a presença da mulher "desmasculiniza" o esporte, tornando a competição menos agressiva e mais agradável para o homem.

Por outro lado, sobre a participação dos homens com as mulheres, nas aulas de Dança Coreográfica, afirma a professora dessa disciplina:

"minha experiência com aulas para o masculino e o feminino vejo com um rendimento muito maior de ambas as partes. É um confronto muito interessante e muito positivo. Até no sentido de toques um com o outro [...]. No início, quando houve a modificação, houve resistência por parte dos homens. No Brasil o homem não dança. Imagina-se o homem só no Ballet Clássico. Os próprios professores aqui da Escola, às vezes, chamavam os meninos que faziam Dança de maricas. Mas, à medida que foram compreendendo que não iriam fazer aquele tipo de trabalho que é feito em poses - aprendizado de técnicas específicas de Dança - eles passaram a gostar. Existe também resistência de meninas que vêm trabalhando com algum esporte como o basquetebol"¹⁷.

Para mim, esse depoimento reafirma o conceito de basquetebol como uma prática masculina e da dança como feminina.

Nas aulas de Ginástica Rítmica Desportiva - GRD - esporte tradicionalmente ensinado às mulheres, os homens são auxiliados pelas colegas. E, apesar de muitos entenderem que a GRD é um "esporte de mocinha", um deles, Rogério William Ferreira, sagrou-se campeão da série individual, em 1993, no festival deste esporte, disputado no final do curso¹⁸.

A respeito da GRD, diz uma professora dessa disciplina:

¹⁵ - COEDUCAÇÃO..., 1932. p. 2.(Grifos meus).

¹⁶ - FERREIRA, 1994. Depoimento. (Grifos meus). LUSTOSA, 1994. Depoimento.

¹⁷ - MARIA - MARIANI, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

¹⁸ - FERREIRA, 1994. Depoimento. RABELO, 1994. Depoimento.

*"quando vim trabalhar com turmas unificadas me deu um certo receio porque a GRD é um esporte exclusivamente feminino. Eu sabia que os padrões sociais e culturais iam pesar muito, principalmente numa sociedade como a nossa que preserva ainda muitos conceitos machistas[...]. Mas acho que essa disciplina não foi uma conquista para os alunos. Ela foi uma imposição como outras. Na verdade, o que poderia ser entendido como avanço, modernização, passou a ser uma imposição. E para atender a quem? Como as escolas iriam lidar com isso? Elas permitiriam um professor ensinando GRD? Percebi que era uma prática imposta. Em vez de resolver problemas foram criados novos"*¹⁹.

Lembrando a avaliação dessa experiência co-educativa, complementa essa professora

*"Eu tive alunos homens que foram ótimos, me surpreenderam. Mas, ao final do curso, eles disseram que nunca iriam trabalhar com isso. [Para eles], o esporte em si, na sua essência que é a motricidade, não precisa ser trabalhado especificamente na GRD [...]. É uma coisa muito mais imposta pelo veio econômico do que um ganho em termos de educação. Como é que eu vou ensinar GRD para meninos se é um esporte [de competição] exclusivamente feminino, se é um esporte de alto nível?"*²⁰.

A fala dos seus alunos "decepcionou" a essa professora fazendo-a reafirmar que, com isso,

*"a disciplina perdeu seu calor, sua essência, seu objetivo. Se antes ela era limitadora porque os homens não [a praticavam], agora ficou muito mais porque ela [objetiva] cumprir um currículo, e você não pode cobrar dos alunos porque eles não têm experiência, [a GRD] é algo novo para eles"*²¹.

A GRD é um dos conteúdos do ensino da Educação Física que me permite não apenas ler a perpetuação de atributos masculinos e femininos através do esporte, como também os mascaramentos que, historicamente, foram sendo modificados para que seja garantida a inculcação dos valores desejados, com regras diferenciadas para os homens e para as mulheres.

¹⁹ - LEMOS, 1994. Depoimento. (Grifos meus)

²⁰ - LEMOS, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

²¹ - - LEMOS, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

Analisando dados extraídos do estudo recentemente realizado por Elizabete de Fátima Costa Rossete²², observo que a GRD nasceu da atividade física dita Ginástica Rítmica, criada para atender às necessidades da mulher que, diferentemente do homem, necessitava de um modelo ginástico "mais natural, de unidade psicofísica". Historicamente, a existência de ginásticas que atenderiam apenas à disciplina militarista, voltada para o "desenvolvimento biofísico" masculino, não foi considerada adequada à mulher - ser frágil e emocional.

A origem da GRD - como Ginástica Rítmica - funda-se, pois, em raízes expressivas artísticas. Todavia, com a sua esportivização, tornando-se GRD, o seu sentido de expressão de arte mudou, historicamente, para significado de eficiência e perfeição técnica, necessário à aquisição da performance. Com a esportivização, a GRD adapta-se a um conjunto de valores que o esporte moderno prevê tanto para as modalidades masculinas, como para as modalidades femininas. Entretanto, mascarando-se o sexismo dos gestos, a GRD, mesmo exigindo riscos, dificuldades e virtuosismo nas composições e execuções dos exercícios, valoriza a aparente leveza, feminilidade e facilidade que expressa a "execução rítmica e a elegância da mulher".

Desta forma, a GRD, uma experiência que poderia ser interessante para ambos os sexos, pois possibilita a interação corpo e o manejo de aparelhos manuais diferenciados, em dados limites espaciais e temporais - essência dos desafios desse esporte - passa a ser avaliada pelos gestos sexistas que, aparentemente, valoriza.

O entendimento das barreiras da prática da GRD pelos homens remete-me ao estudo de Maria do Carmo Saraiva Kunz no qual procurou compreender a construção dos estereótipos sexuais na Educação Física e nos esportes em nossa cultura. Afirma essa autora que é

²² - ROSSETE, 1994.

"Na contraposição das possibilidades expressas pelos dois mundos esportivos, respectivamente para o feminino e masculino - cooperação /competição, sensibilidade/ racionalidade, criatividade/ produtividade, ludicidade/ seriedade - evidenciam-se os `pólos' que o esporte, como praticado nas escolas, não deixa, por enquanto, conciliar"²³.

E o condicionamento da Educação Física às regras do esporte que, ainda oficialmente, prevê somente competições femininas na GRD, faz dessa modalidade da cultura corporal humana um direito apenas das mulheres, direito mantido pela ação docente no ensino de Educação Física, em todos os níveis escolares.

Sobre isso diz, enfaticamente, a professora Elizabete Fátima da Costa Rossete, docente de sistemas públicos municipal e federal de ensino:

"Não fomos treinados, preparados, para trabalhar com o sexo oposto. Com isso temos problemas para ensinar a turmas mistas. Eu, como estou ligada à arte, à criatividade e à feminilidade, tenho problema para ensinar aos homens"²⁴.

Esse ponto de vista é compartilhado também por professores. Um deles, vinculado a uma escola confessional católica, destinada à classe média alta, conta que a experiência de ministrar aulas para as mulheres é

"a mais desgastante que pode acontecer. É muito difícil, difícil demais. Essa dificuldade de ensinar às meninas é uma questão cultural e não biológica. Talvez, enquanto pequena elas tivessem brincando de boneca, enquanto os homens brincavam de bola. Com isso, eles se movimentaram mais e adquiriram maior facilidade para aprender novos movimentos e, agora, se sentem mais motivados"²⁵.

Apesar de entenderem que a aproximação dos sexos nas aulas de Educação Física oportuniza a vivência de experiências positivas, professores e professoras enfrentam dificuldades, ao lidarem com uma situação para a qual não se sentem seguros. No momento em que

²³ - KUNZ, 1993. p. 118.

²⁴ - ROSSETE, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

²⁵ - SAMPAIO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

*"os dois sexos se confrontam, a aula de Educação Física fica inviável. Sei que é difícil, mas dá para fazer alguma coisa. Acho que vai demorar até que a gente encontre um caminho"*²⁶.

Nos anos 90, intensifica-se, em Belo Horizonte, o debate em torno dessas questões, motivado pela alteração dos critérios de distribuição de encargos docentes, nos sistemas públicos de ensino, com a determinação de que se organizassem turmas mistas para a Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus do Estado de Minas Gerais e do município de Belo Horizonte²⁷.

Não levou muito tempo para que essa norma fosse também adotada na rede particular de ensino, fazendo com que, em escolas religiosas católicas e laicas da capital mineira, a Educação Física deixasse de se dividir em masculina e feminina, tornando-se comum a ambos os sexos.

Segundo os depoimentos, essa organização justifica-se, mais por necessidade de se reduzirem os custos com a educação do que por razões de cunho pedagógico. Argumenta-se pela necessidade de se eliminar um "privilegio" dos professores e das professoras de Educação Física que ministram aulas a um número reduzido de alunos ou alunas, se comparado com os demais docentes da escola²⁸.

Mas os docentes da Educação Física, vinculados às redes públicas, fundamentando-se em aspectos legais, nas diferenças biológicas e/ou psicológicas entre os sexos e na necessidade de se manter a "qualidade do ensino", mobilizaram-se, não só para resistir à aplicação dessa norma, mas também para revogá-la.

Por solicitação da Associação dos Profissionais de Educação Física de Belo Horizonte - APEF-BH - a ilegalidade da medida foi confirmada pelo Conselho Estadual de Educação que, fundamentando-se na legislação federal em vigor, atestou que as atividades deveriam

²⁶ - SAMPAIO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

²⁷ - BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria n. 002, 1991.

²⁸ - MAIA, 1994. Depoimento. ROSSETE, 1994. Depoimento. SAMPAIO, 1994. Depoimento.

"ser adequadas não só à idade, mas também ao sexo dos alunos, devendo as turmas ser formadas separadamente por sexo, na realização dos exercícios e jogos"²⁹.

Mas, apesar desse parecer, manteve-se a determinação de que as turmas fossem organizadas de forma mista. Por esse motivo, a APEF-BH dirigiu-se à Comissão de Educação da Câmara Municipal, para solicitar a manutenção de turmas com número reduzido de alunos nas aulas de Educação Física, afirmando não se fundamentarem "em concepções preconceituosas e sexistas das quais a Educação Física busca a todo esforço ultrapassar" mas, na necessidade de se garantir a qualidade do ensino desse componente curricular que, por ter como "essência o movimento humano construído histórica e socialmente", diferencia-se dos demais³⁰.

Desta maneira, reafirma-se, mais uma vez, que os gestos corporais construídos historicamente para os homens e mulheres se diferenciam entre si e que essa concepção de gestos deve se perpetuar.

Apesar das articulações políticas promovidas pelos docentes, não se obteve a revogação dessa norma, o que motivou a utilização de inúmeros mecanismos de burlas ao seu cumprimento por parte de discentes e docentes.

Esses mecanismos se concretizaram na paralisação total das atividades de Educação Física em algumas escolas, na organização do horário escolar de forma a garantir turmas compostas de um número maior de alunos do mesmo sexo, na distribuição do tempo de aula entre homens e mulheres e, até mesmo, na inobservância total dessa determinação³¹.

Isso porque se instalou

"um verdadeiro confronto entre os sexos. É um confronto de habilidades que gera muitos atritos. O voleibol dá para trabalhar tranquilo, apesar de os meninos discriminarem as meninas. Nos outros esportes dá muita briga e no futebol só jogam os homens. Só tem uma menina

²⁹ - MINAS GERAIS. SEE. CEE. Parecer n. 503, 1992. (Grifos meus).

³⁰ - ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE BELO HORIZONTE, 1991. p.1.

³¹ - MAIA, 1994. Depoimento. ROSSETE, 1994. Depoimento.

que é boa mesmo e os meninos brigam para ela entrar no time. Na realidade, na maioria das vezes, eu ponho as meninas jogando queimada numa quadra e os homens futebol na outra. Só de vez em quando a gente faz uma atividade mista".

contou uma professora da Rede Pública Estadual de ensino³².

Os maiores atritos entre os sexos se instalam em aulas cujos conteúdos e métodos de ensino enfatizam a competição, característica básica dos esportes, conteúdos hegemônicos da Educação Física brasileira desde os anos 60.

"Mas existem momentos que esses atritos desaparecem. Quando o conteúdo da aula é a Aeróbica, a aceitação é fantástica, homens e mulheres adoram e fazem tudo",

ênfatiza um professor de uma escola pública e de uma católica que, a partir de 1992, passou a organizar turmas mistas para as aulas de Educação Física³³.

A não existência de atritos entre os sexos na aprendizagem desse conteúdo pode ser entendida pelo fato de a Aeróbica ser uma atividade que, desde a sua introdução no Brasil, é praticada nas academias e nos clubes por homens e mulheres indistintamente, não sendo, portanto, adjetivada de masculina ou feminina. E, em nível de competição, existe uma categoria de prova que, obrigatoriamente, deve ser disputada por um homem e uma mulher. **"E' para haver aquele enamorado, aquela brincadeira, aqueles olhares"**³⁴. E a categoria trio pode ser composta livremente o que permite o trabalho conjunto de homens e mulheres.

Convém lembrar que as dificuldades de relacionamento entre os sexos continuam e não se limitam aos discentes, passando a interferir, também, nas relações professor-aluna, professora-aluno.

Esses acontecimentos confirmam as idéias de Sara Delamont de que, por sua complexidade, a educação mista, em certos casos, pode contribuir para exar-

³² - MAIA, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

³³ - SAMPAIO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

³⁴ - SAMPAIO, 1994. Depoimento. (Grifos meus).

cebar as desigualdades das diferenças de gênero³⁵. E eu acrescento: talvez, para denunciá-las.

Os dados a meu dispor evidenciam que, por um lado, no curso de Educação Física da UFMG, as características biológicas de homens e mulheres e, até mesmo, regras dos esportes deixam de ser empecilhos à prática de atividades físicas que, até bem pouco tempo, eram denominadas masculinas ou femininas.

Ao mesmo tempo, os dados mostram um movimento de mudança na concepção de professor e professora de Educação Física, profissionais que deixam de ser, primordialmente, executores de padrões técnicos de movimentos para adquirirem habilidades de ensino acerca da linguagem corporal para ambos os sexos. Mas, simultaneamente, tais dados mostram, ainda, a manutenção de sexismo sedimentado pela formação e ação cultural/profissional na Educação Física.

Essas mudanças e permanências nos limites entre a atividade física de homens e de mulheres, não acontecem apenas na Universidade e escolas públicas e particulares do sistema formal de ensino. Elas se concretizam também em outras instituições sociais, como no curso de Educação Física do Departamento de Instrução da Polícia Militar de Minas Gerais, o qual diplomou, em 1992, pela primeira vez, uma mulher - a Tenente Katia Aparecida Cardoso. Ela se recorda de que

*"foi muito duro concorrer com os homens. Eu pensava que não daria conta de fazer os mesmos testes físicos que eles, mas acabei conseguindo. Depois que passei, fui muito respeitada por todos, isso porque fiquei durona, não reclamei de nada"*³⁶.

A Tenente passou a acupar função de professora de Educação Física da tropa, ministrando aulas para turmas compostas de policiais de ambos os sexos.

Também o 1º Grupamento de Incêndio da Polícia Militar de Minas Gerais ficou "mais alegre" com a chegada da primeira turma de "bombeiros femini-

35 - DELAMONT, 1985.

36 - CARDOSO, 1993. Depoimento. (Grifos meus).

nos", diz o comandante dessa corporação, no final do ano de 1993, acrescentando que

"As moças assistem às aulas teóricas e se exercitam em aulas práticas, fazendo os mesmos treinamentos enfrentados pelos homens. Ao contrário do que se possa pensar, as aspirantes a bombeiros são extremamente femininas. [...] Penduradas em cordas, em pleno treinamento, elas mantêm a graça e a elegância, sem deixar de lado a coragem para enfrentar as situações de risco"³⁷.

A história, aparentemente, mudou. Antes a educação delegava ao homem a responsabilidade das tarefas fora de casa - espaço público - e à mulher o exercício dos papéis no lar - espaço privado - na atualidade, exige que a mulher vença os obstáculos e a competição do mundo do trabalho. Entretanto ela não pode perder a beleza e a graça necessárias, como já dizia Rousseau, para encantar o forte.

"As mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando a lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público carregando consigo, escondidas, as raízes no espaço privado. Concorrência desleal para elas, mas assumida pelas mulheres com coragem. Procuravam assim corresponder ao novo perfil de mulher que emergia de um paradigma. Obedeciam a uma mensagem dupla e contraditória: `para ser respeitada pense, aja e trabalhe como um homem; mas para ser amada continue sendo mulher. Seja homem e seja mulher"³⁸.

As mudanças que vêm ocorrendo em Belo Horizonte, quanto à distribuição das atividades esportivas entre os sexos acontecem no momento em que a sociedade brasileira contesta o conceito de fragilidade da mulher, diante da demonstração de sua resistência física em trabalhos que exigem grande esforço, como o despendido nas atividades agrícolas e fabris e no trabalho doméstico em geral.

Questiona-se o mito de que o sexo feminino teria vocação "natural" para o lar e para o trabalho doméstico, pois as estatísticas mostram que, já em 1980,

37 - ALUNAS mudam a rotina..., 1994. p.31. (Grifos meus).

38 - OLIVEIRA, 1992. p. 55.

quase quarenta por cento das famílias brasileiras de baixa renda era chefiada por mulheres³⁹.

No caso específico do trabalho nas indústrias de Belo Horizonte, Magda Bello de Almeida Neves observa que, a partir dos anos 70, houve uma maior utilização da mão-de-obra feminina. Todavia isso não significou transformações na divisão sexual do trabalho no interior da fábrica, que, desde os anos 50 - época da criação do parque industrial de Contagem - vem marcada pela nítida separação entre homens e mulheres nos ramos industriais. Assim, os trabalhos que exigem delicadeza, destreza manual, "próprios para as mulheres", como as cadeias de montagem das eletrônicas e das tecelagens, têm a presença marcante delas. Os homens, ao contrário, se encontram, em sua maioria, trabalhando nas indústrias de cimento, nas siderúrgicas; lá o trabalho é pesado, perigoso e "insalubre, próprio para os homens"⁴⁰.

"A divisão de trabalho, baseada no sexo, que aparece desde o início da cidade industrial, deixa vir à tona as concepções de masculinidade e feminilidade"⁴¹.

Essa autora relembra que as imagens sobre homens e mulheres são representações simbólicas constituídas na história. Elas são figuras de contrastes: a mulher, como sustentáculo do lar e da família, estabelece a paz e a harmonia; seus trabalhos devem ser trabalhos do interior da casa, não remunerados. Os homens, empreendedores por excelência, devem ter seus trabalhos fora do lar e remunerados, para que possam dar sustento à família. Segundo essa representação, a mulher é maternal, caseira, delicada, passiva; o homem é público, agressivo e ativo.

Enquanto isso, a Educação Física, alimentada e modernizada, ao longo do tempo, por um conjunto de ideologias fundadas, principalmente, no positi-

39 - BRUSCHINI, 1987.

40 - NEVES, 1990, p.78.

41 - NEVES, 1990, p.79.

vismo, no liberalismo, no catolicismo e no capitalismo, reproduz e reforça a hierarquização dos sexos, com dominação masculina, presentes no mundo do trabalho e na sociedade como um todo⁴².

Os dados mostram-me que as mudanças, manhosamente delineadas no grau dessa hierarquia, ao longo do tempo, não constituem transformações fecundas. Ao contrário, atrás do discurso da igualdade entre homens e mulheres, esconde-se a manutenção da hierarquia expressa nos gestos masculinos e femininos.

No caso da Educação Física, sob o discurso da igualdade

"o esporte é percebido e executado sob a orientação de valores e normas masculinas dominantes. É um espaço onde o mito do "sexo forte" ainda melhor se expressa. A imagem do homem "Deus-pai-dominador" corresponde um mito do corpo masculino. [...] A força, o domínio, que tudo decide, seus gestos não permitem a sensibilidade do tato, da mímica e da expressão corporal afetiva"⁴³.

Essa masculinização do esporte é coerente se relembramos que o esporte moderno desenvolveu-se segundo princípios da moderna sociedade industrial, idealizada e concretizada por e para o sexo masculino.

Quanto às mulheres, o sonho da igualdade do discurso feminista, presente em estudos brasileiros sobre mulher e a atividade física, vem tropeçando no impossível, já que a mulher deve ser, ao mesmo tempo, igual e diferente do homem.

Sobre isso, Joan Scott demonstra que a oposição - igualdade *versus* diferença - é falsa, embora venha sendo representada como um dilema para as feministas. Na verdade, diz Scott, o oposto de igualdade é a desigualdade e não a diferença. A reivindicação de igualdade, um conceito que vem do campo político, efetivamente, supõe a diferença. O que se pretende é, de fato, considerar pessoas

42 - Maria Madalena Silva de ASSUNÇÃO (1994), ao analisar as representações sociais da professora primária e o cotidiano de uma escola Belo Horizonte, tendo por referência as relações de gênero, mostra que a trajetória profissional, o cotidiano da escola, e a prática docente encontram-se impregnadas de representações sociais sobre o que é ser mulher e professora em nossa sociedade. Essa autora conclui afirmando que a sociedade, ao atribuir funções e características distintas à mulher e ao homem, contribui para que nas relações no interior da escola e na prática profissional ressoem a história social e as relações de gênero.

43 - KUNZ, 1993. p.48.

obviamente diferentes como equivalentes e não iguais, para um dado propósito. Não se reivindica igualdade para seres idênticos. A noção de igualdade não só inclui, mas até mesmo depende, de um reconhecimento da existência da diferença⁴⁴.

Entendo que os sujeitos são ativos e, simultaneamente, condicionados, recebendo e respondendo aos condicionantes e às contradições sociais. Por isso, ao escavar a história, detecto sinais de perpetuação desse sexismo implantado em nossa sociedade, e aponto mudanças - ainda que lentas - e resistências, por elas geradas. Desta maneira, no mesmo tempo em que se constata uma situação aparentemente irreversível, essa mesma situação sugere sinais de superação do antigo sexismo, de modo tal que, os educadores e educandos, na Educação Física, poderão reencontrar consigo mesmos - enquanto seres humanos que se constituem e constroem uma história - coletivamente.

Esse estudo mostra-me, ainda, que as relações de gênero vêm se tornando, cada dia mais, uma questão necessária para os que pretendem discutir a educação. Não há como negar a ressonância de tais construções no cotidiano e nas práticas escolares.

Por isso, espero que novos estudos e práticas pedagógicas, ajudem a pensar, criticar, construir e recriar conhecimentos acerca da linguagem gesto, em suas diferentes manifestações culturais.

Tenho esperança, ainda, de que a reflexão que se inicia nessa década de 90, avance no sentido de fundamentar uma ação pedagógica que permita, às mulheres e aos homens, conjunta e indiscriminadamente, o conhecimento e vivências lúdicas do corpo que pensa, sente, age, constrói e consome cultura. Esperança que espero carregar para o século XXI, mesmo sabendo que o sexismo é, "dentre as formas de essencialismo, a mais difícil de desenraizar"⁴⁵.

⁴⁴ - SCOTT, 1988.

⁴⁵ - BOURDIEU, 1990, p. 18.

Mas, como lembra Lúcia Maria Teixeira Furlani, a civilização atual vem modificando o que por muito tempo foi considerado como traços essenciais e características da espécie humana. Uma "revolução dos costumes está em andamento": novas famílias são concebidas; um novo casal surge; homens e mulheres podem ter filhos fecundados fora do corpo da mulher; a gravidez masculina não é apenas um estado psicológico, pois, "fisiologicamente, ela agora é possível"⁴⁶.

No campo esportivo, exige-se que os homens e mulheres sejam, cada vez mais, homens - mais produtivos e agressivos - e para tanto, ironicamente, as mulheres necessitam provar que mantêm-se mulheres.

Esse fato é mostrado, explicitamente, pela imprensa - nessa última semana de outubro de 1994 - quando se realiza, em Belo Horizonte, o Campeonato Mundial de Vôlei Feminino quando

"a atacante Yoon-Hee Chang, a melhor do time coreano, **teve que deixar a quadra**, mesmo depois de anunciada pelo auto falante. O **motivo é que o teste de feminilidade**, a que toda atleta de vôlei é obrigada a fazer, havia dado resultado **`duvidoso'**. E por causa disso, a Coréia perdeu o jogo para a Alemanha⁴⁷.

Tudo isso aponta para a construção de uma nova sociedade e renova a possibilidade de se repensar os atributos de homens e mulheres.

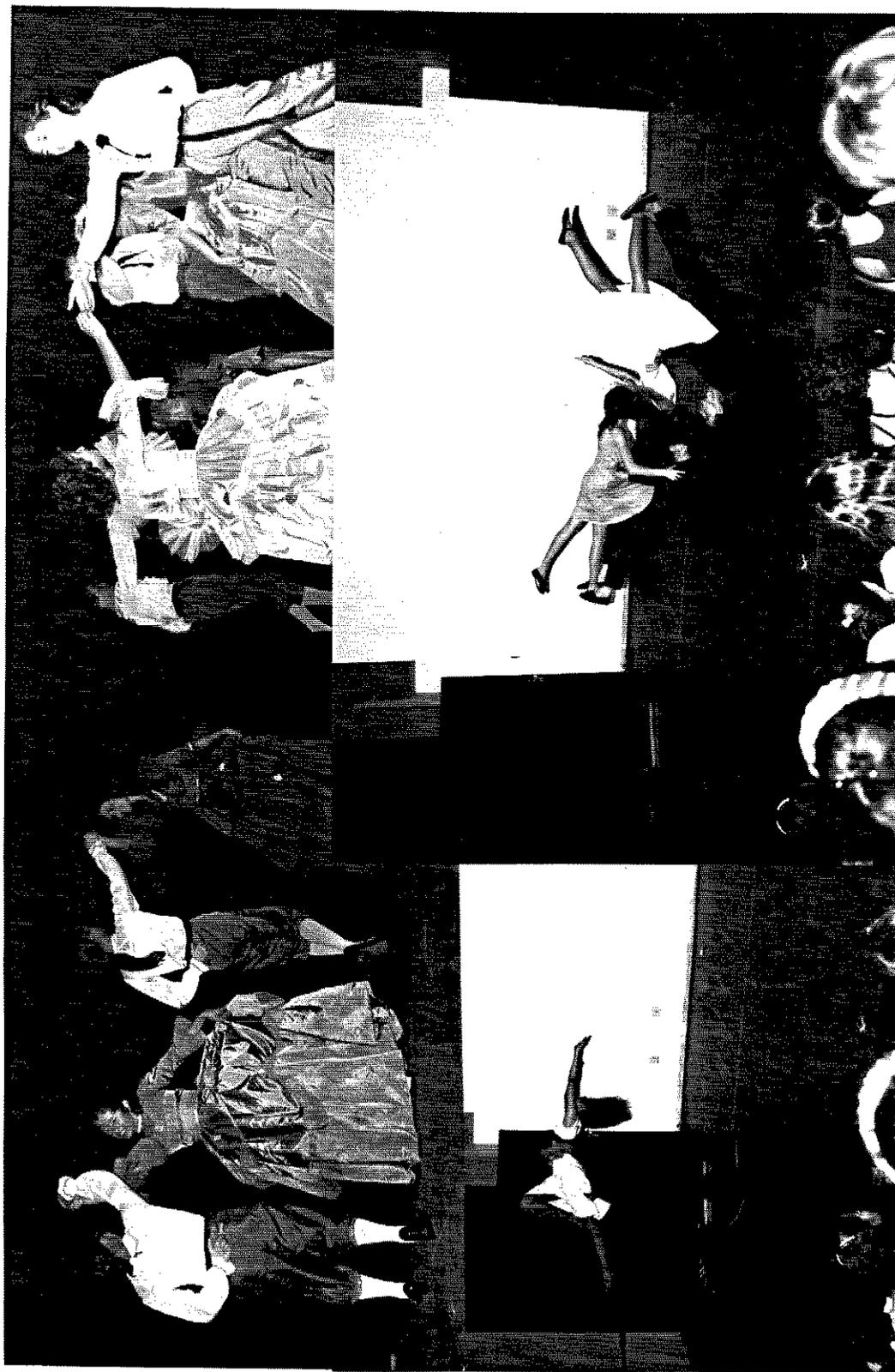
Diante desse novo quadro, qual o nosso compromisso hoje, com as relações de gênero na Educação Física do século XXI?

Meninos, à marcha... Meninas à sombra...

Essa história continuará se repetindo?...

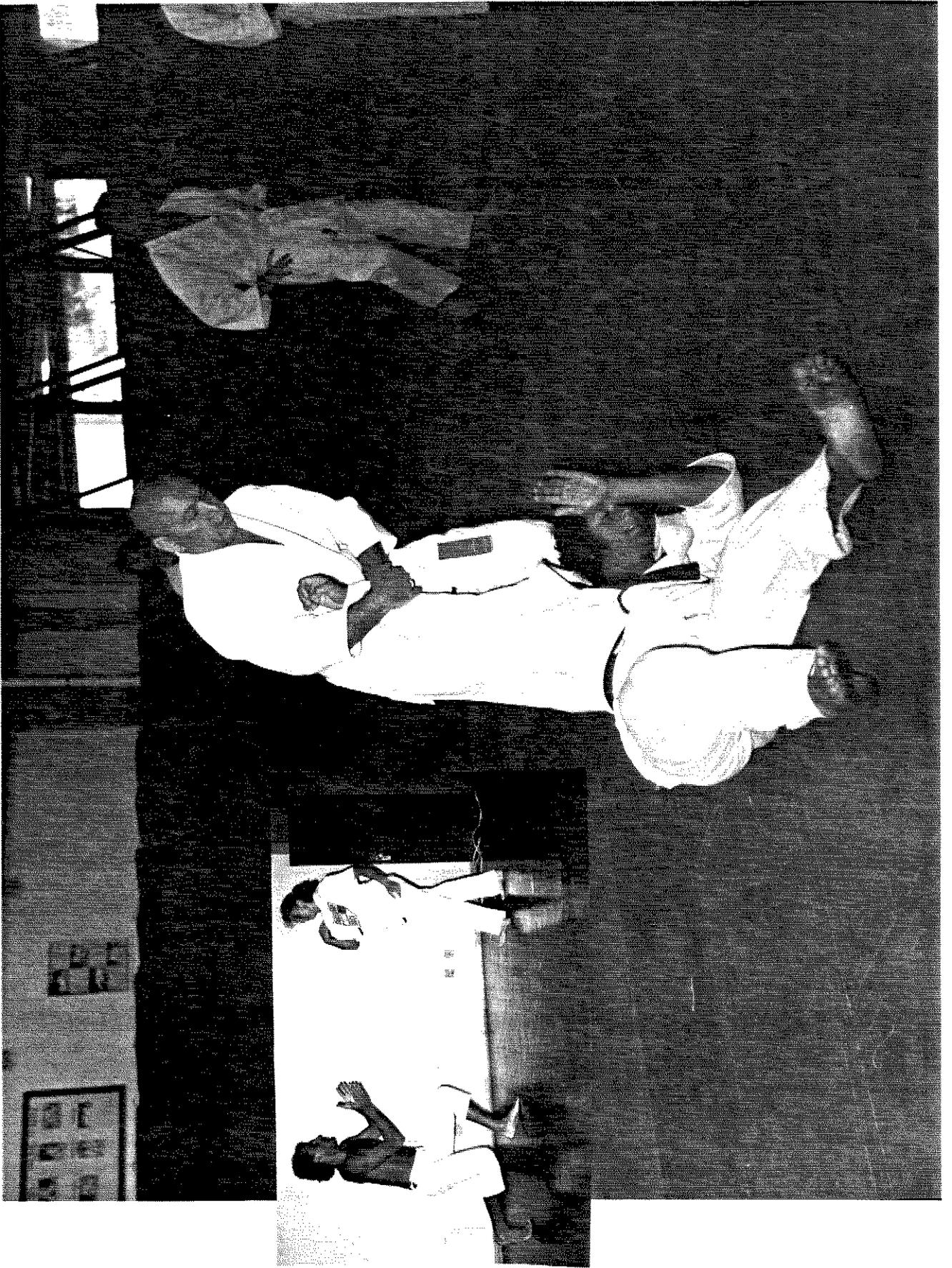
⁴⁶ - FURLAN, 1992. p. 139.

⁴⁷ - TESTE de feminilidade..., 1994. p.13.



Anos 90: apontam mudanças históricas nas relações de gênero:

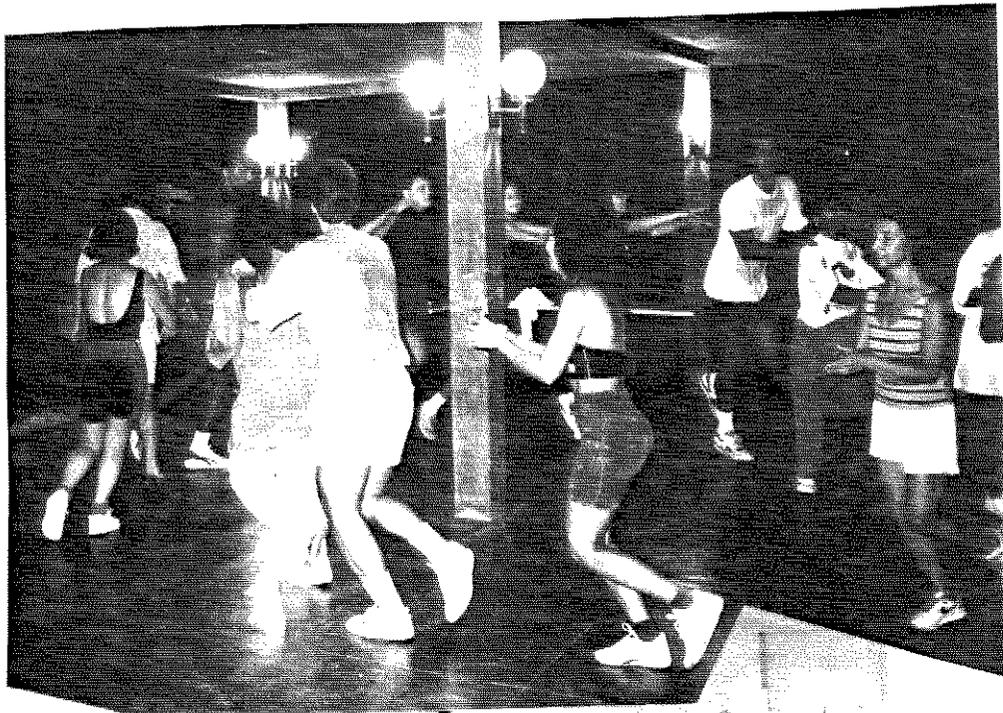
- A Dança no Colégio Municipal Belo Horizonte, em 1975 - mulheres nos papéis masculinos e femininos. E a dança na Escola de Educação Física na UFMG, em 1994, com rapazes e moças.
- As lutas de homens nos anos 80 (Judô) e a Capoeira de homens e mulheres nos anos 90.



A Recreação no ensino da Escola de Educação Física:

- Nas Ruas de Recreio, dos anos 50, meninos e meninas brincam, separadamente.





- No Curso de Especialização em Lazer, dos anos 90, homens e mulheres brincam juntos, em diferentes situações.



7 BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

7.1 LIVROS, TESES E DISSERTAÇÕES

- 1 ARAUJO, Lourdes Maria Silva. **Mulheres na vida pública e o feminino no Estado**. Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 1992. 187 p. (Dissertação, Mestrado em Ciência Política).
- 2 ARNAUD, Pierre. **Le militaire, l'ecolier, le gymnaste; naissance de l'éducation physique en France (1869-1889)**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991. 273 p.
- 3 ARROYO, Miguel Gonzáles. **Mestre, educador, trabalhador; organização do trabalho e profissionalização**. Belo Horizonte: UFMG, 1985. 218 p. (Tese, concurso professor titular da Faculdade de Educação).
- 4 _____ . **Reverendo os vínculos entre trabalho e educação; elementos materiais da formação humana**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 163-216.
- 5 ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **As invisíveis armadilhas do magistério: ambigüidades e paradoxos da professora primária no cotidiano da escola**. Belo Horizonte: UFMG, 1994. 315 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 6 AZEVEDO, Fernando de. **Da educação física; o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. 219 p.
- 7 _____ . **A cultura brasileira; introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963. 803p.
- 8 _____ . **A poesia do corpo ou a gymnastica escolar; sua história e seu valor**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. 215 p.
- 9 AZEVEDO, Tania Maria Cordeiro de. **A mulher na educação física; preconceitos e estereótipos**. Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1988. 233 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 10 AZZI, Riolando. **Família, mulher e sexualidade na igreja do Brasil (1930-1964)**. In: MARCÍLIO, Maria (Org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p.101-134.
- 11 BARBOSA, Rui. **Obras completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. v.10, t. 111, p.30.
- 12 BECKER, Guiomar Meirelles. **Educação física infantil**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. 237p.

- 13 BERGO, Antônio Carlos. **O positivismo como superestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1979. 215 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 14 BERNOS, Marcel et al. **O fruto proibido.** Lisboa: Edições 70, 1991. 347 p.
- 15 BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991. 184 p.
- 16 BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo.** Trad. Regina A. Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 191 p.
- 17 BONETTA, Gaetano. **Corpo e nazione; l'educazione ginnastica, igienica e sessuale nell'Italia liberale.** Milano: Franco Angeli, 1990. 437p.
- 18 BORGES, Pedro Manoel. **Manual theorico-pratico de gymnastica escolar.** Rio de Janeiro: Carrier, 1886. 246 p.
- 19 BORGES, Vera Lúcia Abrão. **A ideologia do caráter nacional da educação em Minas; revista do ensino (1925-1929).** Campinas: UNICAMP, 1993. 108 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 20 BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo.** In: _____. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- 21 BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. **A reprodução; elementos para a teoria do sistema de ensino.** 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 238 p.
- 22 BUCHON, Consuel Sanchez. **A educação física.** In: _____. **Pedagogia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Imprimatur, 1958. p.403-420.
- 23 CAMPOS, A. Alves de. **O desporto no pensamento e na palavra de Pio XII.** Coimbra: Coimbra, 1956. 137 p.
- 24 CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. **A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar.** In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.) et al. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica.** São Paulo: CERU, 1992. 140 p. (Textos CERU. Série 2, n.3).
- 25 CAMPOS, Regina Helena de Frteitas. **Psicologia e ideologia; um estudo da formação da psicologia educacional em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG, 1980. 91 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 26 CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. **A educação física no Brasil.** In: UEBERHORST, Horst. **Geschichte der Leibesübungen.** Colônia: Bartels & Wrmitz, 1989. p.889-901.

- 27 _____ . **A educação física no Estado Novo; história e doutrina.** Brasília: Faculdade de Educação da UNB, 1982. 217 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 28 CARDOSO, Fernando Sant'ana. **Leve ginástica para casa.** Belo Horizonte: [s. ed.], 1965. (Não paginado).
- 29 CARDOSO, Miriana Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento: Brasil: JK - JQ.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 371 p.
- 30 CARREIRA, José Salazar. **L'éducation physique au Portugal.** In: SEURIN, Pierre. **L'education physique dans le monde.** Bordeaux: Bière, 1961. p.317-325.
- 31 CARVALHO, José Murilo de. **Os bestilizados; o Rio de Janeiro e a república que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 196 p.
- 32 CARVALHO, Marina Machado de. **A imagem e a educação da mulher no positivismo; um estudo da condição feminina na filosofia de Augusto Comte.** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1991. 145 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 33 CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil, a história a que não se conta.** Campinas: Papirus, 1988. 225 p.
- 34 CASTRO, Luiz Daniel de. **A importância da atividade física programada como fator de manutenção da higidez e de prevenção de doenças na tropa da PMMG.** Belo Horizonte, 1991. (Monografia, Conclusão do Curso superior da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais).
- 35 COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE. **Encyclopédie olympique; gymnastique et tir a l'aré.** Lausanne, 1985.
- 36 COMTE, Auguste. **Catecismo positivista.** Trad. Miguel Lemos. In: COMTE, Auguste; DURKHEIM, Emile. **Comte - Durkein.** São Paulo: Abril, 1973. p.101-302. (Coleção os pensadores, 33).
- 37 COSTA, Lamartine Pereira. **Diagnóstico da educação física/desportos no Brasil.** Rio de Janeiro: MEC, 1971. 392 p.
- 38 CRESPO, Jorge. **A história do corpo.** Lisboa:DIFEL, 1990. 630p.
- 39 CUNHA, Luiz Antônio. **O golpe na educação; Brasil, os anos de autoritarismo.** 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 95 p.
- 40 CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira; católicos e liberais.** 4. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1988. 201 p.
- 41 DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126 p.
- 42 DEBAY, A. **Hygiene e physiologia do amor nos dous sexos.** Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1881.

- 43 DELAMONT, Sara. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985. 165 p.
- 44 ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v.24. p.151.
- 45 FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Professor de educação física licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vítor Marinho de (Org.). **Fundamentos pedagógicos e educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. p.15-33.
- 46 FAURIA, Juan. **Las olímpidas**. Barcelona: Hispano Europea, 1968. 412 p.
- 47 FEDERACION INTERNACIONAL DE ESGRIMA. **Regulamento internacional de esgrima**. Madrid: FIE, 1966. 151 p.
- 48 FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **100 anos de la fédération internationale de gymnastique 1881-1981**. Berna: FIG, 1981. 162 p.
- 49 FIGUEIRA, Almir Wildhaugen. **Psicomotricidade em esgrima; suas implicações no ensino e na difusão do esporte das armas**. Belo Horizonte: UFMG, 1981. (Não paginado.) (Tese, Titular de Departamento de Educação Física - Escola de Educação Física - UFMG).
- 50 FIGUEIREDO, Kátia Cristina, GOMES, Márcia de Cássia, LOPES, Eliane Marta Teixeira (Cord.). **Colégio Sagrado Coração de Jesus; a presença da formação religiosa na educação feminina**. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1993. 32 p. (Mimeogr.).
- 51 FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III; o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.
- 52 _____. **Vigiar e punir; história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987. 280p.
- 53 FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil; da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu) Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. São Paulo: Cortez, 1989. 236 p.
- 54 FURLAN, Lúcia Maria Teixeira. **Fruto proibido; um olhar sobre a mulher**. São Paulo: Pioneira, 1992. 257 p.
- 55 GABEIRA, Fernando. **O diário da crise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- 56 GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. 297 p.

- 57 GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física progressista; a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira.** São Paulo: Loyola, 1988. 63p.
- 58 _____ . **História da educação física.** São Paulo: Cortez, 1990. 240p. (Coleção Magistério 2º Grau - Série Formação do Professor).
- 59 GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil; da caserna a escola.** Porto Alegre: UFRG, 1992. 215 p. (Dissertação, Mestrado em Ciências do Movimento Humano).
- 60 GOMES, Nilma Lino. **A trajetória escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial; um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: UFMG, 1994. 286p. (Dissertação de Mestrado em Educação).
- 61 GRIFI, Giampiero. **História da educação física e do esporte.** Porto Alegre: D.C. Luzzato, 1989. 229 p.
- 62 GUÉRIOS, Stella F. M. **Ginástica feminina; planos de demonstração.** São Paulo: Brasil, 1956. 209 p.
- 63 HABERT, Nadine. **A década de 70; apogeu e crise da ditadura militar brasileira.** São Paulo: Ática, 1992. 95 p.
- 64 HADDAD, Maria de Lourdes Amaral, SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. **A educação da mulher em Belo Horizonte; a contribuição das dominicanas do Colégio Santa Maria 1903-1968.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1992. 129p. (Relatório de pesquisas).
- 65 HEILBORN, Maria Luiza. **Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil.** In: COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 93-126.
- 66 INTOSH, M. Peter C. Mac. **L'education physique en Grande - Bretagne.** In: SEURIN, Pierre. **L'education physique dans le monde.** Bordeaux: Bière, 1961. 432p.
- 67 JACQUIM, Guy. **A educação pelo jogo.** São Paulo: Flamboyant, 1960. 228 p.
- 68 JENSEN, Clayne R. FISHER, A. Garth. **Scientific basis of athletic conditioning.** 2. ed. Philadelphia: Lea & Febiger, 1979. 374 p.
- 69 KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989. 110 p.
- 70 KOUKOUCHKINE, G. **L'education physique em U.R.S.S.** In: SEURIN, Pierre. **L'education physique dans le monde.** Bordeaux: Bière, 1961. p.391-400.
- 71 KRETZSCHMAR, Lotte. **Cultura physica feminina.** Rio de Janeiro: [s. ed.], 1932. 168p.

- 72 KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. **Quando a diferença é um mito; uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física.** Florianópolis: UFSC, 1993. 167p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 73 LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992. 553 p.
- 74 _____. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990. 318 p.
- 75 LEMOS, Roberto Jenkins. **Corpo & mente; o humano direito de suar com alegria.** Brasília: Thesaurus, 1984. 123 p.
- 76 LENHARO, Alcir. A militarização do corpo. In: _____. **Sacralização da política.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1986. p. 75-105.
- 77 LENSKEYJ, Helen. **Out of bounds; woomen, sport and sexuality.** Toranto: Women's Press, 1986.
- 78 LIMA, Magali Alonso de. **O corpo no espaço e no tempo; a educação física no Estado Novo (1937-1945).** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. 155 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 79 LOYOLA; 50 anos ensinando a vida. Belo Horizonte: Rona, 1993. 75p.
- 80 LUTTER, Judy Mahle. A 20-year perspective: what has changed? In: PEARL, Arthur J. (Org.). **The athletic female.** Miami: Human Kinetics Publishers, 1993. p. 1-10.
- 81 MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação; da antiguidade aos nossos dias.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 382 p.
- 82 MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esportes no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1986. 136 p.
- 83 MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** 2.ed. Campinas: Papirus, 1990. 164 p.
- 84 MARINHO, Inezil Penna. **Contribuição para a história da educação física no Brasil: Brasil colônia, Brasil império e Brasil república.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1943.
- 85 _____. **Educação física; recreação jogos.** Rio de Janeiro: Baptista de Souza, 1957. 230p.
- 86 _____. **História da educação física no Brasil.** São Paulo: Brasil, [s.d.]. 140 p.
- 87 _____. **Sistema e métodos de educação física.** 2. ed. São Paulo: Brasil, 1958. 451 p.
- 88 MATHEWS, Donald K., FLOX, Edward L. **The physiological basis of physycal education and athletics.** 2. ed. Philadelphia: W. B. Saunders, 1976. 577 p.

- 89 MAZONI, Tomaz. **O esporte a serviço da pátria**. São Paulo: Olympicus, 1941. 130p.
- 90 MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. **Pois tudo é assim... educação, política e trabalho em Minas Gerais (1889-1907)**. Belo Horizonte: UFMG, 1990. 188 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 91 MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. 256p.
- 92 MIGNOT, Jacques. **L'enseignement sportif son animation sa réglementation**. Paris: Armando Colin, 1971. 223 p.
- 93 MINAS GERAIS. Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais. Instituto de Educação. **Escola Normal - Instituto de Educação; reconstrução da história da educação elementar (Minas Gerais - 1906-69)**. Belo Horizonte: Curso de Pedagogia/Centro de Estudos e Pesquisa Educacionais de Minas Gerais/INEP-MEC, 1991. 2 v. (Relatório de Pesquisa).
- 94 MIRANDA, Glauro Vasques de, FILGUEIRAS, Cristina A. Cunha, CÔSER, Silvana Maria Leal. Movimento de mulheres. In: POMPERMAYER, Malori J. (Org.) et al. **Movimentos sociais em Minas Gerais; emergências e perspectivas**. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 169-203.
- 95 MIRANDA, Nicanor. **200 jogos infantis**. 12. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991. 294p.
- 96 _____. **A harmonia entre o corpo e o espírito**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 106p.
- 97 MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. **O ensino em Minas Gerais no tempo da república (1881-1930)**. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. 1962. 579 p.
- 98 MUNIZ, Margaret P. F. de Mendonça. **A influência da prática da dança na aptidão física da mulher adulta**. São Paulo: USP, 1986. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- 99 NAVA, Pedro. **Balão cativo; memórias 2. - Poesias de Carlos Drummond de Andrade e José Geraldo Nogueira Moutinho**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. 334 p.
- 100 NEVES, Magda Bello de Almeida. **As trabalhadoras de Contagem; uma história outra uma outra história**. São Paulo: USP, 1990. 440p. (Tese, Doutorado em Sociologia).
- 101 NOGUEIRA, Lacerda. **A mais antiga escola normal do Brasil, 1835-1935**. Niterói: Imprensa Oficial, 1938. 253 p.
- 102 NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez, 1990. 220 p.

- 103 NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária, mestra ou tia?** São Paulo: Cortez, 1986. 143 p.
- 104 OLIVEIRA, Itamar de. **Francisco Campos; a inteligência no poder.** Belo Horizonte: Libertas, 1991. 119 p.
- 105 OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença; o feminino emergente.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 150 p.
- 106 OLIVEIRA, Vitor de. **Consenso e conflito; da educação física brasileira.** Campinas: Papirus, 1994. 203 p.
- 107 PASSOS, Elizete Silva. **A formação moral da mulher; o Instituto Feminino da Bahia - anos 50.** Salvador, 1989. 30 p. (Mimeogr.). (Projeto, Dissertação de Mestrado).
- 108 PEARL, Arthur J. (Org.). **The athletic female.** Miami: Human Kinetics Publishers, 1993. 312 p.
- 109 PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. **Educação e Estado Novo em Minas Gerais.** São Paulo: PUC/SP, 1989. 259p. (Tese, Doutorado em Educação).
- 110 PEREGRINO JÚNIOR. O papel da educação física na formação do homem moderno. In: **Estudos e conferências.** Rio de Janeiro: DIP, 1941. p. 79-90.
- 111 PEREIRA, Edson Wagner (Maj. P.M.). **A educação e os desportos como instrumento de integração da família policial.** Belo Horizonte: [s. ed.], 1986. 234 p. (Monografia, Curso Superior de Polícia Militar).
- 112 PEREIRA, Laércio Elias. **Mulher e esporte; um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias.** São Paulo: Escola Educação Física da USP, 1984. 99 p. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- 113 PERROT, Michelle. **Os excluídos da história; operários, mulheres, prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 332 p.
- 114 PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **À busca do corpo esportista brincante; o esporte como identidade cultural.** Belo Horizonte: UFMG, 1994. 18 p. (Mimeogr.).
- 115 _____. **A recreação/lazer e a educação física; a manobra da autenticidade do jogo.** Campinas: UNICAMP, 1992. 127 p. (Dissertação, Mestrado Educação Física).
- 116 PIO XII. O Desporto e a moral; discurso aos desportistas italianos a 20/maio 1945. In: CAMPOS, A. Alves de. **O Desporto no pensamento e na palavra de Pio XII.** Coimbra: Coimbra, 1956. p.15-30.
- 117 _____. **Sobre a educação cristã da juventude; Divinni Illius Magistri.** Petrópolis: Vozes, 1974.

- 118 PRATES, Maria Helena Oliveira. **A introdução oficial do movimento de Escola Nova no ensino público de Minas Gerais. A Escola de Aperfeiçoamento.** Belo Horizonte: UFMG, 1989. 232 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 119 _____. **O ensino elementar e normal na construção de um projeto de Brasil moderno; o caso de Minas Gerais nos governos João Pinheiro e Antônio Carlos.** Belo Horizonte, 1992. 13 p. (Projeto de Pesquisa). (Mimeogr.).
- 120 RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar; a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.
- 121 _____. **Sem fé, sem lei, sem rei.** Campinas: UNICAMP, 1984. (Dissertação, Mestrado em História).
- 122 _____. **Os prazeres da noite; prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).** São Paulo: Paz e Terra, 1991. 322 p.
- 123 RANGEL SOBRINHO, Orlando. **Educação física feminina.** Rio de Janeiro: Patronato, 1930. 189 p.
- 124 **A RECONSTRUÇÃO educacional no Brasil; manifesto dos pioneiros da educação nova.** São Paulo: Nacional, 1932. 75p.
- 125 REIS FILHO, Cassimiro. **A educação e a ilusão liberal.** São Paulo: Cortez, 1981.
- 126 REZENDE, Ronaldo de. **O significado das provas de aptidão específica nos vestibulares de educação física da Universidade Federal de Minas Gerais.** Belo Horizonte: UFMG, 1993. 158 p. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- 127 ROCHA, Júlio Cesar Schmitt. **Educação física escolar; condicionamentos legais.** Florianópolis: UFSC, 1991. 117 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 128 ROLIM, Inácio (Major). **O papel das entidades desportivas na formação da juventude brasileira.** In: **Estudos e conferências.** Rio de Janeiro: DIP, 1941. p. 91-101.
- 129 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil 1930/1973.** Petrópolis: Vozes, 1978. 267 p.
- 130 ROMERO, Elaine. **Esteriótipos masculinos e femininos em professores de educação física.** São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1990. 325 p. (Tese, Doutorado em Psicologia).
- 131 ROSEMBERG, Fúlvia, PIZA, Edith Pompeu, MONTENEGRO, Thereza. **Mulher e educação formal no Brasil; estado da arte e bibliografia.** Brasília: INEP, 1990. 193 p.

- 132 ROSSETE, Elizabete de Fátima Costa. **O julgamento de ginástica rítmica desportiva**. Belo Horizonte: UFMG, 1994. 132p. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).
- 133 ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. 569 p.
- 134 SAFFIOTI, Heleieth I.B. **A mulher na sociedade de classes; mito e realidade**. Petrópolis: vozes 1976.
- 135 _____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.
- 136 SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1985. 96 p.
- 137 SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 317 p.
- 138 SÉRGIO, Manuel. **Heróis olímpicos do nosso tempo**. Lisboa: Compendium, [s.d.]. 65 p.
- 139 SHAVER, Larry G. **Essentials of exercise physiology**. Minneapolis: Burgess, 1981. 310 p.
- 140 SILVA, Marinete dos Santos. **A educação brasileira no Estado Novo; (1937-1945)**. São Paulo: Livramento, 1980.
- 141 SILVA, N. Pithan. **Ginástica feminina**. São Paulo: Brasil, 1959. 113 p.
- 142 SOARES, Carmen. **Educação física; raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p. (Coleção educação contemporânea).
- 143 _____. **O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil; 1850-1930**. São Paulo: PUC SP, 1990. 247 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).
- 144 STEINHAUS, M. Artur H. **L'education physique aux E'tats - UNIS**. In: SEURIN, Pierre. **L'education physique dans le monde**. Bordeaux: Bieré, 1961. p. 136-150.
- 145 TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **A formação do profissional da educação; o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de educação física**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1993. 276 p. (Tese, Doutorado em Educação).
- 146 TEIXEIRA MENDES, R. **Igreja e apostolado positivista do Brasil. A preeminência social e moral da mulher**. Rio de Janeiro: Brasil, 1920. 119p. (Conferência realizada a 27 de novembro de 1908).
- 147 THOMPSON, Paul. **A voz do passado; história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

- 148 TORRES, Ambrosio Manoel. **Manual teórico e prático de educação física**. Rio de Janeiro: Minerva, 1938. 102p.
- 149 TOSCANO, Moema. A educação física e a mulher. In: _____. **Teoria da educação física brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p.77-86.
- 150 VEADO FILHO, Pedro Ad-víncula. **Educação física e desportos e a escola**. Belo Horizonte: Diretoria de Esportes de Minas Gerais, 1974. 9 p.
- 151 VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade; a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX**. Campinas: UNICAMP, 1994. 498p. (Tese, Doutorado em História).
- 152 VIEIRA, Ivone Luzia. **Vanguarda modernista nas artes plásticas: Zita Aita e Pedro Nava nas Minas Gerais da década de 20**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1994. 188 p.(Tese, Doutorado em Comunicações e Artes).
- 153 VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In. LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.68-96.
- 154 WILMORE, Jack H. **Training for sport and activity the physiological basis of the conditioning process**. 2. ed. Boston: Allyn and Baron, 1982. 294 p.

7.2 LEGISLAÇÃO E PARECERES

- 1 BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria n.002, de 8 fev. 1991. Da composição de turmas e do número de professores por disciplina. Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 fev. 1991. Publ. de Terceiros, p.5.
- 2 BRASIL. Câmara dos Deputados. **Reforma do ensino primário; e várias instituições complementares da instrução pública - Parecer n.224 e projecto da Comissão de Instrução Pública - Relator: Ruy Barbosa**, Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1883. 376 p.
- 3 _____. Decreto n. 1.331 A - 17 fev. 1.854. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Côrte. **Collecção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, t.17, parte 2, secção 12. p.45, 1854.
- 4 _____. Decreto n.10.202 - 9 mar. 1889. Approva o Regulamento para o Imperial Collégio Militar. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, p.247-258, 1889.
- 5 _____. Decreto n.981 - 9 nov. 1890. Approva o Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. **Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 3.474-3.513, nov. 1890.

- 6 _____ . Decreto n.3.590 - 1 jan. 1901. Aprova o Código dos Institutos Officiaes de Ensino Superior e Secundário, dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. **Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brazil**, Rio de Janeiro, v.1, p.1-51, 1901.
- 7 _____ . Decreto n. 11.530 - 18 mar. 1915. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. **Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brazil**, Rio de Janeiro, v.2, p.1107, 1915.
- 8 _____ . Decreto n.19.890 - 18 abr. 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. **Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, v.1, p.562-576, jan/abr. 1931.
- 9 _____ . Decreto n. 11.942 - 17 mar. 1943. Autoriza que o Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, funcione como colégio. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.198, 1943.
- 10 _____ . Decreto n.31.761 - 12 nov. 1952. Autoriza o funcionamento dos Cursos Superiores, Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Medicina Especializada e Massagem da Escola de Educação Física de Minas Gerais. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 15 jan. 1952. Seção 1, p.763.
- 11 _____ . Decreto n.32.168 - 29 jan. 1953. Autoriza o funcionamento dos cursos superior de educação física, medicina especializada, técnica desportiva, massagem especializada e educação física infantil da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1953, p.4.464.
- 12 _____ . Decreto n.37.161 - 13 abr. 1955. Concede reconhecimento aos cursos que indica. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 23 abr. 1955. Seção 1, p.7753.
- 13 _____ . Decreto n.43.177 - 5 fev. 1958. Institui a Campanha Nacional de Educação Física. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p. 91-92, 1958.
- 14 _____ . Decreto n.45.046 - 12 dez. 1958. Concede equiparação à Universidade Católica de Minas Gerais e aprova seu Estatuto. **Diário Oficial**, Brasília, 13 dez. 1958. Seção 1, p.26.300-26.301.
- 15 _____ . Decreto n.45.611 - 24 mar. 1959. Cassa a autorização concedida para o funcionamento do curso de Educação Física Infantil do Instituto de Educação de Minas Gerais, mantido pelo Governo do Estado com sede em Belo Horizonte. **Diário Oficial**, Brasília, 28 mar. 1959. Seção 1, p.6.601.
- 16 _____ . Decreto n.54.215 - 24 ago. 1964. Considera os Jogos Universitários Brasileiros como atividade universitária regular. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p. 682, jul/dez. 1964.

- 17 _____ . Decreto n.58.130 - 31 mar. 1966. Regulamenta o artigo 22 da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LEX, Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.471-472, jul./dez. 1966.
- 18 _____ . Decreto n.69.450 - 1 nov. 1971. Regulamenta o art. 22 da Lei n.4.024, de 20 dez. 1961, e a alínea "c" do art. 40 da Lei n.5.540, de 28 nov. 1968, e dá outras providências. In: AZEVEDO, Gilka Vincentini Ferreira de. **Do ensino de 1º grau; legislação e pareceres**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1979. p.155-160.
- 19 _____ . Decreto-Lei n. 1.212 - 17 abr. 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 20 abr. 1939. Seção 1, p.9.073.
- 20 _____ . Decreto-Lei n. 2.072 - 8 mar. 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa suas bases e, para ministrá-las, organiza uma instituição nacional denominada "Juventude Brasileira". **LEX - Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, v.41, p.159-164. 1940.
- 21 _____ . Decreto-Lei n.3.199 - 14 abr. 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, p.47-54, 1941.
- 22 _____ . Decreto-Lei n. 4.244 - 9 abr. 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, v.3, p.20-34, 1942.
- 23 _____ . Decreto-Lei n.5.342 - 25 mar. 1943. Dispõe sobre a competência do Conselho Nacional de Desportos e a disciplina das atividades desportivas, e dá outras providências. **LEX - Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São paulo, p.95-96, 1943.
- 24 _____ . Decreto-Lei 5.343 - 25 mar. 1943. Dispõe sobre a habilitação para a direção da educação física nos estabelecimentos de ensino de grau secundário. **LEX. Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.96-97, 1943.
- 25 _____ . Decreto-Lei n.8.270 - 3 dez. 1945. Altera disposições do Decreto-Lei n.1.212 de 17 de abril de 1939. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 5 dez. 1945. Seção 1, p.18.245.
- 26 _____ . Decreto-Lei n.8.529 - 2 jan. 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p. 10-19, 1946.
- 27 _____ . Decreto-Lei n.8.530 - 2 jan. 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. **LEX- Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, p. 19-29, 1946.

- 28 _____ . Decreto-Lei n.464 - 11 fev. 1969. Estabelece normas complementares à Lei n.5540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p. 133-135, jan./mar. 1969.
- 29 _____ . Decreto-Lei n.705 - 25 jul. 1969. Altera a redação do artigo 22 da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **LEX - Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.1.010. jul./set., 1969.
- 30 _____ . Decreto-Lei n. 869 - 12 set. 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, 15 set. 1969. Seção 1, p.7.769-7.770.
- 31 _____ . Decreto-Lei n.997 - 21 out. 1969. Integra estabelecimentos isolados de ensino superior em Universidades das áreas geo-educacionais em que estão situados. **Diário Oficial**, Brasília, 21 out. 1969. Seção 1. p.1687.
- 32 _____ . Lei n.4.024 - 20 dez. 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.979-993, 1961.
- 33 _____ . Lei n.5.540 - 28 nov. 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências. **LEX- Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p. 1433-1440, out./dez. 1968.
- 34 _____ . Lei n.6.503 - 13 dez. 1977. Dispõe sobre a Educação Física, em todos os graus e ramos do ensino. **Diário Oficial**, Brasília, 16 dez. 1977. Seção 1, p.17.297.
- 35 _____ . Lei n. 7.692 - 20 dez. 1988. Dá nova redação ao disposto na Lei 6.503 de 13 dezembro de 1977, que dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos do ensino. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.1070, out/dez. 1988.
- 36 _____ . Estado Maior do Exército. Regulamento n.7 de educação física. In: ---- **Biblioteca da "a defesa nacional"**. Rio de Janeiro, 1934. 336 p. (Edição provisória).
- 37 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. Comissão de Ensino Primário e Médio. Parecer n.153/62. Prática de Educação Física. Relator: José Borges dos Santos. 2 ago. 1962. **Documenta**, Rio de Janeiro, n.7, p.51-52, set. 1962.
- 38 _____ . Parecer n.298/62. Currículos mínimos dos cursos de educação física e desportos. Relator: Clóvis Salgado. 17 nov. 1962. **Documenta**, Rio de Janeiro, n.10, p. 51-53, dez. 1962.
- 39 _____ . Resolução n.69, de 06 nov. 1969. Fixa o conteúdo e duração do curso de Educação Física. **Documenta**, Rio de Janeiro, n.109, p.157-159, dez. 1969.

- 40 _____ . Parecer n.894/69. Currículo mínimo de educação física. Relator: José Borges dos Santos. 2 dez. 1969. **Documenta**, Rio de Janeiro, n.109, p.153-157, dez. 1969.
- 41 _____ . Parecer n.257/71. Regulamentação da Educação Física em todos os níveis de ensino. Relator: José de Vasconcelos (Pe.). 2 abr. 1971. **Coletânea de Legislação sobre Educação Física e Desportos**, Porto Alegre, p.95-100, 1980.
- 42 _____ . Parecer n.1.707/73 - CE 1º e 2º Graus. Relatora: Edflia Coelho Garcia. 1 out. 1973. **Coletânea de Legislação sobre Educação Física e Desportos**, Porto Alegre, p.101-104, 1980.
- 43 _____ . Parecer n.540/77. CE, 1º e 2º Graus. Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no art. 7º da Lei n.5.692/71. Relatora: Edflia Coelho Garcia. 10 fev.1977. **Coletânea de Legislação sobre Educação Física e Desportos**, Porto Alegre, p.127-142, 1980.
- 44 _____ . Parecer n.215/87. Restauração dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. Relator: Mauro Costa Rodrigues. 11 mar. 1987. **Documenta**, Brasília, n. 315, p.157-183, mar. 1987.
- 45 _____ . Resolução n.03, de 16 jun. 1987. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (bacharelado e/ou licenciatura plena). **Diário Oficial**, Brasília, 22 jun. 1987. Seção 1, p.9.635-9.636. (Republicação D. O. 10 set. 1987. Seção 1, p.14.682).
- 46 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação n.7, de 1965.
- 47 _____ . Deliberação n.10/79. Baixa instruções às entidades desportivas do país, para a prática de desportos para as mulheres. **Diário Oficial**, Brasília, 31 dez. 1979. Seção 1, p.20.220.
- 48 _____ . Deliberação n.01, de 25 mar. 1983. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino. **Diário Oficial**, Brasília, 11 abr. 1983. Seção 1, p.5.794.
- 49 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Comissão de Ensino Superior. Parecer n.30/52. Relator: Beni Carvalho. 5 mar. 1952. Autorização para funcionamento da Escola de Educação Física de Minas Gerais, Belo Horizonte. **Anais do Conselho Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, v.1, p.78-80. 1952.
- 50 _____ . Parecer n.211/52. Relator: Paulo Parreiras Horta. 22 set. 1952. Autorização para funcionamento da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais. **Anais do Conselho Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, v.2, p.111-116. 1952.

- 51 _____ . Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Parecer n.353 - 5 out. 1953. Proposta de fusão com a Escola Católica de Educação Física de Belo Horizonte, para formar a Escola de Educação Física do Estado de Minas. **Anais do Conselho Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, v.2, p.288-289. 1953.
- 52 BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. **Plano de Educação Física e Desportos - PED**. Brasília, 1971. 32 p.
- 53 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Física. Portaria n.37 de 27 jun. 1956. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 18 jun. 1957. Seção 1. p.15.515.
- 54 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. Portaria n.25, de 30 dez. 1955. Baixa instruções sobre o concurso de habilitação e matrícula regulamentadas pela Portaria Ministerial n.346, de 8-11-55. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, n.14, p.80-82, jul.1956.
- 55 _____ . Portaria n.11 de 1 mar. 1956. Expede instruções para a realização do exame de saúde dos candidatos à matrícula nas Escolas de Educação Física e à inscrição nos exames de suficiência. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1956. Seção 1, p.4.720.
- 56 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Segurança e Informação. **Informação n.583/SI/OI/DSI/MEC/71 - 01 set. 1971 (CONFIDENCIAL)** (Arquivo Reitoria UFMG).
- 57 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Inspectoria Seccional de Educação Física - Belo Horizonte. **Relatório**. Belo Horizonte. 1971, 16 p.
- 58 _____ . **Ofício n.1.813/71**, Belo Horizonte, 13 de set. 1971. 52p.
- 59 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria n.168, de 17 abr. 1956. Consolida as disposições em vigor sobre a prática da Educação Física, nos estabelecimentos de ensino secundário fiscalizados pelo Ministério da Educação e Cultura e baixa novas instruções. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 5 jun. 1956. Seção 1, p.8.623. (Republicação D.O. 5 jun. 1956. Seção 1, p.11.129-11.132.
- 60 _____ . Portaria n.346 de 8 nov. 1955. Resolve baixar as seguintes instruções para a realização de concurso de habilitação e da matrícula nas Escolas de Educação Física sob jurisdição deste Ministério. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, n.14, p. 76-80, jul. 1956.
- 61 _____ . Portaria n.367 de 24 set. 1956. Acrescenta no art. 2º da Portaria Ministerial n.168, de 17-4-56, os parágrafos 11 e 12, alterando a redação do inciso 2 do art. 19. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 27 set. 1956. Seção 1, p. 18.398.
- 62 BRASIL. Ministério da Educação e Saúde Pública. Portaria n.70 de 30 jun. 1931.

- 63 _____ . Portaria n.5 de 2 jan. 1946. In: NÓBREGA, Vandic K. L. **Enciclopédia da Legislação do Ensino**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1952.
- 64 _____ . Portaria n.161 de 27 mar. 1953. Determina a obrigatoriedade de freqüência em Educação Física, fixando em dois o número mínimo semanal de sessões de exercícios físicos, com duração de cinquenta minutos cada e dados com assistência médica. **Diário Oficial**, Rio de Janeiro, 28 mar. 1953. Seção 1, p.5.476.
- 65 MINAS GERAIS. Decreto n.260 - 1 dez. 1.890. Crêa o Gymnasio Mineiro e suprime os Externatos do Estado e Liceu da Capital. **Collecção de Decretos do Governo Provisório do Estado de Minas Gerais**, Ouro Preto, p.479-506, 1889-1890.
- 66 _____ . Decreto n.509 - 14 mai. 1891. Supprime o ensino de trabalhos manuaes nas Escolas Normaes e desliga da cadeira de portuguez o ensino de callegraphia para annexa-lo ao de gymnastica. **Collecção dos Decretos dos Governos Provisório e Constitucional do Estado de Minas Geraes**, Ouro Preto, p.261, 1891.
- 67 _____ . Decreto n.607 - 27 fev. 1893. Promulga o regulamento das Escolas Normaes. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Ouro Preto, p.169-204, 1894.
- 68 _____ . Decreto n. 1.085 - 12 dez. 1897. Declara instalada a cidade de Minas e para ella transferido o Governo. **Minas Gerais**, Minas, 21 dez. 1897. p.1.
- 69 _____ . Decreto n. 1.285 - 30 mai. 1899. Determina que sejam adaptadas no Gymnasio Mineiro as modificações feitas no plano de ensino do Gymnasio Nacional, pelo Decreto de 8 de abril do corrente anno. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Ouro Preto, p.111, 1899.
- 70 _____ . Decreto n.1.353 - 17 jan. 1900. Determina o número de escolas primárias do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.181-198, 1900.
- 71 _____ . Decreto n.1.400 - 6 ago. 1900. Approva as instruccões que se devem observar nos concursos para provimento de cadeiras primarias. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Minas, p.380-390, 1900.
- 72 _____ . Decreto n.1.947 - 30 set. 1906. Approva o programma do ensino primario. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.105-149, 1906.
- 73 _____ . Decreto n.1.960 - 16 dez. 1906. Approva o regulamento da instrucção primária e normal do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.156-199, 1906.
- 74 _____ . Decreto n. 2.836 - 31 mai. 1910. Approva o regulamento que reorganiza as escolas normaes do estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.151-166, 1910.

- 75 _____ . Decreto n.3.123 - 6 mar. 1911. Approva o Regimento interno da Escola Normal da capital. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.71-90, 1911.
- 76 _____ . Decreto n.3.405 - 15 jan. 1912. Approva o programma de ensino dos Grupos Escolares e demais escolas públicas do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.24-140, 1912.
- 77 _____ . Decreto n.3.738 - 5 nov. 1912. Approva o regulamento para a execução da Lei n.560 de 12 de setembro de 1911. **Collecção de Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.835-891. 1912.
- 78 _____ . Decreto n.4.128 - 17 fev. 1914. Approva os programas de ensino para as Escolas Normaes de ensino para as Escolas Regionais e Equiparadas. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.54-73, 1914.
- 79 _____ . Decreto n.4.139 - 3 mar. 1914. Approva os programmas da Escola Normal da Capital para o anno lectivo de 1914. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.79-119, 1914.
- 80 _____ . Decreto n.4.508 - 19 jan. 1916. Approva o programma do ensino primário do Estado. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 20 jan. 1916. p.1-15.
- 81 _____ . Decreto n.4.524 - 21 fev. 1916. Promulga o regulamento que uniformiza o ensino nas escolas normaes Modelo, regionaes e equiparadas do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.198-250, 1916.
- 82 _____ . Decreto n. 4.550 - 4 abr. 1916. Contém disposições referentes ao Gymnasio Mineiro. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.322, 1916.
- 83 _____ . Decreto n.4.955 - 3 abr. 1918. Approva os programmas de ensino para as escolas normaes Modelo, regionaes e equiparadas do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.157-207, 1918.
- 84 _____ . Decreto n.6.655 - 19 ago. 1924. Approva o regulamento do ensino primário. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.212-352, 1924.
- 85 _____ . Decreto n.6.758 - 1 jan. 1925. Approva os Programas do Ensino Primário. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 jan. 1925. p.1-10.
- 86 _____ . Decreto n.6.831 - 20 mar. 1925. Approva o regulamento de ensino nas escolas normais. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.167-315, 1925.

- 87 _____ . Decreto n.7.970-A - 15 out. 1927. Approva o Regulamento do ensino Primário. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.1.139-1.297, 1927.
- 88 _____ . Decreto n.8.094 - 22 dez. 1927. Approva os programas do ensino primário. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.1.556-1.811, 1927.
- 89 _____ . Decreto n. 8.225 - 11 fev. 1928. Approva os programmas do ensino normal. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.220-312, 1928.
- 90 _____ . Decreto n.8.987 - 22 fev. 1929. Approva o Regulamento da Escola de aperfeiçoamento. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.181-184,1929.
- 91 _____ . Decreto n.10.392 - 30 jun. 1932. Aprova o programa de metodologia para as escolas normais de 1º e 2º grau. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.571-581, 1932.
- 92 _____ . Decreto n.10.726 - 18 fev. 1933. Aprova programas do ensino normal. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 51-64, 1933.
- 93 _____ . Decreto n.10.821 - 29 abr. 1933. Aprova programas do ensino normal. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.146-207, 1933.
- 94 _____ . Decreto n.10.896 - 14 jul. 1933. Aprova programas do ensino normal. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.257-273, 1933.
- 95 _____ . Decreto n.11.252 - 3 mar. 1934. Cria o Departamento de Instrução da Força Pública do Estado de Minas Geraes. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 69-71, 1934.
- 96 _____ . Decreto n.11.411 - 30 de jul. 1934. **Collecção dos Decretos de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 594-607, 1935.
- 97 _____ . Decreto n.11.501 - 31 ago. 1934. Approva modificações feitas no Decreto n.10.362, de 31 de maio de 1932. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.1, p.682-757, 1934.
- 98 _____ . Decreto n.200 - 7 ago. 1935. Approva o regulamento do Departamento de Instrução da Força Pública. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.460, 1935.
- 99 _____ . Decreto n.2.930 - 13 nov. 1948. Approva o Regulamento das Escolas Vocacionais de Aprendizagem Industrial. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.783-791, 1948.

- 100 _____ . Decreto n.3.508 - 21 dez. 1950. Consolida as leis e decretos do ensino primário e contém outras disposições. **Coleção dos Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.292-390,1950.
- 101 _____ . Decreto n.6.879 - 13 mar. 1963. Fixa currículos para o ensino normal. **LEX-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.38-40, 1963.
- 102 _____ . Decreto-Lei n.150 - 24 dez. 1938. Contém providências sobre cultura física. **Coleção dos Decretos-Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.1, p.633, 1938.
- 103 _____ . Decreto-Lei n.922 - 16 jul. 1943. Dispõe sobre concessão do uso e gozo das Praças de Esportes " Minas Gerais" e sua administração. **Coleção dos Decretos-Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.51-52, 1943.
- 104 _____ . Lei n.281 - 16 set. 1890. Dá nova organização a instrução pública do Estado de Minas. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Minas, p.40-43, 1890.
- 105 _____ . Lei n.41 - 3 ago. 1892. Dá nova organização à instrução pública, primaria e secundária. **Minas Gerais**, Ouro Preto, 29 ago. 1892. p.779-787.
- 106 _____ . Lei n.221 - 14 set. 1897. Contém disposições relativas à instrução pública primaria e secundária. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Ouro Preto, p.14-19, 1897.
- 107 _____ . Lei n.318 - 16 set. 1901. Reorganiza diversos ramos do serviço público do Estado. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.20-25, 1901.
- 108 _____ . Lei n. 439 - 28 set. 1906. Autoriza o governo a reformar o ensino primário, normal e superior do Estado e dá outras providências. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.20-24, 1906.
- 109 _____ . Lei n.800 - 27 set. 1920. Reorganiza o ensino primário do Estado e contém outras disposições. **Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes**, Belo Horizonte, p.70-80, 1920.
- 110 _____ . Lei n. 1.036 - 25 set. 1928. Aprova os regulamentos do ensino normal e primário, expedidos, respectivamente, com os decretos 8.162 de 20 de janeiro de 1928, e 7.970-A de 15 de outubro de 1927, e contém outras disposições. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.47-48, 1928.
- 111 _____ . Lei. n.553 - 23 dez. 1949. Reorganiza o Departamento de Instrução da Polícia Militar. **Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.261-285, 1949.

- 112 _____ . Lei n.2.610 - 8 jan. 1962. Contém o Código do Ensino Primário. **LEX - Coletânea de Legislação e Jurisprudência**, São Paulo, p.8-48, 1962.
- 113 _____ . Regulamento da Lei n.13, 28 mar. 1835. Regulamento das Escolas de Instrução primária. **Livro da Lei Mineira**, Ouro Preto, t.1, parte 2, p.9-36, 1835.
- 114 MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Conselho Estadual de Educação. Resolução n.61, de 14 fev. 1967. Dispõe sobre a prática da Educação Física nos estabelecimentos de ensino médio. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 mar. 1967.
- 115 _____ . Parecer n. 155/71. Examina denúncia sobre situação de aluno infrequente em Educação Física, no colégio Estadual Dr. Antônio Eufrásio Toledo, de Paraisópolis. Relator: Newton Pimenta. 18 ago. 1971. **Revista do Conselho Estadual de Educação**, Belo Horizonte, n.13 p.291-294, dez. 1976.
- 116 _____ . Parecer n.152/72. A Prática da Educação Física nos cursos noturnos. Relator: Ulysses de Oliveira Panisset - 22 jun. 1972. **Revista do Conselho Estadual de Educação**, Belo Horizonte, n. 15, p.252-255, jun. 1981.
- 117 _____ . Parecer n.277/79. Examina consulta da Senhora Chefe da Assessoria Técnica deste Conselho, sobre o artigo 3º. parágrafo único da Resolução CEE nº 61/67, que dispõe sobre Educação Física. Relator: Ulysses de Oliveira Panisset. 6 ago. 1979. (**Documento original** - Arquivo do Conselho Estadual de Educação).
- 118 _____ . Parecer n.503, de 30 jun. 1992. Responde consulta da Associação dos Professores de Educação Física de Belo Horizonte. Relator: Gerson de Britto Mello Boson. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 23 jul. 1992. p.62.
- 119 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Graduação. Parecer n.059/77. Relatora: Vanessa Guimarães Marri. 29 ago. 1977. (Arquivo Conselho de Graduação da UFMG).
- 120 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Educação Física. Portaria do Diretor n.14/70, 4 de novembro. 1970. (Arquivo da Escola de Educação Física)

7.3 DEPOIMENTOS

- 1 ALMEIDA, Luiz Afonso Teixeira Vasconcellos. Belo Horizonte, 13 ago. 1992. (Professor de Educação Física, licenciado pela EEF/MG, em 1955; ex-docente da EEF/UFMG, do CEFET/MG, do Colégio Municipal São Cristóvão e do Colégio Estadual Governador Milton Campos).

- 2 ASSUMPCÃO, Márcia Duarte de. Belo Horizonte, 6 out. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela EEF/MG, em 1955; ex-docente da EEF/UFMG).
- 3 AVELAR, Carmem Moreira de. Belo Horizonte, 28 nov. 1991. (Aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, nos anos 20).
- 4 BEDRAN, Ana. Nova Lima, 12 mai. 1994. (Professora primária; aluna do Grupo Escolar Barão de Macaubas, nos anos 20 e do Colégio Sagrado Coração de Jesus, nos anos 30).
- 5 BEDRAN, Saad. Nova Lima, 12 mai. 1994. (Advogado; aluno do Colégio Arnaldo e do Ginásio Mineiro, nos anos 30).
- 6 BRANDÃO, Rita de Faria Tavares. Belo Horizonte, 18 mar. 1992. (Professora de Educação Física, licenciada pela EEF/MG, em 1955; ex-docente do Colégio Imaculada Conceição).
- 7 CAMELIER, Wilson. Belo Horizonte, 10 jan. 1992. (Professor de Educação Física, licenciado em 1967, pela EEF/MG; ex-docente do Colégio Isabela Hendrix e atual professor do CEFET/MG e do Instituto de Educação de Minas Gerais).
- 8 CARAM FILHO, Emílio. Belo Horizonte, 24 mar. 1994. (Professor de Educação Física, licenciado pela UFMG, em 1971; docente da EEF/UFMG).
- 9 CARDOSO, Kátia Aparecida (Ten. PM). Belo Horizonte, 15 jun. 1993. (Professora de Educação Física da Polícia Militar de MG.).
- 10 CISALPINO, Eduardo Osório. Belo Horizonte, 3 set. 1993. (Médico; ex-reitor da UFMG).
- 11 COSTA, Annibal Bonifácio da. Belo Horizonte, 15 nov. 1993. (Médico; ex-professor da EEF/MG).
- 12 COSTA, Maria Aparecida Nogueira da. Belo Horizonte, 15 nov. 1993. (Professora; aluna do Colégio Imaculada Conceição, no final dos anos 30).
- 13 DUTRA, Herbert de Almeida. Belo Horizonte, 7 out. 1992 e 14 ago. 1993. (Professor de Educação Física, licenciado pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, nos anos 40; ex-docente da EEF/UFMG e ex-aluno do Ginásio Mineiro).
- 14 FERNANDINO, Dora Moreira. Belo Horizonte, 28 nov. 1991. (Professora primária; aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, nos anos 20).
- 15 FEROLLA, Maria Yeda Maurício. Belo Horizonte, 8 out. 1991. (Professora de Educação Física licenciada pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, em 1943; ex-docente da EEF/UFMG e do Colégio Municipal São Cristóvão).

- 16 FERREIRA, Rogério Willian. Belo Horizonte, 24 mar. 1994. (Aluno da EEF/UFMG).
- 17 FIGUEIRA, Almir Wildhaugen. Belo Horizonte, 7 out. 1993. (Médico; Professor da EEF/UFMG de 1952 a 1991).
- 18 FONSECA, Ivana Alice Teixeira. Belo Horizonte, 10 mar. 1994. (Aluna da EEF/UFMG).
- 19 FURTADO, Fernando. Belo Horizonte, 20 jan. 1992. (Professor de Educação Física, licenciado pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, nos anos 50; ex-docente do CEFET/MG e do Colégio Municipal São Cristóvão).
- 20 GOMES, Marluce Guimarães. Belo Horizonte, 20 nov. 1991. (Professora de Educação Física, licenciada pela EEF/MG, em 1955, ex-docente da EEF/UFMG e do Colégio Municipal São Cristóvão).
- 21 GUEDES, Grécia Maria do Socorro Ottoni. Belo Horizonte, 11 ago. 1992. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG em 1983; docente do CEFET/MG).
- 22 LEMOS, Kátia. Belo Horizonte, 18 out. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1983; docente da EEF/UFMG e do Colégio Municipal Marconi).
- 23 LOPES, Celina Santos Teixeira. Belo Horizonte, 26 jun. 1994.(Funcionária pública).
- 24 LUSTOSA, Lúcio Gonçalves. Belo Horizonte, 24 mar. 1994. (Aluno da EEF/UFMG).
- 25 MACEDO, Hélcio Nunan. Belo Horizonte, 11 nov. 1991. (Técnico de voleibol; funcionário da EEF/MG e da EEF/UFMG, de 1952 a 1991).
- 26 MACEDO, Luiza. Belo Horizonte, 17 out. 1991. (Professora de Educação Física, formada pela Escola Normal Modelo, nos anos 30; ex-docente do Instituto de Educação de Minas Gerais).
- 27 MAIA, Neusa Maria. Belo Horizonte, 8 mar. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1983; docente do Colégio Municipal São Cristóvão e da Escola Estadual Três Poderes).
- 28 MARCELLOS, Theodomiro (Sarg.). Belo Horizonte, 20 ago. 1991 e 09 ago. 1993. (Professor de Educação Física formado pelo Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, nos anos 30; ex-inspetor federal de Educação Física em Minas Gerais).
- 29 MARIANE, Myriam Evelise. Belo Horizonte, 21 out. 1994.(Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1973; docente da EEF/UFMG).
- 30 MEIMBERG, Francisco Velloso. Belo Horizonte, 7 abr. 1992. (Médico; professor da EEF/MG e da EEF/UFMG, de 1952 a 1991).

- 31 MEIMBERG, Lisete. Belo Horizonte, 7 abr. 1992. (Artista plástica; aluna da Escola Normal da Capital, nos anos 30).
- 32 MIRANDA, Judith Carias de. Belo Horizonte, 10 mar. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1973; docente da EEF/UFMG).
- 33 MORAES, Luiz Carlos. Belo Horizonte, 10 mar. 1994. (Professor de Educação Física, licenciado pela UFMG, nos anos 70; docente da EEF/UFMG).
- 34 NAZARETH, Pedro. Belo Horizonte, 28 abr. 1994. (Professor de Educação Física, formado pela Polícia Militar de Minas Gerais, nos anos 50; ex-docente da EEF/UFMG).
- 35 OLIVEIRA, Maria Angela Avellar de. Belo Horizonte, 6 jul. 1992. (Professora de Educação Física, licenciada pela EEF/MG, em 1960; ex-docente do CEFET/MG).
- 36 PEIXOTO, Júlio Maria Viegas. Belo Horizonte, 24 mar. 1994. (Professor de Educação Física, licenciado pela UFMG, em 1973; docente da EEF/UFMG).
- 37 PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Belo Horizonte, 11 nov. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1972; docente da EEF/UFMG e da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte).
- 38 RABELO, Keila de Oliveira. Belo Horizonte, 10 mar. 1994. (Aluna da EEF/UFMG).
- 39 RASO, Sylvio José. Belo Horizonte, 5 mar. 1992. (Médico, professor de Educação Física, licenciado pela Escola de Educação Física do Exército, nos anos 30; ex-docente do Ginásio Mineiro, da EEF/UFMG e do CEFET/MG).
- 40 ROCHA, Alcides. Belo Horizonte - 28 fev. 1992. (Funcionário do Departamento de Educação Física, do ex-Ginásio Mineiro, desde 1946).
- 41 ROCHA, Maria Stella Magalhães. Belo Horizonte, 21 jul. 1992. (Professora de Educação Física, licenciada pela EEF/MG, em 1956; ex-docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus).
- 42 ROSSETE, Elizabeth de Fátima Costa. Belo Horizonte, 8 mar. 1994. (Professora de Educação Física, licenciada pela UFMG, em 1973; docente do CEFET/MG e do Colégio Municipal São Cristovão).
- 43 SAMPAIO, Hélio de Araújo. Belo horizonte, 8 mar. 1994. (Professor de Educação Física, licenciado pela UFMG, em 1983, docente do Colégio Municipal São Cristovão e do Colégio Santa Maria).
- 44 SILVA, Iracema Avellar. Belo Horizonte, 6 jul. 1992. (Aluna da Escola Normal Modelo, nos anos 30).

- 45 SILVA, José Pereira da. Depoimento a Leila Mirtes dos Santos Magalhães Pinto. Belo Horizonte, 1989. (Professor de Educação Física, formado pela Polícia Militar de Minas Gerais, nos anos 40; ex-docente da EEF/UFGM).
- 46 SILVA, Paulo Jorge de Lima e. Belo Horizonte, 27 mai. 1992. (Professor de Educação Física, licenciado pela EEF/MG, em 1961; ex-docente do Colégio Arnaldo e atual docente do Colégio Isabela Hendrix).
- 47 TARANTO, Marisa do Perpétuo Socorro Santos. Belo Horizonte, 17 nov. 1993. (Ex-professora de Educação Física do Centro Pedagógico da UFGM).

7.4 ARTIGOS DE PERIÓDICOS

- 1 ALUNAS mudam a rotina diária do 1º GI do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 mar. 1994. Cad. Cidades, p.31.
- 2 ALVES, Izilda. Mulher & corrida; uma transa que deu certo. *VIVA - A Revista da Corrida*, Rio de Janeiro, n.6, p.44-48, set. 1982.
- 3 ANDRADA, Antonio Carlos Ribeiro de. (Presidente do Estado de Minas Gerais 1926:1930). Educação pública. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.47, p.1-28, jul. 1930 (relatório).
- 4 ANDRADA, Renato Eloy de et al. A educação física e o sexo feminino. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n. 59/60/61, p.74-88, jul./ago./set. 1931.
- 5 APPLE, Michel. Ensino e trabalho feminino; uma análise comparativa da história e ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.64, p.14-23, fev. 1981.
- 6 ASSIM nasceram nossas estrelas. *Jornal de casa*, Belo Horizonte 16 a 22 out. 1994. Caderno 1, p. 8.
- 7 ASSIS, Anatólio Alves. O sonhador-realista. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 8 ago. 1981. Caderno 2, p.11.
- 8 AZEVEDO, Maria Emerenciana de. Daqui e dali; trabalho sobre educação física. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.97, p.86-90, dez. 1933.
- 9 BARRETO, Abílio. Resumo histórico de Belo Horizonte (1701-1947). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 dez. 1947. 4ª sec. p.1-15.
- 10 BICALHO, Marly Gonçalves. A representação da mulher na imprensa belorizontina 1895-1903. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.16, p.39-47, dez. 1992.
- 11 BOSON, Gerson Britto Mello. Discurso de posse na Reitoria da UFGM. *Revista da Escola de Educação Física de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n.1, p.11, 1968.

- 12 BOURDIEU, Pierre. La domination masculina. *Artes de la recherche*, Paris, n.84, p.3-31, set. 1990.
- 13 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Reunião de diretores de escolas de educação física, 6. *Boletim Técnico Informativo*, Rio de Janeiro, n.1, p.50-55, 1968.
- 14 CABRAL, Antonio dos Santos (Dom.). A palavra do idealizador da escola de educação física das faculdades católicas. *O Diário*, Belo Horizonte, 27 mar. 1952. p.9.
- 15 CALLEJA, Carlos Catalano. As "tigrinhas" às vezes embaraçam os rapazes. *Esporte e Educação*, São Paulo, n.8, p.16-17, jun. 1970.
- 16 CAMPOS, Francisco. Reforma do ensino secundário. In:---- *Educação e cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. p. 45-55.
- 17 CAMPOS JÚNIOR, José. A mulher e o desporto. *Sprint, Revista Técnica de Educação Física*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.83-86. mar./abr. 1987.
- 18 CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. A mulher ganha espaço na maratona. *Correio Brasiliense*, Brasília, 2 fev. 1992. p.5.
- 19 _____. Memória de um estudante no período do Estado Novo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.11, n.1, p.74, 1989.
- 20 CARMO, Apolônio Abadio do. Licenciado e/ou bacharelado; alguns entendimentos possíveis. *Motrivivência*, Sergipe, v.1, n.1, p.73-76, 1988.
- 21 CARVALHO, Gabriella Monteiro de. Exercícios escolares. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.110, p.58-71, 1935.
- 22 UMA CASA em que se aprenderá o verdadeiro sentido do esporte. *O Diário*, Belo Horizonte, 2 abr. 1952. p.9.
- 23 CLEMENTE, José. As estátuas nuas ofendiam a moral. In: ANDRADE, Moacyr. Coisas da capital já passadas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.33, p.265-269, 1982.
- 24 COEDUCAÇÃO na escola; conferência que o Revmo Pe. A. Negromonte pronunciou na Associação de Professores Primários. *O Horizonte*, Belo Horizonte, 6 out. 1932, p.2.
- 25 COLOMBO, Alfredo. Homenagem aos ex-diretores da Divisão de Educação Física, Major João Barbosa Leite e Coronel Caio Miranda. *Boletim de Educação Física*, Rio de Janeiro, v.6, n.15, p.13-20, dez. 1957.
- 26 CONNEL, Robert W. Como teorizar o patriarcado? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.15, n.2, p.85-93, jul./dez. 1990. Número Especial Mulher e Educação.

- 27 **CONTRA** as exibições de gymnastica feminina. **O Horizonte**, Belo Horizonte, 21 dez. 1933. p.1.
- 28 **O COROAMENTO** de mais um ano de atividades. **Educação Física**, Belo Horizonte, n.2, p.1 e 5. jan. 1958.
- 29 **CURY**, Carlos Roberto Jamil. A educação na 1ª Constituição mineira Republicana. **Educação em Revista**, n.14, p.5-11, dez. 1991.
- 30 **DT** homem & mulher. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 8 jun. 1970. p.1 e 8.
- 31 **DAMASCENO**, Marília. Cenas de B. H. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 set. 1994. Cidades, p.28.
- 32 **DEPARTAMENTO** de basquete feminino. **O Diário**, Belo Horizonte, 11 jun. 1952. p.9.
- 33 **DIANNO**, Marcelo V. et al. Perfil de aptidão física de ginastas olímpicas femininas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.3, n.1, 1989.
- 34 **A EDUCAÇÃO** da mulher. **Minas em Foco**, Belo Horizonte, n.8, p.8, nov. 1919.
- 35 **EDUCAÇÃO** física em Minas Gerais ganha novo planejamento. **Correio da Manhã**, Brasília, 29 jan. 1967. p.3.
- 36 **EDUCAÇÃO** física nos colégios católicos dos Estados Unidos. **O Diário**, Belo Horizonte, 1 mar. 1952. p.8.
- 37 **EDUCAÇÃO** física; a gymnastica torna o corpo sadio, bello e forte, suggerindo ao espírito força de vontade, energia, coragem, decisão, alegria e cordialidade. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.19, p.387-389, dez. 1926.
- 38 **EDUCAÇÃO** physica; ao lado da saúde moral deve existir a saúde physica - e essa só se consegue pela gymnastica bem orientada. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.16/47, p.274-276, jul./ago. 1926.
- 39 **EM** pleno funcionamento a escola de educação física das faculdades católicas. **O Diário**, Belo Horizonte, 2 abr. 1952. p.9.
- 40 **ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS**. Edital de inscrição - exames vestibulares. **O Diário**, Belo Horizonte, 16 fev. 1952. p.5.
- 41 **ESCOLA** Normal Modelo, os campos esportivos. **Diário de Minas**, Belo Horizonte, 11 out. 1920. p.1.
- 42 **FAGUNDES**, Abel. Jogar ou não jogar. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n. 109, p. 59-63, dez. 1934.
- 43 **UMA FAMILIA** original. **Foto- Esporte**, Belo Horizonte, n.26, p. 29-31, 1969.

- 44 FLORENTINO, Rosalvo. O moderno conceito de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n.45, p.40, ago.1940.
- 45 FRANÇA. Ministério Francês da Juventude, dos Esportes e dos Lazer. Comissão Nacional do Esporte Feminino. O esporte feminino e seus aspectos médicos - Conselho da Europa. **Boletim FIEP**, Brasília, v.50, n.1. p.17-23, jan./mar. 1980.
- 46 GALDI, Enori H. G. et al. Análise do resultado de programa de capacitação aeróbica em universitários da UNICAMP. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.40, n.7, p.183, jul. 1988.
- 47 GARCIA, Victor. Retrospecto do brasileiro de vôlei, fatos, curiosidades e os melhores do campeonato. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1957, p.38.
- 48 UMA GERAÇÃO de campeões. **Revista Minas Tênis**, Belo Horizonte, n.2, p.24-26, out./nov. 1993.
- 49 A GYMNASTICA rytmica, na opinião de uma especialista; a gymnastica rythmica educa os sentidos, habituando-os à harmonia, à nobreza, à elegância e à mais alta espiritualidade. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n. 20, p. 432-433, abr. 1927.
- 50 GONÇALVES, Carlos José (Pe.). Religião e esporte. **Educação Física**, Belo Horizonte, n.2, p.3, jan. 1958.
- 51 INSTALADA ontem a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas. **O Diário**, Belo Horizonte, 03 mai. 1952, p.11.
- 52 JOGOS ativos. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.8, p.237-240, out. 1925.
- 53 OS JOGOS nas escolas, horas de alegria e de força. **Revista do Ensino**. Belo Horizonte, n.12, p. 94-97 e 104, mar. 1926.
- 54 JOGOS physicos na escola. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.5, p. 141-142, jul. 1925.
- 55 **JORNAL DA CIDADE**. Belo Horizonte, 11 out. 1966. p.1 e 3.
- 56 KUBITSCHK DE OLIVEIRA, Juscelino. Discurso no banquete que os desportistas mineiros ofereceram no Minas Tênis Clube. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2 fev. 1954. p.11.
- 57 LACOMBE, Victor. Educação do corpo e educação do espírito. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.110, p.48-51, 1935.
- 58 LOPES, Eliane Marta Teixeira. Fontes documentais e categorias de análise para uma história da educação da mulher. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, p.105-114, 1992.
- 59 _____ . Uma contribuição da história para uma história da educação. **Em Aberto**, Brasília, n.47, p.29-35, jul./set. 1990.

- 60 LOURO, Guacira Lopes. Lembranças de velhas colonas italianas: trabalho, família e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.15, n.2, p.33-43, jul./dez. 1990. Número Especial Mulher e Educação.
- 61 _____. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, p.53-67, 1992.
- 62 LOYOLA, Hollanda. Educação integral. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n.34, p.9 e 67, set. 1939, n.35, p.9 e 65, out. 1939.
- 63 MACHADO, Orlando. Sacerdócio e maternidade. **O Diário**, Belo Horizonte, 12 mai. 1952. Suplemento, p.2.
- 64 MARCO de uma era nos esportes mineiros. **O Diário**, Belo Horizonte, 4 abr. 1952, p.8.
- 65 MARINHO, Inezil Penna. Organisation de l'education physique au Brésil. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, n.61-62, p.10-12, abr./mai. 1949.
- 66 O MINAS Tênis Clube. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n.22, p.29. jul. 1939.
- 67 MISSÃO útil à coletividade. **Educação Física**, Belo Horizonte, n.3, p.2, nov. 1958.
- 68 MORAES, Maria Célia Marcondes de. Educação, política e ideologia; análise de algumas propostas educacionais de Francisco Campos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 16, p.5-11, dez. 1992.
- 69 NADAI, Elza. A educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na primeira república; discriminação ou emancipação? **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, n.1/2, p.5-34, jan./dez. 1991.
- 70 NÃO há atritos entre a igreja e os esportes. **O Diário**, Belo Horizonte, 4 mar. 1952. p.8.
- 71 A NOVA sede da escola de educação física do Estado. **O Diário**, Belo Horizonte, 11 mar. 1953, p.5.
- 72 NUNES, Clarice, CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n.5, p.7-64, set. 1993.
- 73 PACHECO, Eugênio de Freitas. Ensino em Belo Horizonte; ensino superior. **Revista Social Trabalhista**, Belo Horizonte, p.148-149, 1947. Edição Especial.
- 74 PAIXÃO, Léa Pinheiro. Mulheres mineiras na república velha profissão: professora primária. **Educação em Revista**, Belo Horizonte n.14, p.12-25, dez. 1991.

- 75 PARA coibir a licenciosidade dos desfiles esportivos: circular do Diretor de Educação física do Brasil enviada aos educandários - trajes indecorosos, medida moralizadora. *O Diário*, Belo Horizonte, 10 out. 1953. p.5.
- 76 PARA dar um fremito de vida ao ambiente escolar: descrição de alguns jogos interessantes. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.9, p.269-270, dez. 1925.
- 77 PASTOR, Raymundo. O jogo. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n. 110, p.48-94, 1935.
- 78 PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A escola no regime autoritário; o caso mineiro. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.6, p.3-10, dez. 1987.
- 79 PELLEGRINOTTI, Idio L., MOREIRA, Wagner W. Análise dos resultados de um programa de resistência aeróbica em universitárias da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.40, n.7, p.183. 1983.
- 80 PENNA, Manoel. A ginástica do trabalho. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n. 90-91, p. 20-21, 1933.
- 81 PERES, Tissa Regazzini. A instrução secundária feminina no Brasil: 1889-1930. *Didática*, São Paulo, n. 15, p. 35-43, 1979.
- 82 PROGRAMA de educação física, recreação e jogos para o curso colegial normal. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.232/235, p.73-76, 1968.
- 83 PROGRAMA de educação física, recreação e jogos para o curso colegial normal. *Revista do Ensino*, Belo Horizonte, n.220, p.59-62, 1965.
- 84 PÚBLIO, Nestor Soares. A história da ginástica olímpica. *Gazeta Esportiva*, São Paulo, 26 abr. 1987. p.24-25.
- 85 RAMOS, Jair Jordão. A mulher e o esporte. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.60, p.5-6, 1949.
- 86 A REFORMA do ensino XII. *O Horizonte*, Belo Horizonte, 25 abr. 1928, p.1.
- 87 **REVISTA SOCIAL TRABALHISTA**. Belo Horizonte completou 50 anos. Belo horizonte, 1947. 506p. Edição especial
- 88 ROLIM, Owaldler. Discurso de formatura turma 1958. Escola de Educação Física de Minas Gerais. *Educação Física*, Belo Horizonte, n.2, p.5, jan. 1958.
- 89 SANTOS, Afonso dos. Religião católica. *Revista Social Trabalhista*, Belo Horizonte, p. 255-263, 1947. Edição Especial.

- 90 SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.15, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990. Número Especial Mulher e Educação.
- 91 SCOTT, Joan. Deconstructing equality versus difference; or, the uses of poststructuralist theory for feminism. **Feminist Studies**, v.14, n.1, p. , 1988.
- 92 SEDE própria para a escola de educação física. **Educação Física**, Belo Horizonte, n.3, p.1-2, nov. 1958.
- 93 SILVEIRA, Olavo Amaro da (Gal.). Bases pedagógicas da educação física. **Revista da Escola de Educação Física de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n.1, p.13-15, abr./jun. 1968.
- 94 SOUZA, Geraldo Pinto de (Maj.). Escola de Educação Física - velho sonho de educadores mineiros. **Educação Física**, Belo Horizonte, n.1, p.3, 5 e 10, out. 1957.
- 95 TECHNICA sobre educação physica. **Revista do Ensino**, Belo Horizonte, n.7, p.184-186 e 197-198, set. 1925.
- 96 TESTE de feminilidade tira jogadora da Coréia. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 22 out. 1994. Esporte, p. 13.
- 97 TUFA: a volta ao Mineirão. **Foto-Esporte**, Belo Horizonte, n.31, p.21-33, 1971.
- 98 UM só instituto para o ensino da educação física: pelo convênio ontem assinado, fundiram-se as duas escolas de educação física existentes na capital - a orientação moral obedecerá aos princípios cristãos. **O Diário**, Belo Horizonte, 16 set. 1953, p.8.
- 99 VARGYAS, Ellen F. Title IX today. **Strategies**, Washington, p.9-13, mar. 1989.
- 100 VELOSO, Artur Versiani. O ensino em Belo Horizonte; ensino secundário. **Revista Social Trabalhista**, Belo Horizonte, p.146-148, 1947. Edição Especial.

7.5 OFÍCIOS, ATAS, DISCURSOS E OUTROS

- 1 ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE BELO HORIZONTE. **Ofício** ao Presidente da Comissão de Educação da Câmara Municipal de Belo Horizonte Vereador Fernando Cabral. Belo Horizonte, 18 dez. 1991.
- 2 BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **I jogos estudantis municipais - regulamento geral**. Belo Horizonte, 1981. (Não paginado).

- 3 _____ . Secretaria Municipal de Educação. **Ofício Circular DEED/DADEED/0397-85**, de 27 dez. 1985, para: Escolas de 5^a a 8^a séries e 2^o grau. Normas para a distribuição de aulas de treinamento e extensão esportiva na R.M.E. 3 p. (Mimeogr.)
- 4 BRASIL. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Edital C.C. n.03/91 O Concurso público de provas e títulos para provimento na carreira do magistério. **Diário Oficial**.
- 5 BRASIL . Ministério da Educação e Cultura. Comissão de Reformulação do Desporto. **Uma nova política para o desporto brasileiro; esporte brasileiro questão de Estado**. Brasília, 1985. (Relatório).
- 6 _____ . **Plano de Educação Física e Desportos**. Brasília: MEC, 1971. 32p.
- 7 _____ . **Plano Nacional de Educação Física e Desportos- 1976-1979**. Brasília, 1976. 41 p.
- 8 _____ . Ministério da Guerra. **Instruções para o Centro Militar de Educação Physica**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1930.
- 9 CENTENÁRIO da Fundação do Colégio Pedro II. **Discurso do Ministro Gustavo Capanema**. Rio de Janeiro, 1937. [Não paginado].
- 10 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS. **Ata da Congregação n.16**, de 4 mar. 1960. Livro n.2, p.20.
- 11 _____ . **Ata da Congregação, n.4**, de 12 set. 1955. Livro 2, p.4.
- 12 _____ . **Ata da Congregação n.20**, de 19 nov. 1960. Livro 2, p. 24. (Arquivo da Escola de Educação Física da UFMG).
- 13 _____ . **Currículos do curso de educação física infantil, 1952-1973** (Arquivo da Escola de Educação Física da UFMG).
- 14 _____ . **Ofício 145/66**, de 23 jun. 1966, do Diretor para o Inspetor Theodormiro Marcellos. Belo Horizonte, 1966.
- 15 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1517 p.
- 16 GYMNASIO MINEIRO. **Acta da quinta sessão especial para concurso da cadeira de gymnastica e educação physica**, 19 jul. 1916. Livro de Actas da Congregação - 1891-1930. p.211. (Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos- Belo Horizonte).
- 17 _____ . **Acta da 4^a sessão ordinaria**, 5 jun. 1916. Livro de Actas da Congregação - 1891-1930. p.201. (Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos - Belo Horizonte).
- 18 LEITE, Glaura Helena Victor. **Discurso formandos de 1991 da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1991. 3 p. (Mimeogr.).

- 19 MARCELLOS, Theodomiro. **Relatório do Inspetor da Escola de Educação Física de Minas Gerais, referente à primeira prova parcial de 1966.** Belo Horizonte: Inspetoria Seccional de Educação Física, 1966. 3 p. (Mimeogr.)
- 20 MINAS GERAIS_. Instituto de Educação. **Livro de atas e exames de habilitação em educação física, desenho e trabalhos manuais.** Belo Horizonte, [s.d.] p.78.
- 21 _____. **Histório escolar das alunas do curso de educação física - 1947 - 1959.** (Fichas arquivo IEMG).
- 22 Minas Gerais. Secretaria de Estado da Educação. **Programa do ensino primário elementar.** Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1965. 599 p.
- 23 _____. **Programa ensino primário elementar.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953. 308 p.
- 24 MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Ensino Médio e Superior. **PREMEM. Aviso - Exame de seleção dos cursos de reciclagem.** Minas Gerais, Belo Horizonte, 30 dez. 1970. p.18.
- 25 _____. Secretaria de Estado de Esportes, Lazer e Turismo. **Proposta de política de educação física e desporto; 1986/89.** Belo Horizonte, 1986. 10 p. (Mimeogr.).
- 26 _____. Secretaria de Estado do Trabalho, Ação Social e Desportos. Diretoria de Esportes de Minas Gerais. **III Jogos infantis de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 1981. 13p. (Mimeogr.).
- 27 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **A atividade física na Universidade Federal de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 1970. 12 p. (Mimeogr.).
- 28 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS_. Conselho Universitário. **Ata da Reunião Extraordinária, 5 fev. 1970.** Livro 17, p.88-93.
- 29 _____. **Ata da sessão de 15 mar. 1968.** Livro 13, p.158-169.
- 30 _____. **Ata da sessão de 13 set. 1974.** Livro 15, p.157. (Arquivo Escola de Educação Física).
- 31 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS_. Conselho de Graduação. **Ata da reunião de 19 mai. 1980.** Livro de Atas.
- 32 _____. **Ata da reunião de 25 jun. 1980.** Livro de Atas.
- 33 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Educação Física_. **Convite de formatura 1992.**
- 34 _____. **Currículo do curso de licenciatura..** Belo Horizonte, 1991. (Mimeogr.).

- 35 _____ . Currículo e programas curso de educação física. Belo Horizonte: UFMG, 1977. 275 p.
- 36 _____ . Livro de registro de diplomas. (Arquivo Serviço de Ensino da Escola de Educação Física).
- 37 _____ . Ofício Col. n.016/79, 27 de junho. 1979. (Arquivo Escola de Educação Física).
- 38 _____ . Ofício do Diretor n.122/76, de 7 março. 1976. (Arquivo Escola de Educação Física).
- 39 _____ . Ofício do Diretor n.278/77, de 13 junho. 1977. (Arquivo Escola de Educação Física).
- 40 _____ . Proposta de alteração curricular do curso de educação física da UFMG de acordo com a Resolução C.F.E n.03/8, de 16.06.87. Belo Horizonte: UFMG, 1989. 13p.(Mimeogr.).

7.6 TRABALHOS APRESENTADOS EM EVENTOS

- 1 BARBANTI, Valdir José. Capacidades motoras dos ingressantes na Escola de Educação Física da USP - 1991. In: BIENAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2, 1991, São Caetano do Sul. **Anais...**, São Caetano do Sul, 1991. p.30.
- 2 BRACHT, Valter. Produção e veiculação do conhecimento acerca do esporte no Brasil; análise crítica e perspectivas. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 7, 1991, Uberlândia. Uberlândia, 1991. 11p. (Mimeogr.).
- 3 BRUSCHINI, Cristina. Mulher e trabalho; repensando a realidade. In: **CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. Mulher e Trabalho**. Brasília: CNDM, 1987. 21 p.
- 4 CAMPOS, Maria A. Z. et al. Maturação sexual e crescimento em garotas de uma região de baixo desenvolvimento socioeconômico. In: BIENAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2, 1991. São Caetano do Sul. **Anais...**, São Caetano do Sul, 1991. p.38.
- 5 CONGRESSO POLÍTICO DE EDUCAÇÃO PEDAGÓGICO, 1, 1990, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 1990. 33p.
- 6 ENCONTRO MUNICIPAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1, 1985, Belo Horizonte. **Documento final**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Ensino. Coordenação de Educação Física, 1985. 5 p. (Mimeogr.).
- 7 FRANCO, Maria Ciavatta. A escola do trabalho no tempo; a fotografia como fonte histórica. In: **SEMINÁRIO HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A ÓTICA DOS PESQUISADORES**, 1994, Belo horizonte. Belo Horizonte, 1994. 46 p. (Mimeogr.).

- 8 GUEDES, Dartagnan P. Estudo antropométrico entre adolescentes de 11 a 16 anos de ambos os sexos. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE DOCENTES DE NÍVEL SUPERIOR NA ÁREA DE GINÁSTICA**, 4, 1983, Pelotas. **Anais...**, Pelotas, 1983. p.13.
- 9 LOPES, Eliane Marta Teixeira. Tendências teórico-metodológicas da pesquisa em história da educação. In: **SEMINÁRIO HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A ÓTICA DOS PESQUISADORES**, 1994, Belo Horizonte. Belo Horizonte: MEC/INEP, 1994, p.19-27. (Série Documental: Eventos, n.5, mai. 1994).
- 10 MATSUDO, Victor K. R., SESSA, Madalena. Menarca em esportistas brasileiras. In: **SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**. 7, 1980, São Caetano do Sul. **Anais...**, São Caetano do Sul, 1980. p.34.
- 11 NADAI, Elza. Por uma história oral da educação no Brasil; alguns apontamentos. In: **SEMINÁRIO HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A ÓTICA DOS PESQUISADORES**, 1994, Belo Horizonte. Belo Horizonte: MEC/INEP, 1994, p.13-18. (Série Documental: Eventos, n.5, mai. 1994).
- 12 NUNES, Clarice. Articulação teórico-empírica na pesquisa histórica; notas de estudo. In: **SEMINÁRIO HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A ÓTICA DOS PESQUISADORES**, 1994, Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1994. 18 p. (Mimeogr.).
- 13 PINTO, José A, RIGUEIRA, José E. A influência do sexo e da experiência acadêmica no tempo de processamento e execução de uma tarefa motora. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE DOCENTES DE NÍVEL SUPERIOR NA ÁREA DE GINÁSTICA**, 4, 1983, Pelotas. **Anais...**, Pelotas, 1983, p.17.
- 14 PIRES NETO, Cândida S. A idade da menarca em estudantes de educação física de Santa Maria. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE DOCENTES DE NÍVEL SUPERIOR NA ÁREA DE GINÁSTICA**, 4, 1983, Pelotas. **Anais...**, Pelotas, 1983. p.31.
- 15 REUNIÃO DE DIRETORES DE ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 6, 1967, Vitória. **Boletim Técnico Informativo (MEC)**, Rio de Janeiro, n.1, p.50-55, jan.1968.
- 16 SANTANA, Agenor. Problemas da educação física em face da lei de diretrizes e base da educação nacional. In: **JORNADA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, 5, 1962, Belo Horizonte. Belo horizonte, 1962. p.7-14. (Mimeogr.).

